UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Faculdade de Ciências
Câmpus de Bauru
Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência

PAULA CRISTINA CONSTANTINO SANTOS

Mulheres, Maternagem e Matemática: uma conversa sobre redistribuição, reconhecimento e representação

Bauru/SP
2024

PAULA CRISTINA CONSTANTINO SANTOS

Mulheres, Maternagem e Matemática: uma conversa sobre redistribuição, reconhecimento e representação

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência da Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Educação para a Ciência.

Orientadora: Profa. Dra. Deise Aparecida Peralta.

Bauru/SP
2024

S237m

Santos, Paula Cristina Constantino
Mulheres, Maternagem e Matemática: uma conversa sobre redistribuição, reconhecimento e representação / Paula Cristina Constantino Santos. -- Bauru, 2024
210 p.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências, Bauru
Orientadora: Deise Aparecida Peralta

1. Justiça Social. 2. História Oral. 3. Capitalismo. 4. Equidade de Gênero. 5. Teoria Crítica. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Dados fornecidos pelo autor(a).

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA TESE DE DOUTORADO DE PAULA CRISTINA CONSTANTINO SANTOS, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO PARA A CIÊNCIA, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 18 dias do mês de outubro do ano de 2024, às 14:00 horas, por meio de Videoconferência, realizou-se a defesa de TESE DE DOUTORADO de PAULA CRISTINA CONSTANTINO SANTOS, intitulada **Mulheres, Maternagem e Matemática: uma conversa sobre Redistribuição, Reconhecimento e Representação**. A Comissão Examinadora foi constituída pelas seguintes membros: Profa. Dra. DEISE APARECIDA PERALTA (Orientadora - Participação Virtual) do Departamento de Economia Administração e Educação / FCAV - UNESP campus Jaboticabal, Profa. Dra. NATALY CARVALHO LOPES (Participação Virtual) do Departamento de Ciências da Natureza, Matemática e Educação / Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, Profa. Dra. DANIELA CARDOZO MOURÃO (Participação Virtual) do Departamento de Matemática / FEG – UNESP campus Guaratinguetá, Profa.Dra. MARIA EDNÉIA MARTINS (Participação Virtual) do Departamento de Matemática / FC – UNESP campus Bauru, Profa. Dra. LUZIA DE FATIMA BARBOSA FERNANDES (Participação Virtual) do Instituto de Ciências Exatas, Naturais e Educação / Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM. Após a exposição pela doutoranda e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, a discente recebeu o conceito final: APROVADA. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

Profa. Dra. DEISE APARECIDA PERALTA

Deise Aparecida Peralta:25518962827

Assinado de forma digital por Deise Aparecida Peralta:25518962827
Dados: 2024.11.11 15:00:10 -03'00'

Dedico esta tese a todas as mulheres que, de alguma forma, foram excluídas dos espaços acadêmicos. Que nossas lutas e reivindicações abram cada vez mais espaços, e que possamos ocupar, com reconhecimento, redistribuição e representação, todos os lugares que quisermos.

AGRADECIMENTOS

À todas as entidades que me auxiliaram, me protegeram e me aconselharam.

À minha querida orientadora Prof. Dra. Deise Aparecida Peralta, que aceitou o desafio desta orientação e que me ensinou tanto em um momento tão difícil. Agradeço profundamente pelo carinho, cuidado e atenção.

À minha querida Prof. Dra. Ivete Maria Baraldi (*in memoriam*), por ter iniciado essa jornada comigo e ser uma das inspirações para a discussão deste tema. Gratidão por ter feito parte da minha história.

À minha família, que foi minha fonte de energia e esteve ao meu lado em todos os momentos, oferecendo suporte e amparo incondicionais.

Ao Bruno, que pacientemente me acompanhou ao longo dos anos dedicados a este trabalho acadêmico.

Aos integrantes do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Avançadas em Currículo (NIPAC) e do Grupo de Teoria Crítica e Educação em Ciências e Matemática (GTCEM) que me acolheram e contribuíram de forma significativa para a minha formação acadêmica e pessoal.

Às professoras que, em meio a tantas demandas, se dispuseram a participar da Roda de Conversa e compartilharam momentos tão importantes de suas vidas, meu sincero agradecimento.

Por fim, aos membros da banca, Profa. Dra. Daniela Cardozo Mourão, Profa. Dra. Luzia de Fatima Barbosa Fernandes, Profa. Dra. Maria Edneia Martins e Profa. Dra. Nataly Carvalho Lopes, expresso meu profundo respeito e gratidão.

"Vou começar com a Ivete indignada, uma mulher indignada pelos tempos atuais de postura misógina e machista da sociedade [..]. Também gostaria de me apresentar hoje como uma mulher casada com o Ronaldo e mãe dos meus dois filhos Pedro e Matheus, que eu falo muito, dou muitos exemplos deles. São as crias que me ajudam a me construir, desconstruir e a me enlouquecer também um pouco a cada dia. Eles são as minhas melhores produções, atualmente é a melhor forma que me apresento ao mundo, que é o Pedro e o Matheus". (Trechos da palestra da Ivete Maria Baraldi na SELMAT, Bauru, 2019[1])

[1] https://www.youtube.com/watch?v=6YgV_6XT3L0

RESUMO

Esta pesquisa discute a relação entre mulheres, maternagem e a presença feminina nos cursos de Licenciatura em Matemática a partir das experiências de docentes da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp). O estudo é fundamentado na teoria tridimensional de justiça social de Nancy Fraser, abordando as dimensões de reconhecimento, redistribuição e representação. A partir dessa base teórica, a pesquisa pretende, especificamente, entender como essas categorias influenciam as trajetórias das mulheres em áreas relacionadas a aprender, ensinar e pesquisar Matemática. A hipótese central da pesquisa é o não reconhecimento, ou o falso reconhecimento, que afeta mulheres em cenários de ensino e pesquisa relacionados à Matemática, resulta de padrões institucionalizados de valoração cultural e má (re) distribuição material que impedem mulheres, principalmente as que estão em condição de maternagem, de participarem em igualdade de condições entre pares do mundo acadêmico. Garantir justiça exige, portanto, transformar padrões culturais, implementar políticas de redistribuição de recursos e direitos, e assegurar a participação paritária das mulheres, com ênfase na reparação das injustiças, historicamente, institucionalizadas. A metodologia adotada é qualitativa, baseada na História Oral, e desenvolvida por meio de Rodas de Conversa com docentes dos cursos de Licenciatura em Matemática da Unesp, proporcionando um espaço para narrar experiências pessoais e profissionais. Essas narrativas são analisadas segundo a teoria de Fraser, permitindo uma interpretação das experiências em relação a reconhecimento, redistribuição e representação. Os resultados revelam que as injustiças associadas a essas dimensões são particularmente agudas no campo da Matemática. As tensões entre gênero e maternagem são exacerbadas por um ambiente acadêmico que prioriza a produtividade e a mercantilização do conhecimento. As docentes enfrentam desafios significativos, incluindo a invisibilidade de suas contribuições acadêmicas e a falta de suporte institucional para conciliar maternidade e carreira. Esse ambiente, inserido em um contexto de capitalismo financeirizado, cria barreiras adicionais para a emancipação e o reconhecimento das mulheres. A pesquisa conclui que, para promover uma universidade mais justa e equitativa, é fundamental revisar e reformular as políticas institucionais voltadas à equidade de gênero. Isso envolve questionar e transformar a lógica produtivista predominante e reconhecer a maternagem como uma dimensão legítima e relevante na vida das docentes. Para construir um ambiente acadêmico inclusivo e justo, é necessário superar as barreiras impostas por essa lógica, permitindo que as mulheres exerçam plenamente suas funções profissionais e responsabilidades com o cuidado.

Palavras-chave: Justiça Social; História Oral; Capitalismo; Equidade de Gênero; Teoria Crítica.

ABSTRACT

This research discusses the relationship between women, motherhood and the presence of women in undergraduate courses in Mathematics based on the experiences of professors at the Paulista State University “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp). The study is based on Nancy Fraser's three-dimensional theory of social justice, addressing the dimensions of recognition, redistribution and representation. Based on this theoretical basis, the research specifically aims to understand how these categories influence the trajectories of women in areas related to learning, teaching and researching Mathematics. The central hypothesis of the research is that the lack of recognition, or false recognition, that affects women in teaching and research settings related to Mathematics results from institutionalized patterns of cultural valuation and poor material (re)distribution that prevent women, especially those in a position of mothering, from participating on equal terms among their peers in the academic world. Ensuring justice therefore requires transforming cultural patterns, implementing policies for the redistribution of resources and rights, and ensuring the equal participation of women, with an emphasis on redressing historically institutionalized injustices. The methodology adopted is qualitative, based on Oral History, and developed through Conversation Circles with professors from undergraduate Mathematics courses at Unesp, providing a space to narrate personal and professional experiences. These narratives are analyzed according to Fraser's theory, allowing an interpretation of the experiences in relation to recognition, redistribution and representation. The results reveal that the injustices associated with these dimensions are particularly acute in the field of Mathematics. Tensions between gender and mothering are exacerbated by an academic environment that prioritizes productivity and the commodification of knowledge. Female professors face significant challenges, including the invisibility of their academic contributions and the lack of institutional support to reconcile mothering and career. This environment, inserted in a context of financialized capitalism, creates additional barriers to the emancipation and recognition of women. The research concludes that, in order to promote a more just and equitable university, it is essential to review and reformulate institutional policies aimed at gender equity. This involves questioning and transforming the prevailing productivist logic and recognizing motherhood as a legitimate and relevant dimension in the lives of female teachers. To build an inclusive and fair academic environment, it is necessary to overcome the barriers imposed by this logic, allowing women to fully exercise their professional roles and care responsibilities.

Keywords: Social Justice; Oral History; Capitalism; Gender Equity; Critical Theory.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABC - Academia Brasileira de Ciências

AMS - Sociedade Matemática Americana

AVC - Acidente Vascular Cerebral

CAADI - Coordenadoria de Ações Afirmativas Diversidade e Equidade

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CBPF - Centro Brasileiro de Pesquisa Física

CCI - Convivência Infantil

CEFAM - Centros Específicos de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério

CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

COVID - Corona Virus Disease

CPA - Comissão Permanente de Avaliação

DSM - Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais

DTA - Diretoria Técnica Administrativa.

EBA - Escola das Belas Artes

ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente

EJA - Educação de Jovens e adultos

ELÃ - Escola Livre de Artes

Embraer - Empresa Brasileira de Aeronáutica

EUA - Estados Unidos da América

GEPEM - Grupo de Ensino e Pesquisa na Educação Matemática

GHOEM - Grupo de História Oral e Educação Matemática

GTCEM - Grupo de Trabalho em Teoria Crítica e Educação em Ciências e Matemática

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e estatística

IFRJ - Instituto Federal do Rio de Janeiro

INEP - Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

IMF - Instituto de Matemática e Física

IMPA - Instituto de Matemática Pura e Aplicada

IPS - Instituto de Pesquisa Social

IOS - Sistema Operacional do iPhone

IREM - Instituto de Pesquisa e Educação Matemática

LGBTQIAPN+ - Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pan/Poli, Não-binárias e mais

MEC - Ministério da Educação

NASA - Administração Nacional da Aeronáutica e Espaço

NIPAC - Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Avançadas em Currículo

OIM - Olimpíada Internacional de Matemática

OMS - Organização Mundial da Saúde

PHEIC - Emergência de Saúde Pública de Âmbito Internacional

POSMAT - Programa de Pós-graduação em Ciência e Tecnologia de Materiais

PROPG - Pró-Reitoria de Pós-Graduação

RGPG - Regimento Geral da Pós-graduação

SBM - Sociedade Brasileira de Matemática

SELMAT - Semana da Licenciatura em Matemática

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TEA - Transtorno do Espectro Autista

TO - Terapeuta ocupacional

UEM - Universidade Estadual de Maringá

UFBA - Universidade Federal da Bahia

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFSCar - Universidade Federal de São Carlos

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

UNESP - Universidade Estadual “Júlio de Mesquita filho”

UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas

USP - Universidade de São Paulo

UTI - Unidade de Terapia Intensiva

VASP - Viação Aérea São Paulo

SUMÁRIO

CAPÍTULO I *15*

1. Introdução *15*

1.1 Memorial: Quando a pesquisa encontra a pesquisadora **15**
1.1.1 Apresentação: dizeres sobre uma pesquisa **18**
1.1.2 Hipótese, Tese e Objetivos: as pretensões e intencionalidades **23**
1.1.3 Enunciações já registradas sobre o tema desta pesquisa **25**

1.2 Compreendendo nossas compreensões **30**
1.2.1 Teoria Crítica **30**
1.2.2 A Teoria Crítica Feminista **33**
1.2.3 Reconhecimento na Teoria Crítica **35**
1.2.4 O modelo crítico de Nancy Fraser **36**
1.2.5 Uma busca não apenas por reconhecimento, mas também por redistribuição e representação **38**
1.2.6 Feminismo e a teoria tridimensional **43**

1.3 Mulheres, Matemática, Maternagem: dilemas de reconhecimento, redistribuição e representação **52**
1.3.1 Ser mulher em uma sociedade patriarcal **52**
1.3.2 Aprender, ensinar e pesquisar: mulheres e as lutas por reconhecimento **58**
1.3.3 M³: questões sobre reconhecimento cultural, redistribuição socioeconômica e representação institucional **62**
1.3.4 Mulheres na Matemática: uma história de falso reconhecimento? **64**
1.3.5 Reconhecimento, Redistribuição e Representação na Maternagem **68**

CAPÍTULO II *76*

2. Metodologia *76*

2.1 A Roda de Conversa **76**
2.1.1 Compreendendo as Rodas **76**
2.1.2 O espaço que eu, elas e as Rodas ocupamos **76**
2.1.3 Dispositivo de visibilidade: remédios afirmativos e/ou transformativos? **79**

2.2 A História Oral **86**
2.2.1 A História Oral como metodologia **86**
2.2.2 A História Oral na nossa Roda de Conversa **88**
2.2.3 Passos da nossa Roda de Conversa **90**
2.2.4 Questões analíticas **95**

CAPÍTULO III *99*

3. Resultados: descrição e análises *99*

3.1 Rodas de Conversa **99**
3.1.1 Primeira Roda de Conversa **99**
3.1.2 Segunda Roda de conversa **116**
3.1.3 Terceira Roda de conversa **138**
3.2 Aproximações **156**
3.2.1 Redistribuição **156**
3.2.2 Reconhecimento **163**
3.2.3 Representação **182**
3.2.4 À margem – redistribuição, reconhecimento e representação **187**
CAPÍTULO IV ***191***
4. Conclusões ***191***
4.1 Diagnóstico **191**
4.2 Crítica **194**
4.3 Considerações Finais **197**
Referências ***202***

Pra todas as mulheres

Abafaram nossa voz
Mas esqueceram de que não estamos sós
Abafaram nossa voz
Mas esqueceram de que não estamos sós

Essa vai pra todas as mulheres
Marianas, índias, brancas, negras, pardas, indianas
Essa vai pra você que sentiu aí no peito
O quanto é essencial ter, no mínimo, respeito

Essa dor é secular e em algum momento há de curar
Diga sim para o fim de uma era irracional, patriarcal

Abafaram nossa voz
Mas esqueceram de que não estamos sós
Abafaram nossa voz
Mas esqueceram de que não estamos sós

Então eu canto pra que em todo canto
Encanto de ser livre, de falar, possa chegar, não mais calar
Então eu canto pra que em todo canto
Encanto de ser livre, de falar, possa chegar, não mais calar

Abafaram nossa voz
Mas esqueceram de que não estamos sós
Abafaram nossa voz
Mas esqueceram de que não estamos sós

Então eu canto pra que em todo canto
Encanto de ser livre, de falar, possa chegar, não mais calar
Então eu canto pra que em todo canto
Encanto de ser livre, de falar, possa chegar, não mais calar

(Mariana Nolasco[2])

[2] https://www.youtube.com/watch?v=sURA8RSUELg

CAPÍTULO I

Jamais saberemos enquanto não começarmos.
O processo em si é o caminho, é o objetivo.
Gerda Lerner

1. Introdução[3]

1.1 Memorial: Quando a pesquisa encontra a pesquisadora

Parece clichê pesquisadores falarem sobre seu percurso ao iniciar uma pesquisa, mas são suas escolhas que fazem com que ela aconteça. Nas estradas da vida, escolhemos caminhos que, por mais que pareçam distantes do que queremos, acabam nos levando para onde deveríamos ir. Escrever este texto é um misto de sentimentos: felicidade, por realizar um dos sonhos de uma garotinha, e alívio, por ver concretizadas horas e horas de leituras, estudos, discussões e choro (que não foram poucos). É também um ato de resistência e de reconhecimento por tudo aquilo que lutei e abdiquei.

Contarei um pouco da história desta pesquisa, que se mistura com a minha história, entendendo que nenhuma das duas se faz sozinha, mas em consonância.

Falar de inclusão é algo que já estava em meus planos desde a graduação e o mestrado, no qual estudei algumas reestruturações nos cursos de Licenciatura em Matemática da Universidade Estadual "Júlio de Mesquita filho" (Unesp) e o que elas discutiam sobre Educação Inclusiva. A ideia para o doutorado era expandir e aprofundar essa pesquisa, mas no meio do caminho havia uma pandemia[4]. Uma pandemia que ceifou diversas vidas e, dentre

[3] O trabalho que apresento está escrito ora em primeira pessoa do singular, ora em primeira pessoa do plural. Entendo que há momentos da pesquisa que trilhei individualmente, mas também há momentos em que conversei com os referenciais, com minha orientadora, com a banca de qualificação, com as participantes da pesquisa e também com o leitor. Assim, esse movimento acontece de maneira espontânea, pois, uma pesquisa se constitui na solitude de um pesquisador em diálogo com seus referenciais, com seus dados, com suas inquietações e com o leitor.

[4] A pandemia de COVID-19, também conhecida como pandemia de coronavírus, é uma pandemia da doença por coronavírus 2019 (COVID-19), causada pelo coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2). O vírus foi identificado pela primeira vez a partir de um surto em Wuhan, China, em dezembro de 2019. As tentativas de contê-lo falharam, permitindo que o vírus se espalhasse para outras áreas da China e, posteriormente, para todo o mundo. Em trinta de janeiro de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) classificou o surto como Emergência de Saúde Pública de Âmbito Internacional (PHEIC) e, em 11 de março de 2020, como pandemia. A OMS declarou o fim da PHEIC no dia cinco de maio de 2023, apesar de ainda continuar a se referir a ela como uma pandemia. Até três de março de 2024, conforme a OMS, 774 834 237 casos foram confirmados em 231 países e territórios, com 7 037 007 mortes atribuídas à doença, tornando-se

elas, a da minha querida Ivete[5], professora que me orientou tanto na parte acadêmica quanto na vida.

Diante das circunstâncias, não consegui dar continuidade e foi necessário recalcular a rota. Nesse momento da minha vida, me vi perdida, buscando redescobrir quem eu era, o que queria e quem queria me tornar. Com ajuda de profissionais, iniciei meu processo de reencontro, e nesse caminho me vi mulher, o que foi muito significativo. Comecei a me olhar e a questionar os lugares que já ocupei, os que ocupo e os que ocuparei sendo mulher. Ivete, que sempre me acompanhou e me acompanha, iniciou uma de suas palestras na Semana da Licenciatura em Matemática (SELMAT) da Unesp de Bauru, com os dizeres trazidos na epígrafe:

> Vou começar com a Ivete indignada, uma mulher indignada pelos tempos atuais de postura misógina e machista da sociedade [...]. Também gostaria de me apresentar hoje como uma mulher casada com o Ronaldo e mãe dos meus dois filhos Pedro e Matheus, que eu falo muito, dou muitos exemplos deles. São as crias que me ajudam a me construir, desconstruir e a me enlouquecer também um pouco a cada dia. Eles são as minhas melhores produções, atualmente é a melhor forma que me apresento ao mundo, que é o Pedro e o Matheus (Baraldi, 2019).

Essa fala, mesmo que inconscientemente, me atravessou e ficou ressoando em mim, trazendo recordações e vivências das várias facetas de Ivete: a professora, a orientadora, a pesquisadora, a amiga, a filha, a esposa, a mãe e a mulher[6].

Durante todo esse processo de assimilação dessa realidade, surgiram diversos questionamentos, dentre eles: Como é ser mulher, com suas peculiaridades, dentro de um lugar como os departamentos de Matemática, um dos espaços[7] responsáveis pelos cursos de Licenciatura em Matemática, por onde circulei grande parte da minha vida acadêmica? Quem são essas professoras que formam outras mulheres? Essas mulheres passaram por diversos desafios e conquistas para ocuparem esses lugares. O que acontece depois? Como elas pensam suas presenças e seu trabalho nesses lugares? Estou sempre a refletir sobre essas questões. Desses momentos de reflexões, surgiram os primeiros direcionamentos da pesquisa que intento relatar neste texto.

---

a quinta mais mortal da história. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Pandemia_de_COVID-19 Acesso em: 20 mar. 2024.

[5] Ivete Maria Baraldi é licenciada em Ciências com Habilitação em Matemática pela Universidade Estadual Paulista - Unesp - de Bauru - SP (1992). Mestre (1996) e doutora (2003) em Educação Matemática pela Unesp - Rio Claro, SP. É professora, com dedicação exclusiva, do Departamento de Matemática - Faculdade de Ciências da Unesp de Bauru. Docente e orientadora nos Programas de Pós-Graduação em Educação Matemática (UNESP - Rio Claro) e Educação para Ciências (UNESP - Bauru). Faleceu em janeiro de 2021 devido a COVID-19. https://memorial.unesp.br/homenagem/11/ivete-maria-baraldi

[6] Neste texto, assim como também no contexto da pesquisa, o uso da palavra “mulher” deve ser entendido como se referindo à pluralidade de mulheres (trans, cis, não binárias...).

[7] Identificamos que há professores que lecionam nos cursos de licenciatura em Matemática que são locados em outros departamentos, como por exemplo, o Departamento de Educação.

Uma pesquisa com temática tão orgânica acaba por se fundir com a minha vida pessoal que, ao passar por todo um processo de autoconhecimento como mulher, me impactar pelas questões trazidas pela Ivete, me afetar pelos diálogos com minha atual orientadora - Deise[8], que me amparou e me acolheu nessa nova jornada - e a convivência com as mães da academia; me fizeram olhar para a maternidade[9]. Não, não sou mãe, mas me sinto cobrada pela sociedade e até mesmo por mim. Cobrada pela sociedade por não ter e também por não querer ter filhos. E, por mim, por deixar reverberar nos meus sentimentos uma certa culpa por priorizar a minha profissionalização e o ingresso no mercado de trabalho, ao passo que a idade avança e os hormônios retrocedem. Essas cobranças, presentes na vida das mulheres, parecem indiretamente proporcionais a estímulos para que mulheres vivenciem plenamente o ser e o estar no mundo acadêmico[10] com suas especificidades respeitadas.

Ao estudar sobre a maternidade pude conhecer melhor sobre a maternagem, na qual a primeira se relaciona com o processo biológico, institucional, social e cultural da relação entre mãe e filho, já a segunda se refere ao ato de cuidar, o qual pode ser realizado por qualquer cuidador, não estando necessariamente relacionada à mãe biológica. A distinção desses dois termos me possibilitou pensar as características do cuidado para além do gerar, desvinculado do que foi se constituindo social e culturalmente de que o cuidado, na maioria das vezes, é de responsabilidade apenas da mulher.

Nesse sentido, parece promissor e necessário ouvir as docentes que formam professores da área para compreender quais são as barreiras que elas enfrentam e enfrentaram na permanência na academia. Afinal, não é difícil aceitar que há diversos fatores que impactam a carreira das mulheres e que mulheres distintas são afetadas de formas diferentes pelo machismo, pelo racismo e pela LGBTQIA+fobia[11] que existem na universidade. Afinal, existem na sociedade brasileira como um todo. E aqui faço a defesa de que isso se faz presente na academia de forma geral e não seria prerrogativa da área de Matemática. No entanto, também parece ser possível defender que, historicamente, áreas relacionadas com as Ciências "ditas" exatas acabam sendo mais segregacionistas às mulheres e isso aumenta com as interseccionalidades de cultura, cor, gênero, sexualidade, classe, maternagem, etc. Assim

[8] http://lattes.cnpq.br/3567054664699910

[9] Gostaria de manifestar a *priori* que a palavra maternidade neste texto, e também no desenvolver da pesquisa, não se refere somente a processo biológico, mas também social e cultural que cercam a maternidade e mais a frente faremos a distinção entre maternidade e maternagem.

[10] A expressão "mundo acadêmico" é usada aqui como sinônimo de ambiente que, se relacionando com a universidade, é permeado por conhecimento, formação e produções de natureza científica.

[11] O termo LGBTQIA+fobia representa todo tipo de agressão, intolerância e aversão a toda a comunidade de lésbicas, gays, bissexuais, transgênero, queers, intersexo, assexual e + é incluído para que outras siglas possam ser englobadas ao movimento.

sendo, pesquisas empíricas que convoquem mulheres a refletirem e identificarem obstáculos institucionais, simbólicos e materiais à sua permanência na academia são necessárias.

Esta minha pesquisa de doutoramento começa, então, a se delinear diante das inquietações advindas do processo de me reconhecer e conhecer o ambiente que me cerca e após diversas discussões com a Deise sobre a importância de desenvolver investigação que, ouvindo mulheres, não fique só na suposição ou na possibilidade de projetar nas outras as minhas experiências e percepções particulares. Minhas escolhas recaíram sobre fazer um estudo que me coloque junto a mulheres, docentes/pesquisadoras/gestoras/formadoras atuantes em cursos de Licenciatura em Matemática, documentando suas histórias de inserção no mundo acadêmico e de conciliação entre escolhas (ou não-escolhas) profissionais e pessoais, em específico relacionadas à maternagem.

É importante destacar que o foco nos cursos de Licenciatura em Matemática se deve à proximidade com minha trajetória acadêmica: minha formação inicial se dá em Matemática, bem como minhas experiências, expectativas e projeções futuras se relacionam a essa área. A esse interesse particular ainda se somam resultados de um trabalho anterior[12] que, dentre outras injustiças, discute a invisibilidade a que estão sujeitas as mulheres na História da Matemática.

Ainda preocupada com a falta de reconhecimento às mulheres, nesta pesquisa de doutorado busco privilegiar a presença de mulheres, seja como referencial teórico, seja como participantes da pesquisa, seja como fontes de corroboração aos argumentos defendidos sobre a temática. Nesse sentido, trata-se de uma pesquisa feita por mulheres, com mulheres e amparada em outras mulheres. Dessa forma, este texto é composto apenas por mulheres[13].

1.1.1 Apresentação: dizeres sobre uma pesquisa

Para desenvolver o trabalho de pesquisa, em termos metodológicos, me apoio nos pressupostos da História Oral, buscando ouvir as participantes sobre ser mulher no cotidiano de ensino, pesquisa, extensão e gestão relacionada aos cursos de Licenciatura em Matemática. A opção foi a de ouvi-las de forma coletiva, de modo que as discussões acontecem na forma de Roda de Conversa, oportunizando amparo entre as participantes por meio de identificações e entendimentos das próprias experiências, ao ter contato com as experiências de outras.

---

[12]SANTOS, P. C. C.; TAVEIRA, F. A. L.; PERALTA, D. A. O Falso Reconhecimento de Mulheres na História da Matemática. **Perspectivas da Educação Matemática**, v. 15, n. 40, p. 1-22, 20 dez. 2022. Disponível em https://periodicos.ufms.br/index.php/pedmat/article/view/16550 .

[13] Foi feita uma escolha, de natureza estética e política, por citar neste texto somente autoras mulheres.

Neste trabalho proponho constituir narrativas a partir do coletivo, pois acredito que precisamos de espaços e oportunidades para conversar, para olhar além da determinação e delimitação dos espaços, promovendo a compreensão que temáticas como a maternagem merecem um tratamento coletivo, seja pela complexidade simbólica: mulheres são "incentivadas" a se tornarem mães por uma demanda social, mas acabam por arcar com as responsabilidades de forma individual e com a falta de reconhecimento se o "ser mãe" não se ativer à norma padrão cisgênero, heterossexual, cristão, casada, branco; seja pela dimensão material representada pelas barreiras bem concretas que elas enfrentam para permanecer na universidade (toda a rede de apoio, necessária para cuidar e educar uma criança se torna mais escassa tanto quanto mais pobre for a mãe).

Como podem as mulheres, educadas a partir de reforços a estereótipos de maternidade e maternagem, em se tornando mães se depararem com um cenário de ausência de suporte da coletividade? A presença ou permanência de mulheres negras e mulheres brancas que não possuem segurança financeira, incluindo aquelas que são responsáveis pelo cuidado e educação de crianças/filhos, em atividades (de ensino, pesquisa, extensão e gestão) nos cursos de Licenciatura em Matemática precisam inspirar outras formas de produção de conhecimento diferente e diverso daquele produzido por pessoas que não sofreram as violências de gênero no mundo acadêmico, nem tiveram que moldar à intersecção entre formas distintas de opressão para sobreviver na universidade. Mulheres conversando é o caminho escolhido para colocar "o dedo na ferida": o que se tem em termos de pesquisa, ensino, extensão e gestão na universidade hoje foi construído, dentre outras coisas, com base no desequilíbrio de gênero.

Os "famosos" da Matemática são homens, a organização curricular dos cursos de Licenciatura em Matemática ainda se mantém fiel aos cânones da área, que são majoritariamente feitos por homens, a História da Matemática é um desfile de nomes de homens, na qual as mulheres tinham de usar pseudônimos ou ter a tutela de homens para participar. Tal histórico, certamente, admite impacto na perpetuação de relações desiguais de gênero na área e na experiência de mulheres-alunas nos cursos de Licenciatura em Matemática, pois, afinal, as bibliografias são quase que exclusivamente formadas por homens. Não é incomum que uma aluna passe pelos cursos em referências a mulheres, e depois se torne uma professora/pesquisadora/gestora com possibilidades de reproduzir o que vivenciou nesses cursos.

Em termos de referência teórica, me apoio na teoria de justiça apresentada por Nancy Fraser (Fraser, 2008). Trata-se de um referencial que oferece suporte à crítica de injustiças

institucionalizadas, subsidiando diagnósticos de realidades, tanto relacionados aos potenciais emancipatórios quanto aos obstáculos à emancipação. O empreendimento filosófico de Nancy Fraser se caracteriza por um ideário que permite fundamentar e fomentar lutas para o enfrentamento às formas de dominação à época. Para essa pensadora, a "justiça ocupa um lugar especial no panteão das virtudes" (Fraser, 2014, p. 265), tornando-se necessário compreender a justiça também a partir da injustiça que acometem às pessoas, considerando a estrutura de desigualdades que define a sociedade capitalista e nega reconhecimento equânime a todas as pessoas, sem distinções.

E nesse sentido, Fraser (2022) alerta sobre como a ausência de uma oposição ostensiva às violências sofridas pelas mulheres não equivale à inexistência de injustiça, mas exaltam a individualidade, fetichizam relações humanas e inferiorizam a vida psíquica, ao passo que negam a necessidade das condições materiais para realização de ambos. E ao fazer isso, discute sobre reconhecimento, redistribuição e representação.

O que Fraser (2022) alerta é que o fato de não haver uma oposição explícita ou evidente às violências sofridas pelas mulheres não significa que essas injustiças não existam. Muitas vezes, as injustiças continuam a ocorrer de maneira silenciosa ou normalizada, sem que haja resistência ou confronto visível. Ao dizer que isso "exalta a individualidade", sugere que, em vez de se reconhecer e combater as violências como problemas estruturais e coletivos, elas são vistas de maneira isolada, como questões individuais. Esse foco na individualidade pode desviar a atenção das causas sistêmicas e culturais das injustiças, impedindo um enfrentamento mais eficaz.

Assim, as questões de opressão e desigualdade podem ser invisibilizadas ou tratadas como problemas pessoais, em vez de questões sociais que demandam uma resposta coletiva. Essas concepções traçam um diagnóstico sobre como as mulheres sofrem diversas injustiças e que para superá-las é necessário que haja remédios que contemplem as três dimensões de justiças: reconhecimento, redistribuição e representação, as três de forma indissociável.

A proposta é "tratar o reconhecimento como uma questão de status social", ou, melhor dizendo, a partir do modelo de *status*, modelo que postula que "o que exige reconhecimento não é a identidade específica de um grupo, mas a condição dos membros do grupo como parceiros integrais na interação social", sendo assim o não reconhecimento significa "subordinação social no sentido de ser privado de participar como um igual na vida social" (Fraser, 2007, p. 107). O reconhecimento a partir do modelo de status social é equivalente a "examinar os padrões institucionalizados de valoração cultural em função de seus efeitos

sobre a posição relativa dos atores sociais", sendo que quando estes padrões constituem as pessoas como capazes de participarem como iguais da vida social "aí nós podemos falar em reconhecimento recíproco e igualdade de status", contudo, ao contrário, quando estes padrões institucionalizados de valoração constituam algumas pessoas como "inferiores, excluídos, completamente 'os outros', ou simplesmente invisíveis, ou seja, como menos do que parceiros integrais na interação social, então nós podemos falar de não reconhecimento e subordinação de status" (Fraser, 2007, p. 108).

Todavia, a ideia da autora é que justiça requer redistribuição, reconhecimento e representação. Assim, as questões de justiça devem ser analisadas, ao mesmo tempo, sob três perspectivas distintas e indissociáveis, sendo elas: as injustiças econômicas (que requerem redistribuição) – de caráter estrutural – as injustiças culturais (que requerem reconhecimento) – de caráter simbólico – e as injustiças políticas (que requerem representação) – de caráter institucional. A primeira categoria de injustiças está enraizada na estrutura político-econômica da sociedade, tendo como exemplos a exploração, a marginalização econômica e a privação das condições materiais de subsistência. Já as injustiças da segunda categoria estão enraizadas nos padrões sociais de interpretação simbólica, a exemplos das ações de dominação, discriminação e desrespeito (Fraser, 2022). As injustiças da terceira categoria estão relacionadas a não participação justa nos processos de tomadas de decisões políticas, ela ocorre quando certos grupos são excluídos ou marginalizados na esfera política, impedindo sua participação plena e igualitária. Essa autora ainda defende que a principal injustiça econômica é a má distribuição, sendo que todas as injustiças redistributivas decorrem dela. Já em termos de injustiça cultural, a principal segue sendo o falso reconhecimento, assim como a principal injustiça política é a falsa representação. Esse referencial me dá suporte para compreensão, registros e discussões sobre as questões referentes à redistribuição (ou má redistribuição), reconhecimento (ou falso reconhecimento) e representação (ou falsa representação) das mulheres na sociedade e no mundo acadêmico, considerando maternagem e suas atividades profissionais em cursos de Licenciatura em Matemática.

Uma Roda de Conversa pode ser um espaço, isso se constituído livre de assimetrias, onde mulheres tenham a oportunidade de perceber como os seus modos de pensar, fazer e ensinar Matemática foram construídos no cerne de uma cultura científica que privilegia certo modelo de conhecimento que parece neutro (cultuado como representante do ápice da objetividade), mas que é estereótipo do masculino. As mulheres, conversando, podem explorar outros pontos de vista, ampliando mentalidades sobre pensar, fazer e ensinar

Matemática por pessoas que foram historicamente oprimidas, desprovidas de privilégios e sofrem com marcadores sociais que as obrigam a lutar constantemente contra violências para conciliar vida pessoal e carreira profissional. Em um ambiente tão masculino, e digo não só pela presença física de homens, mas, sobretudo, pela cultura impregnada; as mulheres podem se empoderar conversando, criando redes de solidariedade, e percebendo que suas especificidades encontram ressonância em outras mulheres, e podem entrar em consonância para pensar enfrentamentos. Pesquisas como a proposta aqui, invariavelmente, têm um forte apelo político e não menos invariável é o seu potencial de politizar enquanto a investigação é desenvolvida.

Em termos de estrutura, este texto que relata o desenvolvimento da minha pesquisa de doutoramento, se organiza em capítulos[14]: no primeiro faço uma introdução sobre os caminhos percorridos, um memorial de como foi o percurso até chegar na temática de pesquisa, trazendo o problema de pesquisa, uma enunciação dos trabalhos que se aproximam da temática discutida e aspectos fundantes da pesquisa (objetivos, hipótese e tese). Ainda no primeiro capítulo apresento a teoria tridimensional de justiça de Nancy Fraser e apontamentos sobre sua relação com a temática. A história das mulheres na sociedade, sua inserção na docência, na Matemática e a sua relação com a maternagem também é discutida neste capítulo.

Os aportes metodológicos são apresentados no segundo capítulo, no qual apresento o percurso metodológico abordado neste trabalho, utilizando como metodologia a História Oral, e desenvolvida por meio de Roda de Conversa. Constituo um panorama do espaço em que as mulheres participantes das Rodas de Conversa ocupam e informações sobre a presença feminina na universidade. Neste capítulo, também apresento alguns dispositivos de visibilidade que contribuem nas discussões sobre quais ações a universidade tem disponibilizado para romper com as injustiças presente na academia.

O terceiro capítulo é destinado às Rodas de Conversa, trago na íntegra os diálogos das participantes da pesquisa. Também apresento as aproximações, a minha proposta é trazer a teoria para conversar com as participantes das Rodas de Conversa, incluindo a pesquisadora que se fez presente tanto nas Rodas como na construção teórica dos trabalhos.

No quarto e último capítulo apresento as conclusões. Retomando os objetivos, o problema de pesquisa, a tese e a hipótese são tecidas as considerações finais.

[14] Entendemos neste trabalho por capítulo cada uma das (sub)divisões do texto que, mesmo podendo ser lido separadamente e comunicando começo-meio-fim de um assunto, juntas dão ao leitor os elementos teóricos e metodológicos para compreender o problema de pesquisa em questão.

No decorrer do texto, trago quatro obras de uma artista mineira, Valdete Campos[15], nas quais retrata suas vivências, angústias e experiências de ser mulher em nossa sociedade. Uma obra da Thaís Basílio[16] que pesquisa sobre o conceito "corpos-máquina", outra obra é de autoria de Maria Conejo[17], que explora temas como o corpo feminino, a identidade e a sexualidade. As outras obras que apresento são uma de minha autoria com colegas[18] e outra do meu acervo pessoal. As obras não serão "explicadas", pois a minha proposta é que elas tragam reflexões e possibilitem interpretações múltiplas de acordo com o olhar de cada leitora e leitor. Ao trazer essas e outras obras e, também músicas e outras expressões artísticas, intento compartilhar com quem lê o meu trabalho de constituição da pesquisa (e de escrita deste texto) que foi amparado na Arte na mesma medida em que se apoiou em leituras de artigos, livros, teses e dissertações.

A junção de Arte com Ciência me constitui como pessoa e pesquisadora, em todas as suas especificidades, e em decorrência também torna específica a constituição do seu trabalho de pesquisa.

1.1.2 Hipótese, Tese e Objetivos: as pretensões e intencionalidades

Alguns discursos e comportamentos sobre a inserção e permanência das mulheres na Matemática são permeados por preconceitos e discriminação. Enquanto cultivarmos um fazer matemático que privilegia uma Matemática excludente, não conseguiremos romper com injustiças contra as mulheres que se prolongam há séculos. É necessário quebrar esse ciclo, repensar em uma nova forma de aprender, ensinar e fazer Matemática para que esta seja inclusiva e assim haja uma reparação política, cultural e econômica.

---

[15] A artista nasceu em Machado em Minas Gerais e mora em Campinas desde a sua infância. Em 2006 iniciou seus estudos em artes plásticas. É socióloga e arteterapeuta. O principal tema de sua obra gira em torno do universo feminino e o sacrifício deste ser para se encaixar em uma sociedade arbitrária, moralista e tradicionalista (vma.campos@hotmail.com).

[16] Thaís Basilio é graduada em Artes Visuais na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UERJ) e pós-graduada em Linguagens Artísticas, Cultura e Educação no Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ). Atualmente é mestranda na linha de Linguagens Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais – Escola das Belas Artes (EBA) - UFRJ. Tem como formação artística os cursos "Desenvolvimento de Projetos" e "Cor e Forma", no EAV Parque Lage, bem como a mentoria artística "Poéticas Femininas na Periferia", pelo Artistas Latinas. É artista residente na Escola Livre de Artes (ELÃ), no Galpão Bela Maré. Desenvolve uma pesquisa sobre o conceito de "corpos-máquina", temáticas atravessadas pelas seguintes questões: gênero, raça e trabalho, automatização e fabricação de subjetividades, robotização do corpo, "algoritmização" da vida, e o devir negro pelo mundo. https://womenonwalls.co/thaisbasilio

[17] Maria Conejo é uma artista visual mexicana, formada pela Escola de Design do Instituto Nacional de Belas Artes e Literatura do México. Seu trabalho é centrado na representação do corpo feminino, destacando temas de liberdade, prazer, e questionando estereótipos culturais. https://www.larousse.es/autor/maria-conejo/

[18] Lívia Furlan (Psicóloga e Arteterapeuta), Patrícia Palata (Advogada e Arteterapeuta) e Valdete Campos (Socióloga e Arteterapeuta).

Decorrente disso, trago como problema de pesquisa a seguinte questão: Quais as potencialialidades da teórica tridimensionalidade da Nancy Fraser para fundamentar análises referentes à relação: mulheres, maternagem e matemática, considerando as experiências de docentes dos cursos de Licenciatura em Matemática da Unesp?

Nesse sentido, esta pesquisa parte da hipótese de que o não reconhecimento, ou o falso reconhecimento, que afeta mulheres em cenários de ensino e pesquisa relacionados à Matemática, resulta de padrões institucionalizados de valoração cultural e má (re) distribuição material que impedem mulheres, principalmente as que estão em condição de maternagem, de participarem em igualdade de condições entre pares do mundo acadêmico. Garantir uma forma emancipatória de reconhecimento exigiria, portanto, a transformação desses padrões, mas também políticas de redistribuição de recursos e direitos que garantissem às mulheres a participação paritária com ênfase na reparação da dimensão econômica, cultural e política das injustiças.

Em termos de tese a ser defendida, e em consonância com a hipótese explicitada, defendo que a discussão sobre reconhecimento, redistribuição e representação desenvolvida por Nancy Fraser oferece possibilidades de diagnósticos dos obstáculos para inclusão das mulheres na esfera de atuação profissional na universidade, considerando a maternagem na fronteira entre produção e reprodução social na sociedade capitalista. Isso posto, em decorrência de essas mulheres se enquadrarem em uma questão de falso reconhecimento, má redistribuição e falsa representação. E essa questão pode ser exposta e delineada se mulheres, que são professoras e pesquisadoras, tiverem oportunidade de conversar, compartilhando experiências em um ambiente livre de coerções e assimetrias.

Assim sendo, o objetivo geral desta pesquisa é discutir a relação entre mulheres, maternagem e a presença feminina nos cursos de Licenciatura em Matemática a partir das experiências de docentes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), em uma perspectiva de reconhecimento, redistribuição e representação, segundo o modelo de justiça social de Nancy Fraser. Os objetivos específicos são compreender o percurso histórico das mulheres na sociedade, docência e Matemática; identificar as questões que cercam a maternidade e a maternagem e sua relação com a sociedade; produzir narrativas que expressem as experiências das mulheres participantes da pesquisa em relação ao gênero, maternagem e docência e caracterizar potências, limites e desafios relatados por mulheres que exercem a maternagem e a docência nos cursos de Licenciatura em Matemática da Unesp com a perspectiva de reconhecimento, redistribuição e representação.

1.1.3 Enunciações já registradas sobre o tema desta pesquisa

Em uma consulta feita no portal Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)[19] de teses e dissertações com as palavras-chave: Mulher; Maternidade[20]; Matemática encontrei onze trabalhos[21]. Dentre eles, nenhum contemplava as três temáticas em conjunto. Quatro eram na área da Educação e relacionavam as mulheres e a Matemática, os outros eram na área da saúde e relacionavam a mulher e as questões da maternidade.

Para a seleção dos trabalhos, li os respectivos resumos e, quando o tema se relacionava com a temática de interesse, examinei o sumário e as discussões apresentadas no trabalho. O interesse nas pesquisas acadêmicas (mestrado e doutorado) se deu, pois busquei identificar o que a academia estava discutindo sobre o trinômio em questão.

É importante registrar que tenho ciência de que alguns trabalhos não foram apontados na pesquisa por não conterem em seu título, resumo ou palavras-chave os termos utilizados para pesquisa. Considero que possa haver outros trabalhos que tragam em seu desenvolvimento discussões acerca da tríade pesquisada, mas por não estarem explícitos nos itens citados acima eles não aparecem na busca. Questões como essas me fazem pensar na forma com que estruturamos e apresentamos o nosso trabalho, como queremos que ele seja apresentado e seja fonte para outras pesquisas? Esses elementos têm que ter destaque e aparecerem em lugares estratégicos para que sejam encontrados ao serem pesquisados nos bancos de teses, dissertações e periódicos.

---

[19] https://www.gov.br/capes/pt-br/acesso-a-informacao/perguntas-frequentes/sobre-a-cap

[20] Ao iniciar a pesquisa a proposta era estudar as questões da maternidade, depois de aprofundamentos teóricos identificamos a necessidade de discutir não apenas a maternidade, mas sim a maternagem, ação que abarca não apenas pessoas que biologicamente se tornam mãe, mas pessoas que são responsáveis pelo cuidado. Assim, podemos incluir todas as formas de ser mulher.

[21] Identificação dos onze trabalhos encontrados disponível em: https://docs.google.com/document/d/1DY96j8bk3R9MxUXDQAes69Mu-rX170d15uTg6qn67ac/edit?usp=sharing

Quadro 1. Trabalhos que relacionam mulher e Matemática no portal CAPES

Tipo de trabalho	Título	Ano	Universidade	Objetivo	Autor
Dissertação	Trajetórias profissionais de mulheres cientistas em cargos de chefia	2019	Universidade de Taubaté	Analisar as trajetórias profissionais de mulheres cientistas das áreas das Ciências Exatas e da Terra e Engenharias que atuaram e/ou atuavam em cargos de chefia em uma Instituição Pública de Pesquisa na área de Ciência e Tecnologia.	Priscilla Sousa Frigi Raimundi
Dissertação	A divisão sexual do trabalho e a dimensão generificada do campo científico: um recorte da Universidade Federal de Viçosa	2020	Universidade Federal de Viçosa	Compreender a desigualdade de gênero no Centro de Ciências Exatas da Universidade Federal de Viçosa. A partir de uma análise dos Currículos Lattes dos docentes de três departamentos – Engenharia Civil, Matemática e Física – aos quais os (as) professores (as) estão vinculados (as), foram entrevistados 10 docentes, 6 mulheres e 4 homens, a fim de compreender as estratégias de permanência por parte das mulheres em espaços masculinizados.	Jamille Mylena de Freitas Gomes
Dissertação	Percepção de barreiras e suportes na carreira acadêmica dos estudantes de Matemática: um estudo de gênero'	2021	Universidade Federal de Itajubá	Analisar como as barreiras e suportes percebidos por estudantes de Matemática em suas trajetórias se relacionam com o seu gênero e influenciam na continuidade da carreira acadêmica feminina, bem como identificar relações desses fatores com o processo de ensino da Matemática vivenciado por esses estudantes.	Daniele Aparecida de Oliveira
Dissertação	EtnoMatemáticas na Produção das Ceramistas Terena	2023	Universidade Federal da Grande Dourados	Identificar e apresentar as técnicas (ticas) de fazer, conhecer, entender, lidar (materna) com o tempo, o barro, o fogo, as formas presentes no trabalho das mulheres terenas ceramistas e artesãs no processo de confecção da arte indígena.	Zanone Cristovao Rodrigues

Fonte: Elaborado pela autora.

No periódico CAPES, com os descritores: Mulher e Maternidade e Matemática, nos últimos dez anos (2013 – 2023), identifiquei seis trabalhos[22], a partir dos quais apenas um retratava a relação mulher e Matemática. O artigo intitulado "Uma perspectiva histórica do ensino da Matemática no feminino" de Henriques (2006) teve como objetivo analisar a evolução do ensino feminino, particularmente no que diz respeito à Matemática, focando a presença ou ausência desta disciplina e tentando encontrar algumas justificativas para o desenvolvimento dos planos curriculares do ensino feminino.

A breve busca sobre a interseção entre mulher, maternidade e Matemática revelou uma lacuna significativa na literatura acadêmica existente. Apesar da ampla produção de estudos sobre mulheres e Matemática (Machado, 2023; Oliveira; Cavalari, 2023; Almeida; Almeida; Amorim, 2021[23]), bem como sobre mulheres e maternidade (Pimenta; Serralha, 2024; Santos; Galrão; Sousa, 2024), a combinação dessas três temáticas em uma única investigação não se mostrou tão evidente na busca realizada. Esse achado sublinha a necessidade de estudos integrados que abordem interações entre elas.

Procurando as palavras-chave: Maternidade e Matemática no *Google Scholar*, com o filtro das palavras constarem no título, identifiquei um artigo que traziam a temática no título do trabalho, no qual os autores desenvolvem um ensaio acerca do poder de ação (*agency*) da maternidade, dos lares e das mídias em processos de produção de conhecimento[24].

Os trabalhos encontrados no portal CAPES focam predominantemente em áreas distintas: mulheres e Matemática em um lado e maternidade em outro. Quatro dissertações analisadas abordam a presença feminina e os desafios no campo da Matemática, enquanto outras pesquisas se concentram na maternidade e suas implicações na área da saúde. Nenhum dos estudos identificados integra de maneira coesa a temática da maternidade com a presença feminina na Matemática, evidenciando uma fragmentação nas abordagens acadêmicas.

Dessa forma, se nota que a temática em ênfase neste trabalho a partir dos trabalhos encontrados não é abordada de forma conjunta. Não identifiquei nenhum trabalho que tenha o enfoque desta pesquisa, isso demonstra a necessidade da problematização, discussão e

---

[22] Identificação dos seis trabalhos encontrados: https://docs.google.com/document/d/1DY96j8bk3R9MxUXDQAes69Mu-rX170d15uTg6qn67ac/edit?usp=sharing

[23] ALMEIDA, Dione Alves de; ALMEIDA, Shirley Patrícia Nogueira de Castro e AMORIM, Mônica Maria Teixeira. **As desigualdades de gênero na docência em Matemática no Ensino Superior:** uma revisão de literatura a partir de estudos recentes no Brasil. Revista de Ensino de Ciências e Matemática, v. 12, n. 3, p. 1-26, abril-junho, 2021.

[24] Título do artigo: "O Poder de Ação das Mídias, da Maternidade e dos Lares na Educação Matemática". Revista PUC/SP. Disponível em: https://revistas.pucsp.br/index.php/emp/article/view/62013/42897 Acesso em 13 nov. 2023.

reflexão dessa temática, olhar para o trinômio: mulher, maternidade e Matemática de formas associadas. Isso posto, a seleção de trabalhos, incluindo a leitura de resumos, sumários e discussões, permitiu identificar a relevância e a especificidade dos temas tratados. No entanto, como já destacado, é importante reconhecer que alguns trabalhos relevantes podem não ter sido incluídos, devido à sua ausência nos critérios de busca estabelecidos, como títulos e palavras-chave. Essa limitação sugere que pode haver outros estudos que tratem das questões relacionadas, mas que não foram identificados nessa busca.

Em conclusão, essa busca não apenas confirma a falta de estudos que integrem Mulher, Maternidade e Matemática, mas também enfatiza a necessidade de um enfoque mais holístico e crítico sobre essas questões. A pesquisa desenvolvida e que passa a ser relatada nos próximos capítulos tem o potencial de preencher essa lacuna, oferecendo uma análise necessária sobre como a maternagem e a justiça social influenciam a presença das mulheres nos cenários relacionados ao aprender, ensinar e fazer Matemática. Ao abordar a tríade, Mulheres-Maternagem-Matemática, de forma integrada, a pesquisa pode contribuir para uma compreensão das injustiças a que mulheres estão sujeitas nesses cenários e para o desenvolvimento de políticas e práticas acadêmicas equitativas.

Figura 1. Sacrifício I

Fonte: Arquivo pessoal, Valdete Campos.

Compreender as coisas que nos rodeiam é a melhor preparação para compreender o que há mais além.
Hipátia de Alexandria

1.2 Compreendendo nossas compreensões

No dia 30 de janeiro de 2024, o presidente do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)[25], Ricardo Galvão, em uma mesa redonda no evento *GBMeeting*[26], na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) disse que um movimento chamado *Parent Science*[27], que faz reivindicações pela igualdade de gênero "atrapalha muito", porque a organização "manda o tempo todo requisições ao CNPq para a criação de processos de bolsas separadas para as mulheres e julgamento separado para as mulheres". A postura do presidente do CNPq é uma evidência de como reconhecimento e redistribuição não caminham nas políticas por igualdade de condições de crescimento na carreira científica para as pessoas que são mães. Afinal, reconhece-se o impacto da maternidade ao se adotar a anotação de licença-maternidade no *lattes*[28], mas rejeita-se a necessidade de políticas de distribuição de bolsa produtividade que considere as especificidades das pesquisadoras que são mães.

Para compreender como as questões de reconhecimento, redistribuição e representação estão atreladas a questões das mulheres e seu modo de estar no mundo culturalmente e politicamente, nesta seção apresento constructos teóricos que ajudam nessa compreensão.

1.2.1 Teoria Crítica[29]

Teoria Crítica é uma corrente filosófica que se tornou conhecida, mundialmente, relacionada à expressão "Escola de Frankfurt".

> Com o termo "Escola de Frankfurt" procura-se designar a institucionalização dos trabalhos de um grupo de intelectuais marxistas, não ortodoxos, que na década dos

[25]Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (até 1974 o Conselho Nacional de Pesquisas, cuja sigla, CNPq).
[26] É um evento organizado pelos estudantes da Pós-Graduação em Genética e Biologia Molecular do Instituto de Biologia da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).
[27] Para mais informações: https://www.parentinscience.com/
[28]A Plataforma Lattes representa a experiência do CNPq na integração de bases de dados de Currículos, de Grupos de pesquisa e de Instituições em um único Sistema de Informações. Para mais informações: https://lattes.cnpq.br/
[29] Aqui apresentamos o surgimento da Teoria Crítica a partir do histórico europeu, pois foi o caminho realizado por Nancy Fraser, a teórica que discutiremos, é importante demarcar que nesse histórico eurocêntrico identificam-se processos de exclusões e segregações. E nesse sentido, fazemos um movimento, tal como a própria Teoria Crítica defende, de atualizá-la segundo o nosso contexto.

> anos 20 permaneceram à margem de um marxismo-leninismo “clássico”, seja em sua versão teórico-ideológica, seja em sua linha militante e partidária (Freitag, 1973, p.10).

Entretanto, ainda segundo Freitag (1973), essa associação não se faz das mais adequadas, pois a sede do grupo de intelectuais, o Instituto de Pesquisa Social (IPS), deixou de existir no pós-guerra e a maior parte da produção intelectual foi, e é desenvolvida fora de Frankfurt[30]. A palavra escola também sugere uma unidade teórica que é inexistente entre esses e essas pensadores e pensadoras.

Fundado em três de fevereiro 1923, e vinculado a Universidade de Frankfurt em 1924, o IPS, em seus primeiros anos, teve como diretor o historiador marxista, de Viena, Carl Gruenberg e contou com o apoio financeiro de Felix Weil, um rico herdeiro argentino que contribuiu com parte de sua fortuna para a fundação do Instituto.

Inicialmente, as investigações do IPS focaram na história do socialismo. Somente em 1930, ao assumir a direção, Max Horkheimer delineou o que viria a ser conhecido como um programa[31] de Teoria Crítica da Sociedade. Dessa forma, o conceito de Teoria Crítica foi introduzido por Horkheimer, sendo entendido como um conhecimento orientado para a ação, ao invés de buscar pureza ou neutralidade (Peralta, 2023).

Assim sendo, Horkheimer deu início a um trabalho coletivo e interdisciplinar, o que foi uma grande inovação na época, mudando a sua ênfase que era em pesquisas que discutiam a história do socialismo e do movimento operário e voltando-se para a análise crítica dos problemas do capitalismo (Freitag, 1973; Ferrarese, 2017; Cyfer, 2018; Peralta, 2023).

É interessante destacar que nesse período, por Teoria Crítica se entende como exercício filosófico de oposição ao pensamento cartesiano positivista. Entende-se que é necessário pensar nas questões teóricas e práticas. A Teoria pretende compreender a conexão dos acontecimentos, com o intuito de mostrar como as coisas são e também fazer previsões de como elas poderiam ser (Benhabib, 1986; Oliveira, 2021).

A Teoria Crítica não se limita a descrever o que existe, mas busca revelar as contradições da realidade com o intuito de transformá-la. Assim, ao fazer teoria, não devemos apenas retratar como as coisas são, mas também apontar possibilidades de mudança. A crítica, então, surge como uma ferramenta que, ao mesmo tempo, diagnostica o presente e projeta o

---

[30] O Instituto esteve em atividade em Frankfurt nos primeiros anos da década de 1930, depois sucederam inúmeras transferências devido ao exílio imposto a muitos dos seus integrantes pelo nazismo de Hitler (Peralta, 2023).

[31] Horkheimer fornece as bases para formulação da Teoria Crítica, fundamentalmente, em dois artigos: "A presente situação da filosofia social e as tarefas de um Instituto de Pesquisa Social", de 1931, e "Teoria tradicional e teoria crítica", de 1937.

futuro, evidenciando os obstáculos a serem superados e as ações necessárias para essa superação. O objetivo da Teoria Crítica é justamente apresentar a realidade como um processo em constante transformação, sugerindo o que pode ser, sem se prender às limitações do que já é.

Com a ascensão do nazismo, entre 1933 e 1950, o Instituto que reunia muitos intelectuais judeus, muda sua sede para Genebra, onde grandes intelectuais como Horkheimer, Adorno, Marcuse, Fromm, Neumann e Pollock emigram e continuam realizando seus trabalhos e alguns nomes como Friedrich Pollock, Erich Fromm e Franz Neumann se filiam a ele.

Em 1934, o Instituto é reaberto em Nova York, vinculando-se à Universidade de Columbia, dando início a um grande período em que as produções intelectuais relacionadas à Teoria Crítica e as principais obras da primeira geração foram produzidas, dentre elas encontramos títulos como o artigo "Teoria Tradicional e Teoria Crítica" e a pesquisa empírica "A Personalidade Autoritária", respectivamente, de autoria de Horkheimer e Adorno.

Em seu artigo Teoria Tradicional e Teoria Crítica, publicado em 1937, Horkheimer discute dois princípios básicos da Teoria Critica, com base em seus estudos de Karl Marx: a orientação para a emancipação e o comportamento crítico. Esse estudo é importante, pois vai culminar em discussões que darão novas vertentes para a Teoria Crítica. Segundo o autor, a orientação para a emancipação dará a possibilidade ao indivíduo de compreender a sociedade em seu conjunto, permitindo constituir uma teoria, abrindo caminho para compreender as relações sociais (Cyfer, 2018).

O segundo ponto: o comportamento crítico discute que a Teoria Crítica não se limita em apenas descrever o mundo social, mas também observa o que poderia existir e faz uma análise sobre esse distanciamento (Cyfer, 2018). E baseado nesses princípios dez anos depois, Adorno e Horkheimer em "Dialética do esclarecimento" fazem uma investigação sobre a razão humana, quando buscam entender a forma que a razão é usada como um instrumento universal que contribui para gerar outros instrumentos, e se torna um subsídio da aparelhagem econômica. Segundo os autores, essa é "a única forma de racionalidade que se pode encontrar no capitalismo tardio e, por isso, não têm outra saída a não ser reconhecer que se defrontaram com uma aporia: a autodestruição do esclarecimento" (Cyfer, 2018, p. 20).

De acordo com Adorno e Horkheimer em "Dialética do Esclarecimento", o pensamento fruto do esclarecimento deve estar associado à reflexão, se isso não acontecer a sua relação com a verdade pode ser colocada em dúvida. Esse diagnóstico é questionado por

Jürgen Habermas que, sendo um grande nome da segunda geração da Teoria Crítica, se opõe a Adorno e Horkheimer. De acordo com Cyfer (2018) ele identifica que

> [...] para enxergar esses potenciais emancipatórios, seria preciso rever o próprio sentido de razão e de emancipação. Habermas defende a necessidade de a teoria crítica ampliar seus temas e encontrar um novo paradigma explicativo, pois as formulações originais de Marx não seriam mais suficientemente críticas para a realidade atual (Cyfer, 2018, p.21).

Peralta (2012; 2023) defende que o modelo crítico de Habermas começa com uma crítica ao diagnóstico apresentado na obra "Dialética do Esclarecimento", revisitando o modelo estabelecido no texto "Teoria Tradicional e Teoria Crítica". Para ele, retirar a centralidade da razão nos processos voltados à emancipação implica questionar as condições para uma postura crítica frente ao conhecimento histórico, o que coloca em dúvida o próprio projeto da Teoria Crítica. Em sua oposição ao diagnóstico de Adorno e Horkheimer, Habermas argumenta que suas conclusões foram influenciadas pelo contexto histórico difícil que enfrentavam.

No entanto, para Peralta (2023), Habermas ressalta que as possibilidades de emancipação não estavam estruturalmente comprometidas, mas que o conceito de emancipação, formulado por Karl Marx e, posteriormente, retomado por Horkheimer, precisaria ser reformulado de acordo com cada sociedade e época. Nesse sentido, Habermas não defende o abandono da crítica como método, mas sugere que “as formulações iniciais da Teoria Crítica talvez não sejam suficientemente críticas para lidar com as realidades atuais” (Peralta, 2023, p. 34).

Segundo Allen (2016), o pensamento de Habermas teve repercussão pelo mundo, o que trouxe novos métodos, temas e debates para o campo, auxiliando em novas discussões e ampliações de debates teóricos. Nesse contexto, autoras e autores que se filiam à Teoria Crítica passam a ampliar o debate inaugurado pelos primeiros autores da Teoria Crítica, e dentre esses se destacam autoras como Nancy Fraser, Seyla Benhabib e Iris Young, filósofas estadunidenses, apontadas como a primeira geração da Teoria Crítica feminista.

1.2.2 A Teoria Crítica Feminista

A seção anterior conta um pouco sobre o histórico e alguns desdobramentos da Teoria Crítica até nos aproximarmos dos debates feministas. Nesta seção, discuto uma mudança gradual de enfoque que, a partir do deslocamento da reivindicação por igualdade material para a reivindicação de reconhecimento cultural, tem fomentado o debate por justiça social na Teoria Crítica.

Desde que Horkheimeir assumiu o IPS, e publicou “Teoria Tradicional e Teoria Crítica”, houve um novo desdobramento no foco das lutas por emancipação. As discussões sobre as desigualdades econômicas começaram a serem inseridas na disputa de espaços relacionados ao não reconhecimento de certas identidades culturais, e nesse contexto surge a contribuição do feminismo à Teoria Crítica.

Segundo Sanchez (2017)

> A tarefa da teoria crítica feminista consiste em corrigir essa ausência, revelando as relações de dominação de gênero que foram ocultadas pelos teóricos críticos, criticando estruturalmente o androcentrismo do capitalismo, analisando sistematicamente a dominação masculina e revisando os conceitos de democracia e de justiça. Seria preciso reconstruir a ideia de esfera pública a partir da crítica à separação entre público e privado para que fosse possível desvendar os limites da democracia representativa (p. 86-87).

Destarte, desde o início, a Teoria Crítica se encarregou profundamente do diagnóstico das assimetrias sociais e das discussões voltadas para questões econômicas e debates sobre relações de gênero, bem como impactos às oportunidades políticas dos indivíduos, assim como sua representação política efetivamente democrática, não se expressaram de forma marcadamente evidente. Isso passa a ser denunciado e assume lugar na agenda, principalmente, de teóricas críticas. De acordo com Sanchez (2017), inicialmente a preocupação era superar o economicismo de determinadas leituras do marxismo e incorporar novos elementos à crítica do capitalismo, ou seja, ir além da crítica à economia capitalista.

A partir dos anos de 1970, em decorrência desse debate, houve a chamada “virada cultural”, na qual a cultura se torna o foco do debate nas Ciências Sociais. Se antes, o foco estava na violência contra as mulheres e a desigualdade no mercado de trabalho, agora o interesse passa a ser a identidade e a representação política, relacionando as lutas sociais e culturais.

A Teoria Crítica teve distintas recepções dentro dos diferentes feminismos. Diferente do que aconteceu no feminismo alemão, no qual as questões relacionadas ao domínio da razão sobre a natureza se fizeram centrais no debate, as autoras americanas deram mais enfoque aos escritos de Jürgen Habermas e “aos problemas da modernidade em seus diálogos com as teorias da diferença e da pós-modernidade e autoras como Nancy Fraser e Seyla Benhabib desenvolveram suas teorias” (Oliveira, 2017, p. 14).

Dessa forma, a relação entre a Teoria Crítica e o feminismo se justifica desde a década de 1970, e hodiernamente, devido a lacunas em seu debate. E nesse cenário, as filósofas Nancy Fraser, Seyla Benhabib e Iris Marion Young encabeçaram essa “virada feminista” e

com elas foi possível destacar ao menos três constelações temáticas dessa primeira geração de teóricas críticas feministas:

> Um pensamento sobre a natureza, que permite colocar a natureza humana, feminina e biológica, no seu lugar devido inatingível e supérfluo; uma reflexão sobre a emancipação e os paradoxos dessa busca; e, enfim, uma teoria da forma devida capitalista que oferece uma visão fecundada articulação entre produção e reprodução (Ferrarese, 2017, p. 179)

Uma teoria feminista tende a seguir o momento cultural de uma época, pois o movimento feminista de uma forma geral passa por diferentes fases em contextos distintos, tanto históricos como políticos. Segundo Cyfer (2018, p. 31) os três pontos trazidos acima "exprimem uma boa parte das reflexões atuais na Teoria Crítica feminista, mas deixa de fora outras tantas, como a produção sobre democracia, justiça, reconhecimento, psicanálise e vulnerabilidade" algumas discussões que são feitas, sobretudo com Habermas e Honneth.

Ainda sobre essas temáticas Ferrarese (2017, p. 183) aponta que "os discursos políticos, científicos modernos e contemporâneos procuraram separar freneticamente os planos ontológico e social" colocando manifestações da vulnerabilidade em primeiro e segundo plano. Segundo a autora,

> A tarefa de uma Teoria Crítica feminista deve ser a de lembrar que os dois níveis de realidade são inseparáveis. É necessário tanto trazer à luz aquilo que o levantamento e o estabelecimento perpétuo dessa fronteira permitem, esquecem e dissimulam, quanto operar um deslocamento. Mundo social e vulnerabilidade ontológica devem ser pensados em conjunto, a fim de mostrar como eles se engendram e se coproduzem (Ferrarese, 2017, p. 183).

Dessa forma, olhar para uma Teoria Crítica feminista requer relacionar o mundo social e a vulnerabilidade ontológica, pois assim, ao fazer um diagnóstico do tempo presente será mais viável e mais próximo de não realizar exclusões.

Algumas autoras foram pioneiras nas discussões feministas dentro da Teoria Crítica, na próxima seção apresento o modelo crítico de uma dessas autoras, Nancy Fraser.

1.2.3 Reconhecimento na Teoria Crítica

Nancy Fraser traz discussões e diálogos sobre o reconhecimento em sua teoria e suas discussões vêm a partir de autores da Teoria Crítica, como Axel Honneth. É importante pontuar que "a categoria 'reconhecimento' enquanto 'luta social' tem uma longa trajetória histórica desde Maquiavel, Hobbes, Hegel, Nietzsche, passando pelos contemporâneos da Teoria Social e Crítica" (Fuhrmann, 2013, p. 1).

Axel Honneth, sociólogo e filósofo social contemporâneo, é um dos autores mais destacados da chamada "terceira geração" da Escola de Frankfurt. Seus estudos discutem a

intersubjetividade nos problemas da sociedade capitalista atual. O tema central de sua teoria é a categoria "Reconhecimento Intersubjetivo e Social", conceito fundamental para entender a origem das relações e ações sociais conflituosas, bem como para compreender o processo evolutivo das sociedades (Fuhrmann, 2013, p. 6).

A chamada "Teoria do Reconhecimento" baseia-se nos estudos sobre a formação da identidade de George Herbert Mead e nas premissas universais de reconhecimento social de Georg W. Friedrich Hegel. De maneira concisa, a tese central de Honneth afirma que a identidade dos indivíduos é definida por um processo intersubjetivo, mediado pelo reconhecimento. Nesse sentido, a busca por reconhecimento ocorre em três dimensões: amor, solidariedade e direito, e não pela simples inclusão econômica. A falta de reconhecimento intersubjetivo e social é apontada como a principal origem dos conflitos sociais.

Nancy Fraser questiona a centralidade do conceito de reconhecimento e propõe pensar formas de dominação social e tipos de conflitos nas sociedades atuais. Segundo Santos (2012, p. 2), a autora

> [...] questiona principalmente o fato de a gramática do reconhecimento ter se tornado a forma normativa hegemônica da luta política atual e aos efeitos que essa gramática funda na dinâmica dos conflitos sociais, considerando-se que tal teoria pode esvaziar grande parte das reivindicações dos movimentos sociais e da teoria crítica referentes às questões distributivas, além de ser um modelo que se distancia da despolitização das lutas sociais, que são diversas e complexas.

Assim, Nancy Fraser discute três problemas centrais que a teoria do reconhecimento apresenta; o primeiro é deixar de lado as questões materiais referentes à justiça distributiva, pois não está claro que o conceito de reconhecimento contempla as lutas por redistribuição; o segundo seria o reconhecimento ser uma categoria que esconde e intensifica o separatismo e dominação entre grupos; e o terceiro seria um déficit político na teoria de reconhecimento, ao propor incluir questões de distribuição e de representação.

Dessa forma, por meio de crítica a esses pontos da teoria do reconhecimento, Nancy Fraser aponta um modelo crítico que coloca na centralidade não apenas o reconhecimento, a redistribuição ou a representação, mas a indissociabilidade entre eles.

1.2.4 O modelo crítico de Nancy Fraser

Nancy Fraser é uma pensadora contemporânea em filosofia política, atualmente, professora de Filosofia e Política na New School for Social Research, Nova Iorque, Estados Unidos.

Em 1969, ela se formou em Filosofia e defendeu seu doutorado em 1980, na *City University of New York* (Bressiani, 2020). Em sua trajetória, Nancy Fraser se dedicou a alguns assuntos, mas teve três grandes temas de interesse que sempre estiveram presentes: Feminismo (Fraser, 2013; 2007), Justiça (Fraser, 1997; 2008) e Capitalismo (Fraser; Jaeggi, 2018; 2020; Fraser, 2020). Dessa forma, ela traz em sua produção características de suas experiências na política, como militante, trazendo um engajamento em movimentos sociais, principalmente contra a segregação racial nos Estados Unidos, em movimentos estudantis e mais tarde em lutas feministas (Fraser, 2007).

Fraser (2003b, p. 57), afirma que a melhor definição do que é Teoria Crítica foi apresentada por Marx, em 1843, como "a auto clarificação das lutas e das vontades da época", ou seja, trata-se de um movimento de reflexão e conscientização sobre as forças e motivações que impulsionam lutas contemporâneas, permitindo articulações mais precisas para reivindicações e estratégias em relação ao contexto social e histórico em que estão inseridos.

Nancy Fraser desenvolveu grande parte de sua teoria baseada nos trabalhos desenvolvidos por Jürgen Habermas, principalmente, tecendo críticas à distinção entre "sistema" e "mundo da vida". Para Habermas, o sistema possui propriedades estruturais e o mundo da vida tem propriedades hermenêuticas, mas para Fraser, todas as instituições possuem as duas dimensões: estruturais e interpretativas e tudo deve ser estudado de forma hermenêutica e estrutural (Campillo, 1993, p.31). Assim, Nancy Fraser afirma uma necessidade de introduzir outras temáticas como gênero nas discussões por meio da crítica ao marco teórico da Teoria da Ação Comunicativa, desenvolvida por Habermas. Dessa forma, Fraser se debruça em estudos referente a redistribuição e reconhecimento e discute sobre as questões de gênero a partir dessa perspectiva.

Por anos, pesquisadores e filósofos defenderam uma teoria de justiça voltada para a redistribuição como Rawls, ou para o reconhecimento como Young, segundo Fraser (2022, p. 246) o objetivo é "desenvolver uma teoria *crítica* do reconhecimento, uma teoria que identifique e defenda apenas as versões da política cultural da diferença que possam ser coerentemente combinadas com políticas sociais de igualdade".

Nancy Fraser discute sobre a questão de redistribuição, relacionada com a desigualdade material presente no mundo, e também sobre a questão de reconhecimento, relacionada com aspectos simbólicos e culturais.

Em discussões com alguns autores, como Rainer Forst[32], Nancy Fraser foi questionada por defender uma teoria apolítica, dizendo que a questão política não fazia parte do seu debate e seu olhar estava direcionado apenas para a dimensão econômica e cultural, a partir dessas discussões a autora teoriza a terceira dimensão nomeando-a de representação. Segundo Fraser (2009),

> distribuição e reconhecimento são políticos por natureza, no sentido de serem contestados e permeados por poder; e eles, frequentemente, têm sido tratados como elementos que demandam a tomada de decisão do Estado. Mas eu considero o político em um sentido mais específico, constitutivo, que diz respeito à natureza da jurisdição do Estado e das regras de decisão pelas quais ele estrutura as disputas sociais. O político, nesse sentido, fornece o palco em que as lutas por distribuição e reconhecimento são conduzidas. Ao estabelecer o critério de pertencimento social, e, portanto, determinar quem conta como um membro, a dimensão política da justiça especifica o alcance daquelas outras dimensões: ela designa quem está incluído, e quem está excluído, do círculo daqueles que são titulares de uma justa distribuição e de reconhecimento recíproco (2009, p.19).

Dessa forma, para Nancy Fraser, as injustiças sociais devem ser analisadas pelas três dimensões: reconhecimento, redistribuição e representação, sendo que a terceira dimensão, a política fornece os subsídios para que as outras duas dimensões aconteçam. Segundo Correia (2021, p. 70) "para um cidadão participar da esfera pública, em pé de igualdade, deve ter reconhecimento e condições socioeconômicas mínimas, assim, alcançaremos uma concepção abrangente de justiça". Assim, ao acrescentar a terceira dimensão, Nancy Fraser propõe uma dimensão relacionada ao aspecto político que visa uma representação dos cidadãos como sujeitos iguais na sociedade.

1.2.5 Uma busca não apenas por reconhecimento, mas também por redistribuição e representação

A partir da teoria da justiça que Nancy Fraser participa do debate contemporâneo da Teoria Crítica sobre Reconhecimento, no grupo de pesquisa[33] no qual participo e tem como um dos coordenadores a Deise, minha orientadora, há pesquisas sendo desenvolvidas que demonstram a potencialidade de Nancy Fraser para discutir a temática. Em suas formulações iniciais, Nancy Fraser não direciona apenas o reconhecimento como essencial para a justiça social, ela defende que a redistribuição e a representação também estejam alinhadas ao reconhecimento, pois essas são questões diretamente relacionadas à produção de injustiças

[32] filósofo alemão conhecido principalmente por suas contribuições ao campo da filosofia política e da teoria da justiça. Ele é professor de Filosofia na Universidade Goethe em Frankfurt, na Alemanha.

[33] Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Avançadas em Currículo (NIPAC), Coordenadores: Profa. Assoc. Deise Aparecida Peralta e Prof. Assoc. Harryson Júnio Lessa Gonçalves. Grupo de Trabalho em Teoria Crítica e Educação em Ciências e Matemática (GTCEM).

sociais (Fraser, 2006; 2009; 2017; 2022). Para Fraser (2022, p. 28) “devemos nos ver com uma nova tarefa intelectual e prática: desenvolver uma teoria *crítica* do reconhecimento, uma teoria que identifique e defenda apenas as versões da política cultural da diferença que possam ser coerentemente combinadas com políticas sociais de igualdade” ela ainda acrescenta “ao formular esse projeto, pressuponho que a injustiça hoje requer *ambos*, redistribuição *e* reconhecimento” e mais tarde ela acrescenta a representação.

Nessa concepção tridimensional de justiça, redistribuição, reconhecimento e representação, se inserem, respectivamente, em três dimensões: a socioeconômica, a cultural ou simbólica e a política, que são independentes e irredutíveis entre si (Correia, 2021). Na dimensão socioeconômica é possível identificar injustiças que estão relacionadas à submissão econômica e a desigualdade de classe, nas quais a estrutura econômica de determinada sociedade explora e marginaliza seus cidadãos, reforçando a injustiça distributiva, com uma concentração desigual de riquezas. Já na dimensão cultural, existem injustiças que são ocasionadas por padrões institucionalizados de dominação, que “privam os cidadãos de representatividade social, comunicativa ou interpretativa” (Correia, 2021, p. 21). Na dimensão política, a falsa representação se apresenta nos obstáculos políticos à paridade participativa.

Dessa forma, a má redistribuição se relaciona com os impedimentos econômicos e o falso reconhecimento está relacionado com os impedimentos simbólicos e culturais. Ambos estão interligados e “precisam ser entendidos para conhecer a diferença histórica para a paridade de participação” (Correia, 2021, p. 22).

Como apresento acima, após discussões e debates, Fraser (2009) propõe que as injustiças sociais são melhores diagnosticadas quando olhamos para essas três vertentes: redistribuição, reconhecimento e representação[34].

Para combater essas injustiças Nancy Fraser em seu modelo bidimensional, propõe remédios afirmativos e transformativos para remediarem as injustiças sociais, a partir dos quais os primeiros são destinados a correção de efeitos desiguais de arranjos sociais sem afetar a estrutura que lhe sustenta e o segundo que também corrige os efeitos desiguais, mas por meio da remodelação da estrutura. É importante ressaltar que para a terceira dimensão (representação), até o momento, Fraser, não discute sobre remédios afirmativos/transformativos como fez para as outras duas dimensões. Para compreender um pouco mais discuto cada uma dessas dimensões e quando houver, seus possíveis remédios.

[34] Fraser já trazia em suas discussões anteriores a paridade de participação, no qual trazia algumas reflexões relacionadas às questões políticas e tomadas de decisões, mas com a terceira dimensão essas questões ganharam mais destaque e se entrelaçaram a questão de reconhecimento e redistribuição.

1.2.5.1 Redistribuição

A redistribuição nos permite uma reestruturação econômica que se relaciona com dois pontos de vista, filosófico e político, no primeiro, procura-se padrões ou normas que possam ser refletidas na justiça e o político se relaciona com as lutas sociais dentro da esfera pública (Correia, 2021). As questões de redistribuição vêm criticar as injustiças que se relacionam com, por exemplo, “baixo salário, expropriação e exploração dos trabalhadores, trabalho doméstico não remunerado e as diferenças entre trabalhos específicos para os homens e os trabalhos específicos para as mulheres” (Correia, 2021, p.34). O que mostra a necessidade de uma redistribuição de recursos econômicos, assim como reavaliar as formas de trabalho e suas respectivas remunerações, buscando modificações na estrutura da sociedade.

A má redistribuição ocasiona obstáculos econômicos que dificultam a participação do indivíduo em sociedade, privando-os de uma melhor qualidade de vida e sendo submetido à exploração e privação de um padrão de vida adequado.

Nancy Fraser apresenta algumas soluções, nas quais ela chama de remédios para a injustiça, e os divide em duas categorias: os remédios afirmativos, que são destinados a correção de efeitos desiguais de arranjos sociais, sem afetar a estrutura que lhe sustenta e os remédios transformativos que, assim como os afirmativos corrige os efeitos desiguais, mas por meio da remodelação da estrutura (Fraser, 2022).

Assim, identifico como remédio para a injustiça econômica algum tipo de reestruturação político-econômica. O que pode implicar, por exemplo, na redistribuição de renda e na reorganização da divisão de trabalho.

Os remédios afirmativos de redistribuição podem ser identificados como os programas do governo, que fornecem auxílio financeiro para as populações mais carentes, mas entendo que esse tipo de recurso não elimina as diferenças das classes sociais, na verdade, “sustentam-na, pois oferecem a ajuda material mínima necessária para a subsistência, além de criar estratificações sociais” (Correia, 2021, p. 35).

Os remédios transformativos estão relacionados à redução das desigualdades sociais, desestruturando a cultura dominante enraizada, incentivando assim, a união dos cidadãos e que estes sejam solidários entre eles.

1.2.5.2 Reconhecimento

A questão do reconhecimento está relacionada com os padrões de valorização cultural enraizados na sociedade, segundo Fraser, “o reconhecimento remete, então, a uma questão de posição social. O não reconhecimento, ao contrário, significa subordinação social, no sentido de ser privado de participar como igual na vida social” (2013, p. 752).

O reconhecimento caracteriza uma relação de troca ideal entre os sujeitos, na qual cada um vê o outro como igual, mas também como diferente. “Se estima que esta relação é constitutiva da subjetividade: um se converte em sujeito individual só em virtude de reconhecer outro sujeito e ser reconhecido por ele” (Fraser, 2006b, p. 20). Ou seja, é necessário se reconhecer enquanto sujeito coletivo, através das suas identificações, mas também como sujeito individual, o qual possui suas particularidades e especificidades enquanto ser.

O reconhecimento está relacionado com as questões culturais ou simbólicas da sociedade. Essas questões envolvem a valorização e a afirmação das culturas de grupos que foram historicamente oprimidos ou desvalorizados.

O falso reconhecimento está relacionado com a desvalorização da cultura, segundo Fraser (2007) “o não reconhecimento é uma questão de impedimentos, externamente manifestados e publicamente verificáveis, a que certos indivíduos sejam membros integrais da sociedade” (p. 114).

O remédio para a injustiça cultural está relacionado a uma mudança cultural ou simbólica. E podem ser afirmativos ou transformadores, vai depender se haverá ou não alteração na estrutura ao promover a superação da injustiça. De acordo com Fraser (2022), muitas vezes os remédios de reconhecimento admitem uma concepção subjacente de redistribuição.

1.2.5.3 Representação

A Representação é uma dimensão que olha para o aspecto político. Essa dimensão política estabelecida por Nancy Fraser está relacionada à sua constituição, jurisdição e formulação de regras para decidir as estruturas que serão aceitas na sociedade. “A dimensão política, portanto, é a esfera onde serão discutidas as decisões que irão colocar em prática a dimensão econômica e cultural na sociedade” (Correia, 2021, p. 78).

De acordo com Fraser (2008), a representação tem o intuito, em parte, de explicar as “injustiças no plano da política ordinária”, que aparecem internamente nas sociedades políticas e quando algumas regras ou tomadas de decisões são tendenciosas e privam a

participação “políticas de pessoas que já contam como membro, assim, privando e prejudicando a sua capacidade para participar como pares na interação social” (p. 22).

De acordo com Fraser (2009)

> A dimensão política da justiça especifica o alcance daquelas outras dimensões: ela designa quem está incluído, e quem está excluído, do círculo daqueles que são titulares de uma justa distribuição e de reconhecimento recíproco. Ao estabelecer regras de decisão, a dimensão política também estipula os procedimentos de apresentação e resolução das disputas tanto na dimensão econômica quanto na cultural: ela revela não apenas quem pode fazer reivindicações por redistribuição e reconhecimento, mas também como tais reivindicações devem ser introduzidas no debate e julgadas. Centrada em questões de pertencimento e procedimento, a dimensão política da justiça diz respeito prioritariamente à representação. Em um nível, pertinente ao aspecto do estabelecimento das fronteiras do político, a representação é uma questão de pertencimento social (Fraser, 2009, p. 19-20).

Assim, a dimensão política é a esfera na qual acontecerão as discussões em relação às decisões que colocarão em prática a dimensão econômica e cultural na sociedade. Quando há injustiças acontecendo nessa dimensão, posso relacioná-la a falsa representação, essa falsa representação pode ocorrer dentro das fronteiras políticas ou de regras decisórias que neguem os sujeitos de participar em pé de igualdade com os demais.

De acordo com Correia (2021) o nome “representação” foi escolhido devido a sua aliteração com as dimensões: reconhecimento e redistribuição, mas, principalmente, pela sua polissemia “que aborda sobre a injustiça de primeira ordem, relacionada à participação política, e, a injustiça no meta nível, relacionada às questões de desenquadramento” (p. 78). Como retratado por Fraser (2008, p. 257) a representação “pode significar tanto enquadramento simbólico quanto participação política”. Para a autora, é de suma importância pensar “a dimensão política da justiça a partir desses dois sentidos e desenvolver a relação entre os dois, porque a concebo em dois níveis”.

A falsa representação identifica um tipo de injustiça que diz respeito “aos obstáculos especificamente políticos à paridade participativa, derivada da constituição política da sociedade e distinta da estrutura da classe e da ordem de status” (Troian, 2020, p. 65). A falsa representação pode acontecer independente das injustiças relacionadas à má redistribuição e falso reconhecimento.

De acordo com Fraser (2009) a falsa representação se dá em dois níveis: falta ou falsa representação política comum, que podem ser exemplificados: os sistemas eleitorais nos quais se constituem grupos minoritários. E o mau enquadramento, que “surge quando os limites da comunidade se fazem de tal maneira que excluem erroneamente a alguns a oportunidade de participar, em absoluto, nos debates acerca da justiça” (Troian, 2020, p. 66).

Nancy Fraser não teoriza remédios afirmativos ou transformativos relacionados à terceira dimensão, mas aponta algumas estratégias para remediar essas injustiças, como: inclui reformas institucionais relacionadas a sistemas eleitorais inclusivos que possua uma representação proporcional de minorias e grupos marginalizados; a participação ativa dos cidadãos nas decisões políticas da comunidade; reconhecer as diferenças e incluir os grupos marginalizados também entra como estratégias para lidar com essas injustiças.

Dessa forma, a dimensão política se torna muito importante e agrega a teoria bidimensional de justiça. Fraser (2008, p. 49-50) reforça que "as três dimensões estão em relações de mútuo imbricamento e influência recíproca" (Fraser, 2008, p. 49-50), todas se relacionam e do mesmo modo que "a capacidade de reivindicar distribuição e reconhecimento depende das relações de representação, também a capacidade de exercer a própria participação política depende das relações de classe e de status".

Assim, a concepção tridimensional de justiça me ajuda pensar tanto na estrutura econômica, como simbólica, cultural e política e em estratégias de luta coletiva, como formas de superar injustiças e opressões de diversas ordens, dentre elas proponho pensar nas lutas feministas.

1.2.6 Feminismo e a teoria tridimensional

Há situações em que não se consegue remédios apenas para a injustiça redistributiva, há questões como a de gênero que necessita de mais de uma dimensão. Fraser chamou essa situação de coletividade bivalente, segundo ela

> Coletividades bivalentes, em suma, podem sofrer da má distribuição socioeconômica e da desconsideração cultural de forma que nenhuma dessas injustiças seja um efeito indireto da outra, mas ambas primárias e co-originais. Nesse caso, nem os remédios de redistribuição, nem os de reconhecimento, por si sós, são suficientes. Coletividades bivalentes necessitam dos dois (Fraser, 2022, p. 233).

Então, pensar na questão de gênero, estabelecendo uma posição de equidade de *status* entre os gêneros, identifica-se uma categoria que necessita ser olhada tanto pela perspectiva da redistribuição como pela perspectiva do reconhecimento, ou seja, como discutido por Fraser, a categoria gênero é bivalente.

Ao propor essa coletividade bivalente, Fraser ainda não havia inserido a terceira dimensão na sua teoria de justiça, e após a inserção, não houve nenhuma teorização que discutisse a representação nessa coletividade, no entanto, a terceira dimensão se refere aos obstáculos na participação política de grupos marginalizados, incluindo as mulheres. Isso significa que além de enfrentar injustiças econômicas e culturais, as questões de gênero

também se deparam com exclusões dos processos políticos de deliberação e tomada de decisões que afetam suas vidas.

A divisão social do trabalho ilustra a situação de categoria bivalente que apresento acima. Na sociedade, temos a separação entre o trabalho remunerado que social e culturalmente está relacionado aos homens e acontece fora do ambiente doméstico, e o trabalho não remunerado que está relacionado às mulheres e se caracteriza como o trabalho doméstico e reprodutivo. O trabalho doméstico e reprodutivo não possui remuneração, além de socialmente ter *status* inferior ao trabalho remunerado, essas duas questões - desvalorização cultural e má remuneração - envolvem duas dimensões propostas por Nancy Fraser, o reconhecimento e a redistribuição. Atrelado a elas, a ausência de paridade participativa nos espaços públicos da sociedade favorece a desigualdade existente.

E, mesmo considerando os trabalhos remunerados, as mulheres são direcionadas a ocupações que são consideradas "femininas" e ainda recebem uma remuneração inferior ao de outros homens que realizam a mesma função. Isso reafirma que a categoria gênero necessita de remédios de redistribuição, nos quais as mulheres têm o mesmo *status* que os homens e quando exercem a mesma função têm a mesma remuneração. E em conjunto, o gênero está diretamente relacionado com os valores culturais, pois "(...) uma característica central da injustiça de gênero é o androcentrismo: a construção autorizada de normas que privilegiam os traços associados à masculinidade" (Fraser, 2006, p. 234); ainda somando a essas duas dimensões insere-se a representação, ocupar espaços que não as excluam do processo político e que possibilite tomada de decisão. Dimensão importante e que vai amparar e dar suporte às demais.

Dessa forma, Fraser (2022) apresenta uma sistematização entre os aspectos de justiça, redistribuição, reconhecimentos e representação e os remédios para as injustiças, os afirmativos e transformativos. A autora discute as potencialidades das combinações entre eles para uma efetiva correção à injustiça de gênero.

Segundo Fraser (2022), o cenário que melhor discute o dilema redistribuição-reconhecimento seria a combinação entre a redistribuição transformadora, que "se destina à correção da injustiça de gênero na economia e consiste em uma forma de feminismo socialista ou social-democracia feminista" (p. 54) e o reconhecimento transformador que "se destina à concepção da injustiça de gênero na cultura e consiste em uma desconstrução feminista do androcentrismo por meio da desestabilização das dicotomias de gênero" (p. 54) e em relação à representação, que se destina à concepção da injustiça na paridade participativa, e que não é

apresentado diretamente por Fraser, mas entendo que a sua contribuição na coletividade bivalente se insere ao lidar com as exclusões na participação dos processos políticos, promovendo processos decisórios que incluam as vozes das mulheres e leve em consideração suas perspectivas e ainda incentive e apoie a liderança feminina em todas as áreas.

Assim, a teoria tridimensional de Fraser fornece uma estrutura para entender e combater as várias formas de injustiças que as mulheres sofrem. Ao olhar para as três dimensões: redistribuição, o reconhecimento e a representação, é possível identificar de forma abrangente questões econômicas, culturais e políticas. É interessante ressaltar que devido às diversas interações, de raça, classe, gênero, entre outros fatores a teoria tridimensional visa complementar nas lutas pela superação das injustiças, mas a proposta aqui é compreender se essa teoria consegue dar suporte necessário quando se relaciona algumas interseccionalidade como a maternagem e a atuação na área das exatas.

Para pensar em outras interseccionalidades como o cuidado, Fraser discute três tipos de respostas feministas para o que seria a justiça social pela perspectiva gênero nesse contexto apresentado. Segundo Pamplona (2018, p. 3)

> i) a primeira - *Universal Breadwinner mod*el - visa promover a justiça através da participação das mulheres como trabalhadoras através de serviços como creches.
> ii) a segunda - *CaregiverParity model* - busca promover a justiça de gênero através do *carework* informal com subsídios estatais para os cuidadores.
> Diante do impasse, a autora propõe uma terceira saída:
> iii) os homens devem ser mais parecidos com as mulheres na medida em que se tornam responsáveis pelo *carework.*

De acordo com Nancy Fraser, a única saída é juntar as duas primeiras opções e resultar na terceira proposta, o que exige uma mudança cultural, na qual homens e mulheres tenham obrigações públicas e privadas, de modo que o cuidado e o sustento sejam realizados por ambos.

Ao adentrar no mercado de trabalho, as mulheres passaram a realizar ambos os serviços, público e privado. O cuidado com filhos, pais e parentes que antes, na sua maioria, eram designados às mulheres continuou sendo realizado por elas, mas com diversas atribuições e demandas conciliar os dois trabalhos trouxe uma grande sobrecarga. A pausa e/ou adiamento do trabalho reprodutivo decorrente das exigências de produtividade e efetividade é algo presente na vida de muitas mulheres, grandes empresas propõem a suas funcionárias opções de congelamento de óvulos, para que a maternidade possa ser adiada e não “atrapalhar” sua carreira e anos produtivos (Fraser, 2023). Todas essas questões culminaram no que Nancy Fraser chama de crise do cuidado. Segundo a autora,

> essa crise diz respeito às pressões que, provindas de diversas direções, estão a espremer, atualmente, um conjunto-chave de capacidades sociais: as capacidades sociais disponíveis para dar à luz e criar crianças, cuidar de amigos e familiares, manter lares e comunidades mais amplas e, de modo mais geral, sustentar conexões. Historicamente, esses processos de "reprodução social" foram e continuam a ser representados como trabalho das mulheres, embora também os homens sempre tenham desempenhado uma parte dele. Tal trabalho, constituído tanto de labor afetivo como de labor material e frequentemente realizado sem paga, é indispensável para a sociedade. Sem ele, não poderia haver qualquer cultura, qualquer economia, qualquer organização política. Nenhuma sociedade que mine a reprodução social de modo sistemático pode durar por muito tempo. Hoje, porém, uma nova forma de sociedade capitalista está fazendo exatamente isso. O resultado é uma crise enorme, não só do cuidado, mas da reprodução social nesse sentido mais amplo (Fraser, 2020, p.261).

Como visto acima, com a terceira resposta trazida por Nancy Fraser, a crise do cuidado poderia ser minimizada, não sobrecarregando apenas as mulheres com essas tarefas, mas tornando o cuidado como função de ambos os cuidadores. A mudança cultural em relação à valorização da maternidade e maternagem também é essencial para mudar a ideia de que o trabalho reprodutivo atrapalha as carreiras das mulheres, e para isso são necessárias ações que deem suporte para realizar ambos os trabalhos sem que ninguém se sobrecarregue.

Dessa forma, para discutir as questões que envolvem as injustiças sofridas pelas mulheres no decorrer da história é necessário observar e refletir não apenas sobre redistribuição no sentido da entrada no mercado de trabalho e em ambientes que antes não eram ocupados pelas mulheres, mas também é necessário pensar sobre o seu reconhecimento científico e cultural, e há paridade participativa e como isso tem refletido na História da Matemática e na Educação Matemática.

1.2.6.1 Feminismos: diferença, igualdade, diferença entre as mulheres e múltiplas diferenças

Ao longo da história, para que as mulheres ganhassem espaço para discussão, foi necessário defender que para haver uma emancipação feminina, seria necessário superar as diferenças de gênero, dessa forma, reconhecer que as mulheres são igualmente capazes que seus pares homens e poderiam participar igualmente na sociedade.

Esse debate esteve presente até meados de 1970, quando as feministas pela igualdade questionaram a noção de igualdade de gênero como androcêntrica, pois ao igualarem as mulheres aos homens, partiu-se de um padrão masculino, trazendo atividades e formas ligadas a masculinidade, deixando de lado os aspectos relacionados às suas características.

> [...] as defensoras da igualdade viam a diferença de gênero como algo que servia à dominação masculina. Para elas, as principais injustiças do sexismo eram a marginalização das mulheres e a má distribuição de bens sociais. Equidade de

> gênero significava, em suma, participação e redistribuição iguais (Fraser, 2022, p. 209).

Dessa forma, as feministas pela diferença defendiam que para a mulher ser emancipada seria necessário o "reconhecimento da diferença de gênero e não a sua superação. Seria preciso lançar mão de políticas de identidade, valorizando as características e atividades associadas à feminilidade, como a sensibilidade e o cuidado" (Bressiani, 2020, p 78).

> As feministas da diferença, em contrapartida, entendiam a diferença de gênero como o pilar da identidade das mulheres. Para elas, portanto, o androcentrismo era o principal problema do sexismo. Equidade de gênero era fundamentalmente uma questão de reconhecimento e revalorização da feminilidade (Fraser, 2022, p. 209).

Segundo Fraser (2022), esse debate durou vários anos, mas nunca foi definido, pois cada lado tinha críticas convincentes. As defensoras da diferença mostraram que as igualitárias pressupunham o "masculino como norma" e as igualitárias argumentavam que as feministas da diferença partiam de noções estereotipadas da feminilidade que reforçavam as hierarquias de gênero existentes. Assim, as feministas tinham que desenvolver "uma perspectiva que se opusesse simultaneamente à desigualdade social e ao androcentrismo cultural" (Fraser, 2022, p. 210). Logo, essa perspectiva combinaria uma política de redistribuição e reconhecimento e que elas acontecessem simultaneamente.

Em meados da década de 1980, o debate mudou e o foco na "diferença de gênero" deu lugar a um foco na "diferença entre as mulheres", essa mudança se deu, em grande medida, do trabalho de lésbicas e feministas não brancas.

> Por muitos anos, elas protestaram contra formas de feminismos que não explicavam sua vida ou não falavam de seus problemas. As afro-americanas, por exemplo, invocavam sua história de escravidão e resistência, de trabalho assalariado e ativismo comunitário para questionar os pressupostos de uma dependência universal das mulheres em relação aos homens e de seu confinamento à domesticidade. Enquanto isso, feministas latinas, judias, indígenas e ásio-americas protestavam contra a referência implícita às mulheres brancas anglo-saxãs nos textos do feminismo dominante. Lésbicas, por fim, demarcavam os pressupostos de heterossexualidade normativa nas concepções feministas clássicas de maternidade, sexualidade, identidade de gênero e reprodução (Fraser, 2022, p. 210)

Como no retrato acima, o feminismo dominante nos Estados Unidos não era para todas as mulheres, deixava de lado eixos de subordinação como classe, raça, etnicidade, nacionalidade e sexualidade. Era necessário olhar e considerar as diferenças existentes entre as mulheres. E todas as lutas feministas deveriam ser olhadas e vinculadas a esses eixos de subordinação, às questões de gênero não podiam ser pensadas isoladamente.

O resultado desses questionamentos foi a mudança no foco do debate e por volta de 1990, se iniciou a discussão na qual a proposta seria deslocar da "diferença entre as mulheres" para as "múltiplas diferenças interseccionadas". Segundo Bressiani (2020) as principais

intervenções de Fraser sobre o feminismo fazem parte desta fase do debate no qual ela assume uma posição ambígua. Fraser reconhece que houve ganhos nos debates trazidos anteriormente, mas que também houve problemas importantes que foram marcados “por um esquecimento da questão da desigualdade econômica e por uma reposição do impasse diferença/igualdade em termos mais amplos, para abarcar diversos outros grupos sociais” (Bressiani, 2020, p. 80).

Esse debate se debruçou em questões de identidade de grupo e de diferença cultural e se dividiu em duas concepções: antiessencialista e multiculturalista, mas mesmo trazendo discussões relevantes para o debate, elas ainda trouxeram alguns problemas. Segundo Fraser (2020, p. 15), um desses problemas foi a unilateralidade de identidade e diferença e para a autora “a concepção antiessencialista é cética e negativa; ela entende todas as identidades como inerentemente repressivas e todas as diferenças como inerentemente excludentes”. Já a concepção multiculturalista “celebra as diferenças e as vê como positivas; entende todas as identidades como dignas de reconhecimento e todas as diferenças como dignas de afirmação”.

O segundo problema foi a perda no foco na redistribuição e no reconhecimento, pois ambas antiessencialista e multiculturalista se preocupavam com injustiças de não reconhecimento cultural e também negligenciam as injustiças político-econômicas decorrentes da má distribuição (Fraser, 2020).

Assim, Fraser traz uma compreensão democrática radical de justiça e igualdade social e “afirma que as identidades só seriam livres e democráticas em uma sociedade justa na qual todos pudessem participar como pares na vida social” (Bressiani, 2020, p. 81), ou seja, que tivesse paridade participativa, e nesse momento mesmo sem nomear é discutida a terceira dimensão da tridimensionalidade.

A autora ainda propõe analisar o reconhecimento cultural “tomando-o como uma questão de *status* e vinculando-o à redistribuição material” (p. 82). E, de acordo com a perspectiva de *status*, o falso reconhecimento ou o não reconhecimento “são compreendidos como resultados de padrões institucionalizados e hierárquicos de valoração cultural que impedem que grupos e indivíduos participem igualmente da vida social” (Bressiani, 2020, p. 82).

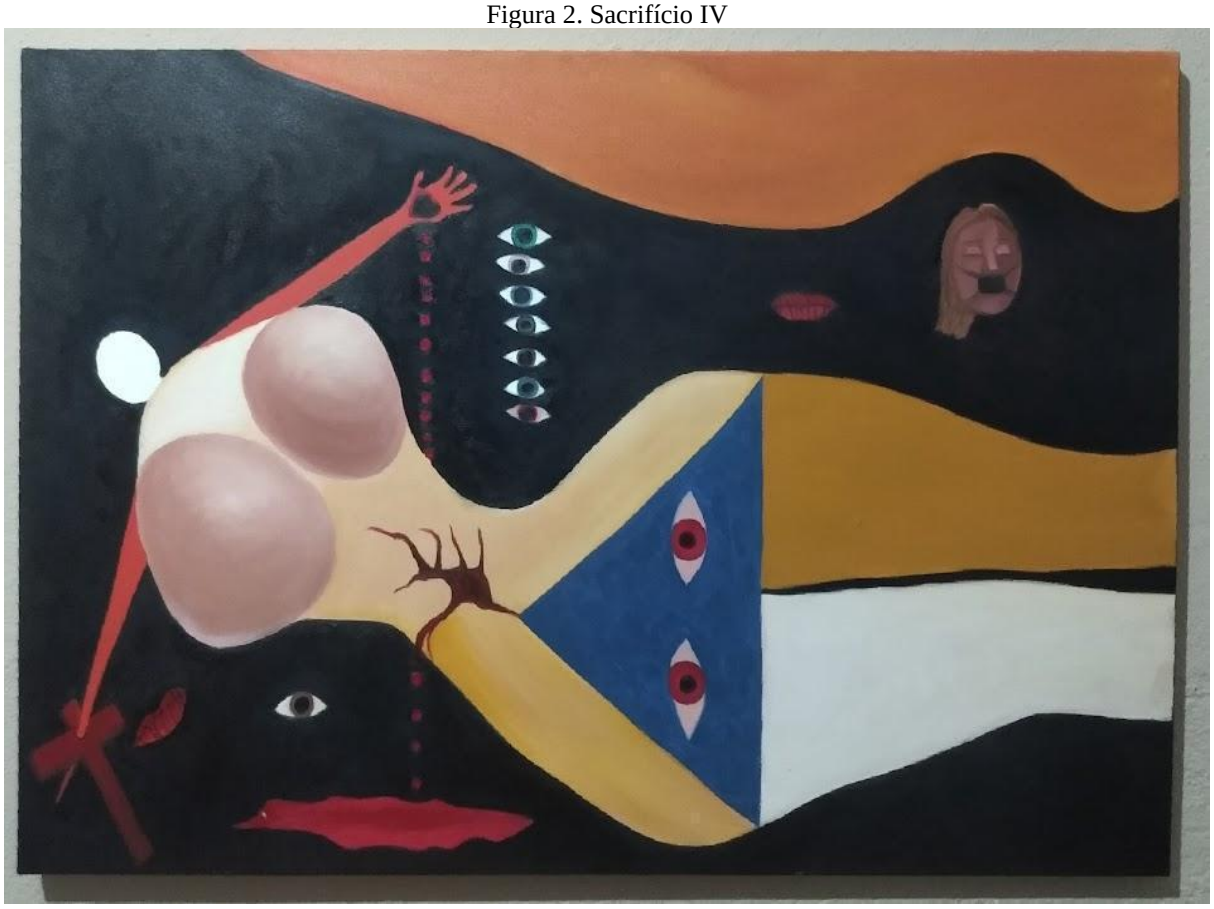
A partir disso, defendo nesta pesquisa que as mulheres devem ocupar lugares que são construídos pensados nelas e em suas especificidades, somos seres diferentes e com necessidades distintas, como consequência, nossas observações e percepções da história, da política e da ciência também serão distintos. Assim, é necessário que haja uma perspectiva

que combine uma política de redistribuição com uma política de reconhecimento e representação e que elas integrem as exigências culturais e sociais oportunizando paridade participativa (Fraser, 2022).

Dessa forma, pensar nas injustiças sociais que abarcam as questões das mulheres do decorrer dos anos me instiga a refletir sobre a tridimensionalidade (redistribuição, reconhecimento e representação), e quando acrescento a essa reflexão questões como a maternagem e o exercício da docência em área das exatas como a Matemática o olhar se torna cada vez mais específico e identifico uma exclusão histórica repleta de injustiças, falso reconhecimento, má distribuição e falsa representação.

Na próxima seção, apresento um percurso histórico das mulheres na sociedade e na docência assim como a sua relação com a Matemática e a maternagem, compreendendo como as questões de redistribuição, reconhecimento e representação perpassam nessas temáticas.

Figura 2. Sacrifício IV



Fonte: Arquivo pessoal, Valdete Campos.

Salve todas

Um salve pras mulheres narigudas,
Pras magras, pras barrigudas,
Pras rainhas da nossa nação.
Eu amo as depiladas e as peludas,
As carecas, cabeludas,
Meu grito é pela união.
Um cheiro pras devotas, pras miúdas,
Pras hereges, pras peitudas,
Todas moram aqui: no meu coração.
Eu canto pras solteiras, pras casadas,
Pras virgens, pras taradas,
Pra vocês é que compus essa canção.
Mulheres, mulheres.
De tantas formas, tantas cores, tantas peles.
Divinas, amadas.
Quero acordar num mundo em que seremos todas
Respeitadas.

Reverencio as artistas, produtoras, e, claro, compositoras,
Delas nasce a minha inspiração.
Também, das mães e das donas de casa.
Liberdade é ter asa pra voar em qualquer direção.
Joyces, Anas, Zélias e Teresas,
Saibam que as suas grandezas inspiraram minha geração.
Cristinas, Julianas e Marias,
Creiam, pois as suas filhas
Com certeza lhes orgulharão.

Mulheres, mulheres.
De tantas formas, tantas cores, tantas peles.
Divinas, amadas.
Quero acordar num mundo em que seremos todas
Respeitadas.
Quero acordar num mundo em que seremos todas,
Todas, todas
Pretas, brancas,
Crespas, loiras,
Cis ou trans
Nossas irmãs,
Amarelas, todas elas
Respeitadas.
Respeitadas.

Antonia Medeiros

O que é uma mulher? Eu lhes asseguro, eu não sei.
Não acredito que vocês saibam. Não acredito que
alguém possa saber até que ela tenha se
expressado em todas as artes e profissões abertas
à habilidade humana.
Virginia Woolf

1.3 Mulheres, Matemática, Maternagem: dilemas de reconhecimento, redistribuição e representação

Este trabalho visa discutir a relação entre mulheres, maternagem e a presença feminina nos cursos de Licenciatura em Matemática a partir das experiências de docentes da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp), em uma perspectiva de reconhecimento, redistribuição e representação, segundo o modelo de justiça social de Nancy Fraser. Sabemos que por muitos anos, as mulheres ficaram de fora da história, seja da geral como a da Matemática; sua trajetória foi invisibilizadas por anos, mas através dos resgates históricos, conseguimos preencher algumas lacunas. Para tecer compreensões sobre o processo histórico das mulheres na docência e na Matemática, é necessário compreender como foi a sua relação com a sociedade no decorrer dos anos, compreendendo também questões que envolvem a maternagem e a docência.

1.3.1 Ser mulher em uma sociedade patriarcal

Desde há muitos anos, as mulheres foram ocultadas da história, segundo Perrot (2007, p.21) "sua presença é frequentemente apagada, seus vestígios, desfeitos, seus arquivos, destruídos. Há um déficit, uma falta de vestígios", mesmo com buscas e estudos acerca da história das mulheres, é possível perceber que na maior parte do tempo não havia reconhecimento de suas contribuições no decorrer da história, os olhares de quem escreveu a história não estava nem um pouco preocupado em inseri-las em seus escritos.

Com o intuito de preencher um pouco dessa lacuna, busco fazer um resgate da história dessas mulheres no decorrer dos anos. Durante o período paleolítico até o neolítico, as tribos nômades viviam e se mantinham através do que a natureza lhes oferecia, nessa época, não havia armas para a caça de grandes animais. As tribos tinham um regime matricêntrico, a mulher era tida como sagrada, pois, tinha a capacidade de reprodução e não havia diferenciação expressiva entre homens e mulheres (Muraro, 1993). Com a introdução à agricultura, as mulheres e os homens realizavam os mesmos trabalhos de cultivo e as tribos

foram cada vez mais ocupando e se fixando em determinadas regiões e formando as aldeias, onde viviam do que plantavam. Alguns historiadores dizem que a dominação masculina se iniciou juntamente com a produção do arado, pois era necessária força para manuseá-lo, e com isso os homens passaram a ser mais valorizados (Lerner, 2021).

Saffioti (2015, p. 63) retrata que "a divisão sexual do trabalho nas sociedades de caça e coleta não se explica pela maior força física do homem, pois há sociedades nas quais cabe às mulheres a caça". Ela traz que a hipótese mais aceita seria a necessidade de a mulher amamentar seus filhos, para isso elas teriam que carregá-los em seus braços ou amarrados às costas, e ao caçar, é necessário silêncio e artimanhas, a criança nem sempre auxiliava, chorando e espantando as presas, dessa forma elas ficaram incumbidas do cultivo da agricultura.

Dessa forma, a mulher foi designada a cuidar da agricultura, da comida e das plantações, enquanto os homens se mantiveram na caça. Segundo Lerner (2021), o ponto crucial para a criação do patriarcado foi o homem tomar conhecimento sobre a forma de reprodução, e, podendo controlá-la, passa a controlar a sexualidade feminina. Nas palavras de Muraro (1993, p. 6), "ao contrário da mulher, que possuía o 'poder biológico', o homem foi desenvolvendo o 'poder cultural' à medida que a tecnologia foi avançando".

Assim, quanto mais filhos, mais soldados e mais mão-de-obra barata para arar a terra. A sexualidade das mulheres era controlada pelos homens, os casamentos eram arranjados, a mulher tinha que até o casamento permanecer virgem e sem nenhum escândalo ou difamação. Destarte, a mulher ficou reduzida ao âmbito doméstico ocupando o espaço privado da sociedade, saindo da casa dos pais para o domínio do marido, perdendo "qualquer capacidade de decisão no domínio público, que fica inteiramente reservado ao homem" (Muraro, 1993, p. 7-8). Segundo Muraro (1993) "a dicotomia entre o privado e o público torna-se, então, a origem da dependência econômica da mulher, e esta dependência, por sua vez, gera, no decorrer das gerações, uma submissão psicológica que dura até hoje" (p. 7-8).

Na idade média, período da história que predominava os valores cristãos, a mulher era designada às tarefas do lar, estando restrita ao espaço privado da sociedade. Entendo que havia transgressoras em vários episódios da história, mulheres que cuidavam do próprio comércio, que saiam para caçar, que eram chefes de família ou possuíam posses e se sustentam, mas em sua maioria, as mulheres eram destinadas ao cuidado, seja em casa ou em enfermarias. É interessante ressaltar que essas transgressoras podiam ter a independência financeira ou a não dependência direta de um homem, mas diante daquela sociedade elas não

eram reconhecidas, mas sim excluídas por não se enquadrarem dentro dos padrões estabelecidos.

A relação das mulheres com a natureza era próxima, possuindo conhecimento das ervas e, com isso, auxiliavam na cura de doenças e enfermidades. Podemos observar a relação entre os espaços públicos e privados assim como as ocupações das mulheres de acordo com sua classe social nos dizeres de Muraro (1993)

> A dicotomia público/privado começou a emergir de novo no início da Idade Média. Em geral, as mulheres fiavam, teciam, cuidavam dos animais e das hortas, enquanto os homens faziam o trabalho agrícola mais pesado e as guerras. As senhoras de alta estirpe, contudo, na ausência dos maridos, eram obrigadas a gerir suas vastas propriedades. Assim, o papel econômico das mulheres expandia-se ou se contraia com a presença ou ausência dos homens e a ausência era mais comum. Muitas vezes, as mulheres mais pobres eram obrigadas a participar da lavoura pesada. E isto era tão frequente que incluía as mulheres que assumiam o controle dos domínios de seus maridos que eram padres (p. 110).

Outro momento que merece destaque é o "caça às bruxas", que de acordo com Federici (2019, p. 48) "a caça às bruxas se coloca na encruzilhada de um aglomerado de processos sociais que prepararam o caminho para o surgimento do mundo capitalista moderno". Com a venda de produtos e a expansão do cristianismo, saber curar através das ervas e conhecer a natureza tão bem foi uma ameaça às estratégias capitalistas e à expansão da sociedade patriarcal.

Com isso, as mulheres que possuíam esse saber foram chamadas de bruxas e queimadas na fogueira, sendo milhares de mulheres queimadas e mortas. Segundo Muraro (1993, p. 111) a maioria das pessoas executadas por bruxaria eram mulheres, cerca de 85%, "muitas delas eram velhas e viúvas ou solteironas, isto é, mulheres que não possuíam homens para as protegerem, e cujos pedaços de terra ou os poucos bens eram cobiçados por vizinhos".

É importante evidenciar que ao mesmo tempo em que as mulheres eram queimadas na fogueira e acusadas de terem ligações com o demônio, era criado um ideal de mulher, aquelas que pertenciam às classes dominantes, principalmente as mulheres dos senhores de terra.

Diante disso, as mulheres foram cada vez mais saindo da posição pública, deixando de conhecer sobre o seu corpo e seus ciclos, passando a ocupar espaços privados, sendo designada a cuidados domésticos e a reprodução. Como retratado por Fraser (2023, s/n) "as sociedades capitalistas separam a reprodução social da produção econômica, associando a primeira às mulheres e obscurecendo sua importância e seu valor". Isso, falando de mulheres brancas de classes altas. Quando penso nas interseccionalidades como, por exemplo, as mulheres negras e de classe baixa da caça às bruxas elas foram escravizadas, e as que não

trabalhavam na lavoura eram designadas a serviços como: cozinhar, limpar, serem amas-de-leite e até mesmo serem exploradas e violentadas sexualmente ou ficarem à margem da sociedade. O que corrobora com Federici (2019) ao dizer que

> a população africana escravizada, as comunidades camponesas expropriadas na África e na América Latina e os povos indígenas massacrados na América do Norte seriam parentes próximos das bruxas europeias dos séculos XVI e XVII – estas, assim como esses grupos, tiveram suas terras comuns confiscadas, vivenciaram a fome produzida pela mudança para a agricultura comercial e viram sua resistência ser perseguida como sinal de um pacto diabólico (p. 48).

Desde a inquisição até a escravidão, mulheres, negros e indígenas eram excluídos e marginalizados da sociedade. Aquelas mulheres brancas e que possuíam uma boa condição econômica ficaram encarregadas do cuidado da casa e das crianças, tendo acesso à educação apenas com o objetivo de se tornarem uma boa esposa e mãe, as mulheres negras e indígenas ficaram excluídas e eram exploradas pelas pessoas brancas. Sem reconhecimento, seu nome era ocultado, usando apenas o nome do marido, o que dificultava reconstruir suas linhas ancestrais.

Havia a divisão entre as mulheres que “eram para casar”, que eram aquelas que cumprissem todas as exigências da época, onde não podia sair desacompanhada, se relacionar com outra pessoa antes do casamento dentre tantas outras exigências. E havia as mulheres que ficavam à margem da sociedade, se sustentando através de vendas e trabalhando em bordéis e cabaré, essas não eram dignas de matrimônio, apenas para diversão.

A questão de classe dividia as mulheres em diversas funções. Desde a migração do campo para a cidade as mulheres se ocupavam de alguma forma de trabalho, e ele se dividia de acordo com a sua condição financeira. Segundo Perrot (2007, p. 115) uma das ocupações que a mulher teve no decorrer da história foi o trabalho doméstico e este pode ser dividido em três, de acordo com o *status* social e econômico de cada mulher: “a dona de casa de origem humilde, a dona de casa burguesa e a criada, que atualmente deu lugar à empregada doméstica ou à diarista”.

Grande parte das mulheres permaneceram sendo dona de casa durante um bom tempo e com a revolução industrial houve uma grande expansão no mercado de trabalho fazendo com que as mulheres fossem inseridas nas fábricas realizando, em sua maioria, trabalhos na indústria têxtil. A inserção no mercado de trabalho se deu realizando atividades que de certa forma elas exerciam nos espaços privados ou como renda extra.

Ao adentrarem esses espaços, se iniciou os movimentos em prol das melhorias de condições de trabalho e salariais, o que culminou na redução de contratação nesses locais. Devido às guerras mundiais, as mulheres foram retornando a esses lugares, mas ainda com

condições desfavoráveis, ocupando também as funções de cuidadoras seja em enfermarias ou escolas. Fraser (2023, s/n) nos instiga ao dizer que

> Os industriais arrastaram mulheres e crianças para fábricas e minas, ansiosos por seu trabalho barato e sua suposta docilidade. Recebendo uma ninharia e trabalhando longas horas em condições insalubres, esses trabalhadores tornaram-se ícones do desrespeito do capital pelas relações e capacidades sociais que sustentavam sua produtividade (Tilly & Scott, 1987)[35]. O resultado foi uma crise em pelo menos dois níveis: uma crise de reprodução social entre os pobres e as classes trabalhadoras, cujas capacidades de sustento e reposição foram esticadas até o ponto de ruptura, e uma crise de pânico moral entre as classes médias, que ficaram escandalizadas com o que elas entendiam como a "destruição da família" e a "dessexualização" das mulheres proletárias. Essa situação foi tão terrível que até críticos tão inteligentes como Marx e Engels tomaram erroneamente como "final" esse conflito inicial entre produção econômica e reprodução social. Imaginando que o capitalismo havia entrado em sua crise terminal, eles acreditavam que, ao eviscerar a família da classe trabalhadora, o sistema também estava erradicando a base da opressão das mulheres.

Mas de acordo com Fraser (2023, s/n) aconteceu o contrário, "com o tempo, as sociedades capitalistas encontraram recursos para gerenciar essa contradição, e parte da solução foi criar "a família" em sua forma moderna e restrita" o que acarretou na criação de novos significados, intensificando a diferença de gênero e modernizando a dominação masculina.

Após esse período de conflito, as mulheres[36] passaram a ocupar outros lugares de interesse na sociedade, a elas foram destinados o ensino das meninas nas escolas primárias e a função de secretárias em determinados locais, sempre recebendo salários inferiores aos dos homens.

Lélia Gonzalez (2020) mostra a perspectiva da mulher negra na sociedade, enquanto as mulheres brancas estavam indo para as indústrias e escolas, as mulheres negras passaram a ser responsáveis pelo cuidado dessas famílias, sem ter tempo de cuidar da sua própria família. Essa situação exemplifica a crise do cuidado apresentada por Nancy Fraser (2023). Segundo a autora

> No período que imediatamente se sucedeu à abolição, nos primeiros tempos de "cidadãos iguais perante a lei", coube à mulher negra arcar com a posição de viga mestra de sua comunidade. Foi o sustento moral e a subsistência dos demais membros da família. Isso significou que seu trabalho físico foi decuplicado, uma vez que era obrigada a se dividir entre o trabalho duro na casa da patroa e as suas obrigações familiares. Antes de ir para o trabalho, havia que buscar água na bica comum da favela, preparar o mínimo de alimento para os familiares, lavar, passar e distribuir as tarefas das filhas mais velhas no cuidado dos mais novos. Acordar às três ou quatro horas da madrugada para "adiantar os serviços caseiros" e estar às sete ou oito horas na casa da patroa até a noite, após ter servido o jantar e deixado tudo limpo. Nos dias atuais, a situação não é muito diferente (Gonzalez, 2020, p. 40).

[35]TILLY, Louise A.; SCOTT, Joan W. Women, work, andfamily. Lon- don: Routledge, 1987.
[36] Mulheres brancas e de classe média.

Somente na década de 1970, foi que as mulheres puderam adentrar a universidade em busca de uma formação superior, mas ainda assim em alguns cursos o seu ingresso e permanência não aconteciam de maneira efetiva, além de continuar a desigualdade salarial. O acesso à formação superior deu novas oportunidades e possibilidades de ocupar e construir carreiras em diversas áreas de atuação.

É importante fazer um adendo de que mulheres são essas que puderam adentrar os cursos universitários, são mulheres brancas e na sua maioria de classe alta. De acordo com Carneiro (2020, p. 128) "em 1988, cem anos após a tal abolição da escravatura, 79,4% da ocupação trabalhista das mulheres negras encontrava-se em trabalhos manuais. Destas, 51% são empregadas domésticas e 28,4% trabalham como lavadeiras, passadeiras, cozinheiras, serventes etc.".

Durante anos, pessoas não brancas foram proibidas de frequentar e ocupar determinados espaços, não sendo reconhecidas e não tendo condições dignas de trabalho e nem políticas que as amparassem, o Apartheid é um exemplo de segregação racial que se iniciou na África do Sul, mas que também refletiu em outros países, como os Estados Unidos da América (EUA), que como potência econômica tinha grande influência.

Um exemplo dessa segregação foi o trabalho de mulheres negras na Administração Nacional da Aeronáutica e Espaço (NASA), o filme "Estrela além do tempo" [37] dirigido por Theodore Melfi ilustra as dificuldades que as mulheres negras tiveram de entrar na universidade e todas as segregações e preconceitos enfrentados.

Uma ação importante para o ingresso de pessoas negras no ensino superior foi a criação de ações afirmativas nas universidades, com início em algumas universidades e posteriormente a criação de legislações que amparassem o ingresso e permanência nos quesitos raça e classe social foram de suma importância (Carneiro, 2005). Essas ações estão contribuindo para que o número de mulheres negras aumente no ensino superior, mesmo que ainda haja discrepância na paridade de participativa, dificuldades na efetivação de ações afirmativas de ingresso e permanência, e ainda haja pouca representatividade de mulheres negras enquanto docentes e cargos de liderança dentro dessas mesmas universidades.

[37] *Estrelas Além do Tempo* se ambienta nos Estados Unidos, em 1961 (período em que ocorria a Guerra Fria), e narra a história de três Matemáticas afro-americanas – G. Johnson, Dorot Katherinehy Vaughn e Mary Jackson – que trabalham na NASA (Administração Nacional da Aeronáutica e Espaço) e mostra a luta dessas mulheres para alcançarem o devido reconhecimento e dignidade enquanto a segregação racial no país seguia em alta. As protagonistas precisam provar o tempo todo sua competência e excelência em seu trabalho, ao mesmo tempo em que devem superar todas as adversidades impostas pela segregação para poderem subir na hierarquia da agência e fazerem uma real diferença na corrida espacial do contexto em questão (https://cdcc.usp.br/estrelas-alem-do-tempo/).

Nos últimos anos, a mulher tem ocupado diversos lugares e construído carreiras que antes não eram possíveis. Seu acesso a formação acadêmica e profissional tem tido alguns avanços, mas seu reconhecimento em diversos setores ainda precisa ser revisto, questões como má redistribuição de renda e falso reconhecimento ainda são frequentes, pois mesmo com alta qualificação, as mulheres precisam reafirmar seu potencial a todo momento e mesmo ocupando a mesma função ocupada por homens, elas continuam recebendo salários inferiores. Assim, são necessárias políticas que assegurem seus direitos de tomada de decisão, e que ocupando esses espaços o reconhecimento e a redistribuição se tornem possíveis.

Um ponto de destaque neste trabalho é a inserção e a permanência das mulheres na academia, é necessário refletirmos como foi essa inserção, quais mulheres são essas? Quem se beneficia em elas ocuparem determinados lugares, e outros não? Uma profissão que para muitos tem o aspecto do cuidado característica cultural e socialmente designada à mulher. Para essa compreensão vamos investigar como se deu a inserção das mulheres nesse campo.

1.3.2 Aprender, ensinar e pesquisar: mulheres e as lutas por reconhecimento

Para compreender o impacto e a trajetória das mulheres na academia nos é interessante retomar do ponto em que esta é inserida nessa área, a forma com que isso aconteceu e quais foram as intenções, para nos fazer refletir e explorar o ponto que estamos vivendo hoje na academia.

Segundo Louro (1997) o magistério possui diversas facetas, pode ser masculino ou feminino, depende das questões que se deseja envolver. A escola vai se moldando de acordo com a sociedade em que se vive. Desde a época da invasão colonial no Brasil a escolarização era de responsabilidade dos jesuítas, onde estes tinham uma postura paternal e ao mesmo tempo rígida, os professores ensinavam disciplinas a seus alunos.

De acordo com Louro (1997, p. 95) “ao longo da segunda metade do século XIX, vão permitir não apenas a entrada das mulheres nas salas de aula, mas, pouco a pouco, o seu predomínio como docentes”. A partir da reforma pombalista as mulheres brancas e de classe abastada foram permitidas a frequentar as escolas, sendo necessária a contratação de professoras para ensinar esse público. As mulheres e meninas negras eram designadas aos trabalhos domésticos e não eram educadas (Gonzalez, 1982).

Os professores eram separados por gênero, as mulheres eram prudentes e sensatas, ficando responsável de ensinar as meninas, dando destaque ao ensino de tarefas relacionadas ao lar e o cuidado. Os homens ensinavam história, geografia e Matemática aos meninos. Além

de todos os requisitos e exigências para lecionar, as mulheres recebiam um salário bem inferior.

Dessa forma, aos poucos as mulheres foram adentrando esse espaço “vinculando-a à educação dos filhos e filhas” (Louro, 1997, p. 96). Isso fez com que o magistério tivesse uma reformulação, “impondo a necessidade de professoras mulheres e, posteriormente, favorecendo a feminização da docência” (op.cit.).

Assim, a escolarização infantil e de 2º grau passa a ser destinados às mulheres, “isso ocorre à medida em que as novas teorias psicológicas e pedagógicas passam a considerar o afeto como fundamental, passando a considerar o amor como parte do "ambiente facilitador" da aprendizagem” (Louro, 1997, p. 98).

Louro (1997) apresenta uma reflexão sobre o significado de representação e a sua relação com os professores em seus exercícios. Segundo a autora, todos nós ocupamos um papel dentro da sociedade e este vai sendo moldado conforme as exigências e momentos, isso não é diferente para os professores que socialmente constituiu-se de uma determinada representação.

A autora apresenta uma análise de filmes nos quais podemos diferenciar um bom professor de um mau professor, é interessante notar que as características atribuídas ao bom professor são aquelas que se envolvem com a vida pessoal dos alunos, tem atrito com os demais professores e gestores, são criativos e irreverentes com suas metodologias de ensino e não se preocupam com bonificações, salários ou carreiras. É claro que hoje, temos outras representações de professores, elas são múltiplas e estão em constante transformação e divergências, mas como retrata Louro (1997, p. 102) “o que é importante notar é que nelas sempre estão implicados jogos de poder, melhor dizendo, elas estão sempre estreitamente ligadas ao poder”.

Assim, o magistério foi sofrendo alterações em suas representações e espaços, concordo com Louro (1997) ao dizer que

> Quem "falou" sobre as mulheres professoras, quem construiu e difundiu com mais força e legitimidade sua representação foram os homens: religiosos, legisladores, pais, médicos. Elas foram muito mais objetos do que sujeitos dessas representações. Para elas, sobre elas, em seu nome foram escritos poemas, pintados quadros, feitos discursos e orações; criaram-se caricaturas e símbolos, datas e homenagens, cantaram-se canções (p.103).

E essa citação me faz refletir e traz alguns questionamentos sobre a ocupação das mulheres nesses espaços, qual seu intuito e sua finalidade? Esses padrões foram construídos

socialmente e não se enquadrar a eles gera automaticamente a exclusão da participação e reconhecimento dentro da sociedade.

Assim, para as mulheres serem professoras era necessário ter “espírito materno”, as obrigações com o ensinar não podiam colidir com o cuidar do lar e da família, dessa forma, grande parte das professoras eram mulheres solteiras, o que contribuiu com a concepção que o magistério era um lugar para essas mulheres realizarem o sonho da maternidade, o que corrobora Louro (1997) ao dizer que

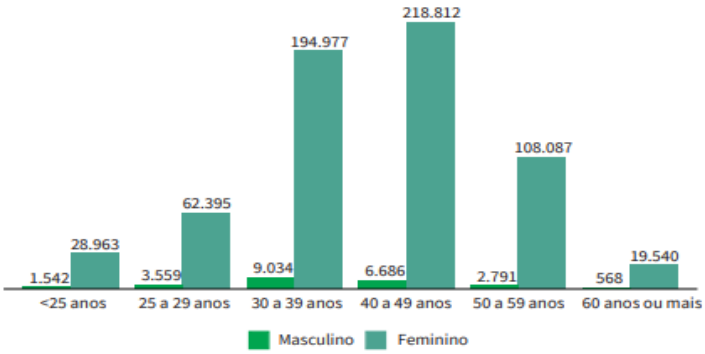
> Se o casamento e a maternidade constituíam o destino "natural" e desejado para todas as mulheres, àquelas para as quais isso parecia de algum modo inalcançável, restaria se entregar a tarefas que tivessem uma analogia com tal missão. Assim, a concepção do magistério como uma extensão da maternidade, como um exercício de doação e amor, como uma atividade que exigia uma entrega vai constituí-lo como a grande alternativa (p. 104).

Ao mesmo tempo em que essa concepção de professora apontava uma falha na constituição de uma família e no exercício da maternidade, ela abria uma nova perspectiva para essas mulheres, lhes davam uma instrução mais avançada, elas podiam ocupar lugares públicos, mesmo com restrições, mas com maior liberdade do que outras mulheres e recebiam salários no qual possibilitava se sustentar ou ajudar algum familiar.

Assim, foi historicamente construído “que a representação dominante do professor homem foi - e provavelmente ainda seja - mais ligada à autoridade e ao conhecimento, enquanto que a da professora mulher se vinculava mais ao cuidado e ao apoio "maternal" à aprendizagem dos/das alunos/as” (Louro, 1997, p. 107). Concepção essa que ainda reflete na educação e é ainda mais notável quando falamos da educação básica.

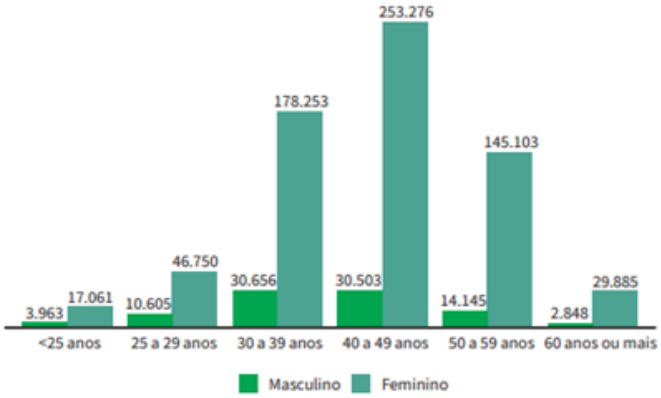
Segundo os dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) para a educação básica (Brasil, 2023) o número de mulheres é maior do que o de homens ocupando esses espaços, o que corrobora com Almeida (1998) quando diz que “o magistério primário é uma profissão definitivamente feminizada e as mulheres professoras têm em suas mãos a responsabilidade de ensinar crianças nos seus primeiros anos escolares”, e vemos que 25 anos depois esse discurso ainda se mantém. Também é interessante observar que quanto mais próximo do ensino superior, maior a representação masculina na docência. As figuras abaixo demonstram o número de docentes na educação infantil, no ensino fundamental e no ensino médio de acordo com a faixa etária e sexo, no Brasil no ano de 2022.

Figura 3. Números de docentes na educação infantil, segundo a faixa etária e o sexo - Brasil - 2022



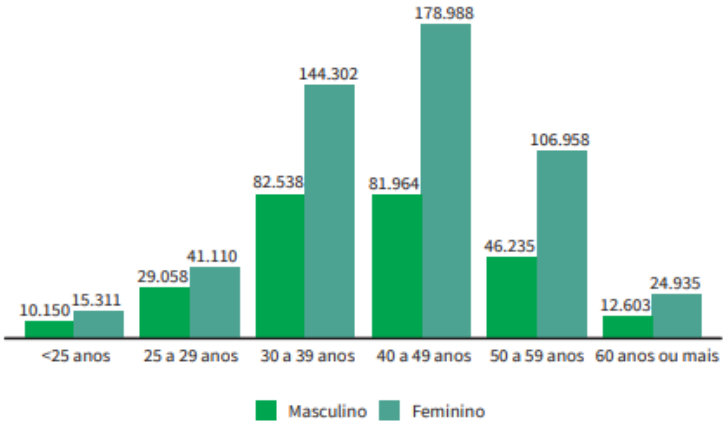
Fonte: Brasil, 2023.

Figura 4. Números de docentes no ensino fundamental, segundo a faixa etária e o sexo - Brasil - 2022



Fonte: Brasil, 2023.

Figura 5. Números de docentes no ensino médio, segundo a faixa etária e o sexo - Brasil - 2022

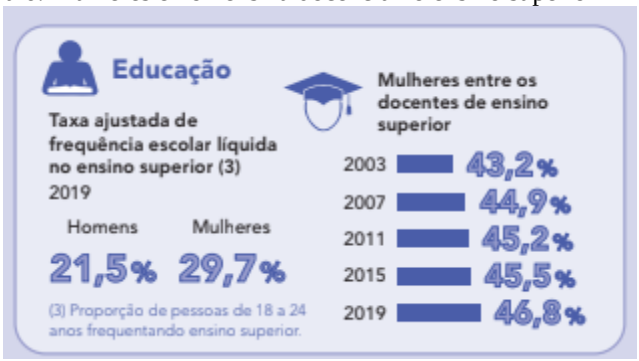


Fonte: Brasil, 2023.

Os dados acima corroboram com a afirmação de que quanto maior o nível de ensino, maior é a presença masculina como docente. De acordo com os dados, na educação infantil a presença de mulheres como professoras é predominante e a presença de homens aumenta no ensino fundamental e médio. Em relação ao ensino superior, houve um aumento (mesmo que seja pequeno) das mulheres ocupando este espaço, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) esse aumento foi de 3,6% entre 2013 e 2019 (Brasil, 2021). Contudo, é

importante observar que a porcentagem de mulheres cursando o ensino superior é maior que a de homens, mas quando falamos de docentes os homens ainda são maioria.

Figura 6. Mulheres e homens na docência no ensino superior



Fonte: IBGE, 2021.

Dessa forma, esses dados me fazem refletir sobre a forma que o professor ocupa determinados lugares e por que alguns e não outros? Como visto acima, as representações, dentre elas o ser professor, está vinculada às relações de poderes dentro de uma sociedade, o lugar que a mulher e o homem ocupam está relacionado com suas questões culturais, econômicas e políticas. Quais das categorias acima têm o maior prestígio? Quais recebem os melhores salários? É possível identificar a redistribuição atrelada ao reconhecimento e a representação? Com esses questionamentos, no próximo tópico o objetivo é compreender a relação da mulher com a Matemática e a maternagem.

1.3.3 M³: questões sobre reconhecimento cultural, redistribuição socioeconômica e representação institucional

A discussão referente às mulheres inseridas na área das exatas, como a Matemática, tem ganhado notoriedade nos últimos anos (Fonseca; Souza, 2008; Meneses, 2015; Lisboa, 2020; Peralta, 2022). O que antes apenas os homens eram reconhecidos, hoje, as mulheres estão recebendo seu reconhecimento em alguns espaços que elas frequentavam, mas não eram reconhecidas. Ser reconhecida nesses espaços nos exige certa reflexão. Quando pensamos em adequações arquitetônicas, pensamos nas adequações de rampa, piso tátil, banheiro etc., ou seja, fazemos ajustes nas construções para que as pessoas com algum tipo de necessidade especial possam usar. Fazer adequações não é o mesmo que pensar em um desenho universal, ou seja, construir espaços democráticos, nos quais não seja necessário fazer adequações.

Quando as mulheres passaram a ser reconhecidas nesses lugares na academia, não se pensou em um desenho universal, foram feitas adequações e elas passaram a ocupar lugares que foram projetados para e por homens, ou seja, suas necessidades e especificidades não

foram consideradas. Lima (2013, p. 794) me ajuda a ver essa relação quando diz que embora as mulheres tenham conseguido alguns avanços em diversas áreas e profissões, a ciência ainda se caracteriza como masculina e acaba de diversas formas excluindo as mulheres seja "pela manutenção de redutos de homens" ou "pela invisibilidade de seus feitos".

Rago (1998, p. 10) complementa ao dizer que "há uma construção cultural da identidade feminina, da subjetividade feminina, da cultura feminina, que está evidenciada no momento em que as mulheres entram em massa no mercado, em que ocupam profissões masculinas".

A partir desse pensamento, ao olhar para as mulheres dentro de um departamento de Matemática, não se deve considerar apenas a sua inserção, mas também identificar como esta ocorreu no decorrer dos anos e como está hoje, se há paridade de participação e também reconhecimento e redistribuição, pois assim, podemos pensar em reparação das injustiças sociais sofridas no decorrer dos anos.

Ao olhar para a interseção mulher, maternagem e docência há questões específicas que devem ser consideradas, em muitos momentos, é necessário um jogo de cintura para conciliar todas as atribuições. E nessa busca por de equilibrar o profissional e pessoal, é possível perceber que para que haja uma harmonia entre as duas áreas da vida, é necessário que a mulher faça um esforço maior do que seus pares homens, e esse equilíbrio é quase uma utopia. Corroboramos com Meneses (2015), quando esta diz que precisamos avaliar cuidadosamente esse estilo de vida que vem exigindo sacrifícios cada vez maiores, as mulheres estão em todos os lugares, mesmo que em proporções desfavoráveis, mas "é necessário também reconhecermos que, embora as mudanças tenham sido muito positivas, estamos sempre precisando e sonhando com um dia de mais de 24 horas". O que gera uma grande sobrecarga acarretando em problemas de saúde.

Meneses (2015), assim como eu, faz os seguintes questionamentos: "mas como estamos nestes espaços? O que tivemos que fazer, ou ainda, o que tivemos de deixar de fazer na busca para alcançar esses espaços?" (p. 17). Essas mulheres com multitarefas, as mulheres "polvo", como retrata Meneses, "não percebem que as suas conquistas têm um preço e este, continua sendo determinado pelo poder da sociedade androcêntrica". As mulheres vibram a conquista de serem bem-sucedidas profissionalmente ao mesmo tempo em que continuam assumindo a maternagem como função primordial.

Dessa forma, pensar nessa interseção de ser mulher, mãe e docente do ensino superior em um curso de Matemática da mesma forma como a academia vê seus pares, não contribui

para que estas alcancem o reconhecimento em sua completude de suas contribuições. Ainda mais quando uma área da ciência como a Matemática está sendo o foco. Desde sua criação, a Matemática tem viés masculino, estudada e criada por homens, reprimindo o fazer matemático feminino, e para que mulheres pudessem dar suas contribuições, foram necessários caminhos árduos e esforços redobrados.

Corroborando com essa linha de raciocínio, Fernandes (2006, p. 39-40) diz que “a dominação deste campo é garantida pela acumulação de capital (conhecimentos matemáticos avançados) que representa um certificado de competência historicamente conquistado e conservado pelos homens”. É notório esse destaque na formação básica, na qual nos livros didáticos os principais teoremas e procedimentos da Matemática homenageiam matemáticos famosos (Fernandes, 2006).

Com isso, ocupar espaços não é o suficiente para que haja uma reparação cultural, econômica e política, é necessário que essa inserção seja feita de forma equitativa, dando suporte e acessibilidade para que todos possam atuar da melhor forma, e para isso é preciso que haja reconhecimento, redistribuição e representação.

Como retrata Lerner (2021, p. 24) por muitos anos, "o que as mulheres fizeram e vivenciaram ficou sem registro, tendo sido negligenciado, bem como a interpretação delas, que foi ignorada”, o que torna urgente o registro do percurso dessas mulheres no fazer Matemática.

Trata-se também de agregar a perspectiva das mulheres às pesquisas neste campo, de modo que seus propósitos, suas necessidades e sua criatividade façam parte de abordagens investigativas, contribuindo assim para o empoderamento das mulheres e consequentemente, da melhoria da qualidade de vida da sociedade como um todo (Meneses, 2015, p. 18).

Consonante com esse empoderamento e dando visibilidade, no decorrer do trabalho, busco evidenciar as pesquisas feitas por mulheres, então, a minha proposta é utilizar apenas elas como referencial. Para compreender a participação destas mulheres, mães e docentes, nos dias de hoje, realizei três Rodas de Conversa, utilizando os pressupostos da História Oral, com docentes que ensinam nos cursos de Licenciatura em Matemática da Unesp, objetivando registrar suas experiências dentro dos espaços públicos e privados. Sobre as Rodas de Conversa será aprofundado nos próximos capítulos.

1.3.4 Mulheres na Matemática: uma história de falso reconhecimento?

Ao iniciar esse tópico é importante retratar que há uma diferença quando falamos da História das Mulheres na Matemática e a História das Mulheres na Educação Matemática, por

mais que nas duas áreas houve exclusões e invisibilidade de seus feitos. A Matemática tem como objetivo o estudo de estruturas, padrões, números e espaço. Trata-se de uma ciência formal que busca compreender e criar teorias sobre conceitos abstratos e suas aplicações no mundo real. A Educação Matemática busca o estudo e a prática do ensino e aprendizagem de Matemática, ela se preocupa em como as pessoas compreende, aplicam e desenvolvem habilidades matemáticas.

No decorrer da história a presença de mulheres na Matemática e na Educação Matemática tem diferenças marcantes, relacionadas ao tipo de trabalho, às barreiras históricas e culturais enfrentadas, e ao impacto em cada área. Durante séculos, as mulheres enfrentaram exclusões sociais e institucionais que as impediram de participar plenamente no campo da Matemática pura ou aplicada. Muitas mulheres contribuíram significativamente, mas frequentemente foram invisibilizadas.

A Educação Matemática sempre contou com maior presença de mulheres, especialmente como professoras no ensino básico e médio, devido à maior aceitação histórica das mulheres como educadoras. Mesmo assim, as mulheres que atuam como pesquisadoras em Educação Matemática enfrentam desafios para serem reconhecidas. Apesar de ser maioria como educadoras no ensino básico e médio, as mulheres ainda enfrentam preconceitos em cargos de liderança ou em pesquisa acadêmica na área de educação matemática.

No decorrer da História da Matemática, ao observar o surgimento de diversas áreas como: aritmética, álgebra, geometria, entre outras, me deparei com teoremas e contribuições associadas aos homens, na grande maioria não conhecemos as participações das mulheres nessa trajetória, mesmo que elas estiveram presentes e trouxeram valiosas contribuições.

A sociedade por muito tempo afirmou que as mulheres não gostam, ou não tem aptidão pela Matemática, mas Ferrand (1994, p. 359) assim como eu questiona: “Será que são as moças que não gostam de Matemática ou a Matemática que não gosta das moças?” A autora esclarece que essas ideias caracterizam as construções históricas e culturais nas quais foram moldadas, como aborda Menezes,

> [...] a Matemática foi moldada através das concepções de que as “moças” não apresentam capacidades cognitivas próprias ao seu domínio; em contrapartida, as moças foram criadas de forma a não desenvolver o gosto pelas aptidões Matemáticas, pois, estas são consideradas inerentes apenas aos homens. Essa problemática se fundamenta na construção de certos discursos e pensamentos ditos “ingênuos” que acabam se cristalizando como “verdades naturais” (2015. p.25).

Oliveira (2021) complementa ao dizer que “a exclusão das mulheres na Matemática não se dá pela falta de capacidade cognitiva, pois não existem estudos científicos com evidências sobre isso, mas sim por diversos aspectos culturais e sociais.” (p. 17). O que

corrobora com o pensamento de que esse discurso foi enraizado em nossa sociedade que até nos dias atuais são reproduzidos e tidos como verdade.

É interessante observar que um dos pontos que distanciaram as mulheres da Matemática foi sua exclusão à educação, como apresentado anteriormente, a educação no Brasil começou em 1549 quando os jesuítas desembarcaram na Bahia, mas as mulheres só tiveram acesso às escolas em 1867, tendo restrições e direcionamentos distintos dos homens.

Após o ingresso e acesso à educação, as mulheres ainda eram excluídas do ensino à determinados conteúdos, sendo o seu aprendizado destinado a afazeres domésticos e a Matemática básica, apenas o que fosse contribuir para o cuidado do lar. As áreas mais avançadas da Matemática eram exclusivas dos homens. Foram anos de atrasos até as mulheres terem acesso aos conteúdos matemáticos mais avançados, algumas com auxílio de tutores, em sua maioria homens, conseguiam estudar de forma clandestina ou usando pseudônimos.

A biologia teve uma contribuição significativa na exclusão das mulheres no campo das ciências. Mesmo sem provas concretas, cientistas afirmavam que a mulher não era racional e eram homens incompletos. Souza (2020) em sua dissertação traz que Charles Darwin[38] em 1871, baseado em suas observações, retrata que o tamanho do cérebro humano feminino é menor que o dos homens e decorrente disso eles são mais habilidosos que as mulheres e são melhores que elas na música, poesia, Matemática e em diversas outras áreas. Como Darwin era um cientista famoso e influente, esse discurso repercutiu e foi reproduzido por muitos anos.

Esta mesma autora discute que os argumentos trazidos por Darwin não teriam fundamentos, justamente por não se basear em testes definitivos e que as diferenças observadas pelo cientista podem ser vistas pelo contexto histórico, quando no decorrer dos anos, mulheres e homens tiveram tratamentos, educação e desenvolvimento de habilidades distintas.

A historiadora Ana Paula Vosne Martins, professora da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e especialista em história das mulheres afirma que “a gente sempre considera a ciência como o terreno da neutralidade, onde não existe discriminação. Mas boa parte da ciência produzida no século XIX criou ou fomentou preconceitos existentes nas sociedades daquela época” (Lopes, 2020, s/n). Para exemplificar as discriminações que aconteciam em diversas áreas do conhecimento Lopes (2020) traz que

[38] Charles Darwin (1809-1882) foi um naturalista inglês, autor do livro “A Origem das Espécies”. Formulou a teoria da evolução das espécies, anteviu os mecanismos genéticos e fundou a biologia moderna. É considerado o pai da “Teoria da Evolução das Espécies”. https://www.ebiografia.com/charles_darwin/

> O médico norte-americano James Marion Sims, considerado o pai da ginecologia moderna, por exemplo, realizava cirurgias sem anestesia em escravas que, por estarem nessa condição de exploração, não tinham o direito de consentir ou recusar os procedimentos. Em seus relatórios, Sims descrevia como as mulheres choravam de dor durante os experimentos, que visavam a criação de uma técnica de correção de fístulas vesicovaginais e retovaginais, que são conexões anormais entre a bexiga, a vagina e o reto. Uma de suas "pacientes", chamada Anarcha Westcott, chegou a passar 30 vezes por esse procedimento. Westcott vivia no Alabama e apresentava deformidades na pelve causadas por raquitismo, o que dificultou seu parto aos 17 anos. Devido à malformação anatômica, a mulher passou três dias tentando conceber seu filho, sem sucesso. Sims foi, então, convocado para intervir e, após ser informado das fístulas que restaram como resultado do parto, Westcott se tornou a primeira cobaia do médico (Lopes, 2020 s/n).

Esses exemplos mostram como as mulheres eram tratadas, sendo objetos de pesquisas de outros homens, e é importante destacar que são sempre os homens falando e pesquisando sobre as mulheres, desrespeitando-as e expondo-as a condições extremas. E isso se intensifica quando são mulheres negras, como no caso acima, que sofreram de diversas formas.

Dessa forma, discursos como "a mulher não gosta de Matemática" ou "a mulher não tem aptidão pela Matemática", levaram e continuam levando ao afastamento das mulheres do fazer matemático. A matemática Cláudia Henrion destaca em seu livro "*Women in Mathematics: The Addition of Difference (Race, Gender, and Science)*" alguns destes discursos nos quais nos faz pensar no histórico de exclusão das mulheres nesta área, que por identificação notamos que ainda persiste.

> Primeiro, a Matemática é um campo habitado por indivíduos tempestuosos que, trabalhando sozinhos, criam grande Matemática pela pura força de seu gênio imaginativo. Segundo, ser matemático e ser mulher são incompatíveis: a Matemática, com sua ênfase na mente, não é profissão para as fêmeas da espécie, com seus corpos incômodos que às vezes ficam grávidos e dão à luz. Terceiro, a Matemática fornece conhecimento certo, eterno e universal ao qual se chega pelo raciocínio dedutivo e por provas formais (Schiebinger, 2001, p. 312).

Os discursos trazidos acima mostram como foi moldado o perfil de quem está apto a fazer Matemática e tudo que não se encaixa nesta norma é excluído. E para que as mulheres possam ocupar esses espaços, elas têm que se comportar e assumir estereótipos associados ao fazer ciência de acordo com o modelo masculino, deixando de lado suas especificidades.

Apesar de toda exclusão do fazer matemático, algumas mulheres conseguiram contribuir ao longo da história, mesmo com pseudônimos ou com a tutela de um homem. Entendo que é de suma importância divulgar os nomes dessas mulheres para que eles sejam inseridos nos registros históricos. Trabalhos como Negreiros, Souza e De Paula (2016) e Fernandez, Amaral e Viana (2019) buscam visibilizar a história de algumas mulheres transgressoras, são elas: Hipátia de Alexandria, Maria Gaetana de Agnesi, Marie-Érica Germain, Sofia Vasilevna Korvin-Krukovsky, Charlotte Angas Scott, Adriana Emmy

Noether, Mary Lucy Cartwrigh, Elza Furtado Gomide, Marie-Louise Dubreil Jacotin, Marjorie Lee Browne, Maria Laura Mouzinho, Katherine Coleman Goble Johnson, Julia Bowman Robinson, Mary Ellen Rudin, Marina Ratner, Arlete Cerqueira Lima, Laure Saint-Raymond e Maryam Mirzakhani.

Ao conhecer um pouco mais sobre as histórias das mulheres citadas acima, é possível notar algo comum entre elas, vindas de famílias com influência na sociedade, tiveram incentivo e a presença de um homem, sendo pai, irmão ou marido para realizarem seus estudos nas áreas exatas. Todas tiveram pouco reconhecimento em sua época, deixando de ser citadas em vários livros de História da Matemática. Além disso, é importante destacar que a maioria eram brancas e de classe média, ressaltando a falta de representatividade das pluralidades de mulheres (negras, escravizadas e pobres mulheres que eram excluídas do acesso a essa oportunidade), quanto maior a interseccionalidade menor a participação.

Outro ponto de reflexão se faz necessário, ao pensar na forma que hoje desenvolvemos pesquisas e fazemos ciência, essa forma foi pensada e constituída por homens, o conhecimento que as mulheres tiveram acesso e reproduzem em suas aulas e pesquisas também foi construído por homens, nenhuma teve formação só por mulheres, desde o início, foram os homens que determinaram as normas e regras de se produzir ciência. Assim, é de suma importância que haja redistribuição, reconhecimento e representação para que essas opressões e injustiças que se reproduzem historicamente sejam superadas e que a produção científica seja mais inclusiva.

No tópico seguinte são discutidas as questões sociais que cercam a maternagem e sua abordagem no ambiente acadêmico.

1.3.5 Reconhecimento, Redistribuição e Representação na Maternagem

Ao explorar como surgiram os ideais maternos vigentes, sua origem histórica, social, cultural e econômica encontramos alguns estudos feministas que discutem as questões das mulheres na sociedade (Badinter, 1985, 2011; Mendonça, 2014; Resende, 2017), porém encontrei um número reduzido de trabalhos que relaciona a maternidade com a área das exatas, e esses ainda não têm como foco a relação entre as duas temáticas. Para realizar a relação entre esses dois campos, identifiquei a necessidade de compreender melhor o desenvolvimento da maternidade e maternagem na sociedade no decorrer dos anos, assim, faço uma breve retrospectiva histórica e sociocultural sobre a maternidade e a maternagem.

1.3.5.1 Uma breve retrospectiva histórica e sociocultural

A filósofa e historiadora Elisabeth Badinter, traz uma discussão interessante em seu livro "Um Amor Conquistado: o Mito do Amor Materno". Segundo a autora, em 1780, anualmente das 21 mil crianças que nasciam em Paris, apenas mil eram amamentadas por suas mães em suas residências, uma boa parcela era amamentada por amas-de-leite[39] e grande parte falecia (Badinter, 1985). Nessa época, a mortalidade infantil era muito alta, muitas crianças morriam sem ter convivido com a mãe e as que retornavam com vida não possuía o afeto materno. Das crianças que sobreviviam, ao completarem oito anos de idade, retornavam para suas casas, mas logo eram mandadas para internatos ou conventos (Resende, 2017).

De acordo com Resende (2017, p. 178) "até o século XVIII, carícias e ternuras entre mães e filhos eram traduzidas socialmente em termos de frouxidão e pecado". Badinter (1985) também retrata que os teólogos viam na relação amorosa e física, entre mãe e filho, a fonte de volúpia e má educação.

Badinter (1985, p. 54) traz que foi em 1762, com a publicação do livro "*Émile ou de l'Éducation"* de Rousseau que "cristalizou os ideais que moldaram a família moderna, fundamentada no amor materno", segundo a autora

> Após 1760, abundam as publicações que recomendam às mães cuidar pessoalmente dos filhos e lhes "ordenam" amamentá-los. Elas impõem, à mulher, a obrigação de ser mãe antes de tudo, e engendram o mito que continuará bem vivo duzentos anos mais tarde: o do instinto materno, ou do amor espontâneo de toda mãe pelo filho (Badinter, 1985, p. 145).

Dessa forma, o olhar para as crianças nessa faixa etária foi modificado e com ele as mulheres foram ocupando novos espaços, uma promoção social sendo nomeada como a rainha do lar e com isso a maternidade e a maternagem foram se tornando funções nobre e gratificante. Segundo Mendonça (2014, p.70) "quando assumiram as responsabilidades sob a casa e a educação dos filhos, as mulheres francesas conquistaram, também, uma promoção social, que consistia no papel de mães sagradas e rainhas do lar".

De acordo com Badinter (1985) essa atenção às crianças se deu devido ao interesse do Estado, pois a Europa apresentava uma crise econômica e viu nas crianças uma futura mão de obra, podendo ser produtiva.

> As crianças passam a ser consideradas como promessas de realização dos adultos, merecendo todo cuidado e atenção da mãe. Além do cuidado materno, o estado passa a ter interesse na educação dos futuros cidadãos. Isso ocorre porque a moralidade da família passa a ser essencial à consolidação do sistema capitalista (Gradvohl, Osis e Makuch, 2014, p.57).

[39] Mulher que amamentava a criança de outra pessoa quando a mãe biológica estava impossibilitada de amamentar.

Olhando para as classes favorecidas, é possível observar que a mulher passou a assumir diversas funções, a de nutridora, de educadora e, muitas vezes, a de professora. Segundo Moura e Araújo (2004, p. 47), ao mesmo tempo em que "as responsabilidades aumentaram, cresceu também a valorização do devotamento e do sacrifício feminino em prol dos filhos e da família, que novamente surgiram no discurso médico e filosófico como inerentes à natureza da mulher".

Já as classes menos favorecidas sempre estiveram ligadas ao cuidado dos filhos dos mais abastados economicamente, e isso não se modificou no decorrer dos anos, as mulheres deixavam seus filhos em casa sob cuidado de outros filhos ou às vezes sozinhos para auxiliar no cuidado dos filhos de seus patrões, os quais terceirizam esse serviço.

Dessa forma, as mulheres foram obtendo um novo *status* na família e na sociedade, mas não se enquadrar nesses padrões "trazia enorme culpa, além de um novo sentimento de "anormalidade", visto que contrariava a natureza, o que só podia ser explicado como desvio ou patologia" (Moura; Araújo, 2004, p. 47).

Através da inquietude sobre as questões sociais em relação ao não desejo da maternidade, iniciam-se dois tipos de movimentos feministas: o movimento radical e o movimento maternalista.

No movimento radical "compreendia a maternidade e a maternagem como responsáveis por tornarem as mulheres dependentes dos homens, uma vez que a dependência do filho à mãe por um longo período de tempo a impossibilitava de realizar outras atividades" (Gradvohl, Osis e Makuch, 2014, p.58). Para esse movimento, a reprodução não deveria ser um destino inevitável da mulher, mas uma opção, pois eles viam o controle da reprodução como uma solução para as mulheres.

O movimento maternalista "considerava a maternagem como uma das atividades essenciais à vida feminina. Tão essencial e importante que deveria ser remunerado pelo Estado como um trabalho, já que era também uma atividade social" (Gradvohl, Osis e Makuch, 2014, p.58).

Assim, a partir desses movimentos as feministas radicais trouxeram diversas reivindicações para discussões, temáticas como: liberação do aborto e contracepção livre e gratuita, tendo como premissa a livre escolha pela maternidade. Essas reivindicações abriram espaços para novos olhares e diálogos referentes ao papel da mulher na sociedade. Como retrata Gradvohl, Osis e Makuch (2014, p.58), trazendo "questionamentos a respeito da imposição social às mulheres para a maternidade e da atividade exclusiva da maternagem às

mães, contrariando os preceitos do instinto materno". Destarte, abrindo novos caminhos e diálogos para se pensar as questões feministas.

1.3.5.2 O desenvolvimento dos estudos maternos

Adrienne Rich foi uma das primeiras feministas a discutir a questão da maternidade em seus trabalhos, questão que antes era desassociada das pautas feministas. Rich (1986) mostra dois sentidos para o termo maternidade, o primeiro sendo uma questão biológica, no qual há uma capacidade reprodutiva e uma relação de poder das mães com as crianças e o segundo é uma instituição a partir de elementos simbólicos e culturais, como uma forma de poder do masculino sobre do feminino materno.

Em 2006, Andrea O'Reilly, professora titular na *School of Gender, Sexuality and Women's Studies* da Universidade de York, em Toronto, Canadá, cunhou o termo *Motherhood Studies*, para demarcar os Estudos Maternos como disciplina distinta e autônoma na América do Norte. Ela se baseou em conceitos teóricos das autoras: Adrienne Rich, Sara Ruddick, Patricia Hill Collins, Andrea O'Reilly, dentre outras.

Andrea O'Reilly (2016), expressa a necessidade de que as mães tenham uma feminismo que as representem, e quando ela utiliza o termo "mães" ela "se refere a qualquer pessoa engajada no trabalho materno, independentemente do gênero, sexo ou vínculo biológico com a criança ou filho(a) adulto(a) que necessite de cuidados maternos" (Mendonça, 2021, p. 60), ou seja, o conceito não se restringe apenas as mães biológicas, mas "todas as pessoas que tornam o trabalho da maternagem uma parte central de suas vidas" (O'Reilly, 2016, p. 1). Em seu livro "*Matricentric Feminism"*, O'Reilly (2016) discute que a maternidade é uma questão pendente do feminismo e propõe um diálogo e construção de uma teoria, uma política e uma prática feministas, que tenha o materno como centro, trazendo e promovendo a inserção dos temas: maternidade e maternagem nas pautas feministas contemporâneas.

Para Adrienne Rich (1986) *motherhood* se refere ao poder biológico e aos significados institucionais, simbólicos e culturais da maternidade (Mendonça, 2021), assim, na tradução, a palavra que melhor caracteriza o conceito de *motherhood* seria maternidade. "Já o termo *mothering* resulta da fusão do verbo *to mother* com o sufixo *–ing*, que indica uma ação e processo contínuo" (Mendonça, 2021, p. 6). Dessa forma, maternagem seria o termo que melhor traduz o conceito de *mothering* para o português, pois de origem latina o sufixo –agem expressa a ideia de ação ou resultado da ação (Mendonça, 2021). Mendonça (2021) traz

que é interessante ressaltar que outras áreas como a psicologia e serviço social já utilizam o termo maternagem ao designar os cuidados com crianças e bebês, realizados pelas mães ou outros cuidadores. Por essa discussão, a autora apresenta uma introdução ao feminismo matricêntrico e explica que "a categoria mãe é distinta da categoria mulher: muitos dos problemas enfrentados pelas mães - sociais, econômicas, políticas, culturais e psicológicas - são específicos de seu trabalho e de sua identidade como mães" (Mendonça, 2021, p. 64).

Para O'Reilly "mesmo depois de muitas décadas de lutas feministas, as mães continuam sendo duplamente oprimidas pelo patriarcado. Primeiro, porque são mulheres; segundo, porque são mães" (O'reilly, 2016 apud Mendonça, 2021, p. 64). Dessa forma, a discussão sobre o feminismo matricêntrico se faz necessário, e precisa ser incorporado ao feminismo acadêmico.

Segundo O'Reilly (2016), a distinção, entre maternagem e maternidade, elaborada por Rich, fez com que as feministas reconhecessem uma nova forma de ver a maternidade, não mais como uma forma natural, mas podendo ser opressiva. Em contrapartida, a maternagem desvinculada da maternidade pode oferecer uma mudança social, pois outros sujeitos se tornam responsáveis pelo cuidado além das mulheres.

O'Reilly (2016) traz que é necessária uma desconstrução da "maternidade patriarcal" para que ocorra um processo de libertação, e ele se baseia em dez pressupostos ideológicos que reforçam a opressão e os padrões sociais: essencialização, privatização, individualização, naturalização, normalização, idealização, biologização, especialização, intensificação e despolitização da maternidade (O'Reilly, 2016, apud Mendonça, 2014, p. 27-28).

A essencialização coloca a maternidade como algo intrínseco e fundamental da identidade feminina; a privatização posiciona o trabalho materno como exclusivo nas esferas reprodutivas e domésticas; a individualização situa a maternagem como responsabilidade individual, centrado apenas na figura da mãe; a naturalização assume que a maternidade seja natural para as mulheres; a biologização ressalta os laços de sangue e coloca apenas a mãe biológica como autêntica; a normalização reafirma o modelo de família nuclear, onde a mãe é a esposa e responsável pelo cuidado da família e filhos e o marido responsável pelo provimento econômico, assim, limitando e restringindo as identidades em ambos os casos; "a especialização defende que a criação dos filhos (as) seja guiada por especialistas, tornando as práticas de maternagem extremamente demandantes, em termos de gastos de energia, dinheiro e esforços maternos" (Mendonça, 2021, p. 61); a idealização propõe modelos maternos utópicos, o que reforça as expectativas tanto das mães sobre si mesmo como da sociedade

sobre elas; e por fim, a despolitização da maternidade tem como característica os cuidados para com os filhos, como a criação e a educação sejam feitos através de atividades privadas, sem relações nem implicações sociopolíticas (Mendonça, 2021).

Assim, esses dez pressupostos tornam a maternidade como instituição patriarcal e enfraquecem a relevância da maternagem, além de estabelecer "modelos maternos impossíveis de serem atingidos, fazendo com que as mães se sintam sobrecarregadas, fatigadas e culpadas em função do árduo trabalho e do conjunto de responsabilidade que assumem sozinhas" (Mendonça, 2014, p. 28). Ainda sobre os pressupostos O'Reilly destaca que da mesma forma que eles foram construídos culturalmente eles podem ser descontruídos, pois "não são naturais nem inevitáveis às práticas de maternagem" (O'Reilly, 2016, apud Mendonça, 2014, p. 28)

Dessa forma, a maternidade e a maternagem se tornam cada vez mais assuntos essenciais na sociedade. De acordo com Fraser (2020) devido às mudanças na sociedade estamos passamos por uma crise do cuidado, segundo a autora essa crise seria como "uma vertente de uma crise geral que também abrange outras – econômica, ecológica e política, e todas elas se entrecruzam e agravam umas às outras". Com isso, é necessário reavaliar a forma que se estrutura as responsabilidades do cuidado, e para que isso ocorra é necessário que haja diálogos que promovam conceitos como maternidade e maternagem, com o objetivo de conscientizar e reformular o modo que esses conceitos estão empregados na sociedade, trazendo emancipação e uma justiça social realmente efetiva. Destarte, corroboro com O'Reilly (2016), ao dizer que

> (...) Precisamos de mais mulheres pesquisando a maternidade e a maternagem e precisamos de mais mães professoras na academia (...). Nunca conseguiremos a equidade de gênero entre homens e mulheres se não valorizarmos o trabalho do cuidado materno, tanto quanto valorizamos o trabalho remunerado (...) necessitamos que o feminismo matricêntrico tenha seu próprio teto no amplo espaço dos feminismos acadêmicos (p. 225)

Ao trazer essas discussões para a academia há uma ampliação na maneira de se pensar a maternagem, trazendo reflexões importantes para a crise do cuidado discutida por Fraser. Além de discutir questões de reconhecimento e de redistribuição na maternagem. Esse diálogo mostra a importância da conscientização e discussão dessa temática em espaços como a academia, assunto que até pouco tempo não era discutido, era considerado um tabu. É necessário ocupar esses espaços para reivindicar paridade de participação, reconhecimento e também redistribuição.

Dessa forma, questões como a maternagem e o silenciamento das contribuições das mulheres no fazer e ensinar Matemática se mantiveram distantes de discussões acadêmicas durante muitos anos. Poder discutir sobre os desafios, a falta de reconhecimento, de redistribuição e de representação dentro da universidade mostra que, aos poucos, depois de muitas lutas e movimentos conquistamos um espaço de discussão.

De fato, ainda há muito a ser conquistado e reivindicado, é necessário paridade participativa, principalmente em assuntos que exijam propostas e ações que superem as injustiças ainda presentes; é necessário reparação histórica, incluir na História da Matemática as contribuições das mulheres, e que essa história seja discutida nos cursos de Licenciatura em Matemática, que nas bibliografias das disciplinas tenham livros que contêm essas histórias trazendo reconhecimento para essas mulheres; e por fim, é necessário um ambiente preparado tanto nas questões estruturais como atitudinais que amparem as pessoas que optam pela maternidade e pela maternagem, que esse assunto não seja um tabu e não seja visto de forma individualizada, mas de forma coletiva.

No próximo capítulo será discutido o percurso metodológico abordado neste trabalho, utilizando como metodologia a História Oral, e desenvolvida por meio de roda de conversa. Também apresento um panorama do espaço em que as mulheres participantes das Rodas de Conversa ocupam, apresento informações da universidade sobre a presença feminina e alguns dispositivos de visibilidade que contribuem nas discussões sobre quais ações a universidade têm disponibilizado para romper com as injustiças presentes na academia.

Figura 7. Sacrifício II

Fonte: Arquivo pessoal, Valdete Campos.

CAPÍTULO II

"Não acredito que seja saudável escolher uma luta e dizer que é mais importante do que outra, mas sim, em reconhecer como as diferentes lutas se conectam".
Angela Davis

2. Metodologia

2.1 A Roda de conversa

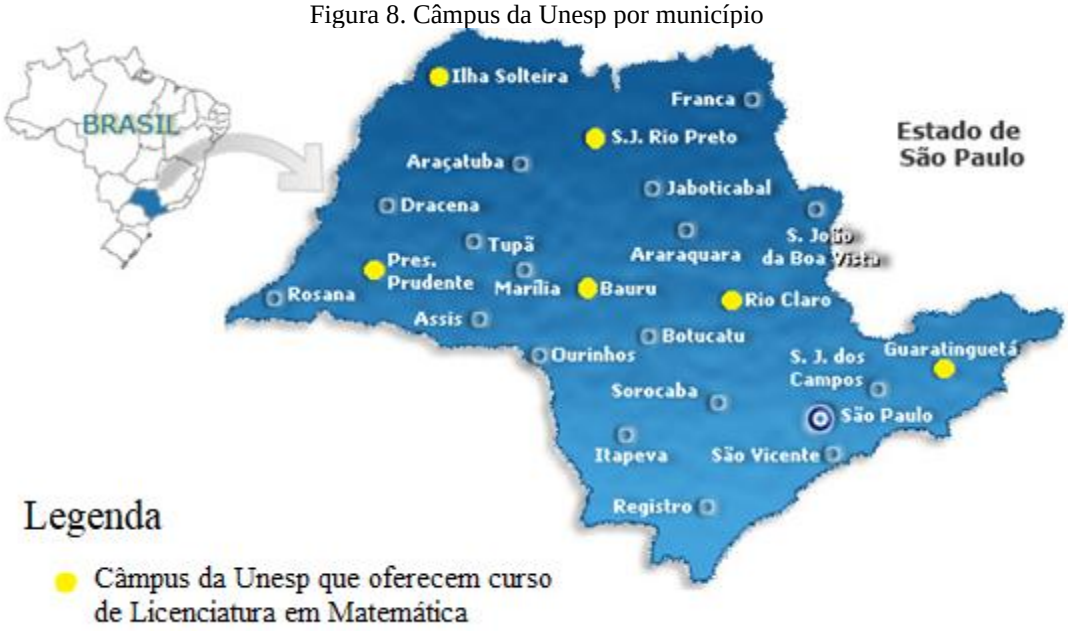
2.1.1 Compreendendo as Rodas

Durante as Rodas de Conversa, que serão apresentadas no próximo capítulo, foram apontadas informações sobre a universidade que as participantes da pesquisa atuam. Dessa forma, é importante compreender o que cerca essas mulheres. Assim, neste capítulo, constitui um panorama do espaço onde as mulheres participantes das Rodas de Conversa ocupam e informações sobre a presença feminina na universidade e apresento alguns dispositivos de visibilidade que contribuem nas discussões sobre quais ações a universidade tem disponibilizado para romper com as injustiças presentes na academia.

2.1.2 O espaço que eu, elas e as Rodas ocupamos

As pessoas que formam as Rodas de Conversa estão vinculadas às unidades da Unesp que oferecem Licenciatura em Matemática. A universidade possui 24 campi e 34 unidades de ensino, pesquisa e extensão espalhadas pelo estado de São Paulo, dentre essas, seis oferecem curso de Licenciatura em Matemática, como podemos observar na imagem abaixo.

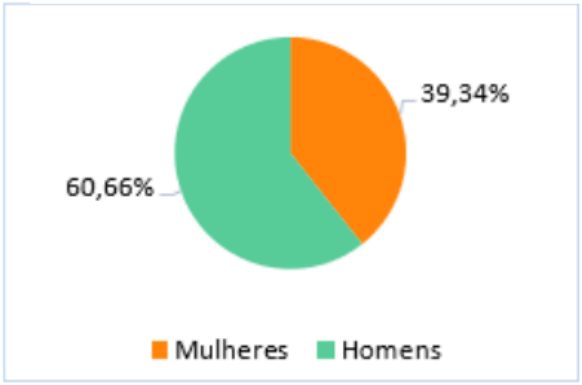
Figura 8. Câmpus da Unesp por município



Fonte: www.unesp.br Acesso: 19 set. 2017.

A Unesp, por sua extensão e por abranger boa parte do estado de São Paulo, tem participação expressiva na formação de professores. Segundo os dados do Censo de diversidade da Unesp de 2021, a instituição possui em seu quadro docente três categorias de profissionais: docentes, pesquisadores e docentes do ensino médio, o que totaliza 3.111 profissionais. De acordo com o gráfico abaixo, a soma das três categorias nos mostra a presença de mais homens (60,66%) do que mulheres (39,34%) em atuação na universidade. Ela também conta com 4.948 servidores técnico-administrativos, dentre os quais 57,50% são homens e 42,50% mulheres.

Figura 9. Distribuição dos docentes por gênero



Fonte: Unesp, 2021.

Dos cursos de Licenciatura em Matemática, segundo os sites[40] oficiais de cada campus, temos 136 docentes, destes 57 são mulheres, distribuídos conforme a tabela abaixo.

Tabela 1. Gênero nos cursos de Licenciatura em Matemática na Unesp

Câmpus	Mulheres	Total
Bauru	12	25
Guaratinguetá	8	18
Ilha Solteira	11	23
Presidente Prudente	5	22
Rio Claro	11	18
São José do Rio Preto	10	30
Total	57	136

Fonte: Elaborado pela autora.

É possível observar que as mulheres correspondem a menos da metade na participação do quadro docente. Segundo o IBGE (2021), percebe-se a evolução das mulheres na docência do ensino superior, a proporção de mulheres entre docentes de ensino superior cresceu de 43,2% em 2003 para 46,8% em 2019, em dezesseis anos houve um aumento de 3,6%. A cada quadriênio o aumento da participação feminina nos cursos superiores não ultrapassa 2%, sendo que de 2011 a 2015 o aumento foi de 0,2%, o que nos indaga sobre a oferta e efetividade de oportunidade de paridade participativa, pois como apresentei anteriormente o número de mulheres cursando o ensino superior é maior que o de homens, mas são eles que ocupam a maioria dos cargos enquanto docente.

No que se refere à cor dos docentes da Unesp, 57,60% são brancos/as, seguidos/as pelos/as pardos/as (4,15%), amarelos/as (1,90%), pretos/as (0,90%) e indígenas (0,06%). Destaca-se o grupo de docentes que não declararam sua cor, 35,39%. Em relação à faixa etária, a distribuição de docentes concentra um maior percentual de pessoas entre os 40 e 60 anos, totalizando 67%. Dessa porcentagem, 38,2% são homens e 28,8% são mulheres. Vale mencionar que a faixa etária com maior número de docentes homens é dos 55 aos 60 anos (13,73%) e a de docentes mulheres é dos 50 aos 55 anos (8,49%).

Os dados mostram que nos últimos dezesseis anos, houve um aumento (mesmo que pequeno) da participação das mulheres no espaço acadêmico, mas isso não garante a paridade participativa. Ao olhar para questões como raça, os dados exigem atenção, pois, há menos que 1% de docentes pretos/as e 0,06% de indígenas, enquanto mais da metade (57%) são brancos/as. Esses dados apontam a ausência de pluralidade dentro do espaço acadêmico, o que

[40] https://www2.unesp.br/portal#!/sobre-a-unesp/unidades/faculdades-e-institutos/

demonstra a má redistribuição, o falso ou nenhum reconhecimento e consequentemente, a ausência de representação. Abaixo apresento algumas ações realizadas pela Unesp.

2.1.3 Dispositivo de visibilidade: remédios afirmativos e/ou transformativos?

Durante bastante tempo, as mulheres foram excluídas e invisibilizadas do fazer ciência, e os preconceitos que ainda repercutem afastam as mulheres da Matemática, fazendo-as perder o interesse ou abandonar essa área. Ainda hoje, é possível identificar mulheres que são silenciadas e invisibilizadas, porém, estão sendo pensadas e feitas ações que buscam a visibilidade destas mulheres-mães nos espaços acadêmicos. Abaixo apresento algumas ações que a Unesp, instituição da pesquisa, oferece, promove ou participa na busca de dar suporte e visibilidade às mulheres que exercem a maternagem e que integram a instituição. É interessante registrar que com mais de dois terços dos votos válidos (64,54%[41]), a professora Maysa Furlan, do Instituto de Química do campus de Araraquara, foi eleita a primeira reitora na história da Unesp, sua chapa foi escolhida pela comunidade universitária para liderar a próxima gestão da Reitoria da Universidade (2025-2029).

2.1.3.1 Creches

A Unesp oferece a seus docentes, técnicos-administrativos e discentes (graduação ou pós-graduação) um atendimento educacional e de cuidados às crianças de três meses a três anos e onze meses.

Atualmente, a Unesp conta com 14 Centros de Convivência Infantil (CCI's), localizados nos seguintes campi: Araçatuba - FOA[42], Araraquara - FOAr[43], Assis - FCLAs[44], Bauru - AGBa[45], Botucatu - AGBo[46], Franca - FCHS[47], Guaratinguetá - FEG[48], Ilha Solteira - FEIS[49], Jaboticabal - FCAV[50], Marília - FFC[51], Presidente Prudente - FCT[52], Rio Claro - IGCE[53], São José do Rio Preto - IBILCE[54]e São José dos Campos - ICT[55].

---

[41] https://www.fc.unesp.br/#!/noticia/1262/chapa-2-vence-com-folga-o-pleito-para-a-reitoria/
[42]Faculdade de Odontologia.
[43]Faculdade de Odontologia.
[44]Faculdade de Ciências e Letras.
[45]Administração Geral de Bauru.
[46]Administração Geral de Botucatu
[47]Faculdade de Ciências Humanas e Sociais.
[48]Faculdade de Engenharia e Ciências de Guaratinguetá.
[49]Faculdade de Engenharia de Ilha Solteira.
[50]Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias.
[51]Faculdade de Filosofia e Ciências.
[52]Faculdade de Ciências e Tecnologia.
[53]Instituto de Geociências e Ciências Exatas.

Figura 10. Campi que oferecem o Centro de Convivência Infantil

Fonte: https://www2.unesp.br/portal#!/cci/ 07/02/2023.

Cada unidade estabelece as normas para entrada. É realizado um processo seletivo que passa pela Assistente Social do Campus e pela Supervisora do CCI. O processo seletivo tem caráter socioeconômico e é regido por quatro critérios: I - Criança em aleitamento exclusivo; II - Situação socioeconômica da família; III - Jornada de trabalho do responsável; IV - Utilização do CCI em período integral.

O processo passa por três etapas, a divulgação e inscrição, a análise das fichas de inscrição e chamada para entrevista socioeconômica e a divulgação dos resultados e listas de espera.

O objetivo da ação é garantir os direitos fundamentais da criança, conforme legislação nacional e acordos internacionais, contribuir com o processo de construção de conhecimentos sobre a infância, sua educação e suas instituições, contribuir com a formação de profissionais nas diversas áreas do saber da Universidade, por meio da criação, coordenação e manutenção de estágios, projetos de pesquisa e de extensão relacionados à infância e elaborar, avaliar e executar projetos que visem ao intercâmbio social, cultural e educacional do CCI com a comunidade em geral.

Ações como essas são de suma importância, mas deve estar alinhadas a necessidade de docentes e discentes da universidade.

---

[54]Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas
[55]Instituto de Ciência e Tenologia

2.1.3.2 Aplicativo “Unesp Mulheres”[56]

É um aplicativo disponível no sistema Android (*PlayStore*) e Sistema Operacional do iPhone (IOS) (*AppleStore*) que é voltado para ampliação da rede de proteção às mulheres da comunidade universitária.

Figura 11. Aplicativo “Unesp Mulheres”

Fonte: Arquivo da autora.

O Aplicativo traz orientações sobre como utilizar a Ouvidoria da Unesp. Nele é possível tirar dúvidas e realizar denúncias de casos de violência doméstica, sexual ou de assédio ocorridos dentro e fora da Universidade.

2.1.3.3 Grupo de Trabalho Unesp Mulheres[57]

É um grupo que tem como objetivo propor ações afirmativas que possibilitem às mulheres um desenvolvimento equitativo em relação aos homens. O grupo busca identificar os problemas e dilemas vivenciados pelas mulheres e auxilia na busca de soluções que diminua essa desigualdade; ele propõe a promoção de ações educativas para sensibilização das diferentes opressões e violências que as mulheres são submetidas, além de conscientizar sobre os direitos das mulheres; o grupo também propõe programas voltados ao bem-estar e saúde da mulher.

---

[56] https://play.google.com/store/apps/details?id=br.com.app.gpu2805574.gpu487e8fbb425f5d4a6fccfe251552b49d&hl=pt_BR&pli=1

[57] https://www2.unesp.br/portal#!/caadi/grupo-de-trabalho-unesp-mulheres/

O grupo possui representantes de alguns coletivos[58] da Unesp, como representantes da Coordenadoria de Ações Afirmativas Diversidade e Equidade (CAADI), técnico-administrativo, ouvidoria, assessoria, Pró-Reitoria, docentes de todas as áreas e discentes de graduação e pós-graduação.

2.1.3.4 Apoio à permanência de discentes em período de licença-maternidade e adoção a Graduação e Pós-Graduação

O apoio à permanência se dá decorrente da Resolução Unesp 23/2022 que dispõe sobre a aplicação do regime de exercícios domiciliares aos alunos submetidos a tratamento excepcional, em seu artigo 2º traz que poderão usufruir de tratamento excepcional os alunos em condição de incapacidade física temporária de frequência às aulas, mas com condições intelectuais e emocionais para o prosseguimento dos estudos, no caso de gestantes, por um período de 120 dias, a partir do 8º mês de gestação (São Paulo, 2022).

A Instrução Normativa da Pró-Reitoria de Pós-Graduação (PROPG) 01/2019, de 6 de agosto de 2019, também contribui para a permanência discente ao dispor sobre licença-maternidade, paternidade e adoção, e licença por doenças para discentes dos cursos de pós-graduação *stricto sensu*, previstas no Regimento Geral da Pós-graduação (RGPG). "O discente beneficiado pela licença-maternidade, paternidade ou adoção terá suspensa por até cento e oitenta dias a contagem dos prazos prevista no regulamento do programa no qual está regularmente matriculado, conforme as situações previstas nesta instrução" (São Paulo, 2019, p. 1).

A universidade também concede um auxílio maternagem/paternagem de acordo com a Lei 8.069/1990[59], concedendo aos estudantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica, responsável direto por crianças de até doze anos incompletos, o valor mensal de R$ 500,00.

Uma observação importante é que nem todo o discente tem acesso a esse auxílio, a sua oferta é restrito o que faz com que diversos estudantes recorram a outras formas de remuneração ou até mesmo desista do curso.

---

[58] Coletivos Estudantis são espaços nos quais estudantes se organizam para debater temas de seu interesse e que proporcionam troca de experiências, de conhecimentos, de pontos de vista, pertencimento e engajamento a partir de assuntos em comum. De acordo com a CAADI, e atualizado em 05 jun. 2024 a Unesp conta com 27 coletivos cadastrados, dos quais treze discutem a relação de gênero. https://www2.unesp.br/portal#!/caadi/coletivos/

[59] A Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, é conhecida como Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Esta lei dispõe sobre a proteção integral às crianças e aos adolescentes, estabelecendo diretrizes para a garantia de seus direitos fundamentais. Disponível em: https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2021/julho/trinta-e-um-anos-do-estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-confira-as-novas-acoes-para-fortalecer-o-eca/ECA2021_Digital.pdf

2.1.3.5 Prêmio L'Oreal

O programa Para Mulheres na Ciência - uma parceira da L'Oréal Brasil, Academia Brasileira de Ciências e a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) no Brasil - já premiou 117 mulheres cientistas no Brasil, com mais de cinco milhões de reais em bolsas. Ele foi criado com a intenção de incluir as mulheres na ciência. O programa está desde 2005 incentivando as mulheres na ciência. Eles oferecem sete bolsas de 50 mil reais para ajudar mulheres a colocarem em prática, em doze meses, seus projetos inovadores em diferentes áreas da ciência: Ciências da Vida, Física, Matemática e Química e a candidata não precisa ser formada nessas áreas para se inscrever. Mas, o projeto que submeter deve atuar em uma dessas quatro áreas.

Para se inscrever precisa ser uma mulher cientista, com doutorado concluído a partir de 2015 e antes da abertura das inscrições do programa. E, para aumentar as oportunidades para as mães cientistas, o prazo é ampliado em um ano para mulheres com filhos e em dois anos para mulheres que tenham dois ou mais filhos.

A seleção das sete cientistas vencedoras é feita por um júri formado por catorze pesquisadores, membros da Academia Brasileira de Ciências (ABC), um representante da L'Oréal Brasil e um representante da UNESCO no Brasil, e é presidido pela Presidente da ABC. O júri estabelece critérios de escolha que avaliam a qualidade e impacto do projeto, o trabalho desenvolvido anteriormente pela candidata, além de outras características, como o potencial de sucesso do projeto.

A Unesp teve uma representante vencedora do prêmio em 2020, Daniela Ramos Truzzi, formada em Química Ambiental no Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (IBILCE) da Unesp de São José do Rio Preto. Outras duas ganharam em 2020.

2.1.3.6 Parent Science

O grupo é formado por cientistas mães e pais e surgiu com o intuito de levantar a discussão sobre a parentalidade dentro da academia e da ciência. Desde sua criação, o grupo apresenta dezenas de seminários e palestras em diferentes cidades, discutindo sobre maternidade e carreira por todo o Brasil. Eles foram pioneiros no levantamento de dados para avaliar as consequências da chegada dos filhos na carreira científica de mulheres e homens. O grupo também realizou um levantamento sobre o impacto da pandemia de COVID-19 na vida de cientistas no Brasil. Suas ações contribuíram para várias mudanças significativas, como a

proposta feita a CNPq para a inserção da licença-maternidade no *lattes* e a criação de editais de financiamento que consideram os períodos de licença-maternidade na análise de currículo.

2.1.3.7 Inclusão do registro de licença-maternidade no currículo Lattes

O CNPq fez atualizações no currículo *lattes*, onde adicionou um campo para o registro dos períodos de licença-maternidade. A alteração teve como objetivo atender as demandas de representantes da comunidade científica e de instituições parceiras deste Conselho, sobretudo do Movimento *Parent in Science*, coordenado pela pesquisadora Fernanda Staniscuaski da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), que havia protocolado uma solicitação junto ao CNPq. A versão do Currículo *lattes* com essa modificação ficou disponível no dia quinze de abril de 2021.

Dessa forma, nota-se que há iniciativas de discussões, suporte e apoios dentro da universidade, alguns pensando em questões redistributiva e de reconhecimento como oferta de prêmios, auxílios e bolsas, vagas em creches na universidade e a inclusão do ícone que identifica o período de licença-maternidade no currículo *lattes*. Ainda há um grande caminho a ser desbravado, esses remédios dão alguns suportes, mas são necessárias ações que visam remodelar a estrutura, pensar em ações afirmativas para a inclusão de mulheres em ambientes e em pautas que foram historicamente excluídas.

Em uma palestra no IV Vozes: Mulheres na Filosofia[60] na mesa 10 – "Maternidade, pesquisa e docência", foram discutidos assuntos relacionados às mulheres, a pesquisa e a maternidade na academia e as palestrantes retrataram que na área da filosofia e isso se estende a área das exatas faltam acompanhamento estrutural, material e psicológico às mulheres que decidem ser mães. A participação das mulheres nos espaços de tomada de decisão ainda não é suficiente para que haja mudanças efetivas nas decisões. Na palestra, também foi exemplificado que um programa de pós-graduação que possui nota sete (nota máxima na avaliação de excelência de um programa) não há nenhuma mulher em seu quadro docente, é necessário que questões como a paridade de participação esteja entre os critérios de avaliação de um programa, é necessário que haja ações efetivas.

Dessa forma, dispositivos de visibilidades como os apresentados acima são de suma importância no espaço acadêmico, eles ajudam na conscientização da importância dessas discussões. Hoje, falar sobre maternagem na academia assim como o reconhecimento das contribuições das mulheres na Matemática não é mais um tabu, identificar que assuntos como

[60] https://www.youtube.com/watch?v=XoTzwpApQ50

gênero estão em pautas de coletivos, abertos a diálogos e serem pensados no coletivo, não de forma individualizada aponta uma luz no fim do túnel, para que mesmo que de forma incipiente sejam pensadas propostas e ações que visam superar as injustiças sociais dentro do espaço universitário.

Na próxima seção, discuto a metodologia adotada no trabalho, a História Oral, desenvolvida por meio de Roda de Conversa. Apresento os passos metodológicos e problematizo as escolhas e opções feitas na constituição da pesquisa.

Nós acreditamos na história de quem detém o poder. É ele que acaba escrevendo a história. Por isso, quando se estuda História, é preciso sempre fazer perguntas. Que história não está sendo contada? De quem é a voz que foi reprimida para que essa voz pudesse se fazer ouvir?
Yaa Gyasi

2.2 A História Oral

2.2.1 A História Oral como metodologia

A História Oral como metodologia está presente em diversos trabalhos. Segundo Silva e Souza (2007, p.4) ela "traz consigo uma intenção comum a qualquer área que dela se utiliza: a valorização de narrativas orais como fontes de pesquisa", isso a aproxima desta pesquisa que busca produzir narrativas de mulheres que por muito tempo foram excluídas da história e da ciência. Neste trabalho, proponho realizar um estudo com base nos pressupostos da História Oral, utilizando-se de seus recursos para responder os questionamentos que surgem no decorrer da pesquisa. Os métodos utilizados na coleta de dados foram os da História Oral, e proponho discutir a relação entre mulheres, maternagem e a presença feminina nos cursos de Licenciatura em Matemática, a partir das experiências de docentes da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp), em uma perspectiva de reconhecimento, redistribuição e representação, segundo o modelo de justiça social de Nancy Fraser.

De acordo com Silva e Souza (2007, p. 5) "a história oral colabora com o retorno das narrativas para o interior do discurso científico, dando-lhe legitimidade na pesquisa acadêmica ao mostrar que, tanto quanto as metanarrativas, são teorizações". Dessa forma, ao realizar as Rodas de Conversa pensando na História Oral, não penso apenas em obter dados sobre determinado tema, mas também se tenho como objetivo produzir documentos históricos tanto orais quanto escritos que podem ser utilizados posteriormente e que fiquem registrados na História da Matemática.

O Grupo de História Oral e Educação Matemática (GHOEM)[61], no qual me aproximei e tive diálogos desde o mestrado, têm vários trabalhos[62] que utilizam a História Oral como

[61] O Grupo "História Oral e Educação Matemática" (GHOEM) foi criado no ano de 2002. Sua intenção inicial foi reunir pesquisadores em Educação Matemática interessados na possibilidade de usar a História Oral como recurso metodológico. Desde então, essa configuração foi alterada, ampliando-se, de modo a incorporar discussões sobre outros temas e outras abordagens teórico-metodológicas. O interesse central do grupo é o estudo da cultura escolar e o papel da Educação Matemática nessa cultura. Assim, os temas abordados nos inúmeros trabalhos desenvolvidos no grupo são vários: abordam a formação de professores de Matemática, as narrativas, a História Oral, os manuais didáticos, instituições de vários níveis e modalidades de ensino nos quais atuam professores de Matemática e dos quais a Matemática faz parte, a História da Educação Matemática, a

metodologia, mostrando sua importância na constituição de novas fontes orais e escritas de fazeres matemáticos dentro da área.

Dentre esses trabalhos são evidentes as potencialidades e formas de utilização dessa metodologia, como por exemplo, trabalhos como de Santos (2019), no qual foi feita uma entrevista individual com seis coordenadores de cursos de Licenciatura em Matemática ou o trabalho de Martins e Bezerra (2022) que realizaram uma Roda de Conversa com idosos. Isso possibilita identificar a flexibilidade, ainda que dentro de seus pressupostos, da utilização da metodologia de acordo com a necessidade da pesquisa.

A História Oral possibilita identificar histórias, para além de documentos e registros escritos, apresentando olhares e percepções individuais a partir da experiência e subjetividade de cada indivíduo diante de uma determinada situação ou fato.

A História Oral que é mobilizada neste trabalho é uma metodologia constituída em trajetória[63] (Prado; Gonzales, 2020) o que possibilita adequar as técnicas e aportes de acordo com as exigências da pesquisa. A proposta inicial era realizar entrevistas individuais com professoras, mas as questões a serem investigadas e discutidas sinalizaram a necessidade de um olhar coletivo, exigindo reflexões sobre a forma que utilizaria a História Oral. Durante o aprofundamento da temática percebi que a maternagem, historicamente, se relaciona a interesses coletivos[64] que, entretanto, tem sido enfrentada, enquanto fenômeno social-psíquico-biológico, de forma individual pelas mulheres. Nesse sentido, em termos de preocupação com a coerência interna da pesquisa, optamos (minha orientadora e eu) por defender que a maternidade e a maternagem sejam tratadas no coletivo, inclusive quando se tratar de tema de pesquisa.

Como metodologia, a História Oral oferece suporte aos protocolos desde a escolha da temática, identificando fontes de informações necessárias ao delineamento da proposta de pesquisa. Essas informações orientam a seleção de pessoas a serem convidadas a participar e também sobre como buscar por essas participantes, auxiliando na criação de roteiros para as conversas. Após a definição do tema discutido, inicia-se a procura de possíveis participantes que auxiliem na compreensão da temática escolhida. Identificados os participantes tem se a

---

análise de livros antigos e contemporâneos – didáticos ou não, formação e conservação de acervos, etc. Disponível em: https://www2.fc.unesp.br/ghoem/index2.html

[62] Santos (2019); Silva (2019); Gomes (2019) entre outros.

[63] Utilizar uma metodologia em trajetória é não ter algo fixo a ser seguido, os referenciais teóricos são constituídos a partir das narrativas e da sua necessidade e conexão com os temas abordados, podendo ser modificada conforme a necessidade da pesquisa.

[64] Interesses que vão de continuidade da espécie à manutenção de um ideal de família e de formas de reprodução social.

aproximação e convite. Em contato com o participante, inicia-se uma negociação da melhor data, horário e local para o encontro. Após a definição do encontro, que na maioria dos casos acontecem de forma presencial, o pesquisador utiliza-se de um gravador para registro do encontro.

Após realizar o encontro, a próxima etapa é a transcrição da conversa, quando é feita uma transcrição literal, inclusive entonações e marcas singulares do participante. Findada a transcrição, o próximo passo é a textualização[65], quando agrupamos os assuntos rememorados e narrados em conexões não lineares, mas sem descaracterizar a fala do participante.

Após a textualização, os processos subsequentes envolvem negociações, a partir da devolutiva da textualização de conferência dessas pelo participante, visando a concordância sobre a fidedignidade do texto construído em relação ao ocorrido no encontro, bem como a cessão de permissão para sua utilização na pesquisa.

Neste trabalho, a busca é oportunizar uma discussão coletiva. Nesse sentido, os pressupostos da História Oral, mobilizados por meio da Roda de Conversa, trazem a inspiração para movimentar questões que são caras as mulheres que por muito tempo foram excluídas da história e moldadas em uma sociedade que, por vezes, colocam mulheres como adversárias. Isto posto, a opção por uma metodologia que as coloquem juntas, para discutir, tecer entendimentos e gerar consensos intersubjetivamente, se faz política.

Silva e Souza (2007) me instigam a pensar a utilização dessa metodologia ao dizerem que “a história oral se volta mais frequentemente para o alcance de grupos e indivíduos ignorados, oprimidos e/ou esquecidos” (p.17). Diante disso, utilizar os pressupostos da História Oral como metodologia possibilita constituir narrativas, que se tornam documentos e registro na história, de um grupo de pessoas que foram excluídas dessa mesma história.

2.2.2 A História Oral na nossa Roda de Conversa

Em espaços e tempos outros, e talvez não muito distantes, mulheres tinham o hábito de se reunirem em rodas para tecer, bordar e conversar. As Rodas e círculos de mulheres estão presentes em muitas culturas desde sempre. De acordo com Faur (2021, p. 81) ao “longo da história da humanidade, mulheres de várias culturas e tradições se reuniram em círculos para orar, reverenciar, celebrar e comemorar; para honrar sua feminilidade, marcar estágios e mudanças na sua vida”.

[65]Textualização é “o processo de transformar o discurso em uma narrativa mais corrente, mas sem descaracterizar as marcar e dizeres do entrevistado, é uma narrativa produzida entre o depoente e o pesquisador” (Santos, 2019, p. 51).

A Roda de Conversa, na pesquisa aqui desenvolvida, é um espaço de troca de experiências, de desabafos, de identificações e registros de momentos vividos. E, sendo assim, essa reunião em grupo se fez uma alternativa para explanar, discutir e analisar questões relacionadas à maternidade e a maternagem como um tema de interesse coletivo, que deve ser enfrentado no coletivo. Essa alternativa parece pertinente, pois "ao falar, as pessoas constroem identidades, articulam suas experiências e refletem sobre o significado destas experiências para si" (Rocha-Coutinho, 2006, p. 67).

Segundo Rocha-Coutinho (2006), é de suma importância que as mulheres falem sobre suas experiências, assumindo "a autoria sobre suas vozes e vidas" (p. 67). Isso, pois, cria um movimento de auto e hétero identificação de e entre mulheres e suas similaridades, singularidades e peculiaridades advindas de vidas multitarefadas[66], além de constituir uma rede de apoio para se colocarem ôntica e ontologicamente, a Roda de Conversa surgiu como possibilidade de discutir assuntos como as dificuldades e desafios em ser mulher na sociedade e o exercício da maternagem a partir do coletivo, resgatando o diálogo do cuidar a partir de uma rede. Moura e Lima (2014, p. 1) trazem que a conversa é um espaço onde há troca de experiências, forja opiniões, desabafos e muda caminhos, e com isso, "a Roda de Conversa surge como uma forma de reviver o prazer da troca e de produzir dados ricos em conteúdo e significados" para a pesquisa em uma racionalidade feminista na área de Educação Matemática. Em consonância a isso, a Roda de Conversa, aqui constituída, permite conhecer as mulheres-professoras-pesquisadoras participantes para além das suas aulas e artigos científicos publicados, permitindo acessar às suas vivências e experiências de vida.

Assim o sendo, a construção das narrativas via Roda de Conversa oportuniza retratar as vivências e experiências de determinadas mulheres em determinados ambientes em uma época específica da sociedade. Segundo Perrot (2007, p.15) "as mulheres ficaram muito tempo fora desse relato, como se, destinadas à obscuridade de uma inenarrável reprodução, estivessem fora do tempo, ou pelo menos, fora do acontecimento. Confinadas no silêncio de um mar abissal". Dessa forma, é de suma importância deixar registrado na história novas narrativas que as representem.

A Roda de Conversa se organiza em termos de interações intersubjetivas, nas quais as participantes são acolhidas no encontro pela pesquisadora e, após saudações iniciais, convidadas a falar sobre um assunto que tem a função de iniciar a conversação. Essa conversa

[66] Com ênfase nas mulheres docentes no ensino superior algumas de suas demandas são profissionais, como aulas, participação em congressos e publicação e pessoais, como cuidado com filhos, pais, marido, afazeres domésticos, entre outros.

é constituída por uma iniciativa de apresentação de informações, opiniões, experiências ou impressões iniciais sobre o tema proposto. Essa enunciação primeira tem a capacidade de evocar respostas nas demais participantes a partir da identificação ou pelo contraste com a participante anterior. Desde essas participações iniciais, a dinâmica tende a se desenvolver de forma não linear, diferindo assim de uma entrevista, caminhando para uma regulação interna no processo, a partir da adição de novos elementos à conversa ou reiteração de pontos levantados que motiva a contribuição das participantes na conversa como expressão de concordância, discordância ou novos pontos de vista. Essa regulação interna se estrutura diante das possibilidades de réplica à última fala feita, ampliação da discussão, construção de consensos ou entendimentos da necessidade de dissensos de um tópico específico. A conversa tende a uma não finitude, mas que se interrompe com a necessidade do término do encontro.

> Nas rodas de conversa, o diálogo é um momento singular de partilha, porque pressupõe um exercício de escuta e de fala, em que se agregam vários interlocutores, e os momentos de escuta são mais numerosos do que os de fala. As colocações de cada participante são construídas por meio da interação com o outro, seja para complementar, discordar, seja para concordar com a fala imediatamente anterior. Conversar, nessa acepção, significa compreender com mais profundidade, refletir mais e ponderar, no sentido de compartilhar (Moura; Lima, 2014, p. 3).

Em consonância com o que foi caracterizado por Moura e Lima (2014), a Roda de Conversa pode contribuir para que haja um diálogo entre pessoas e que as discussões e os assuntos levantados gerem identificações sobre novos temas e reflexões. Como retrata Gatti (2005, p. 13) nas atividades em grupo é possível reunir opiniões e informações sobre a temática, trazendo para discussão aspectos importantes “considerados relevantes, social ou individualmente, ou fazer emergir questões inéditas sobre o tópico particular, em função das trocas efetuadas”.

Diante dessa discussão, vejo na Roda de Conversa um suporte para registar e compreender a trajetória dessas participantes nos espaços públicos e privados. E a possibilidade de discutir assuntos convergentes e divergentes nas duas áreas da vida, profissional e pessoal, como mulher, professora, pesquisadora, gestora e suas relações e reflexões sobre e com a maternidade e a maternagem.

2.2.3 Passos da nossa Roda de Conversa

Este estudo busca discutir a relação entre mulheres, maternagem e a presença feminina nos cursos de Licenciatura em Matemática, a partir das experiências de docentes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), em uma perspectiva de reconhecimento, redistribuição e representação, segundo o modelo de justiça social de Nancy

Fraser. Para viabilizar essa discussão, realizei três Rodas de Conversa com professoras formadoras dos cursos de Licenciatura em Matemática da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp).

Após definição do tema, a minha primeira aproximação com as participantes foi pelo *e-mail*, disponibilizado no *site*[67] oficial dos campi da Unesp que oferecem cursos de Licenciatura em Matemática. A Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" foi escolhida como *locus* da pesquisa por ser, segundo Spazziani (2016, p. 44), "no estado de São Paulo, a universidade pública que responde pelo maior número de vagas e formandos neste campo" e também ser o local da formação inicial e continuada meu e de minha orientadora, facilitando o acesso e comunicação com as possíveis participantes.

No *e-mail*, que enviei como convite à participação, apresentei a pesquisa, os procedimentos metodológicos e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)[68]. Nesse convite, optei por apresentar a temática de forma geral, sem muitos detalhes para que não impactasse em suas participações nas conversas, e não apresentei o roteiro que segui nas Rodas de Conversa para não enviesar a dinâmica de interação.

Por segurança, devido à pandemia que ainda oferecia riscos à época da constituição da Roda de Conversa, e pela disponibilidade das participantes[69], as conversas ocorreram via plataforma digital *Google Meet* [70].

Após o contato com cada participante, iniciei a negociação para marcar o encontro. Por se tratar de uma atividade coletiva, as negociações para as datas precisaram ser de comum acordo, gerando consensos sobre a conciliação de disponibilidades. Para tanto, elaborei um *Google Forms*[71] para consultar as preferências de datas para os encontros. Quando a entrevista é realizada com apenas um participante é mais fácil entrar em acordo de data para o encontro que, na maioria das vezes, acontece de forma presencial e utiliza um dispositivo de gravador de voz para registros. No caso da presente pesquisa, em razão da distância e disponibilidade entre as participantes, a Roda de Conversa aconteceu de forma remota, desenvolvida e registrada via chamada de vídeo por *Google Meet*.

A primeira Roda foi destinada a criação de vínculo entre as participantes e pesquisadora. Participaram da primeira Roda de Conversa quatro professoras e uma

---

[67] https://www2.unesp.br/portal#!/

[68] A pesquisa foi submetida e aprovada pelo comitê de ética com **CAAE:** 58230922.5.0000.5398.

[69] A Unesp conta com 34 unidades, sendo que seis delas oferecem o curso de Licenciatura em Matemática e esses seis campi estão espalhados pelo estado de São Paulo, dificultando a união de todas ao mesmo tempo.

[70] https://edu.google.com/intl/ALL_br/workspace-for-education/meet/

[71] https://www.google.com/intl/pt-BR/forms/about/

psicóloga[72], devido ao encontro trazer rememorações de lembranças de diversos momentos da vida de nossas participantes, pensando no bem-estar de todas, optei por integrar ao grupo uma psicóloga que, em caso de mal-estar em função de um gatilho disparado pelas discussões afetarem alguma participante, faria uma intervenção no momento da Roda ou posterior a ela.

Inicialmente, foram localizadas 56 professoras alocadas em seis departamentos de Matemática que a Unesp possui. Dentre essas, doze aceitaram participar da pesquisa, algumas professoras estavam em período de licença, outras de férias e outras não deram retorno. O grupo formado, para constituir a Roda de Conversa, contou com um total de oito professoras: uma licenciada em pedagogia com pós-graduação em educação especial e sete licenciadas em Matemática, sendo quatro com pós-graduação em Matemática aplicada e três com pós-graduação em Educação Matemática. Em relação à lotação, três são do campus de Bauru, duas de Guaratinguetá, uma de Presidente Prudente e duas de Rio Claro. Dentre as oito participantes, sete experienciaram a maternidade. Todas as participantes são mulheres, brancas e de classe média, três casadas, uma viúva, três divorciadas e uma solteira.

Acredito ser importante registrar que eu estava bem ansiosa para o primeiro encontro, apesar da experiência em ter realizado sete entrevistas na pesquisa do mestrado. Agora, o enfoque era diferente, a ação de pesquisar dava no coletivo, algo novo como pesquisadora. Os questionamentos surgem: Como conduzir a conversa? Será que os tópicos escolhidos serão suficientes para a discussão? Será que a dinâmica será fluida, por ser online?

Uma a uma, as professoras entram na sala e, nesse cenário, a conversa informal do tipo "quebra de gelo" foi importante para me tranquilizar. Uma das participantes sugeriu enviar um *e-mail* para as professoras, lembrando da reunião, e esse foi um protocolo utilizado nas Rodas seguintes, lembrá-las sobre o encontro. Em todo início de encontro foi informado sobre a gravação, assim como estava na apresentação da pesquisa enviada por *e-mail* às participantes.

No primeiro encontro, realizei uma apresentação pessoal e expliquei como seria a dinâmica da Roda, adotei uma sequência padronizada e segui em todos os encontros. Sugeria o tema inicial e pedia para as participantes conversarem livremente sobre ele.

Uma limitação decorrente, em virtude do formato "*online*" da Roda, é a não possibilidade de conversas paralelas que acontecem em encontros presenciais que, sempre tão

[72] Os riscos com esta pesquisa são inerentes as sensações emotivas evocadas em processos de rememoração de momentos vividos, que podem ser de alegria, constrangimento, tristeza e angústia, mas para assegurar o bem-estar de nossas participantes tivemos a participação de uma psicóloga. Foi possível notar que a participação da psicóloga contribuiu para que as participantes se sentissem seguras para falarem de questões pessoais que talvez se ela não estivesse não teria acontecido. No último encontro não tivemos a participação da psicóloga, mas mesmo assim não houve nenhum problema.

ricas em manifestações livres de assimetrias e transgressoras das regras de regulação do grupo, expressam conhecimentos e evidenciam experiências que, por vezes, são narradas com certos filtros nos momentos de uso da fala "oficial" da participante na conversa.

A primeira Roda de Conversa, com o tema inicial "Trajetória acadêmica e pessoal e a escolha pela Matemática", teve duração de 1 hora 22 minutos e 33 segundos, contou com a participação de quatro professoras e uma psicóloga. Na segunda Roda de Conversa, seis professoras e uma psicóloga participaram do encontro, propus uma discussão que se iniciou com o tema "Conciliação da vida acadêmica com a pessoal (participação em congresso e desempenho e produtividade)", teve duração de 1 hora 29 minutos e 46 segundos. Na última Roda de Conversa, três professoras participaram e o tema proposto para o início da discussão foi "Cargos de chefia, obstáculos e estratégias para pensar a maternidade no coletivo", e o encontro durou 1 hora 7 minutos e 19 segundos.

O grupo não manteve o mesmo nos três encontros, mas sempre havia, ao menos, uma professora que participou do encontro anterior.

Para realizar cada Roda de Conversa, de acordo com os pressupostos da História Oral[73], me apoiei em um roteiro pré-estabelecido com as questões que orientaram, inicialmente, as discussões. Esse roteiro não foi enviado previamente, pois o objetivo dele era o de desencadear a conversa e a partir disso, deixar que as participantes direcionassem os (outros) tópicos da conversa.

As Rodas foram gravadas, transcritas[74] (incluindo nesse texto escrito os dizeres de cada participante, da forma mais próxima da fala, com vícios de linguagem e entonações) e textualizadas (trazendo a narrativa da fala para um texto corrido, sem descaracterizar os dizeres de cada participante). Todos esses passos seguem os procedimentos relacionados à História Oral e possibilitam a criação de narrativas que constituem um registro de um trecho da história vivida por essas mulheres-professoras-pesquisadoras.

Nesses procedimentos, a narrativa textualizada é enviada para cada participante que, tendo liberdade para editá-la, devolve com algumas sugestões de acréscimo ou retirada de trechos. Esse processo, que envolve a construção coletiva do texto que expressa as narrativas das participantes, impõe um cuidado metodológico de só enviar a textualização referente à sua participação. Ou seja, somente será enviado o texto na íntegra após ter a concordância de cada participante em relação às suas narrativas.

---

[73] Para mais informações Santos (2019).

[74] A transcrição foi feita sem auxílio de programas. Ouviu atentamente a gravação das Rodas e realizei a transcrição manualmente.

É interessante salientar que dúvidas surgiram durante a elaboração da textualização e não encontrei trabalhos que, trouxessem as narrativas na íntegra, detalhassem o procedimento e oferecessem um caso paradigmático que auxiliasse a identificar a "melhor" forma de apresentar a textualização. Assim sendo, a opção foi por apresentar a conversa na forma de diálogo em uma tentativa de retratar a dinâmica estabelecida.

Ao término da textualização, foi enviado um *link* para acesso a um arquivo, contendo a proposta de textualização na íntegra, às integrantes de cada Roda para que, agora em um mesmo arquivo, todas pudessem verificar e realizar as alterações, caso fosse necessário. Após a leitura das textualizações, que deixei na forma de diálogos, solicitei que cada participante assinasse uma Carta de Cessão, autorizando a utilização da textualização já verificada para a finalidade desta pesquisa.

O momento de negociação de leitura das narrativas e a devolutiva da Carta de Cessão é sempre um momento de apreensão, pois há a incerteza da permanência de diálogos e informações importantes para a pesquisa e o não retorno da carta assinada. Tive um pouco de dificuldade em receber a devolutiva das cartas e textos, enviei *e-mails* às participantes, solicitando a devolutiva. Algumas o fizeram rapidamente, outras retornaram que estavam com grande demanda de trabalho e que o mais breve possível retornaria, e assim fez, e outras demoraram meses para um retorno. Sem a autorização não é possível utilizar os dados. Houve participante que optou em não ceder os direitos.

Novamente, por realizar uma narrativa no coletivo surge o seguinte impasse: se uma das participantes não der a autorização da utilização da narrativa, como fazer com a narrativa como um todo que foi constituída em conjunto? Com a proposta de integrar as Rodas de Conversa ao texto, a não autorização de uma participante inviabiliza a publicação de toda a narrativa? Apenas retiro os seus dizeres? O que pode ser mantido na textualização que não ferisse a opção da participante em retirar suas falas, mas que também não inviabilizasse a retratação da dinâmica dialógica entre as participantes na Roda?

Esses questionamentos sempre se fizeram presentes ao longo do delineamento da investigação, inclusive, mesmo antes da negativa de uma das participantes para a carta de cessão, e possibilitaram uma reflexão constante sobre possíveis caminhos metodológicos. A opção foi de manter pequenos diálogos que fossem essenciais para caracterizar a interação entre as participantes, assegurando que não houvesse informações das pessoas que não assinaram a carta (utilizo o pseudônimo Katherine para identificá-la). Permaneceram alguns dizeres que mobilizam narrativas de outras participantes e que, ao serem retirados, criam

lacunas entre os diálogos. A preocupação é não invalidar o desenvolvimento das temáticas apresentadas e discutidas, fazendo parte do registro e problematização nas análises. Sendo assim, a ideia de a pesquisa ser desenvolvida via uma experiência compartilhada, em grupo, para, dentre outras possibilidades, minimizar algum dano no processo de resgate da memória pode ser preservada. O processo de investigação corrobora com a máxima da pesquisa qualitativa que defende ser necessário, durante uma pesquisa, adequar os métodos de acordo com o contexto e trabalhar com a História Oral no coletivo, fazendo adequações ao longo, contribuiu no despertar das memórias e histórias das participantes da pesquisa (Rocha-Coutinho, 2006).

O ideário acerca de Rodas de Conversa remete a um grupo sentado em círculo em uma mesma sala, mas, como estávamos passando por uma pandemia e o grupo ser composto por mulheres trabalhadoras, algumas que são mães, de diferentes cidades, a possibilidade de fazer a Roda via plataforma digital foi a escolhida. A Roda de Conversa de forma virtual desperta diversas inquietações, considerando a impossibilidade da troca de olhares e sensações físicas que podem ser geradas em uma conversa presencial.

Realizar a Roda de Conversa de forma virtual trouxe algumas limitações, como a ausência de diálogos paralelos entre uma conversa e outra, troca de olhares e talvez uma proximidade física que pode oportunizar uma aproximação de identidades. Entretanto, trouxe possibilidades de adentrar um espaço particular das participantes, suas casas, oferecendo visibilidade não só para as demandas acadêmicas, mas para àquelas que são particulares e relacionadas ao cuidado. Isso torna possível vivenciar juntas dilemas e demandas, trazendo-as para a discussão e, talvez, isso não seja possível se a Roda de Conversa fosse realizada em outra modalidade.

Dessa forma, a metodologia que se constitui em trajetória se encaixa nas necessidades da pesquisa e é papel de quem pesquisa aproveitar essas possibilidades para repensar e problematizar seus dados e o próprio modo de fazer pesquisa.

2.2.4 Questões analíticas

As análises foram constituídas através de aproximações das perspectivas apresentadas no trabalho. Minha perspectiva enquanto pesquisadora que apresento os apontamentos teóricos constituídos através dos estudos e aprofundamento nas temáticas propostas no trabalho e práticos enquanto participante ouvinte da Roda de Conversa, além das minhas experiências e a outra sendo as professoras participantes que trazem suas perspectivas

experienciais, onde integram e fazem a interlocução entre as teorias que elas já tiveram contato com as suas vivências específicas e marcas que trouxeram no decorrer da conversa.

Para realizar essas aproximações utilizo três categorias de análise baseados nas dimensões de justiça social de Nancy Fraser: redistribuição, reconhecimento e representação. Essas categorias não foram escolhidas a priori. Ao realizar a leitura das Rodas de Conversa em conjunto com os aprofundamentos teóricos as cotegorias foram se constituindo e deram suporte para a elaboração das análises.

Nos trabalhos realizados no Ghoem com a História Oral algumas formas de análises são evidenciadas: análise narrativa de narrativas, no qual "o pesquisador trabalha a partir de suas análises com as possibilidades alternativas para compor histórias a partir das histórias que ouviu" (Santos, 2019, p. 59); análise de convergências onde os "elementos que se mostram mais insistentemente numa série de fontes ou elementos que, nesses mesmos conjuntos, se mostravam claramente divergentes, ou seja, uma análise constituída por meio de um cotejamento de fontes" (Martins-Salandim, 2012, p. 62) e análise de singularidades na qual a construção de uma "narrativa sobre e a partir de cada entrevista, e quais questões, individualmente, cada uma delas dispara em nossa pesquisa. Nessa análise busca-se registrar as nossas percepções de como cada narrativa apresenta-se, seu fio condutor, suas marcas" (Martins-Salandim, 2012, p. 242).

A partir das formas de análises acima pensei em qual seria a melhor forma de conduzir as análises da pesquisa. Diante uma diversidade de dados com vários tópicos de discussão me vi perdida em como iniciar as análises. Em diálogo com Deise, foi sugerido olhar para as Rodas de conversa e identificar nas falas das participantes o que elas retratavam sobre as dimensões: redistribuição, reconhecimento e representação, questões trazidas pelo referencial teórico da pesquisa. Decorrente disso, fazer o exercício analítico considerando as três dimensões se tornou algo natural.

Em cada categoria, busco nas falas das participantes as suas identificações com as dimensões e diálogo com os remédios afirmativos ou transformativos. O objetivo é problematizar e fazer aproximações teóricas e práticas das vivências relatadas com a teoria discutida no decorrer do trabalho.

Para escolher os diálogos de cada categoria realizei uma leitura minuciosa das narrativas fazendo uma separação de qual temática se relacionava com cada dimensão apresentada. Também observei os possíveis remédios propostos pelas participantes para ser dialogado com suas percepções e experiências.

Optei em trazer as narrativas na íntegra para que as experiências e reflexões das participantes sejam documentadas na constituição de uma história das mulheres que ensinam matemática. Outro ponto a discutir na constituição do trabalho é a identificação dos nomes das participantes, como a História Oral foi mobilizada como referencial metodológico manter o nome das participantes faz parte da metodologia, por se tratar de uma construção narrativa de histórias ao relatar sobre sua história as informações narradas descrevem as características da participante, então deixar o nome faz parte da experiência. Porém, como a temática discutida no trabalho envolve histórias que às vezes podem trazer algum desconforto a participante, a não identificação também é uma possibilidade. Decorrente disso, as participantes foram consultadas sobre a utilização de nomes ou pseudônimos. Duas delas, Adriana e Érica optaram por usar pseudônimos.

Assim, a História Oral dá o suporte necessário para constituir as narrativas de professoras que atuam nos cursos de Licenciatura em Matemática, fornece uma metodologia que é construída em trajetória e ao mesmo tempo em que buscamos responder nossas inquietações ela nos possibilita problematizar questões que aparecem no percurso da pesquisa.

Dessa forma, o próximo capítulo é destinado às Rodas de Conversa, apresento na íntegra os diálogos das participantes. Também neste capítulo realizo as aproximações das perspectivas apresentadas no decorrer da pesquisa.

.

Figura 12. Sacrifício III

Fonte: Arquivo pessoal, Valdete Campos.

CAPÍTULO III

Antes, a mulher era explicada pelo homem. [...]. Agora é a própria mulher que se desembrulha, se explica.
Lygia Fagundes Telles

3. Resultados: descrição e análises

3.1 Rodas de Conversa[75]

Com o objetivo de constituir documentos e registros históricos, colocamos as nossas Rodas na íntegra, lhe convido a pegar uma xícara de chá, um pedaço de bolo de fubá e venha conversar com a gente.

3.1.1 Primeira Roda de Conversa

Adriana: Bom dia a todas.
Todas: Bom dia!
Adriana: Desculpem os barulhos, é que estou com a nenê aqui, sozinha.
Todas: (risos)
Eliana: Está vendo, trazendo o que a Paula precisa. Está vendo Paula, não tem acordo, é bem o que você falou. Tudo junto e misturado.
Eliana: Eu levantei agora porque estou aqui, mas estou com a escuta lá (aponta para a porta) porque a minha mãe acordou fora do horário previsto, era pra ter acordado mais cedo, ela ficou mais tempo na cama e eu tenho que monitorar o café da manhã, então deixei os remédios lá, mas estou aqui escutando porque tenho que ficar esperta (a mãe passa pela porta do quarto) se ela vai tomar o remédio certo ou se ela põe o remédio guardadinho em algum canto e não toma, se ela come tudo, se ela não come, daqui a pouco vou ter que dar outra saidinha e ir lá vistoriar o serviço da pessoa, porque já era para ela ter tomado café, e estar tudo bonitinho, para eu poder estar aqui com vocês.
Érica: Eliana, sua filha está grande, mas você voltou a ser mãe dos seus pais.
Eliana: E minha filha é uma eterna adolescente. Agora ela está em um processo de avaliação psicológica com indicativos de autismo[76] na idade adulta, então tem mais essa para tourear

[75] Adriana, Érica e Katherine são pseudônimos.

aqui. Eu já tinha essa percepção há algum tempo, mas a psicóloga que a atendia dizia "não, é coisa da sua cabeça, porque você fica estudando autismo, então você fica achando problema no próprio filho", agora o psiquiatra levantou essa bola também, eu falei "quer saber, faz uma avaliação".

Katherine: Ela desenvolveu autismo na idade adulta?

Eliana: Não, eu tenho essa suspeita desde sempre. Em um estágio leve, mas ela sempre foi uma criança típica. Ela é uma criança, que nunca gostou de colo.

Eliana: Ela só sorriu depois dos quatro ou cinco meses de idade, ela não gosta que abraça e que beija até hoje, ela é aversa ao toque. Não era aquela criança gostosa que você chacoalha, aperta, beija, não, ela nunca gostou disso.

Paula: Bom dia! Gostaria de agradecer imensamente vocês terem aceitado participar da pesquisa, sei o quanto a vida está corrida, vocês têm vários afazeres, fico grata por tirarem esse tempinho para conversar aqui comigo. Vou iniciar conforme o meu cronograma, não é nada rígido, gostaria de avisar, como fiz na carta de apresentação que durante nossos encontros teremos a presença de uma psicóloga que estará à disposição de vocês. O nome dela é Jhennifer[77]. Dividi as temáticas a serem discutidas em três encontros, nesse nosso primeiro encontro gostaria que vocês se apresentassem falando tanto da parte acadêmica como pessoal de vocês, sobre o percurso na Matemática e o porquê escolheu essa área. Cada uma pode ir falando, se quiserem falarem juntas, irem complementando, conversando, fique à vontade.

Adriana: Oi, gente. Bom dia! Eu vou falar enquanto a nenê está boazinha, porque daqui a pouco ela não fica mais boazinha, ela está rindo aqui. Bom, me chamo Adriana, atualmente atuo no departamento de Matemática da Unesp[78] fiquei feliz quando ouvi uma colega dizer que escolheu Matemática porque era o curso que ela tinha disponível, antes dela falar fiquei pensando: "Meu Deus, eu conto que era o único curso que tinha para fazer na vida na Unesp da minha cidade ou falo aquela coisa bonita, ah porque eu gostava muito de Matemática quando estava no ensino médio", que não é o caso. Eu tinha que fazer um curso à noite, gratuito e era o que tinha, então foi. Durante o curso fui me encontrando, fui vendo o que eu gostava de fazer, tive um professor maravilhoso que é o Raul de prática de ensino de Matemática que influenciou demais a minha vida e me apresentou a educação Matemática. Depois fiz mestrado em Educação Matemática. Também ia fazer o doutorado na mesma

[76] O autismo, de acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-V é chamado de Transtorno do Espectro Autista (TEA), é transtorno do neurodesenvolvimento caracterizada por comprometimento na comunicação e interação social, associado a padrões de comportamento restritivos e repetitivos.

[77] Jennifer Constantino Rosa, psicóloga especialista em terapia cognitiva e organizacional.

[78] Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"

universidade, mas uns desentendimentos da vida me tiraram de lá e fui para a Faculdade de Educação da USP, fazer com a professora Vanessa, uma pessoa muito importante na minha vida. Durante o doutorado engravidei da minha primeira filha e lembro que do dia que fui contar para a minha orientadora de doutorado que eu tinha engravidado, porque não era para eu ter engravidado naquele exato momento, estava no meio do doutorado, ficava me questionando: "Meu Deus como que eu vou dar conta de um doutorado e da minha filha". Lembro que a médica me falou assim: "ah, vai demorar para você engravidar, faz muito tempo que você toma remédio, pode ser que demore, então vai parando e vamos vendo" e no mês seguinte eu já estava grávida, levei um susto e cheguei para a professora Myriam com aquela cara e falei: "Olha professora, aconteceu uma coisa que preciso contar para a senhora" ela falou: "O que foi Adriana? O que aconteceu?" respondi: "Aconteceu uma coisa que não sei nem como conto para senhora … eu estou grávida" ela falou: "Graças a Deus, achei que você estava doente, achei que você tinha uma doença" eu falei: "Não professora, estou grávida" ela falou: "Não, tudo bem". Fiz o exame de qualificação e logo depois já tive a minha filha e foi aquela correria. Solicitei prorrogação do doutorado, porque obviamente não dei conta de terminar e terminou tudo a "toque de caixa" [79], porque senão ia perder, foi um sufoco, mas terminei, com minha filha pequena e com todo esse processo de não dar conta de fazer o doutorado e cuidar dela. Por exemplo, deixava na escola às 10h e só pegar 18h, chorava porque não conseguia acabar, chorava porque tinha levado ela pra escola, onde já se viu uma criança de cinco meses já estar na escola e sozinha, longe da família, por que minha família é de Ribeirão Preto e vim para Campinas com o meu marido, aquele processo todo maluco. Eu nunca fiz terapia, mas acho que precisava, porque foi difícil passar por tudo isso sozinha, agora que estou pensando no que foi tudo isso, é muito complicado, mas passou, terminei o doutorado e depois ainda fiz um pós-doutorado. Passei na Unesp e os primeiros anos deixava minha filha na escola às 13h, vinha de Campinas para Rio Claro, voltava meia-noite para Campinas, todos os dias fazia essa viagem, uma hora mais ou menos de distância, mas no departamento como eles sabiam dessa situação, conseguimos nos organizar, porque eu não conseguia vir de manhã, então trabalhava à tarde e à noite, nos entendíamos nesse horário, eles compreendiam. Até que eles me acolheram de uma maneira boa, sem aquela pressão "Não você tem que estar aqui", eu fazia essa flexibilidade de horário. Aí eu queria ter outro filho, tinha muita vontade de ter dois filhos, mas tive duas perdas, dois abortos depois da minha filha e chegou um momento que falei "Não, não é pra ser, não quero ter mais, não é,

[79] A expressão se remete a realizar uma tarefa de modo muito rápido.

não é". Chegou num final de ano doei tudo o que tinha guardado da minha filha, empacotei e dei tudo embora. Quando foi em março de 2021, no meio da pandemia, me vi grávida de novo e foi um susto, porque eu já tinha 44 anos. Minha mãe falou: "Você é louca, como assim você vai ter um filho agora?" eu falei "Vou, engravidei de novo, vamos ver como é que vai ser" Eu já tinha perdido os dois primeiros logo no começo, mas quando fui fazer o ultrassom a minha médica que tinha acompanhado os meus abortos disse "Ah, Adriana, está grande, você já está com quase dois meses de gestação, está tudo certo" então eu fale "Então está tudo certo" E assim, em 2021 um ano completamente maluco, além da pandemia tive outros problemas, meu marido teve um problema de saúde muito sério eu grávida e veio a Clara, linda, saudável, nem se importou com todos os problemas que a gente passou. Tivemos outro processo de mudança, mudamos para Rio Claro. Pude ficar mais com a Clara do que com a minha primeira filha, porque com a primeira logo tive que voltar a trabalhar e colocar ela na escola para terminar o doutorado. A Clara foi para escola com quase oito meses, mas a culpa é a mesma, desmamar, mandar para a escola. Comecei mandando meio período e agora aos pouquinhos estou levando o dia todo, de vez em quando, quando precisa, mas é difícil. Outro dia vi o quanto eu acho que estou angustiada e a gente nem se dá conta, por isso a importância desse autoconhecimento, porque eu acho que nunca parei para pensar assim, eu me assustei com a minha própria fala quando a pediatra da minha filha falou: "Ah, você vai querer outro?" eu falei "Imagina, a senhora está doida? Eu tenho 45 anos, você está doida? De jeito nenhum" ela falou "Não, imagina, olha que legal a Claudia Raia[80] lá com cinquenta anos" eu falei "A Claudia Raia é uma louca, tem problema psiquiátrico" Depois fiquei pensando "Nossa, olha o que eu disse, a minha angústia está tão grande que… olha o que eu falei para médica, acho que a médica deve achar que estou extremamente revoltada", mas não é, saiu e na hora que eu vi já tinha falado. Nossa coitada ela tinha falado para mim "Ai, a minha filha já é grande, estou pensando em ter outro" e aí ela falou da Claudia Raia e tive essa reação, ela deve ter pensado "Não, não vou ter mais senão também vou ser doida". A diferença de idade entre as minhas filhas é de dez anos, a minha filha mais velha tem dez anos e agora estou com a Clara bebezinha (a Clara resmunga), reaprendendo a cuidar de bebê, vou ter que pegar (pega a Clara no colo). A lá o pessoal! Fala oi, Clara. Ela adora uma reunião online, está acostumada.

Katherine: Ela está grande, quanto tempo ela tem?

Adriana: Ela tem dez meses.

[80] Maria Cláudia Motta Raia é uma atriz, bailarina, produtora teatral e apresentadora de TV brasileira. Engravidou do seu terceiro filho aos 55 anos.

Eliana: Toda familiarizada com tela. A tela já faz parte da rotina dela.

Adriana: Não sei se felizmente ou infelizmente, mas ela já está acostumada, ela entra na reunião online, tem algumas pessoas que já faço reunião há um tempo, ela entra e fala oi.

Eliana: Quem fica mal somos nós.

Adriana: Eu estou desconfiada, depois de algumas falas que de vez em quando saem de mim, eu olho e falo: "Nossa, olha o que eu falei, que horror, porque que eu falei desse jeito? Não precisava ter falado assim", mas acho que realmente é todo um stress que vamos passando e nem nos damos conta. Apesar de eu ter o privilégio, porque por mais que a gente reclame da universidade, por mais que a gente reclame do tanto de coisa que temos para fazer, agora eu assumi a coordenação do curso de Matemática daqui, mas é um trabalho que você tem certa flexibilidade, tenho a creche[81] para a Clara aqui dentro da Unesp, eu acho que as creches são lugares para lutarmos muito para ter, as unidades que não tem temos que lutar para ter e as que tem temos que conservar e manter, porque é um lugar fantástico, a minha filha está ali do meu lado se precisar de alguma coisa, só isso é um alento. Então acho que as creches são lugares muito especiais dentro da Unesp, temos que lutar para conservar. Mas é isso, vamos tocando, de vez em quando escapa umas assim, como eu fiz com a coitada da médica que eu acho que a deixei chateada, falei que a Claudia Raia é uma doida, mas é isso, vamos seguindo.

Paula: E nos veja como uma rede de apoio, se precisar conversar, falar, é muito bom nos expressar, às vezes nos culpamos por pensar essas coisas e quando conversamos com outras pessoas percebemos que os outros também pensam assim, nos identificamos e temos um apoio, então, se precisar conversar estamos à disposição. Tornar essa Roda de Conversa mais comum, onde podemos sentar e conversar.

Adriana: Não, e agora você fica dividida, por exemplo, tenho uma de dez anos e a Clara bebê, lidar com essa situação é complicado. É isso gente vou trocar uma fralda, mas estou ouvindo vocês.

(Clara interage na câmera)

Eliana: Ela está achando um máximo.

Érica: Ela está se divertindo (risos).

Adriana: Ela adora uma telinha com um monte de gente, ela acha… não sei o que ela acha (risos).

Érica: Pode ser eu?

[81]Algumas unidades da Unesp oferecem creche para os filhos de alunos e funcionário, são os CCI - Centro de Convivência da Unesp. https://www2.unesp.br/portal#!/cci/

Adriana: E agora, acabei de entrar como docente na pós-graduação em Educação Matemática, e tive uma reunião outro dia e esqueci a câmera ligada enquanto trocava a neném, aí um colega meu amigo me mandou uma mensagem no *WhatsApp*[82], "Adriana, pelo amor de Deus nós estamos vendo você trocar a fralda" eu disse "Desculpa, eu vou fazer o que?", é isso (risos).

Érica: Ainda bem que era a fralda da criança (risos). Eu acho que sou o único ponto fora da curva aqui, a única que não tem filho, filho humano, tenho filho de quatro patas. Tenho 45 anos, um pouco diferente e com algumas similaridades do que vocês relataram que foram fazer Matemática porque era a única opção, uma das únicas opções. Eu sempre amei Matemática desde criança, dava aulas para os meus amiguinhos, brincava de escola desde pequena e Matemática sempre foi minha paixão. Quando fiz o ensino médio descobri a estatística, fiquei apaixonada e quis fazer faculdade de estatística só que sou de Rio Claro e o único lugar que tinha estatística aqui perto era na UFSCar[83], que eu sabia, porque naquela época não tínhamos informações como temos hoje, então, fui e prestei na sorte e o curso mais próximo que tinha a ver com o que eu gostava era matemática. Então prestei estatística na UFSCar e Matemática na Unesp e passei nas duas, só que não tinha como morar fora, minha família era muito pobre e nunca tive condições. Não teria a menor hipótese de morar fora, continuei em Rio Claro mesmo, a minha família é daqui e fiz faculdade aqui e amei, acho que a vida nos leva por caminhos que às vezes achamos que não é o que escolheu, mas é o que nos faz feliz depois, na hora não entendemos, mas depois acaba entendendo. Então fiz a faculdade aqui e amei, comecei a dar aula no primeiro ano de faculdade, consegui aula em escola particular e fiz toda a minha graduação sendo professora de escola, era escola particular, mas já atuava como professora dava aula em cursinho, já me realizei logo no primeiro ano. Quando acabei a faculdade, em 1998, me casei em 1999, nem imaginava ter filhos, não fazia parte dos meus planos, em 1999 me casei, fui fazer o mestrado, tive a oportunidade de fazer o mestrado em estatística, era casada e na época meu marido também não queria ter filho. Depois que acabei o mestrado vim fazer o doutorado, porque casada não tinha expectativa de fazer o doutorado fora, queria voltar para ficar em Rio Claro, passei aqui na Posmat[84], como meu mestrado foi em simulação computacional, na área de estatística o que tinha mais próximo era o Posmat que tinha uma área de simulação computacional, embora não entrasse a parte de estatística, mas tinha haver com Matemática, com materiais, química, física tudo que

[82] WhatsApp é um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para smartphones.
[83]Universidade Federal de São Carlos, localizada em São Carlos, interior de São Paulo.
[84]Programa de Pós-graduação em Ciência e Tecnologia de Materiais (POSMAT)

sempre gostei, então fiz o doutorado aqui, casada e na época tive vontade de ter filhos, pensava em engravidar, mas o meu marido sempre falava que se eu engravidasse ele largava de mim “Se você engravidar você fica solteira ou eu ou o filho” e eu já tinha cachorro na época e fui virando mãe de cachorro. Na verdade, tive um relacionamento abusivo por muitos anos, mas sempre fui muito submissa, medo de ficar sozinha, insegura, mas não sabia, não via isso, achava que gostava, mas deixava rolar daquele jeito e vivi assim por 17 anos, aí passou e fui virando mãe de cachorro. Em 2016 me separei de vez, criei coragem e me libertei, fui atrás de adoção e vê como funcionava para adotar, mas eu era solteira, tinha quarenta anos na época, fiz um cadastro para adoção, mas logo parei de ir atrás, meu cadastro está feito, eu falo assim, na hora que tiver que ser, que eu tiver coragem de ir atrás de novo e falo que estou aberta ao que vier, meus exames estão todos normais, minha ginecologista fala, “Se você tiver que engravidar, você vai engravidar”, não faço mais nenhuma prevenção, tenho um namorado, mas não é nada sério, falo que se eu engravidar vai ser produção independente, mas também não fico me pressionando, eu falo “Que seja feita a vontade, na hora que tiver que ser, será” só faço a prevenção de hormônios. Nesse meio tempo, quando acabei o doutorado, em 2010, entrei na Unesp logo depois e aquela vida corrida, na época não parei para pensar em ter filho, só depois da separação que voltei a pensar de novo. Hoje vejo as minhas amigas, a maioria aqui da Unesp, quando entrei não tinham filhos, é um departamento que tem mais mulheres que homens, na época que entrei em 2011 a maioria não tinham filhos. Durante a pandemia essa população cresceu, teve gente que teve filhos e algumas vão ter agora. Eu nunca tinha percebido que a mulher ter filhos incomodava os homens. Eu queria até contar isso, porque esses dias foi a segunda vez que escutei isso esse ano, e fiquei tão incomodada com isso. Fui chamar um professor para ser meu suplente e ele falou assim: “Você não vai ter filho não né, porque só vou ser suplente de quem não vai engravidar porque vocês dão trabalho hein" eu falei “Jesus Amado, não sei se não vou ter filho, como que eu vou saber?” “Ah, não, então não quero ser seu suplente” eu falei "Gente, como pode uma cabeça dessa ainda hoje?” Quer dizer, indiretamente ali tem alguns homens que ainda pensam que a mulher engravidar, é um problema. Antigamente, a gente via “Ah, não vou contratar mulher, porque mulher da despesa vai engravidar, tem que sair de licença-maternidade” nunca imaginei que fosse ouvir isso hoje e ouvi duas vezes esse ano, isso me incomodou bastante e eu ainda vou cruzar com ele de novo e vou falar algumas coisas, não sei, por que ainda no meio da gente, ficamos mais assustado, porque não era pra existir isso. Eu admiro quem tem filhos, estuda e trabalha, vejo toda essa luta, toda essa batalha e vemos muito. Ainda ontem

comentaram comigo “Nossa Érica, você não tem filho, mas você é mãe de todos os seus alunos”, porque eu recebo chorando e telefona a hora que for, então acabo adotando os alunos como filho e vejo muitas alunas tendo filho na graduação, a dificuldade que é, a luta que é para continuar. Mas não foi por falta de vontade, foi porque a vida foi me levando para esse caminho e acabei chegando aos 45 anos sem filhos bípedes.

Adriana: Mas ainda dá tempo.

Érica: Opa.

Adriana: Minha filha nasceu dia 6 de dezembro, dia 13 de dezembro fiz 45 anos.

Érica: Olha só.

Eliana: Claudia Raia é louca, mas está lá.

Adriana: Mas você sabe que durante a gravidez eu não tinha essa consciência, sabe, “Nossa estou velha para ter filho, em nenhum momento isso passou pela minha cabeça, depois é que comecei a pensar. Você falou agora, algumas pessoas do meu departamento falaram “Nossa, você é louca, Deus me livre, nessa idade ter criança pequena” falou desse jeito, e aí que comecei a me tocar, falei “Nossa, realmente tenho 45 anos, meu Deus” como se fosse muito velha.

Katherine: As pessoas te fazendo ficar velha.

Érica: Exato.

Adriana: E é mulher mesmo viu, não foi homem não.

Katherine: Mas a mulher é pior (risos).

Adriana: Uma colega falou pra mim “Você é doida! Ter filho pequeno nessa idade? Nossa, os meus já estão tudo grande” aí comecei a pensar “Nossa, gente, é mesmo olha isso eu já tenho” como se 45 anos fosse um absurdo de velha, credo, meu Deus, imagina.

Érica: É eu falo, enquanto o meu organismo tiver bom, ainda tem chance, é arriscado depois que tiver com deficiência de hormônio, aí começa a ficar mais arriscado, mas por enquanto, meu ginecologista fala, “Olha, na hora que você quiser, na hora que tiver que ser, será”.

Adriana: É exatamente isso, porque eu me preparei tanto depois da minha filha, perdi dois bebês, ninguém sabe explicar por que, fiz um monte de exames, eu disse “Ah, eu devo ter algum problema, eu devo ter”. Nada, a minha médica falava “Você não tem nada” “Mas por que então?” Fiquei pensando, "Por que eu não posso ter filhos? Todo mundo tem filho”.

Katherine: Você perdeu com quantos meses?

Adriana: Não chegava a seis, sete semanas.

Katherine: É a coisa mais normal do mundo perder um filho até o terceiro mês.

Adriana: A minha médica falava pra mim, mas eu achava um absurdo. Imagina, dois ainda, seguido, nossa que horror, imagina.

Érica: Não era pra ser.

Adriana: E agora, eu lembro que descobri que estava grávida em maio de 2021, mas eu já estava grávida desde março, a minha filha faz aniversário em abril, não fizemos festa porque era na pandemia, mas desceu uma amiga minha do prédio e imagina, tomei uma garrafa de vinho com ela, depois eu olhei e falei "Nossa, minha Nossa Senhora tomei aquele monte de vinho e estava grávida". Foi tudo bem, tudo super tranquilo.

Érica: As coisas acontecem quando tem que acontecer.

Adriana: É, super tranquilo não foi por causa da pandemia e outros problemas, a gravidez foi normal, não tive nenhum problema.

Paula: Obrigada, Érica, por compartilhar conosco sua vida, suas questões, muito obrigada.

Érica: Obrigada vocês.

Eliana: Falta eu agora, bora lá. Eu sou como a Érica, por outro motivo, mas também sou fora da curva daqui de vocês. Eu sou professora no curso de Licenciatura em Matemática. Desde 2002, leciono nas turmas de Matemática, mas não fiz faculdade de Matemática, sou pedagoga. Eu sou de humanas e bordo miçangas, como digo para as crianças. Ontem nós tivemos no começo da aula aquela atividade de recuperação da moçada que está reaprendendo a Matemática da educação básica, estava eu e a Emília[85] na sala e falei "Emília, dá aqui essa lista para eu ver o que me lembro da quinta série". Era uma lista que tinha uma página inteira de atividades e fui até a metade e falei "Olha colega, até aqui eu sei, na hora que começa a ter mais de uma letra misturada com os números a minha cabeça não vai mais não, eu paro por aqui" demos muita risada e os alunos olharam e falaram "Você não é formada em Matemática?" Eu falei "Não, de onde vocês tiraram essa ideia?" Eles acharam que eu também fosse da área da Matemática, mas não sou então talvez seja um fora da curva aqui para vocês. Sou pedagoga e vim para a pedagogia da mesma forma que a Adriana, não foi por opção, mas por falta dela, eu tinha que fazer uma faculdade gratuita e na cidade onde eu morava, porque eu não tinha condições de estudar fora. Tinha faculdade privada na cidade, mas eu não tinha condições de pagar, então fui fazer pedagogia e ainda achando que fazer pedagogia, vai vendo

[85] Emília de Mendonça Rosa Marques é licenciada em Matemática pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP/RC (1986), mestre em Álgebra (1990) e doutora Engenharia Elétrica (1999) pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. Professora da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP/Bauru desde 1990. Tem atuado na confecção de material e treinamento de tutores para Educação Continuada de Professores do Ensino Básico, nos níveis de Infantil ao Médio, bem como na formação de professores de Matemática através da docência na Licenciatura em Matemática e ainda sendo coordenadora do referido curso, nos anos de 2007 e 2008.

a falta de informação da criança aqui, achei que pedagogia, fonoaudiologia e psicologia eram quase a mesma coisa, que eu iria trabalhar em uma clínica vestida de jaleco branco, eu não tinha entendido que iria dar aula, só peguei que daria aula quando na primeira semana, e não foi nem na primeira semana foi um pouquinho mais adiante, porque na primeira semana era aquele "*oba, oba*" [86] de venha conhecer a universidade, foi um pouquinho mais pra frente. Eles começaram a falar "Porque quando eu fiz CEFAM[87], porque no CEFAM a gente aprendia tal coisa" então perguntei "Mas porque o pessoal do CEFAM estuda aqui? Vocês não queriam ser professor?" Foi aí que minhas colegas vieram me contar que no curso de pedagogia eu seria professora, foi um choque de realidade eu não sabia se chorava se ia embora ou voltava para trás, porque o que eu queria na verdade era na área de línguas, eu queria fazer tradutor e intérprete, queria viajar, ser comissária de bordo de avião, essas coisas assim um sonho de adolescente, era meu sonho viajar na VASP[88], usar aquela roupinha da VASP, aquele chapeuzinho que as moças tinham, aquelas saias justas, enfim, eu disse "O que não tem remédio, remediado está. Filho de pobre, a oportunidade que Deus me deu, então vamos lá". Como eu tinha pavor de sala lotada, na área da pedagogia eu via minhas colegas com aqueles trinta capirotos dentro da sala, subindo nas paredes para dar aula, eu disse "Eu não dou conta disso gente, essas crianças pequenas, não dou conta" então fui para a área de Educação Especial[89], porque as turmas eram pequenas, você podia atender de dois, três, no máximo dez alunos de cada vez, foi esse o motivo que escolhi a Educação Especial dentro da pedagogia, porque não aguento aquela sala cheia. Adoro criança, no porta-retrato ou no colo da mãe, passou daí faz mal para a saúde (risos) eles são muito chatos. Olha a coitada trocando fralda (a Adriana aparece no vídeo trocando a fralda da Clara). A outra correndo atrás, não, não criança começa a ficar boa depois dos doze ou treze anos, quando entra na adolescência, porque aí já dá para você levar na conversa e aí vai indo. Então eu não tenho uma relação muito de afetividade com a educação nos anos iniciais. Eu gosto de festa de aniversário de criança, porque comemos horrores de coisa gostosa, então, festinha de criança pequena eu

[86]Expressão informal para manifestação de alegria em relação a alguma coisa ou festa.
[87]Centros Específicos de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério - CEFAM para atender uma demanda do mercado, oferecia a oportunidade para os alunos do ensino médio da rede pública estadual – cursar a 2ª série já na formação para habilitação específica (curso normal), para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro séries iniciais do ensino fundamental. Foi se extinguindo a partir de 1996. http://www.educacao.sp.gov.br/central-de-atendimento/Htmexpl/cefam.htm
[88]Viação Aérea São Paulo (VASP) foi uma companhia aérea comercial brasileira com sede na cidade de São Paulo.
[89]A Educação especial é modalidade de ensino que perpassa todos os níveis, etapas e modalidades de ensino, ou seja, da educação infantil até o ensino superior incluindo o atendimento educacional especializado, que disponibiliza os recursos e serviços e orienta quanto a sua utilização no processo de ensino e aprendizagem. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/cpd/arquivos/apresentacao-sr-sr-jose-rafael-miranda

também adoro, pode me convidar viu Adriana que aí dou uma chegadinha, comer brigadeiro, aí meu Deus é uma delícia, então essa parte eu gosto. E vim para o mestrado e para o doutorado. Tenho mestrado no ensino de ciências aqui pelo Programa de Pós-graduação em Educação para a Ciência e o Doutorado em Educação Especial pela UFSCar, pelo mesmo motivo, estava na educação básica e falava assim "Eu preciso sair daqui, quero trabalhar com as pessoas mais velhas, não dou conta dessas crianças pequenas" Eu estava meio cansada da escola dos anos iniciais que é onde eu trabalhava, mesmo estando na área da Educação Especial. Tenho 16 anos na escola básica aquele monte de criança, aquela gritaria, aquele pátio cheio, aquelas mães reclamando e falta isso, falta aquilo outro. Aquilo foi me dando afobação (aflição), porque aquele não era meu curso de destino, de gosto no início, então eu precisava… eu não podia trocar também, então dentro do que eu estava fazendo eu tinha que encontrar outros caminhos, foi aí que enveredei para a pós-graduação, eu falei "Pronto, agora eu me encontrei, já que é isso que tenho que fazer, vou fazer bem feito aqui na pós" e juntei com a área da Educação Especial e Inclusiva porque o lado da lógica me dizia assim: "Se eu fizer mestrado em educação pura vai ser muito difícil me inserir no mercado, porque tem um monte de gente com mestrado em educação, preciso fazer uma coisa diferente em que a entrada no ensino superior vai ser menos sofrida, eu vou ter menos concorrência, foi por isso que depois do mestrado fui para área, para o doutorado em Educação Especial e realmente foi o que garantiu meu ingresso. A gente meio que "mosca branca"[90], agora menos, mas vinte anos atrás isso fazia uma diferença gigantesca você ser doutora em Educação Especial e de novo, trabalhando com uma clientela menorzinha, não precisava lidar com aqueles trinta, quarenta alunos, com aquele monte de gente aglomerado, não me dou muito bem com isso, muita gente junta, sou mais das coisas menores. E no meio dessa brincadeira toda, quando estava no segundo ano atuando na educação básica, depois de formada, engravidei, então sou mãe solo, nunca fui casada, tenho minha vidinha aqui eu e minha filha. Minha filha nasceu prematura com 31 semanas de gestação pesando 1,4kg, teve aquele histórico de ficar na UTI[91] neonatal um tempão, ficou com um pouquinho de sequela, mas no decorrer da primeira infância fomos consertando, ela foi nas terapias daqui, nas fonoaudiólogas de lá, TO[92] daqui, TO de lá, remendou, está aí, hoje está moçona vai fazer 30 anos, uma beldade, continua me dando aquele trabalhinho básico, mas toca, não tem nada não vou toureando. Depois que ela nasceu cortei relacionamento com o pai dela, fiquei 12 anos sozinha, sem namorado, sem

[90] O termo "mosca branca" é usado para se referir a algo difícil de ser achado.
[91] Unidade de Terapia Intensiva
[92] Terapeuta Ocupacional

nada, só estudando, foi aí que foquei totalmente nos estudos para terminar o mestrado, doutorado, formar carreira, essas coisas todas. Depois que estava mais estabilizada tive um namorado, um outro relacionamento que durou mais 12 anos, aí "deu ruim" bem legal, tomei uma invertida, porque ele me trocou por uma loira que nem a Jhennifer, só que ela não é loira é pintado de preto, pintou os cabelos igual a Érica os cabelos pretos, aí ele ficou com a outra lá, que seja feliz. Já fiquei brava, agora não estou mais, livramento, que vá. Porque agora tenho o pai e a mãe para tomar conta, então eu não teria fôlego para graduação, pós-graduação, filha dando ainda uns "pitizinho" que tenho que correr atrás e os meus pais com 84 e 86 anos que eu cuido. Minha mãe foi vitimizada com AVC[93] na pandemia, em 2020 e teve um comprometimento que não foi físico, foi cognitivo, ela perder a memória de curto prazo, ela não lembra o que aconteceu no minuto anterior, então ela está sentada, tomando café da manhã, quando tira tudo da mesa ela fala "Mais eu estou satisfeita, mas não lembro o que comi" ela tem consciência que não tem mais a memória, ela fica chateada, triste e a gente contorna, fala que está tudo bem, ela está na terapia cognitiva, porque… ah, nem sei o que a terapia cognitiva está fazendo nela, pelo menos ela tem onde sair, onde conversar, vai fazer as coisas. E o meu pai teve uma queda, quebrou o fêmur alguns anos atrás e nunca mais recuperou bem a perna, ele tem dores constantes, uma mobilidade relativamente reduzida, não faz grandes caminhadas, vai daqui ali, mas tem uma certa autonomia, mas também precisa de cuidados. Essa é minha rotina, cuidar do pai, da mãe, da filha e trabalhar. Depois da pandemia, gostei dessa história de trabalhar em casa porque facilita o meu cuidado com a família, então, vou pouco ao ambiente físico da universidade, procuro fazer tudo que posso daqui dentro de casa, vou lá eventualmente para uma reunião presencial quando não tem outro jeito e vou para as aulas presenciais, mas dizer que uso a sala lá, não, só quando preciso de material, passo lá troco ou pego um livro, a mesma rotina que eu estava na pandemia. É um bom depósito que tenho lá na sala, das minhas coisas que não cabem aqui em casa e assim a gente vai toureando e tocando a vida. Minha relação com a maternidade foi bem sofrida, eu saí que nem a Adriana, quando me perguntaram "Não, mas você vai ter outro filho?" eu disse "Jamais, jamais! Esquece isso, já não fazia parte dos meus planos e veio, foi uma benção, mas eu não vou repetir não, bênção é uma vez só, não precisa abençoar duas não, está de bom tamanho" no começo a minha filha deu bastante trabalho, sempre doentinha cheia de médico, cheia de alergia e um monte de coisa e eu tendo que trabalhar e garantir o sustento, sou chefe de família já faz bastante tempo, do cuidado da família como um todo e... o que mais posso

[93]Acidente Vascular Cerebral (AVC) acontece quando vasos que levam sangue ao cérebro entopem ou se rompem.

dizer da maternidade.. ela foi para o berçário, Adriana, com um ano e três meses, porque no comecinho a minha mãe ainda ajudava, ficava com ela um período e eu trabalhava meio período, então meio período eu ficava com ela no outro meio período minha mãe ficava, mas a coisa foi ficando mais complicada, pois eu não posso judiar da mãe nesse nível e aí ela foi para a escolinha de período integral, então desde um ano e três meses até *Forever*[94] ela sempre ficou o dia inteiro na escola, sem dor no coração e ela virava pra mim falando assim "Mãe, eu quero criança, não quero ficar aqui em casa" ela queria criança, ela queria brincar, quem sofre somos nós, mas eles estão super de boa na escola. Ficar te olhando e assistindo televisão não faz parte da rotina da molecada, eles querem interagir, parquinho, comer areia, tomar mordida do colega, chegava mordida em casa, aquelas histórias todas e vida que segue, você tem a de dez anos que passou por isso, a questão "Mãe, ela mordeu não sei quem na escola" eu falei "É, e a outra mordeu ela? Então está tudo certo, não me enche o saco porque tenho que escrever meu doutorado, não estou preocupada com isso, as crianças se mordem mesmo, nem me avisa quando mordeu" "Ah, mas estou te avisando que ela chegou mordida em casa" "Tá bom, eu sei, alguém mordeu ela, eu vou fazer o que?" Eu sou desencanada com essas coisas. E foi sofrido, vou ser sincera com vocês, a parte financeira pegou um bom tempo aqui, para pagar a conta disso tudo sozinha, mas depois que entrei na Unesp que agora tenho um "salário de marajá" [95] dá para fazer tudo e estou sossegada, porque ganho muito bem, graças a Deus, já estou perto da aposentadoria, então já juntei quinquênio[96], sexta parte[97], juntei todas essas porcarias, só falta a livre-docência, quem sabe se um dia eu tiver coragem escrevo outro papel, mas não sei se quero escrever outro papel não, mas ganha um tanto a mais. Mas será que ganha tanto a mais assim mesmo? Eu sempre fui funcionária da rede, eu trouxe todo o meu tempo de serviço da rede estadual e todas as vantagens do cargo.

Adriana: Já estou vendo isso. Porque é o único jeito de termos um aumento de salário e meu marido foi mandado embora na pandemia, da Embraer[98], 2500 funcionários mandado embora e até agora nada, então eu que sustento e foi por isso que peguei essa coordenação, eu brinco, tudo que aumenta meu salário eu pego, peguei coordenação do curso, pedi agora que a CPA[99] virou boazinha está dando a progressão de carreira, juntei tudo as minhas "coiserada" e pedi

[94] Para sempre.
[95] Pessoas que ganham um salário alto.
[96] Significa a forma de realizar o pagamento do adicional por tempo de serviço ao completar cinco anos, com o aumento de 5%
[97] Consiste no acréscimo de um sexto dos vencimentos/salários, devido ao servidor ocupante de cargo efetivo.
[98]Empresa Brasileira de Aeronáutica S.A - Embraer S.A. é um conglomerado transnacional brasileiro, fabricante de aviões comerciais, executivos, agrícolas e militares, peças aeroespaciais, serviços e suporte na área.
[99]Comissão Permanente de Avaliação - CPA.

minha progressão de carreira para subir um pouquinho, a Maria está no meu pé para fazer um pós-doc., ela falou assim "Depois você junta tudo e pede a livre-docência" e eu estou aqui "Aí meu Deus, será que tenho fôlego pra isso ainda?" Ela: "Tem sim senhora"

Eliana: Eu vou escrever o papel que é uma sentada e você faz.

Adriana: Então me ensina, porque ela quer que eu escreva outra tese.

Katherine: Você está sendo orientada pela Maria?

Adriana: Não, é porque eu sou do grupo de pesquisa na Educação Matemática.

Adriana: Estudo análise, mas do lado filosófico da análise Matemática, o Leibniz[100], ela quer, não, "doidisse". Ela quer que eu registre tudo isso em um pós-doc., ela falou "Aí depois você junta tudo e pede sua livre-docência com isso daí" eu falei "Puxa vida". Ontem mesmo ela ficou bravíssima comigo.

Eliana: Tem um jeito mais fácil de fazer isso, com um mês de dedicação você escreve o seu texto.

Érica: A Maria Ednéia acabou de fazer.

Adriana: Me ensina, porque eu …

Katherine: Depois eu te ensino.

Adriana: Está bom, tá joia então. Porque tudo que junta dinheiro eu estou fazendo.

Érica: Eu acho que nem precisa ter pós-doc., precisa?

Katherine: Não, não precisa.

Adriana: Ela falou para fazer o pós-doc. para depois pegar o material do pós-doc. e usar para a livre-docência.

Eliana: Era assim quando era difícil, lá atrás, agora é meio de vida, "rapidão", você faz um papel. É o que a Adriana falou, a livre-docência, hoje, tem o caráter de progressão de carreira, ela não tem mais o caráter da sapiência, da excelência de não sei das contas e "blablabla".

Adriana: E assim, é ruim falarmos isso, sabe, até a hora que eu falo isso escuto de um jeito ruim, mas gente, eu preciso subir meu salário, não tem aumento, não tem nada, sabe. Eu preciso ganhar dinheiro para sustentar minha casa, minhas filhas.

Eliana: Adriana, vou te dizer, eu vivi isso que você está vivendo a vida inteira, eu não falei, mas eu estou com 53 e vou fazer 54 anos. É, nasci em um ano que ainda não acabou 1967 e 1968, dias da ditadura[101]. Eu vivi isso minha vida inteira de você ter que contornar a vida

---

[100] Leibniz, Gottfried Wilhelm (1646-1716)foi reconhecido como o gênio universal de seu tempo, filósofo e cientista que trabalhou nos campos da Matemática, geologia, teologia, mecânica, história, jurisprudência e linguística. http://www.fem.unicamp.br/~em313/paginas/person/leibniz.htm

[101] Ditadura é um regime governamental no qual todos os poderes do Estado estão concentrados em um indivíduo, um grupo ou um partido. https://www.significados.com.br/ditadura/

doméstica, a casa, a família, comida e essas coisas e pagar as contas do mercado, quando minha filha era pequena, para você ter uma ideia a bicha tomava leite de cabra, eu pagava oito reais o litro, em 1992/1993, quando oito reais equivalia o que hoje deve ser uns oitenta reais, eu quase morria para comprar leite de cabra para essa praga dessa menina, ela tomou leite de cabra de quando nasceu até os 14 anos de idade.

Katherine: Hoje está mais barato, você compra em pó (risos).

Eliana: Então, na época não tinha nem na caixinha, eu tinha que ir ao sítio, catava de litro o leite de cabra para ferver e congelava dentro do vidro, vai vendo. Eu tinha essa cobrança que você tem Adriana, de estar com essa preocupação "Não vai dar, eu tenho que dar o conforto" e eu ficava mais, ficava assim "Minha filha tem vários problemas e se eu precisar de um remédio que o meu salário não paga? E se eu não conseguir consertar o carro quando ele quebrar? E se…" eu ficava ensandecida com isso e aí o que eu fiz? No estado, eu dava aula em um período, quando ela era bem pequenininha. Para ganhar mais peguei e dobrei o período; além de dobrar o período do estado, que foi quando coloquei ela na escolinha no período integral e comecei a fazer bico[102], vendia pão de mel, vendia batom, fazia pão caseiro e eu bordava enxoval e vendia, porque fui das prendas domésticas e sabe o que eu ganhei com isso? Canseira, foi todo mundo em cima de mim, então, pensa assim, você não vai deixar faltar nada dentro da sua casa, mas também tem limites, sabe, comecei a prestar mais atenção no que era necessário e o que é doideira da minha cabeça do vir a ser, aí cheguei à seguinte conclusão: "No vir a ser, se eu precisar de um remédio, de trocar o carro ou outra coisa eu tenho um salário bom, vou ao banco e faço um empréstimo" Foi isso que pensei, ai meu coração aquietou, entendeu? Por isso que falo que ganho um salário de marajá porque, hoje, com o meu salário, dá para fazer tudo, dentro da minha simplicidade, não falta nada. Eu queria um apartamento, há oito anos fiz a "doidera", juntei todas as quireras que tinha, dei entrada e financiei esse apartamento que eu moro, esse mês, dia doze estou contando no relógio é a minha última prestação do financiamento. Ah lá, não dava para fazer do jeito que eu queria, fui lá ao banco e peguei.

Érica: Eu sou afundado em consignado (risos). Isso acaba com a vida da gente.

Adriana: Estou aqui só pensando (risos).

Katherine: Eu vou ensinar bastante coisa pra você Adriana (risos).

Adriana: Eu vou passar meu telefone, depois a gente acaba essa conversa no *WhatsApp*.

Katherine: Vou por aqui (risos).

---

[102] Pequenos serviços.

Katherine: Não, mas assim eu vou indicar financiamento e psicólogo. Não estou devendo para ninguém.

Eliana: E seu nome é limpíssimo né.

Katherine: Meu nome é limpíssimo.

Eliana: Você faz quantos financiamentos quiser, ela é esperta gente. Ela é discípula do Silvio Santos[103] sem dívida.

Katherine: Eu não junto não, não espero o amanhã, faço hoje e pago depois (risos).

Eliana: *Be happy, don'tworry*![104]

Katherine: Adriana, meninas façam terapia, a culpa não faz parte da minha vida.

Eliana: Olha que mulher bem resolvida.

Érica: Terapia é a melhor coisa que existe, todo mundo tinha que fazer.

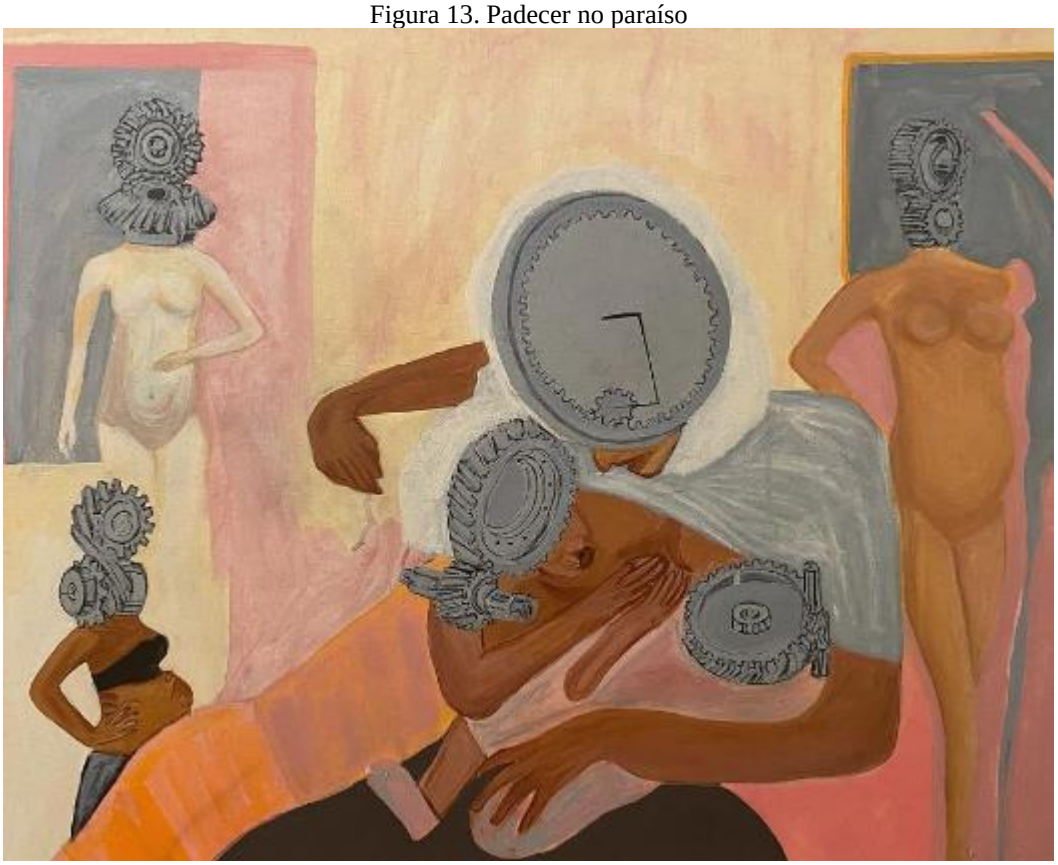
Katherine: Adriana, meu telefone está aí nas mensagens.

Adriana: Eu já copiei, depois vamos conversar.

Paula: Meninas, muito obrigada! Agradeço a disponibilidade de vocês e até a nossa próxima Roda de Conversa.

[103] Sílvio Santos é o nome artístico de Senor Abravanel, é um apresentador de televisão e empresário brasileiro filiado ao União Brasil.
[104] Seja feliz, não se preocupe!

Figura 13. Padecer no paraíso



Fonte: Basílio, 2024.

3.1.2 Segunda Roda de Conversa

Maria Ednéia: Olá, boa tarde, pessoal. Ainda estou a caminho de casa, estou acompanhando por aqui, tá bom?

Paula: Não tem problema. Esse é um momento destinado para vocês trocarem experiências, conversar um pouco sobre essa temática que é a Matemática, maternidade e o ser mulher. Nosso primeiro encontro foi para nos apresentarmos, se conhecermos e falar um pouco sobre nós, hoje gostaria de colocar alguns temas e vocês podem conversar sobre eles, se quiserem cada uma falar de uma vez, se quiser ir trocando ideias batendo papo, fiquem à vontade, podem dialogar sobre essas temáticas e estarei aqui ouvindo e se necessário, fazendo algumas perguntas. Como falei no encontro passado, temos uma psicóloga, Jhennifer[105], à disposição de vocês, como vamos trabalhar com alguns assuntos que podem despertar alguns sentimentos, recordações da vida pessoal e acadêmica de vocês, pode ser que vocês sintam vontade de conversar com uma profissional e ela está aqui para auxiliar no que for preciso, tanto durante o encontro como posteriormente, vou deixar o seu e-mail ela está à disposição. Alguém tem alguma dúvida? Alguma colocação? Para esse encontro, gostaria que vocês falassem um pouco sobre como é conciliar a vida acadêmica com a vida pessoal? Como está sendo e como foi nesse período da maternidade fazer essa conciliação? Os tópicos serão: participação em congresso e desempenho e produtividade. Se vocês puderem falar um pouco das experiências de vocês sobre isso, ficaria grata.

Eliana: Sou mãe solo e na primeira parte da minha vida acadêmica tive o apoio da família. Minha filha ficava com a minha mãe, com meu pai, às vezes com a minha irmã e eu tinha muita liberdade para ir a eventos, para escrever meu mestrado, meu doutorado, eu trabalhava quarenta horas por semana mais os estudos do mestrado, nunca tive bolsa, sempre trabalhei, porque era mãe solo e chefe de família, então não podia parar de trabalhar para estudar. A minha filha, ficou negligenciada, tenho isso comigo, ela reclama até hoje, ela fala "Mãe, você não estava lá, eu só via você entrar e sair em casa, porque quando você não estava trabalhando, você estava estudando, quando você estava em casa ouvíamos assim: não perturba sua mãe porque ela está ocupada" então, isso foi uma situação que foi praticamente desde quando ela nasceu até o final da adolescência, até perto dos 18 anos que foi quando entrei para a Unesp e mudou um pouquinho a minha vida, deu uma pseudo acalmada, foi quando comecei a conseguir conciliar melhor essas coisas. Agora na atual conjuntura inverte a situação de novo, eu sou a cuidadora dos meus pais, minha filha está aqui comigo, mas ela

[105] Jennifer Constantino Rosa, psicóloga especialista em terapia cognitiva e organizacional.

fala, está com ciúmes de novo "Você faz tudo para a vó e para o vô, mas não faz para mim". E assim a gente vai levando, segue a humanidade. Nada que uma boa agenda não resolva. Ontem fiz uma leitura de tese, cozinhei um arroz, fiz um feijão, vai no mercado, limpa uma casa, e assim vai levando. Minha filha só queria saber de ir para Águas de Lindóia[106] no encontro de formação de professores para comer bastante, porque a comida de lá é divina. Era fácil pegar um ônibus e ir para Monte Sião[107] fazer a festa com as malhas de lá, é um passeio que ela fica até hoje pedindo "Mãe, quando vai ter aquele negócio para irmos de novo?" "Filha, mingou, acabou", "Ah, mas eu queria."

Cristiane: Eu conheci sua filha.

Eliana: Em um desses, né. Era "tiracolo"[108]. Ela é apaixonada por Lindóia, vive pedindo para voltar.

Adriana: A Clara[109] já está acostumada com reunião *online*, ela chega e já fala oi para todo mundo. Fala "Eu já falo oi para todo mundo em reunião *online*" (conversa com Clara) e é uma construção maluca isso, porque a minha mais velha tem dez anos e eu já estava bem adaptada, já estava voltando a ir para eventos mais tranquila, ela ficava bem sozinha com o meu marido e agora mudou tudo de novo, de repente. Eu brinco que estou desesperada para ir para um evento, me concentrar, assistir uma palestra, ouvir as coisas, dormir à noite inteira sozinha (risos), mas eu sei que não dá. Agora, por exemplo, não tenho condição de sair por muito tempo, em novembro vou ter que ir para Rio Claro[110], é apenas um dia que terei que ficar lá, a minha mãe vai ter que vir para cá, tem que fazer uma estrutura de guerra para você poder fazer as coisas. Essa semana, todos ficaram doente, uma ficou doente e a outra também ficou. Não podem ir para a escola, então tenho que ficar aqui em casa cuidando delas, tenho que trabalhar de casa. Tem hora que você senta a criança no colo e vai fazer as coisas, é uma maluquice, só fico pensando assim: "Passa, vai passar, calma". E a exigência de publicar, de escrever, de orientar, de fazer, parece que… e de prazo, e de data, mas acho que quando você tem filho, uma coisa que aprendi é que é assim, não adianta, não deu para fazer, não deu, estourou o prazo, estourou, vai atrasar? Vai e não adianta, não tem o que fazer, não adianta você ficar sofrendo e desesperada. Vou fazendo de acordo com o que tem condição, o que não

[106] Águas de Lindóia é um município do estado de São Paulo, no Brasil. Dista 190 km da capital, São Paulo.
[107] Monte Sião é um município brasileiro do estado de Minas Gerais, localizado na microrregião de Poços de Caldas.
[108] Correia atravessada de um lado do pescoço para o lado oposto do corpo e passando por baixo do braço. A expressão usada se refere que a criança era bebê de colo.
[109] Filha mais nova da professora Adriana.
[110] Rio Claro é um município brasileiro do interior do estado de São Paulo que dista 173 km da capital São Paulo.

tem, não tem. Esse ano fiz uma maluquice, cheguei para uma reunião e ela tinha sido no dia anterior, cheguei lá e falei: "Mas, cadê?" Aí fui à sala da DTA[111] e perguntei para a chefe: "Escuta, Joana, cadê a reunião?" Ela falou "É, para o mês que vem você chegou adiantada, porque a reunião foi ontem". Então você fala "Olhei várias vezes o e-mail, vi a data várias vezes, mas parece que leio e tem hora que não enxergo". E é isso e vai fazendo, vai levando, vai fazendo como dá, prioriza algumas coisas, outras esperam e a fila de coisas para fazer no trabalho vai aumentando, mas não sei, estou tentando não me desesperar e ir levando.

Renata: Posso falar? É muito bom ouvir você Adriana, porque já estou assim faz tempo também (risos). É muito legal essa troca de ideias, porque vemos que não estamos sozinhas. Eu tenho três filhos, um está com vinte anos e na segunda gravidez tive gêmeos, eu quase surtei. Os gêmeos nasceram quando o meu filho mais velho tinha três anos, então vamos pensar, meio que cresceram todos juntos, e foi assim, nossa … (pensativa) hoje cresceram, mas é bem esse sentimento viu Adriana. Chegou uma época que falei "Vamos fazendo o que dá, o que é para amanhã? Então eu faço o que tem para amanhã". Tem hora que não adianta se programar, você planeja, mas um fica doente e aí vai, você vai fazendo as coisas conforme dá. A molecada foi crescendo, hoje os gêmeos estão com dezessete anos, e o mais velho com vinte anos e falei "Ah, agora vão crescendo e mesmo adolescente a coisa vai amenizando". E agora tenho meus pais. Meu pai vai fazer noventa anos e minha mãe 82, mas vai fazer oito anos que ela teve um AVC[112] e nunca mais recuperou o equilíbrio e de lá para cá a coisa só vem piorando, então agora eu falo que tenho dois bebês. Um que é um teimoso, que quer sair e minha mãe que é acamada que tem cuidadora 24 horas. Moro em Rio Claro, meu irmão mora na cidade, vira e mexe saio correndo, às vezes tem que levar para o hospital, levar para médico, sou eu quem vou, meu irmão cuida de algumas coisas, eu cuido de outras e assim vai. Então, quer dizer, é o que a Eliana falou, agora também estou nessa fase, emendei as fases, a questão da maternidade, os filhos crescendo e eu falei "Agora vai dar uma sossegada" e não adiantou nada, porque enquanto eles estavam crescendo emendei com o cuidado com o pai e com a mãe e estou nessa. Eu acho que a autocobrança que a gente sempre tem, me cobro e as outras pessoas também te cobram "E aí, quando você vai fazer sua livre docência?" eu já nem respondo mais, eu falo "Estou pensando" quer dizer, em um ritmo desse, chega uma hora que parece que você não tem energia para fazer, ainda não tive pique para fazer. Ainda fiquei *trocentos* anos na coordenação de curso né, Cristiane, a Maria Ednéia também sabe, agora que

[111]Diretoria Técnica Administrativa

[112] Acidente Vascular Cerebral. Acontece quando vasos que levam sangue ao cérebro entopem ou se rompem, provocando a paralisia da área cerebral que ficou sem circulação sanguínea.

consegui sair da coordenação, falei "Aí, um pouco a menos, vamos ver o que acontece". Mas agora estou tentando não me cobrar, se der para fazer a livre docência eu faço, se não der, vai ficar sem fazer e boa, porque senão vira uma coisa, que é cobrança da gente com a gente mesmo o tempo todo, e aí é duro, tem hora que é duro.

Adriana: Aí Renata, acabei de entrar na coordenação agora, acabei de assumir.

Renata: Você acabou de assumir, eu já fui várias vezes. Entrei na Unesp em 1998. Esses dias tive que pedir uma declaração, não lembro para o que era, para ver esses negócios de cargo de gestão, do que tínhamos feito. Aí que fui perceber que desde quando entrei na Unesp eu estava no Conselho de Curso, ou como membro, só o primeiro ano, depois fui coordenadora ou vice, eu falei "Gente que isso, deixa eu sair, é muito tempo". E na hora que você sai de um o pessoal já quer ver se coloca você em outro, eu falei "Não, agora é não". Saí da coordenação e o pessoal já estava sondando para ir para a chefia de departamento. Eu falei "Não, não adianta nem vocês chegarem perto de mim que já estou falando, não, eu não vou assumir a chefia de departamento". Tem coisas que acabamos tendo que fazer, porque senão você vai emendando uma coisa na outra e falei "Já emendei muito, agora preciso dar uma parada". Mas tem hora que, como foi falado, é muito desgastante. Quando foi outubro de 2020, outubro não, novembro, simplesmente apaguei, coincidiu várias coisas, tive COVID[113] junto com os meus pais, acho que peguei dos meus pais ao socorrer, mas assim, eles não tinham sintomas e junto veio a descoberta do meu filho mais velho com diabetes tipo 1[114], aí a coisa entortou, desmoronei mesmo, precisei ficar 15 dias fora de casa por conta da COVID, deixei as crianças sozinhas em casa, sozinhas assim, já eram grandes, eles se viram, sabem cozinhar, sabem tudo, mas emocionalmente fiquei péssima, precisei procurar ajudar psiquiátrica, precisei entrar com ansiolítico[115], porque senti uma palpitação, um negócio absurdo que chegou em um ponto que não levantei mais da cama, aí não teve jeito, precisei procurar ajuda. Então, são fases que passamos e que vamos toureando. Mas foi um período bem complicado, agora as coisas foram se acalmando, mas quando a coisa aperta, berra para um, no meu trabalho sempre tivemos essa parceria com os colegas de trabalho, temos muita essa parceria, se alguém tem algum problema, não dá para fazer determinada coisa, se você precisar dar aula no lugar do outro, eu acho que isso ajuda bastante.

Cristiane: Posso falar?

---

[113] A COVID-19 (Corona Virus Disease) é uma doença infecciosa causada pelo coronavírus SARS-CoV-2 e tem como principais sintomas febre, cansaço e tosse seca. https://www.paho.org/pt/covid19

[114] É uma doença crônica na qual o corpo não produz insulina ou não consegue empregar adequadamente a insulina que produz. https://diabetes.org.br/

[115] São utilizados no tratamento de ansiedade e tensão.

Renata: Pode, pode sim.

Cristiane: Eu conheço a maioria, em primeiro lugar agradeço à Paula pelo convite, agradeço a oportunidade de estar aqui trocando essas intimidades com vocês, falando dos nossos sentimentos. Então agradeço e me sinto honrada. Me reconheço nas falas de vocês, quando vocês falaram que é um equilíbrio, que vamos "dosando", lembrei que falo aqui para os meus amigos que sou uma pata, tenho a teoria do pato comigo, porque o pato voa, mas não voa direito, o pato nada, mas não nada direito, o pato anda, mas não anda direito, só que de alguma forma, o pato faz tudo. Isso agora amenizou, depois dos meus cinquenta anos já estou mais em paz, mas foi muito difícil, a autocrítica era terrível. A mulher que opta pela maternidade não está com a mesma liberdade para trabalhar que o homem, principalmente na minha faixa etária. O marido hoje, eu vejo meus colegas mais novos, dividem as tarefas de forma mais equilibrada, mas na minha geração parece que tem uma tendência da mulher assumir tudo. Então fui uma mãe que assumiu, fui uma mulher que assumiu a casa, mas hoje percebo isso, e não percebia na época. Vejo que nós não saímos de igual para igual e eu tive até privilégios, já tenho trinta anos de Unesp, vou fazer agora dia trinta de abril, tive filhos um pouco mais velha, aos 36 anos, tive o privilégio de colocar minha filha na creche da Unesp, mas mesmo assim tem aquele apelo emocional que às vezes é a mãe, quando adoece. E foi assim a carreira inteira, essa sensação de não estar inteira em tudo, isso me acompanhou a vida toda. Quando fui fazer um pós-doutorado fiz terapia, minha filha tinha oito anos e ela adoeceu durante o pós-doutorado, devido à ansiedade[116]. Ela ficou dois meses doente a ponto de achar que teríamos que voltar, então … eu lá enfrentando o que era uma certa tensão para mim, uma outra língua, e me ligavam “Olha, ela está vomitando na escola”... ela vomitava todos os dias de ansiedade, então eu saía, pegava o trem e voltava, então sempre foi uma coisa de equilíbrio, um pato mesmo, eu tentava fazer um pouco de cada coisa e eu acho que as coisas vão se somando a gente se cobra, tive uma síndrome do pânico[117], pela cobrança, cobrança do trabalho e às vezes a sua própria cobrança, muitas vezes você se cobra, você quer render, nós somos pesquisadoras, trabalhamos em uma universidade que exige que a gente atue em gestão, que atue em pesquisa. Peguei uma fase que isso era muito intenso, até com muitas ameaças, de rebaixamento de regime, então, foi aí que tive síndrome do pânico. Fiz

[116] A ansiedade, caracterizada como um sentimento de preocupação, quando em excesso, se torna uma doença. Este quadro faz com que a pessoa apresente sintomas de angústia e medo extremo diante de situações simples da rotina. https://www.minhavida.com.br/saude/temas/ansiedade

[117] O transtorno do pânico (TP) é caracterizado por crises de ansiedade repentina e intensa com forte sensação de medo ou mal-estar, acompanhadas de sintomas físicos. https://bvsms.saude.gov.br/transtorno-do-panico/

uma série de exames, descobri que tinha um tumor[118] na cabeça, larguei o mestrado, fiz cirurgia. Então você imagina, isso tudo com medo de ser rebaixada, de não produzir, então eu acho que hoje, já um pouco perto de aposentar, fico pensando que foi um privilégio ter conseguido equilíbrio para chegar até aqui (e bancando um pato) e hoje me aceito mais, mas já me comparei muito e perdia, porque pensava "Porque eu não consigo produzir tanto, igual umas amigas que, às vezes, largam mão de certas coisas e vão?". Mas aí cada um tem a sua energia. Tem um salmo que eu gosto muito "fique em pé onde Deus te colocou e faça o melhor que puder". Então estou sempre em pé e faço o melhor que eu posso, muitas vezes esse melhor podia ser outro, bem melhor, mas também podia ser pior de alguns (risos). Então passei esses 30 anos nesse equilíbrio. Obrigada meninas.

Maria Ednéia: Primeiro agradeço estar aqui com vocês. Na outra semana, desculpe, pois não consegui vir Paula. Eu tinha dito que tinha uma atividade com o meu filho na escola, era uma atividade da semana da família e achei que dava, sempre achando que dava para levar meu celular, enquanto ele se divertia eu ia participar da reunião, não imagina o fervo que estava na tal de festa, era impossível usar o celular. Mas foi muito bom ouvir histórias diferentes que têm também essas aproximações e de ver como cada uma de nós vai lidando e também se reconhecendo no processo. Eu acho que nunca tinha pensado nessa metáfora que a Cristiane falou, gostei da metáfora do pato, mas eu acho que também puxei a responsabilidade para mim. Eu já disse isso para uma entrevista que dei para uma aluna que estava estudando a questão da mulher na ciência e também me dei conta de muitas coisas ao participar de discussões na educação Matemática sobre a questão de gênero, ao participar da banca da aluna da Heloisa[119], ler aquelas coisas e começar a trazer essa temática para dentro da licenciatura, fui me percebendo "Maria Ednéia, o que você fez da sua vida? Porque tudo isso?" Então, eu acho que a minha primeira percepção dessa questão de ser mulher e estar aqui na academia, na universidade e também na escola, primeira coisa foi morrer de medo de engravidar durante a pós-graduação. Durante a graduação eu não tinha tanta noção, mas durante a pós-graduação eu tinha pavor. Comecei a namorar meu ex-marido, o pai do meu filho, aos quinze anos e segui a vida, a relação com a família dele era mais complicada, eles diziam: "Como assim, você vai embora para estudar?" Com ele isso não tinha muito

[118] Um tumor é um crescimento anormal de células em qualquer tecido do seu corpo.

[119] Heloisa Silva, professora Assistente Doutora do departamento de Matemática, IGCE/UNESP e atuo no Programa de Pós-graduação em Educação Matemática (PPGEM) do mesmo instituto. https://bv.fapesp.br/pt/pesquisador/104793/heloisa-da-silva/
A banca que a professora se refere é do trabalho titulado: "Narrativas de vida de educadoras Matemáticas paranaenses: marcas de gênero em um diário de uma feminista", SANTI (2021). Disponível em: https://repositorio.unesp.br/handle/11449/215427

problema, ele sempre foi um incentivador de eu seguir estudando, mas me coloquei isso como uma cobrança, foi uma decisão minha engravidar com quase quarenta anos e não decisão dele, tanto que depois isso foi um problema que acabou originando no fim do casamento, porque foi uma imposição que eu fiz a mim durante a vida. Alguém escreveu aqui que engravidou no final do doutorado, eu tinha pavor, eu achava que o meu orientador nunca mais ia olhar na minha cara se eu engravidasse, porque a gente circulava e ouvia os comentários, ouvia que outras mulheres tinham esse medo e convivi com vários colegas que foram pais, homens que seguiram, terminaram o doutorado, terminaram o mestrado grávidos ou já pais e que pouco impactou. E aí eu acho que me coloquei nessa posição e, portanto, chamei para mim uma responsabilidade que não era só minha, era de todas nós. Essa atividade aqui da Paula é uma atividade interessante, hoje eu tenho condições de falar isso pra vocês, eu não falaria isso para outras mulheres enquanto estava no doutorado, eu já estava casada, imagina se estivesse solteira, teria outros impactos. E eu não conseguia pensar que reestruturaria minha vida, então eram dois métodos anticoncepcionais para ter garantia plena que não ia engravidar e qualquer suspeita de gravidez eu realmente entrava em pânico, me desesperava e falava "Como assim?" Eu sempre fui uma mulher irregular no meu ciclo, não tinha muito controle, então na pós-graduação foi onde eu sinto que coloquei uma pressão, nem sei se o meu orientador (o filho entra no escritório) "Mamãe está falando, abaixa o telefone, está lá embaixo, tá bom?" Eu nem sei se o meu orientador teria problemas, mas coloquei isso, não queria nem ter a chance de ter problemas com ele ou com o grupo de pesquisa. Bom, resultado, terminei o doutorado já professora efetiva na UEM[120], fiz o concurso para a Unesp no mesmo ano, assim que defendi. Dois dias depois tinha que entregar o material, porque era o último dia da inscrição, imagina, não teve muita correção, mas toda uma correria para voltar para Maringá[121], minha defesa foi em Rio Claro e vim fazer o concurso da Unesp. Vindo para Bauru, já tinha essa consciência de que queria engravidar, tive muitas dúvidas antes, se queria ser mãe ou não, mas cheguei nessa conclusão que queria ser mãe sim, e aí outras coisas vão acontecendo. Essas coisas que vocês falaram, vão chegando os acúmulos de funções, os convites de Rio Claro para ir atuar na pós-graduação, uma tentação ir atuar na educação Matemática de Rio Claro, eu pelo menos construí minha carreira pensando nisso, já atuando no programa de Bauru e tendo que lidar comigo mesmo dizendo "Maria Ednéia, freia, você já está em um programa de pós-graduação, você já faz sua pesquisa, porque você agora quer

[120] Universidade Estadual de Maringá.
[121] Maringá é um município brasileiro do estado do Paraná. Dista aproximadamente 427 km da capital Curitiba.

mais uma meta tão agressiva com você? De ter que viajar?" Eu via a rotina da Ivete[122], a Ivete trabalhava comigo e estava no programa de Rio Claro e no de Bauru, ela já tinha dois filhos, eu via como era. Diferente da rotina do Vicente[123], que também vivia em Rio Claro, mas ele não tinha filhos, ele não era a mãe. Mas a da Ivete era, então também tive esse parâmetro e conversava muito com ela, inclusive, ela corria e deixava as crianças na mãe, no meio do caminho que era Jaú[124], fazia as aulas, orientava, voltava e pegava as crianças, convivi com isso. Inclusive, tive dificuldades em contar para as pessoas do trabalho que estava grávida, de tamanha responsabilidade que chamei para mim. A gravidez foi tudo bem e o Filipe quase nasceu dentro do departamento, estava aplicando uma prova de final de semestre, estávamos com os semestres todos enrolados, isso foi em abril, minha bolsa estourou enquanto estava em uma das salas de seminários que ficam dentro do departamento, aplicando prova e aí pensei e falei para uma aluna que estava falando comigo na minha mesa: "Ah, eu acho que minha bolsa rompeu". Todo mundo se apavorou e um carrega computador, outro pega meus papeis… E eu peguei e imprimi algumas coisas para alguém terminar a aplicação de outras provas que eu tinha, liguei para o meu marido, minha mãe estava em casa, tinha terminado de fazer a tal da mala da maternidade que eu achava isso aí uma coisa sem necessidade. Depois eu vi que era muito importante ter a tal da mala, e fui. Não consegui desacelerar, achava que tinha que continuar trabalhando, eu queria continuar lendo, queria continuar produzindo e não dava. Tinha um neném tentando mamar, que não conseguia mamar, tinha um neném com dor na barriguinha por estar se desenvolvendo, e eu não tinha tanto o suporte da família, porque minha família morava fora, eu tinha só a minha mãe, não tinha mais meu pai nem os outros avôs do meu filho, minha mãe já estava com mais idade, adoecida também. Então não tive muito esse suporte, pude contar com a creche da Unesp que eu acho que esse é um elemento muito importante, principalmente para a mãe. A possibilidade de sair do departamento e ir lá amamentar e voltar ou qualquer problema ter ali a pediatra, o médico que também me socorreu em vários momentos. Então, tem essa estrutura da Unesp que foi importante, mas eu só dei conta que a cobrança era muito minha, depois de mais velha, porque daí você fala "Mas, por que? Não tinha necessidade, podia ter ido mais devagar, ter feito mais devagar".

[122]Ivete Maria Baraldi é licenciada em Ciências com Habilitação em Matemática pela Universidade Estadual Paulista - Unesp - de Bauru - SP (1992). Mestre (1996) e doutora (2003) em Educação Matemática pela Unesp - Rio Claro, SP. É professora, com dedicação exclusiva, do Departamento de Matemática - Faculdade de Ciências da Unesp de Bauru. Docente e orientadora nos Programas de Pós-Graduação em Educação Matemática (UNESP - Rio Claro) e Educação para Ciências (UNESP - Bauru). Faleceu em janeiro de 2021 devido a COVID-19.

[123] Vicente Marafioti Garnica é Livre-docente aposentado pelo Departamento de Matemática da UNESP de Bauru.

[124] Jaú é um município brasileiro do estado de São Paulo. Dista 296 km da capital do estado.

Mas, isso é uma característica minha, assumir coordenação, assumir um monte de compromissos, orientação. E não me esqueço, o Filipe bem "pitiquinho", devia ter dois aninhos, eu lendo uma tese, a defesa era no outro dia, eu tinha que viajar para Rio Claro, eu terminando de ler a tese para organizar um parecer - porque eu gostava de escrever um parecer, agora já não faço mais isso, escrevo umas coisas e vamos que vamos, esse negócio de fazer um parecer de três ou quatro páginas ficou lá no passado. Mas aí ele me chamou "Mamãe, brincar". E me puxou pela mão para ir ao quartinho dele, onde tinha bastante brinquedo, e fui com a tese, com a doce ilusão de que ia sentar no chão e continuar lendo a tese. Ele pegou o texto, o papel da minha mão e falou: "Papal não, mãe". E colocou a tese em cima do sofá. Então, foi por coisas assim que comecei a pensar, e dizer "Nossa, decidi ser mãe, quero ser mãe e quero curtir isso". Ainda não foi o suficiente para me desacelerar, continuei nesse aceleramento, assumindo várias coisas e agora recentemente fiz o concurso da livre-docência, estou escutando vocês falando e vocês são maravilhosas de terem essa tranquilidade de dizer "se der, deu, senão der, tudo bem". Eu não tive, tive mais o desespero, desnecessário de novo, para quê? Porque que eu tinha que fazer? Podia ter deixado para depois, o aumento salarial nem é tão grande assim que vai mudar a vida de alguém. Não, mas a necessidade de fazer o concurso da livre-docência. Fiz, quando terminou o concurso da livre-docência no segundo dia, não deu tempo de buscar o Filipe no futsal, porque ele fica da escola no futsal e aí demorou, porque tinha que fazer a ata e alguém foi buscar o Filipe em cima da hora na escola, porque ia fechar. Quando cheguei em casa ele estava tomando banho, são histórias de mãe, só para mostrar que isso vai me sensibilizando e vou pensando "Não precisa mesmo de tudo isso, reconheça o que se faz". Cheguei e ele estava tomando banho e fui conversar com ele, falei "Olha filho, a mamãe demorou um pouco, porque a mamãe ganhou um prêmio hoje". Porque foi uma correria, você imagina, eu não dava muita atenção para ele nos últimos meses, porque tudo que ele vinha para conversar comigo para brincar comigo, queria jogar UNO[125], queria que eu visse um vídeo, queria fazer uma dança pra mim que ele tinha aprendido e eu falava assim "Olha, filho a mãe está aqui" e cheio de livro no meu escritório. E aí cheguei e falei isso para ele, ele falou assim "Mãe, então quer dizer que agora você é livre, livre para fazer tudo o que você quiser comigo?" Então, na hora eu pensei "Olha a noção de liberdade, é um título que chama livre-docência e que não tem nada de liberdade, muito pelo contrário". Então, são essas experiências. Sempre acho que a estrutura é uma estrutura machista, no sentido de que tive muitas atitudes machistas, de não me enxergar

[125] Jogo de cartas.*UNO* vem da palavra em espanhol (ou italiano) para um.

como mulher, como mãe, que poderia desacelerar independente do que o mundo estava dizendo. O mundo estava mandando eu acelerar, então eu acho que estar com outras pessoas e conversar com outras pessoas como eu tive o privilégio de conversar muito sobre isso com a Ivete, me ajudou. Mesmo não conseguindo desacelerar me ajudou muito, mas eu acho que é bastante sofrido porque sofremos muito sozinha nessa cobrança, eu com o Filipe pequeno, tirei o Filipe do peito quando minha mãe ficou hospitalizada e eu precisava ficar com ela. Mas ele tinha acabado de fazer um aninho e fui a um congresso no Rio Grande do Sul[126] e fiquei cinco dias. Para quê? É uma questão minha, mas é uma questão "Como assim, já um ano que não vou num congresso?" Nessa época a gente ainda estava indo mais, porque a estrutura é essa, os congressos existem e se você não participa você vai ficando para trás, essa era a minha ideia e fui para esse congresso, sofri muito. Estava com outras mulheres, todas deixamos os filhos pequenos em casa, então também foi uma experiência de poder sair para comer, todo mundo preocupado, tentando falar, as crianças não queriam falar com a gente. Mas eu fiz isso, fui para um congresso com uma criança muito pequena, para poder continuar a minha vida, tamanha foi a cobrança que me coloquei. E isso me ensina o quê? Me ensina a ter uma relação um pouco diferente com as minhas orientandas, tenho a impressão que se elas ficarem grávidas como já aconteceu com mais de uma elas chegam e dizem "Professora, estou grávida". E eu digo "Então vamos ver, vamos reorganizar, não esquece que você tem direito a licença-maternidade, tem a vaga na creche, já faz sua inscrição, vamos rever as coisas do projeto". Imagino que elas também ficam ansiosas, mas tenho a impressão que talvez esse tema esteja um pouco mais comum para nós agora, inclusive na relação de orientação. Falei bastante, mas tem muita história. Às vezes, hoje, olho com um pouquinho de frustração, de pensar "Precisamos falar sobre isso". Conversar com outras mulheres para que elas desacelerem, mas desacelerem antes, não deixem para desacelerar quando já acelerou demais, que já sofreu demais sozinha. Não precisa, tudo vai voltar, nós somos maravilhosas, competentes, trabalhadoras, se não fizermos um período, depois voltamos a fazer e seguimos, está certo?

Katherine: A relação que você teve com o Vicente eu acho que é relação de pai né, aí você quer mostrar serviço para o pai, de repente. Não é? Eu acho que é isso.

Maria Ednéia: Agora que ele se aposentou eu brinco que não vou cuidar dele não (risos). Um dia ele deu um exemplo para mim que pegou um professor mais velho, e ele ajudou a ir ao banheiro, eu falei "Olha, não vou ficar te levando em banheiro não" (risos).

[126] Rio Grande do Sul é o estado mais a sul do Brasil e faz fronteira com a Argentina e o Uruguai.

Adriana: Outro dia vi uma mãe andando, com as crianças todas grandes, olhei e falei "Ai gente, quando essa menina vai crescer, vai andar sozinha, ir no banheiro, tomar banho". Nossa, olhei e falei "Meu Deus do céu, estou arrebentada essa semana, porque não vai à escola, porque está doente".

Katherine: Vai passar.

Adriana: É isso que fico pensando, na hora que me dá desespero eu falo "Não, vai passar".

Katherine: Não, vai passar e você sabe que assim, têm que tomar cuidado para não criar eles dependentes de você.

Maria Ednéia: Ótimo conversar com você Katherine, para aprendermos também a desprender.

Renata: Menina, já estou tentando me preparar para quando eu ficar sozinha, porque o meu mais velho está com vinte anos, mas ele já foi morar fora, todo mundo fala que somos meio loucos, mas tudo bem. Ele foi morar fora, ele tinha doze anos e meio, treze.

Katherine: Porque ele foi morar fora com essa idade?

Renata: Ele foi treinar, ele joga tênis. Só que assim, ele tinha treze, mas parecia que tinha 16 anos, ele sempre foi alto então nunca parecia que tinha essa idade e foi morar em São Paulo. Treinou dois anos em São Paulo e de lá ele foi morar em Recife[127], onde ficou mais um ano e meio, depois foi para Natal[128], e quando veio a pandemia eu trouxe pra casa e agora ele estuda nos Estados Unidos[129], então esse saiu de casa com doze anos e meio.

Katherine: E não voltou mais.

Renata: É, e que foi ótimo, assim, ele não me preocupa, sabe se virar. Senão fosse o diabetes, que ele descobriu em 2020, eu não me preocuparia com ele, porque sei que ele sabe se virar sabe cozinhar, ele sabe se virar de uma forma geral e agora os outros dois também querem ir embora, falei "Gente, imagina eu daqui dois anos sem ter que levar um pra lá, outro pra cá, o que eu vou fazer? Até a minha filha brinca "Mãe, como que você vai fazer? Será que você não vai sentir saudade?"

Katherine: Quantos filhos você tem?

Renata: Eu tenho três.

Katherine: Ah não, então os gêmeos são um casal.

Renata: Os gêmeos são um casal, um menino e uma menina. E os dois querem ir embora, Jesus o que vai ser de mim, assim, ao mesmo tempo que você está sobrecarregada, por outro

[127] Recife, a capital do estado de Pernambuco, no nordeste do Brasil.
[128] Natal é a capital do estado do Rio Grande do Norte, na extremidade nordeste do Brasil.
[129] Os EUA (Estados Unidos da América) são um país com 50 estados que cobrem uma vasta faixa da América do Norte, com o Alasca ao noroeste e o Havaí no Oceano Pacífico, estendendo a presença do país.

lado, você fica assim “Nossa, será que eu vou me adaptar a essa nova vida de não ter gente por perto?” Eu lembro uma coisa, assim, quando os três eram pequenos, que você nunca tinha tempo para tomar banho, jantar. Jantar e tomar banho eram na hora que desse. A hora que vão dormir, aí você vai ver o que você vai fazer. A primeira vez que me peguei sozinha em casa não sabia o que fazia, porque o meu marido trabalhava fora, fui levar os dois em um aniversário e o mais velho acabou ficando junto porque já conhecia a família e tal “Não, deixa ele aqui também, deixa ele aqui” eu falei “Não, mas ele vai comigo, vai tomar banho” “Não, deixa ele aí”. Deixei os três. Cheguei em casa, aquele silêncio na casa, eu falava gente.

Katherine: Estou passando por isso já faz tempo.

Renata: Falei assim, “O que eu faço?”, juro gente, fiquei meia hora sentada no sofá para decidir o que ia fazer, parecia que estava perdida porque nunca tinha vivenciado aquilo de estar sozinha, estar no silêncio.

Katherine: O marido também não estava junto?

Renata: Não, não estava. Falei “Nossa” fiquei meia hora ali sentada pra ver o que eu ia fazer, falei, “Gente existe um pouco de sossego, existe a Renata, um pouquinho de tempo pra mim”. Então, foi uma experiência que pra mim ficou marcada. Nossa, fiquei perdida por estar um pouco sozinha. Então assim, é um processo, ao mesmo tempo que queremos que cresça rápido, também sempre fui assim, de assumir as coisas, esse negócio de ter que pedir para alguém pra fazer alguma coisa para me ajudar, pra mim não, parto do princípio: a pessoa está vendo, é obrigação ajudar, pra mim é assim, esse negócio de ter que ficar pedindo as coisas. Nossa, eu falo que hoje eu aprendo muito com a minha filha, porque minha filha escreveu não leu o pau comeu, ela não tem essa de mandar recado, de falar devagar, não! O que ela tiver que falar ela fala na lata. Às vezes, o meu marido fala alguma coisa e ela fala “Porque você está falando isso? Porque você não levanta a bunda do sofá e vai fazer? Que negócio é esse, é tudo a gente que tem que fazer? Faz você também”. Às vezes ela fala “Você não está vendo que a mãe está fazendo tal coisa, porque você não vai fazer isso?” Nossa eu aprendo muito com ela, como ainda não fui para a terapia, porque precisaria ir, falo que hoje aprendo com ela, eu falo “Nossa eu preciso ser assim”. Mas eu acho que é um aprendizado, os jovens vão aprendendo, como eu falo, aprendo com ela. Mas tem uma coisa que percebi, eles também nos escutam muito, porque parece que eles não têm o meio termo.

Katherine: É a idade.

Renata: É, eu falo assim…

Katherine: Quando chega no exagero eu falo “Bom, quando você ficar mais velho sei que você vai entender” (risos).

Eliana: O duro é quando chega mais velho e continua não entendendo. Hoje aqui em casa o esquema é assim, é uma fala geral de ou você faz ou você terceiriza porque eu não vou te ajudar, simples assim.

Katherine: É, porque aí na sua casa não tem espaço, é muita coisa para você.

Eliana: É, mas é assim, se eu falar “Ah, preciso fazer tal coisa, estou cansada com isso, tem que fazer aquele outro também” “Ué, você que optou por fazer isso? Ou você terceiriza ou você se vira porque eu não vou fazer”, um porque não quer outro porque não pode, mas já deixa claro que não vai fazer. Aí já vesti a camisa do que é e do que tem que ser e bora, tocar a vida.

Renata: Isso funciona, é verdade. Eu vou aprender (risos) já estou aprendendo. Vou ter umas tiradas, já fiz umas loucuras de vez em quando. Eu já cheguei a fazer isso uma vez com a cozinha, cheguei lá e a cozinha forrada de louça, porque fica um empurrando para o outro. “Aí, porque eu lavei tal coisa, você não lavou”. Na hora que entrei na cozinha e vi aquilo, falei “De jeito nenhum, hoje não vou assumir isso aí de jeito nenhum, já assumi muito” falei assim “Olha, faz o seguinte gente” só que assim, como que é, você tem que fazer com calma, porque se você soltar a coisa eles falam que você é grossa, porque você é não sei o que, não, então com calma, falo assim “Então, olha, gente faz o seguintes, quando vocês derem um jeito na cozinha vocês me chamam de novo, porque vou descansar um pouco, aí vocês me chamam que daí vou ver se vou fazer almoço, porque enquanto a cozinha não estiver limpa não tem almoço, ou vocês vão buscar ou vocês vão fazer, porque eu não vou cozinhar nessa cozinha mais de jeito nenhum, não tem nem chance. Então, na hora que estiver em ordem vocês me chamam” e subi.

Katherine: Lavaram a louça?

Renata: Claro que lava, ou se lava. Então se você não der uma de louca mesmo de vez em quando, louca assim, mas não pode ser muito, você tem que ser uma louca mais suave.

Katherine: Uma louca acadêmica né.

Renata: Isso. Acadêmica, com classe. Eu falo assim, com classe, porque se você falar muito alto é porque você está gritando, você está nervosa e está estressada. Então já falo assim, vocês não me viram estressada ainda. Então vamos devagar, já que é assim para ser tranquilo então vamos ser tranquilo. E aí vai, de vez em quando dá certo sim.

Cristiane: E isso, Renata, que você falou é uma característica que eles nos atribuem, até nos órgãos colegiados, onde for, quando o homem levanta a voz ou se inflama ele está empolgado, nós quando fazemos isso …

Katherine: Ou ele é italiano, quando a pessoa é italiana ela pode tudo, já ouvi isso.

Renata: Ou TPM.

Cristiane: Ou seja, desequilibrada. Engraçado né. Não temos esse direito de se empolgar, de se inflamar.

Maria Ednéia: Estou ouvindo vocês que já estão com as crianças grandes e pensando que eu e a Adriana ainda estamos mais naquela fase que ainda não dá para explodir. Acho que a Adriana é a que está ainda precisa mais de colinho, viu Adriana, essa fase que você está até a que eu vivi agora, lógico que ainda vou viver as outras que vocês já vivenciaram, mas eu acho que é a mais difícil para a mãe conciliar com o trabalho qualquer que seja, ainda mais com o trabalho acadêmico. Porque é isso, é a fase que mais adoece, tem mais febre e aí não pode ir para escola, ou já tem uma "gripinha", está com a imunidade mais baixa. Eu acho que é a fase que a mulher precisa de apoio e precisávamos ver isso institucionalmente, sabe, dentro do departamento, ver se não tem né Renata, dentro dos programas de pós-graduação, quem somos nós nesse momento? Estou podendo fazer mais? A Adriana está com a criança menor, como podemos nos organizar? E eu acho que o ambiente não é muito propício para isso, infelizmente o ambiente acadêmico é um ambiente de disputa. Às vezes eu observo, e acho interessante que essa disputa é entre as mulheres mesmo, entre nós também. Quando também estamos nessas posições, o que nós como mulher nessa posição fazemos por outras mulheres que estejam, por exemplo, com crianças pequenas como a Adriana? O que propomos dentro do departamento, dentro da pós-graduação? Assim, vamos fazer uma coisa diferente? A Adriana é da nossa área, da Educação Matemática, da minha área, a Renata não sei, a Renata não é da educação Matemática, a Cristiane é? A Cristiane é.

Renata: Não.

Maria Ednéia: Mas pensando, por exemplo, nós que somos da área de pesquisa de Educação Matemática, inclusive, tenho muitos contatos onde a Adriana está, então o que nós fazemos em um evento? Mandamos uma mensagem? "E aí Adriana, precisa de alguma coisa?" Não fazemos isso, por quê? É meio cada uma por si. Eu acho que talvez essa atividade da Paula me faz pensar um pouco o que é que nós mulheres também fazemos para mudar isso, e eu acho que às vezes não temos conseguido fazer muito, o que estamos conseguindo fazer é falar mais, eu acho que aprendi a gritar dentro do departamento no sentido de "Opa, calma aí". Mas

assim, às vezes, sinto essa insensibilidade ou quase que uma invisibilidade, falo muito da Ivete e da Edméa[130] que são duas professoras queridas que nós perdemos, a Ivete pela COVID e a Edmeia pelo retorno de um câncer[131] - assim que ela se aposentou. Elas eram duas pessoas tão diferenciadas, elas passavam todo dia em frente a minha porta e perguntavam pelo Filipe, eu acho que é um tipo de delicadeza tão grande e que eu mulher, mãe, não tenho com as outras colegas e por que não? Se sabemos que, às vezes, uma palavra, um oferecimento mesmo, falar assim "Oh, dou aula para você hoje", porque a mãe contou que a criança foi para o hospital e depois está tomando antibiótico e tem horário para dar. Eu mesma nunca pensei em fazer isso e falar "Olha, estou aqui disponível. Hoje para mim está mais tranquilo, vou te ajudar". Me faz também pensar um pouco, o quanto algumas coisas a gente mantém, mantém funcionando do mesmo modo.

Adriana: E é assustador né Maria Ednéia, porque entrei para pós agora, o ano passado e ainda estava grávida da Clara, aí esses dias saiu a nota do programa, e ouvi de outra colega: "Nossa, Adriana agora você tem que se sustentar, você faz parte de um programa de pós-graduação nota sete, vai dar seus pulos" E aí na hora eu tinha que ter rebatido, sabe, tinha que ter falado "Não, que isso … calma". E na hora fiquei assustada, fiquei pensando assim: "Meu Deus, não vou conseguir produzir o suficiente para estar ali". Eu levei um susto, parei assim e falei "Nossa, é verdade, olha onde estou" olha o que fiquei pensando "Olha os professores dali e eu, o que eu que vou fazer ali naquele lugar?", "Nossa, meu Deus, aonde fui me enfiar, o que eu fui fazer?", "Porque que fui obrigada a ir pra lá?" Porque se você não está em uma pós-graduação não consegue terminar o probatório, porque eles ficam prorrogando o probatório enquanto você não está na pós. Fiquei pensando um monte de coisa, eu falei "Meu Deus, onde fui me enfiar, e a agora? Quantos artigos publiquei esse ano?" juro que veio na minha cabeça assim "Será que … o que tenho que fazer?". Olha, imagina, ao invés de falar "Não, calma" e responder, não, fiquei realmente paralisada com aquilo que ela falou.

Katherine: Devia ter falado o que ela tem a ver com isso, não é da conta dela.

Adriana: Então, pois é, mas aí que você pensa assim, o que é… porque a pessoa… sei lá. Não sei por que a pessoa fala isso.

Maria Ednéia: Mas está vendo, faz parte da nossa estrutura acadêmica e institucional a cobrança e você pode estar em um programa nota sete, produzindo o que você pode produzir

---

[130]Edméa Cássia Baptista, foi Professora Adjunto (efetivo) da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. http://lattes.cnpq.br/8479687404526958

[131] Câncer é um termo que abrange mais de 100 diferentes tipos de doenças malignas que têm em comum o crescimento desordenado de células, que podem invadir tecidos adjacentes ou órgãos a distância. https://www.gov.br/inca/pt-br/assuntos/cancer/o-que-e-cancer

nesse momento, em outros momentos produz mais. E com todo mundo vai ser assim, mas eu acho que esse olhar da mulher que está na maternidade ali antes dos cinco anos, seis anos eu vejo que deu uma mudança muito grande na minha rotina, o Filipe após os cinco anos, veio a pandemia, vieram todos os problemas, passei por um processo de divórcio no começo da pandemia, uma situação muito difícil, mas com o Filipe que é onde está todo o meu foco, a situação é muito mais tranquila. Porque ele já desenvolveu mais a autonomia, estou aqui, ele assiste alguma coisa na TV, ele vem e fala comigo. Ele vai comigo para os lugares, às vezes, como coordenadora, preciso passar nas salas de aula à noite, pego ele na escola e volto lá para a Unesp, faço o que tenho que fazer e voltamos para dormir. Mas eu acho que temos que pensar na instituição como que vamos dar esse amparo para as mulheres no começo da maternidade, não é só durante a licença-maternidade, dá a impressão que tipo assim: "Agora você já teve a licença-maternidade, bem vinda a vida". O que me irrita muito, Adriana, é essa coisa: "Ah, a escolha foi sua". Fica implícito: "Você quis ser mãe". Poxa, eu quis ser mãe porque tenho um corpo que me possibilita ser mãe e porque tomei essa decisão então agora ninguém tem nada a ver com isso? Exemplo simples, se você é mãe, no meu caso sou mãe solo, tenho que dar aula à noite, isso significa pagar uma babá, isso significa um custo, dar todas as aulas da noite e não dar aula durante o dia, ou dar aula no sábado. Então, é uma insensibilidade institucional no sentido de dizer: "Ah, é problema seu, você que quis ser mãe". Quem tem pais mais velhos e que cuidam, idem. Tem que pagar um cuidador nos horários que você tem que dar aula e cadê uma gestão entre nós. E não é só de quem está na gestão, é nossa mesmo de colocar isso como um elemento dentro da política da instituição, não é passar a mão na cabeça, é acolher mesmo. Se estamos falando de acolhimento, de se colocar no lugar do outro, naquele momento se colocar no lugar do outro, agora quem está na posição? Se a Adriana fala isso parece que ela está chorando, fazendo "mimimi"[132]. Agora se eu falo, eu já passei um pouco dessa fase, hoje eu falo, mas quando estava nessa fase fazia a mesma coisa que você, me recolhia, sofria sozinha, me matava de trabalhar e de fazer para mostrar para as pessoas que eu podia ser mãe e manter o meu nível de produção de trabalho. Se passei por isso, o que eu Maria Ednéia faço pela minha colega? Isso é uma cobrança que tenho tido recentemente, por causa da terapia. Não contei para vocês, mas também adoeci, o adoecimento veio por conta do divórcio, mas o tratamento me indicou que na verdade ia precisar de uma terapia independente disso, esse nível de cobrança não pode, a gente precisa desacelerar, se olhar mais, eu não fazia uma coisa para mim, de ter o dia do salão, o meu

[132] Mimimi é uma expressão usada na comunicação informal usada para descrever ou imitar uma pessoa que reclama. https://www.significados.com.br/mimimi/

horário certo. Hoje eu tenho o dia que faço drenagem, no outro dia vou lá e faço reflexologia[133], no outro dia faço uma massagem relaxante, já estou meio que apertando o botãozinho ali. Agora vou me cuidar, mas quem me ajudou nisso foi a terapia, inclusive de me ajudar a entender isso, de falar assim: "Mas e agora você?" Eu coloco muita essa cobrança, não gostaria de ter feito isso com a minha vida, hoje mais velha, olho e não gostaria de ter feito isso com a minha vida, gostaria de ter tido uma vida mais tranquila, trabalhando, produzindo, fazendo pós-graduação mais tranquila. Mas agora que já passei e olho isso me cobro no sentido de: "O que eu faço agora como acolhimento com as minhas colegas?" Não só com as colegas, mas com os colegas também que às vezes estão com um problema de saúde, cuidam dos pais, mas aqui como o tema é da maternidade, e a maternidade eu acho que ela demanda mais tempo, porque também mexe com o nosso corpo, saímos da cesária[134] ou do parto normal[135] com os nossos hormônios pulando, saímos do zero para mil e depois volta lá no zero de novo. Ficamos diferentes, não nos entendemos, ou somos mais brigonas e começamos a ficar mais choronas ou somos mais choronas e começamos a ficar mais brigonas, mudamos também o nosso jeito, isso inclusive é dos nossos hormônios. Então, hoje tenho me colocado muito essas perguntas: o que é que a gente pode fazer para acolher? Aqui no momento pensando em acolher mais a Adriana, para que a Adriana continue lá em um super programa, maravilhoso e o programa ganha muito com a sua chegada e que você reconheça sim que o programa vai ganhar com a sua chegada. Não é você que ganha por estar em um programa nota sete o programa que ganha porque você chegou. E acreditar nisso mesmo e ter condições para trabalhar, não só no programa, mas no departamento e tudo mais. Hoje estou meio militante, gente.

Adriana: E eu ouvi assim, peguei um orientando nesse processo, falei "Eu vou pegar um, porque é o que eu dou conta agora" e fui bem consciente, estava super tranquila, aí a pessoa falou "Ah, você pegou só um né, aaa"

Renata: Adriana, de onde você é?

Adriana: Eu sou de Rio Claro.

Renata: Ah, então você que vai orientar um ex aluno meu, fique tranquila que ele é ótimo.

Adriana: É o Leonardo.

Renata: É o Leonardo, esse menino é ótimo.

---

[133] É uma técnica terapêutica que trata de distúrbios físicos e desequilíbrios emocionais, através de estímulos em pontos específicos nos pés.

[134] Cesária é um procedimento cirúrgico para a extração do feto por via abdominal.

[135] Parto normal é um procedimento onde o bebê nasce por via vaginal.

Adriana: Nossa, sabe assim, e ouvi muito isso, Renata "Porque o Leonardo é ótimo" e eu já fiquei "meu Deus".

Renata: Não, como pessoa…

Adriana: Meus Deus, se a dissertação desse menino ficar uma merda a culpa é minha.

Renata: Já vem a autocobrança. Não, como pessoa. Ele também é um garoto muito bacana.

Adriana: É um desespero que te dá, é um desespero "Nossa, mas você teve muita sorte com seu orientando, você quase não vai ter trabalho. E você abriu uma vaga? Ah, você abriu "só" uma vaga".

Renata: Só.

Adriana: Só, é o que dou conta agora.

Renata: Quando falarem você diz "Só, só isso que eu quero mesmo e por enquanto é isso".

Maria Ednéia: Cuidado com a autoestima Adriana. É isso mesmo, abri uma vaga. Reconhecer, é isso que eu posso fazer nesse momento, você vai fazer super bem e mais para frente você pega mais. Sua filha vai crescer um pouquinho, você vai ter mais tempo, você vai ver e vai ser mais natural, ela cria mais independência e aí você planeja pegar mais. Aqui não é sessão para darmos sugestões, mas assim, olhando para a minha trajetória, eu faria diferente, eu diria: "Não". Pegaria um como você, você foi maravilhosa de ter aberto só uma vaga e assim, vai ter comentário e você está com sua autoestima como mulher, como mãe bem tranquila de que você tem essas outras atividades e elas são muito importantes e quando alguém produzir sete artigos e você produzir um artigo, fique feliz com seu artigo. Fique feliz que nesse momento você está contribuindo com a humanidade em outras atividades, eu acho que é isso, porque senão dá peso muito grande por conta da cobrança institucional da CAPES[136] e tudo mais, mas também olhar que nesse momento você está contribuindo com a formação inicial de um ser, com a pessoa que você está trazendo para esse mundo para ajudar esse mundo continuar, sabe, reconhecer que isso também é tão importante, até que enfim o lattes[137] colocou um lugarzinho que podemos por pelo menos a maternidade, estamos tendo mais coragem de falar nos lugares "Olha, sou mãe do Filipe". A Ivete fazia muito isso, aprendi com ela essas coisas. "Sou mãe" e depois falo outras coisas que eu sou, porque não é para as pessoas passarem a ter peninha de mim a partir disso, mas é que o fato de ser mãe é

[136] Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior é uma fundação vinculada ao Ministério da Educação do Brasil que atua na expansão e consolidação da pós-graduação stricto sensu em todos os estados brasileiros.

[137] Desde 15 de abril de 2021, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) realizou uma importante atualização na Plataforma Lattes. A atualização trata-se da possibilidade de inclusão da licença-maternidade a fim de registrar o período em que as pesquisadoras tiveram que se afastar ou reduzir sua produtividade acadêmica devido à chegada dos filhos. http://mtciencias.com.br/licenca-maternidade-no-lattes/

uma responsabilidade muito grande mesmo. E se a gente que é mãe ou mulher não levantar essa bandeira, as outras pessoas vão continuar olhando e não observando, essa parte fica invisível, só ficam vendo quantas aulas demos e quantos orientandos e publicações a gente tem.

Renata: E dependendo com quem você fala não vê nem a publicação nem nada. Como que é "O que você faz? Você só dá aula?".

Maria Ednéia: Tem isso também.

Renata: Para quem não sabe o que a gente fala quando perguntam "O que você faz? Você só dá aula?" Eu falo "Só".

Renata: É, então, o "só dá aula".

Maria Ednéia: E hoje de manhã que esqueci que era feriado e quase fui para Unesp sozinha, é que alguém colocou no grupo de manhã aí eu não fui, senão já tinha feito a minha agenda lá na Unesp.

Cristiane: Os alunos aqui decretaram paralisação. Vocês falaram da Unesp, quando descemos para trabalhar ouvimos "Ah, você trabalha na Unesp" além do "só" dar aula, ainda ouso trabalhar na Unesp, não sei porque a gente adoece tanto se é tão fácil. Aqui nessa semana estamos com paralisação e repercutiu bem mal, não sei se chegou aí para vocês. Fizeram umas *lives*[138] aqui na frente do nosso prédio dizendo que nós estamos em campanha. Nossa, foi horrível. Logo depois de termos trabalhado tão duramente em uma feira de ciências, que foi tão maravilhosa.

Katherine: Mas porque paralisou agora?

Cristiane: Então, a paralisação foi um movimento estudantil, porque eles foram de fato fazer campanha, foi muito acirrado, alguns cursos votam não, outros sim, mas eles decretaram que não poderiam fazer atividade de aula porque agora eles queriam se dedicar aos movimentos estudantil político e assim foi feito e o curso que quisesse dar aula eles iriam impedir, aqui tem uma bateria, já aconteceu em outras ocasiões quando teve outra paralisação, quando alguém tentava dar aula na pós a bateria ia junto para ficar tocando o tempo todo, então estamos nesse cenário.

Katherine: Hoje em dia, temos que tomar cuidado com qualquer paralisação, o impacto que vai causar, não é o momento.

Cristiane: Então, no meu entendimento, mas como foi criticado, eu sou da Matemática, então eu falei "Eu acho que preciso estudar muito política, ciência política" porque achei que o

[138]*Live* é uma transmissão ao vivo feita pela internet, geralmente, em redes sociais.

recado acaba sendo o inverso, temos que estar trabalhando, podiam até fazer campanha, qualquer que fosse o candidato escolhido, mas tendo aula, porque é justamente o recado que queremos dar para a sociedade, mas enfim, os alunos que pensaram assim fizeram um movimento, escreveram cartas dizendo que agora que nós conseguimos equilibrar o semestre pós pandemia, se não poderia fazer toda a movimentação estudantil mantendo as aulas, ganhou-se o não, então, estamos em paralisação. É isso aí meninas, é tão fácil trabalhar na Unesp, não sei porque que a gente adoece…

Eliana: Cristiane fica tranquila quanto a isso, porque os 30 anos de Unesp já me mostraram que com paralisação ou sem paralisação estamos aqui do mesmo jeito. Semestre que começa em março, dezembro, em julho, janeiro, é a mesma coisa.

Cristiane: Nossa, mas o que repercutiu aqui é que dizem "Acabou de sair, nós e todas as universidades brasileiras o nosso número de alunos está menor, no nosso vestibular da Unesp esse ano tivemos menos 2000 candidatos e aí quando acontece isso em uma cidade como Presidente Prudente, deve ser igual a Bauru, igual uma cidade muito conservadora aí você ouve colegas dizendo "Melhor estudar em uma escola particular porque pelo menos não tem greve".

Eliana: Da um tiro no pé, né.

Cristiane: É. Então, eu lamento, eu acho que é uma batalha conquistada todo dia, a gente sabe que produz ciências, as particulares também, a educação de qualquer forma, seja ela pública ou particular, mas que a gente fica sob ataque agora fica.

Eliana: Dias melhores virão, aguenta aí, vai tocando a vida.

Cristiane: Tomara.

Eliana: Eu acredito em reencarnação, está tudo certo (risos) se não for nessa, na próxima. É sério, não estou brincando não, eu acho que é processual, a gente faz o que pode agora, erros, acertos.

Cristiane: Sim. Olha, tem um filme meninas que fala até de Matemática, fala dessas questões mais filosóficas do tempo, viu Adriana, às vezes uma hora que você estiver amamentando, você coloca lá, porque começamos a relativizar, chama viagem ao infinito[139], fala de Matemática, são os matemáticos tentando mostrar a existência do infinito, mas com filósofos falando e acaba sendo uma diversão e a gente se situa e pensa "Olha, quando vê o tempo passa correndo, sua filha vai estar saindo de casa", o tempo é muito rápido, então, aguenta

[139] Uma viagem ao infinito, é um documentário de 2022 dirigido por Jonathan Halperin e Drew Takahashi, em seu longa-metragem de estreia, que explora o conceito de infinito por meio de entrevistas com matemáticos, físicos e filósofos de todo o mundo. Disponível na plataforma de streaming Netflix. https://www.netflix.com/title/81273453

firme, curte, na hora que você estiver estressada curte para dar um abraço é a válvula de escape, é um fio terra, filho é um fio terra, você abraça, aí fica um tempão, porque quando você menos vê passou, aí você olha para traz e fala “Nossa, mas …” Então é isso, também como as meninas falaram, você tira leite aí você vai trabalhar, aquela loucura, então aproveita essa loucura, a loucura também é produtiva, curte o filho, eu acho que assim, eu ouvi você falando e me vi assim, era torcendo para passar rápido, gente, engravidei no último mês do doutorado, falavam “Compra brinquedo, vai ficar quietinha no chão”, eu escrevendo o fim, corrigindo a tese. Nunca ficou quietinha brincando com nada, nunca. Ela era assim, exigia o tempo todo companhia e é muito rápido, então abraça apertado, curte, que tudo vai se encaixando. Quando estamos no processo não enxergamos de fora como observador, a terapia ajuda, então boa sorte aí para você e para todo mundo, vamos firmes, os pais, os filhos.

Renata: Eu falo assim, carrega bastante no colo, abraça, beija ...

Cristiane: Beija, porque depois você beija e eles fazem assim (limpa o beijo da bochecha)

Renata: Eu escutava assim “Não, não pode carregar muito no colo, porque você acostuma a criança, depois a criança não quer mais o berço” que nada, abraça, carrega, beija, porque depois não querem mais ficar no colo, não querem que beija. Então curte a fase, acho que isso é muito legal, porque não volta. Mas a gente só consegue enxergar isso depois, então aproveita, que nem a Maria Ednéia já deu as dicas aí também, isso é muito legal. Nossa, aqui está um chuvão gente.

Adriana: Gente vou ter que correr para outra reunião, um abraço para vocês.

Paula: Tá bom, tchau. Muito obrigada.

Todas: Até mais gente, tchau.

Figura 14. Día de suerte

Fonte: Conejo, 2023.

3.1.3 Terceira Roda de Conversa

Paula: Boa noite! Gostaria de agradecer a participação de vocês na pesquisa, a disponibilidade de estar aqui conversando comigo e trocando um pouquinho de experiência. Vou propor para vocês alguns temas, algumas temáticas e gostaria que vocês discutissem, falassem sobre a experiência de vocês em relação a isso, relacionando. O que vocês sentirem vontade... Hoje eu gostaria de conversar um pouco sobre a questão dos cargos de chefia, o que foi e está sendo na carreira de vocês enquanto professora e, se ser mãe e exercer a maternidade influenciaram, tanto para vocês internamente, quanto o olhar das outras pessoas em relação a isso. Quais foram as estratégias e obstáculos que vocês identificaram e se vocês identificaram alguns obstáculos e sugiro pensar a maternidade no coletivo, se vocês já pensaram em relação a isso, o que vocês identificaram e veem quando pensamos e falamos sobre a maternidade no coletivo. Vou deixar aberto, vocês podem levantar a mão, abrir o microfone, podem conversar e trocar experiências, qualquer dúvida estou aqui. Gostaria de ouvir um pouquinho vocês.

Renata: Eu estava na outra, então se vocês quiserem começar.

Ana Paula: Eu gostaria que você começasse com um tópico. Falasse o que você gostaria que eu começasse a falar.

Paula: Pode falar sobre suas experiências em relação ao cargo de chefia, se ser mulher influenciou em algo, se vocês tiveram obstáculos em relação a isso, podemos começar com esse tópico.

Heloisa: Bom, posso me apresentar rapidamente falando disso, já que esse é o tema, Paula. Estive na chefia do departamento de Educação Matemática uma vez, durante dois anos, e agora estou na coordenação do curso da pós-graduação em Educação Matemática. Vejo que agora a minha demanda é muito maior do que quando eu estava na chefia. A coordenação de curso - a Renata já foi as duas coisas também - do meu ponto de vista dá mais trabalho porque você atende muito mais frentes, é a forma que vejo, pelo menos do jeito que a Unesp é organizada. Quando você fala sobre a questão do gênero, se por ser mulher eu via mais obstáculos? Eu diria que não diretamente, de ter sofrido algum tipo de obstáculo de atravessamento por conta de eu ser mulher. Não que eu tenha notado isso nitidamente em qualquer momento, mas eu acho que o modo como nós mulheres operamos, por sermos mulheres, faz diferença em alguns momentos, nas tomadas de decisão, de estar à frente de uma reunião, sabe? Em um ambiente onde há homens e mulheres e a questão é tomadas de decisão, eu acho que o jeito que nós, mulheres, lidamos com isso e nos colocamos é um jeito

diferente, eu diria que os homens se sentem muito mais à vontade para falar e serem ouvidos, não que as mulheres não sejam ouvidas, elas são ouvidas e são consideradas e tudo mais, mas o modo como nós, eu pessoalmente me sinto ao me colocar, eu acho que me exijo bastante, eu acho que isso tem uma relação com o fato de eu ser mulher, exige bastante nesse momento de se colocar e se colocar de um jeito que você vai ser ouvida, levada a sério. Eu acho que isso tem muita relação com o fato de sermos mulheres, porque a gente se exige mais e isso acontece pela possibilidade de o que você diz ou o que você fala pode não ser visto com tanta credibilidade. Quando um homem fala e se coloca, um homem que também exerce esses cargos. Tenho visto mais isso e considero, Paula, porque também tenho lido sobre o assunto e tenho orientandas trabalhando com essa questão (uma orientanda que faz doutorado e fez o mestrado comigo sobre a questão de gênero) e tenho aprendido muito com esses estudos. A iniciação científica dessa minha orientanda, a Tailine[140], também envolveu o assunto na universidade em que cursou a graduação e aprendi muito com ela. Então, comecei a prestar atenção em coisas que antes eu não enxergava desse jeito e que agora enxergo. Enquanto falo com vocês, às vezes, olho para o lado porque minha filha que está aqui em uma demanda, tá gente? Mas… só uma licencinha.

Ana Paula: Então, se você quiser que eu comece a falar, não sei se ela terminou.

Heloisa: Está faltando água no prédio, bem na hora que eles foram tomar banho, eles já fizeram uma investigação aqui que será por duas horas. Mas assim, já falei se as outras quiserem comentar qualquer coisa.

Ana Paula: Então, fui coordenadora de curso por dois mandatos e chefe de departamento por um mandato e meio mais ou menos e assim, não percebi nenhum problema durante esse tempo, pelo fato de ser mulher, nada que tenha travado, assim, como se diz … tem hora que esqueço as palavras sabe, que tenha algum preconceito, alguma coisa pelo fato de ser mulher. Apesar de estar em um campus que considero bem machista, porque foi um campus que foi de origem só de engenharia, então antigamente, praticamente só existiam homens dentro daquele campus, eram pouquíssimas mulheres, hoje já não acontece mais isso. Tenho um episódio que passei enquanto chefe de departamento e eu acho que o fato de ter sido uma mulher ali, de ter a sensibilidade de perceber, de conversar com todos os professores individualmente eu acho que foi importante, eu acho que se fosse um homem talvez não teria identificado, acredito que pelo fato de ser mulher influenciou bastante, se fosse um homem não teria essa sensibilidade de ter feito o que eu fiz.

[140] http://lattes.cnpq.br/9280225395058314

Heloisa: Eu concordo com isso, com essa questão que você fala Ana Paula, de que ser mulher tem disso, de às vezes ter essa sensibilidade e querer levar isso a frente. Por outro lado, eu também vejo acontecendo bastante o contrário. Me lembrei quando a Ana Paula falava, de uma situação que vivi depois de estar estudando e conversando com os meus orientandos sobre a questão gênero, e por isso passei a prestar mais atenção em como esse assunto atravessa as nossas relações cotidianas. Uma vez em uma discussão num grupo de trabalho que tenho aqui no departamento, estávamos decidindo um assunto no *WhatsApp*[141]. "Ah, o que vocês acham disso?" o fulano fala aqui e tal. Então, coloquei uma posição e um colega que é homem colocou a posição dele que nada se diferia da minha, mas que no momento que foi colocado, foi como se fosse nova e eu não tivesse dito nada e aí não sei o que rolou, porque não é uma pessoa que você diz "Ah, é machista", não, mas é só pra gente comentar uma questão que ela está tanto na gente que não notamos e eu só prestei atenção porque tenho prestado e, então, em seguida comentei "É, isso que a pessoa falou agora é a mensagem que passei, a minha mensagem". Então, outra pessoa que é mulher comenta "Concordo com fulano" e simplesmente ignorou que aquilo foi dito pelo fulano era o que eu tinha colocado. E não sou uma pessoa que se coloca de um jeito muito confuso, eu leio o que escrevo. O jeito que me coloquei não foi confuso e o jeito que ele se colocou também não foi confuso, só que foi dito por ele, pelas palavras dele. E, então, depois fiquei pensando "Olha que interessante" as mulheres também são machistas, muitas vezes, ao agirem desse modo. Embora seja forte isso de afirmarmos que é um caso de machismo, porque às vezes pode ser por uma questão de legitimar a fala daquela pessoa que você confia muito, se identifica com o que ela diz, ou o que ela diz faz muita diferença para você, então isso tem bastante, a pessoa querer falar "Olha, confirmo e concordo com o que fulano disse" por causa disso. Mas eu acho que é algo para prestar atenção porque tem muito de ser legitimado sim, em geral, porque tratam-se de homens dizendo, então, a questão fica legitimada mais rapidamente do que quando são mulheres se pronunciando. Não sei, achei legal que percebi isso e falei "Nossa", nunca tinha acontecido isso de uma maneira tão explícita, sabe? Por isso quis trazer aqui.

Renata: Estive na coordenação de curso por vários mandatos, na chefia, eu acho que estive só na vice chefia, como chefe mesmo não fiquei, mas assim, acho que percebo um pouco isso que a Heloisa falou, acho que por ser mulher acabamos vendo as coisas talvez com outros olhos, por um outro lado, acho que tem horas que a gente acaba querendo assumir o papel de mãe, achando que consegue olhar para todo mundo, ajudar todo mundo. Uma vez eu estava

[141] *WhatsApp* é um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para *smartphones*.

em uma palestra na semana de estudo, às vezes o pessoal traz psicóloga para conversar e foi uma das questões, até onde posso ir? Quer dizer, até onde eu vou no meu papel de coordenador, de docente, e que não interfira no pessoal. O fato de estar na coordenação falo que os problemas chegam mais pra gente e ultimamente então, em uma velocidade e em uma quantidade que é um negócio absurdo eu acho que a Heloisa que está na coordenação da pós também deve estar passando por isso, eu saí recentemente da coordenação, sai agora em agosto. Eu saí, mas parece que não consegui me desligar ainda, porque tem aluno que continua mandando e-mail pedindo opinião, falando de horário, se eu posso ajudar fazer horário então eles também não desligaram ainda. Mas eu falo assim "Claro, fiquei um bom tempo não tem problema nenhum, ajudo no que for preciso, não tem problema", mas eu acho que os homens, por exemplo, principalmente no conselho, lá no nosso conselho da Matemática faz um tempo que não tem homem na coordenação de curso e eu acho que é diferente, pelo menos quando teve é diferente eu acho que conseguimos entender melhor, mesmo com esse lado de mãe, ao mesmo tempo que sabemos que às vezes tem que dar uma alisada, mas às vezes tem que dar uns apertões também falar "Oh, não é por aí". Então acho que vai muito nessa linha que a Ana também falou de sensibilidade, tem aquela coisa de "Oh, o que devo fazer? Sei lá, se fosse para o meu filho, o que eu faria?" Então eu acho que a questão de coordenação eu acho que passa por isso também, já a chefia é um pouco diferente, porque a chefia acaba sendo problemas num todo, não chega tanto problema de alunos na chefia quanto chega para a coordenação, são mais problemas que envolve docente, se tiver algum docente, alguma coisa assim, mas também em termos de preconceito em órgãos colegiados, nunca percebi algo de diferente pelo fato de ser mulher em um cargo desse, principalmente coordenação de curso. Assim, falar que sofri preconceito ou alguma coisa assim eu nunca percebi nada, ou eu que sou muito desligada ou de fato não aconteceu, mas explicitamente nunca percebi nada não.

Heloisa: Uma coisa que vejo dentro dessas coisas que estava falando de como a gente se sente, eu acho que tem muito isso do que a Ana Paula e a Renata falaram, de querermos ter vários braços e estarmos sempre atentas, igual estar na frente do computador e ter várias janelas abertas e dando conta, fazendo isso e aquilo, hoje muita gente faz isso, mas historicamente nós, mulheres e também por conta da questão da maternidade que acaba nos colocando nesse papel de estar fazendo aqui, mas também estar fazendo ali com as crianças porque não tem outra saída e quando não fazemos, nos sentimos em falta com o outro.

Renata: Parece que você sempre está fazendo pouco.

Heloisa: É, por exemplo, a Ana Paula se sentiu tendo que fazer aquilo pela colega de trabalho e aí não fazer nos afeta de um jeito que você fica com aquilo, você fala "Eu tenho que fazer algo" e essa questão da sensibilidade que eu acho que pega pra gente, como a Renata falou, até onde é o meu limite como coordenadora? Qual é o papel? Isso está bem definido? Mas pra gente não, fica um intervalo aberto, pode ser um pouquinho pra lá, um pouquinho pra cá e eu vejo que por parte dos homens e historicamente também, não estou falando pontualmente, a leitura que se faz quando o cara faz o que tem que fazer e não dá esse passo para além, é que a pessoa é focada, o homem é focado, a mulher se ela deixa de fazer "Ah, essa daí não é tão sensível".

Renata: Ela não deu conta.

Heloisa: Então, para a mulher você identifica que ela não é sensível se ela não faz algo a mais, coisas que ela poderia, não que ela deveria, que ela poderia fazer e para o homem se ele está fazendo o que ele tem que fazer, ele é um cara focado. Eu tenho notado um pouco disso, nisso que eu vejo que já está na gente, no jeito de ser, de mulher ser, mas não que isso seja uma questão da mulher, tem a questão do corpo, acho que tem tudo isso, ser mulher, temos hormônios que também interferem nesse modo de ser e estar tem várias coisas que em nós é diferente neles, além também da questão social e culturalmente construída.

Renata: A impressão que me passa, não sei se vocês têm a mesma impressão, mulher tem que dar conta de fazer várias coisas ao mesmo tempo, é obrigação é cultural, já virou cultural.

Heloisa: É.

Renata: Porque você faz uma coisa só? Não, você pode fazer várias ao mesmo tempo, mas homem não.

Heloisa: E homem tudo bem se não.

Renata: Se ele fizer uma só, então já está bom, ele está fazendo é uma só, agora a mulher não, a mulher tem que ter várias frentes, parece que você não pode parar. Então, minha filha está aqui do lado, de vez em quando dou uns "pega feio" aqui em casa, eu falo "Oh, parou, eu vou fazer uma coisa só agora, eu só consigo estar aqui em um lugar" então, parece que você tem que falar, se você não falar que vai fazer só uma coisa parece que você tem que dar conta de várias ao mesmo tempo.

Heloisa: E faz, não sei. Eu, na chefia, para pensar nessa questão que a Paula está querendo que a gente fale da chefia, lembro que tomava as iniciativas até de secretaria e não precisava porque tínhamos secretária. Lembro da Elisa[142], nossa secretária comentando "Ah, já fez na

[142] Maria Elisa Leite de Oliveira Moraes.

frente", "Ah, já está pronto o ofício". Não precisava fazer, e se é homem, o homem não faz, ele vai falar "Onde eu tenho que assinar?" Mas não é uma crítica a ele, é porque ele entende que esse é o papel que ele tem que exercer, ele é o chefe e é aquilo que o chefe faz. Não sei, como mulher, parece que temos que estar mostrando uma eficiência o tempo todo, não sei se é porque tem que mostrar se sou eu ou se é esse jeito de estar tendo que fazer tudo ao mesmo tempo e você acha que se você fizer logo vai facilitar em um certo sentido, você parece que olha para um todo e organiza na sua cabeça antes e é uma prática nossa mesmo de diferença de agir. Se formos comparar, agora que a Renata foi falando disso e falando da chefia que a Paula fala, de pensarmos, Renata, um homem chefe e uma mulher chefe, pensando no nosso departamento eu e a Renata trabalhamos juntas, não falando da pessoa que é chefe em si, mas pensar no homem sendo chefe e na mulher sendo chefe.

Renata: Mas na coordenação de curso também aconteceu isso.

Heloisa: Coordenação pouco homem pega, o curso de Matemática aqui eu não me lembro de ter visto homem na coordenação.

Renata: Só o João[143] que ficou um tempo, fui vice dele.

Heloisa: E ainda eu acho que tem isso, por conta de ter mais frentes para olhar como na coordenação tem, a Renata falou, o coordenador tem que trabalhar com os alunos, então é uma demanda que os alunos vão trazer pra ele; com o docente também, você tem que falar com o docente sobre as disciplinas, sobre essas questões que envolvem o curso; você tem que tratar com a reitoria porque o curso envolve tratar com reitoria, de papelada, de um monte burocracia; coisa que vêm do governo, do estado, que vem do MEC[144], da CAPES[145], então já mostra que é um leque gigante, aí é complicado porque homem não quer, porque ele foca (risos).

Renata: Não quer ser muito mãezona, o termo é esse. Vamos pensar assim, você vai lidar com aluno, mas dependendo do que você faz você é tido como mãezona, não é que você tem aquela coisa de querer ajudar.

Heloisa: Ouvir.

Renata: É o ouvir primeiro, sim, claro, que tem coisas que dá pra gente ajudar, mas tem coisas que foge da alçada, não tenho superpoderes, mas eu acho que a coisa do ouvir primeiro foi fundamental, ainda mais nesse período de pandemia e de pós pandemia, então, está sendo um negócio absurdo que ou você ouve e tenta entender o que está acontecendo e tenta ajudar

[143] João Peres Vieira.
[144] Ministério da Educação.
[145] Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

de alguma forma ou não sobrevive. Digo assim, não como coordenadora agora que saí da coordenação, mas como docente mesmo, tem hora que estou dando aula e estou perdida, eu fico assim "O faço para trazer esse povo para perto? Porque o povo está distante, sem contar os n problemas de hoje em dia. Problemas assim, que vieram com a pandemia, questão de depressão, de várias coisas, a questão de vários alunos agora mudando o nome social, a questão de gênero que é um negócio que pegou a gente assim, que mudou, a coisa está mudando muito rapidamente, numa velocidade que não estamos acostumados e aí a gente fica "An? O que eu faço?" Não sei, se professores homens têm muita habilidade para lidar com isso não.

Ana Paula: Não, não tem.

Renata: Eu não sei, que nem a Heloisa…

Heloisa: Não sei se mudou tão rapidamente, a Renata está falando, no nosso curso tem vários casos e tem primeiro ano, mas eu vejo que isso está acontecendo porque está podendo acontecer, igual a Ana Paula falou de uma situação, a pessoa foi assumir aos quarenta anos. Hoje, as pessoas estão podendo assumir muito mais cedo e essa pessoa assumiu aos quarenta anos, o que ela não sofreu até chegar aos 40 para assumir, e parece que as pessoas, em geral, aquelas que praticam o preconceito e não praticam a empatia, vamos dizer assim, não se dão conta de que é muito mais fácil a pessoa tomar decisão de permanecer o que ela era do que ela se transformar, só que aquilo pra ela é tão fundamental e profundo que não transformar é viver na depressão, como foi o caso da colega da Ana Paula, ou seja, a pessoa escolhe se transformar mesmo em uma sociedade machista como a nossa, então ela é muito corajosa. Não é uma questão "Ah, eu quero, decidi que eu quero, eu vou mudar e os outros que me aceitem", porque vem aquele que vai falar se aceitam ou não, como se ele tivesse direito de decidir sobre a vida do outro, decidir o que o outro quer ser ou fazer da própria vida. Mas eu vejo que hoje, não sei se a Renata concorda, porque temos vivido isso aqui, é muito mais fácil aceitação, a empatia, entre as pessoas da população jovem. Os jovens olham pra isso, eu diria com uma naturalidade muito maior do que pessoas com a idade acima de quarenta anos, vamos dizer assim, da nossa geração. Não existia isso na nossa geração, não acontecia, as pessoas não podiam, mesmo que passasse pela cabeça mudar, elas não compartilhavam isso com ninguém e, então, para uma sociedade como a nossa, onde isso não acontecia, para essas gerações até a nossa idade, onde isso não acontecia, isso é sim uma coisa "Oh, o que está se

passando", a gente tem que estudar, ver o significado da questão e da causa LGBTQIA+[146], tem outra letra aí que já estou perdendo. Estudar o que significa para você tratar as pessoas com respeito, porque você está em um ambiente em que você se relaciona com pessoas, então você tem que saber se relacionar com respeito e hoje temos a internet, tem a informação, não adianta falar "Ah, eu não sabia, não entendo isso", tem que correr atrás e estudar porque trabalhamos com pessoas e é isso. Acho que tem pessoas que não estão dispostas a ir atrás de estudar e se sensibilizar pelo outro, elas estão dispostas a dizer assim "Aqui no documento o seu nome é esse e é por esse nome que eu vou te chamar" mesmo que o aluno tenha vindo até ele dizer "Eu quero que se refira a mim de outra forma".

Renata: É, quando tenho alguma dúvida, como tenho dois adolescentes aqui, qualquer dúvida que surge consulto os adolescentes.

Heloisa: Você tira com eles, eles já sabem mais que você, não é Renata? Eles sabem muito.

Renata: Eles se matam de dar risada comigo, "Ou mãe, como você não sabe isso?" "Eu não sei, não estou acostumada" eu falei. Então, procuro deixar claro para os alunos o seguinte, tanto que dependendo o aluno, principalmente os alunos que mudaram o nome social, tem um que tem nome de menina, mas quer que chame de menino, quando vou tratar eu paro, respiro, para não… estou igual a Ana, às vezes esqueço palavra, depois do COVID foi um negócio, tem hora que estou falando e não lembro o que vou falar.

Ana Paula: Eu também.

Renata: Então eu preciso parar, me policiar para ver como falar, mas vira e mexe …

Heloisa: Eu sou igual a você, e às vezes me engasgo.

Renata: Eu falo errado. Então, procuro deixar claro para os alunos até para as crianças aqui eu falo "Gente, tem coisas que eu acho que não precisamos nem discutir, não precisava discutir, se você tem respeito pelo outro, acabou, se você respeita o outro, se ele quer ser a, b, c ou d aí é uma escolha dele, mas se eu respeito ele como pessoa independente de qualquer coisa não precisaria ter tanta letra LGB… não precisaria ter tanta letra.

Heloisa: Mas é porque não tem, é justamente porque não há o respeito que tem que ter todas essas letras.

Renata: Então, é isso que eu falo pra eles, se conseguíssemos, se todo mundo conseguisse respeitar o outro independente de qualquer coisa, tudo ia fluir muito melhor, mas enquanto a

[146]**LGBTQIAPN+** é uma sigla que abrange pessoas que são Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pan/Poli, Não-binárias e mais. https://orientando.org/o-que-significa-lgbtqiap/

gente não tem isso. É a mesma história das cotas[147], você é contra? No começo eu era contra as cotas, e hoje? Hoje é necessário, temos que ter, enquanto não se muda a educação do país tem que ter, tem que ter cota. Infelizmente é isso, eu gostaria que não tivesse cota.

Heloisa: Sim.

Renata: Para que todo mundo tivesse as mesmas oportunidades, mas a coisa não funciona assim.

Heloisa: A meritocracia[148] em um país de desigualdades como o nosso não funciona.

Renata: Então.

Heloisa: A meritocracia funciona em países como a Dinamarca[149], onde as pessoas podem competir.

Renata: Então, por enquanto, temos que ir por esse caminho. Agora tenho percebido, que esses cargos como de coordenadoras, vejo muito mais mulheres hoje em dia do que homens, não sei lá a Ana Paula que tem bastante engenharia. Com exceção desses cursos, não sei se ainda predomina grande parte de homens.

Ana Paula: É, na engenharia ainda tem muitos homens, mas na Matemática tem bastante mulheres.

Heloisa: Eu acho, inclusive, que a Paula poderia discutir isso (risos). Aquela que sugere até a discussão da pesquisa da Paula (risos). Porque o que a Renata está falando eu também acho que tem bastante, pelo menos é o que vejo nos cursos de licenciatura onde já tem bastante mulheres e são as mulheres que estão coordenando, já vi isso em outros trabalhos. Desconfio, Renata, que seja por conta do que acabamos de falar aqui. Na coordenação você tem que trabalhar um leque bem grande e acaba que existem outras opções na academia para o homem fazer, que pra ele é mais vantajoso para ser isso que ele quer ser, que é ser focado e, além disso, a academia pode ver a pesquisa, vai ver na pesquisa quem que tem mais projeto de pesquisa aprovado no CNPq se é homem ou mulher. Você vai ver que é homem, vai ver quem tem mais trabalhos publicados cientificamente, vai ver que é homem. Então, eu acho que não é porque a mulher está, acho que a gente pode acabar se iludindo achando que a mulher está ocupando espaços antes não ocupados, isso é verdade, mas tem um porquê de ter mais mulheres ocupando certos espaços e não outros.

---

[147] As cotas são ações afirmativas adotadas por diferentes países para reduzir desigualdades sociais, econômicas e educacionais.

[148] Meritocracia é um sistema ou modelo de hierarquização e premiação baseado nos méritos pessoais de cada indivíduo. https://www.significados.com.br/meritocracia/

[149] A Dinamarca é um país escandinavo que abrange a península Jutlândia e várias ilhas.

Renata: Acaba tendo uma preferência por outros, por exemplo, se falar para algum homem "Você prefere ser chefe ou coordenador de curso?" Certamente ele vai falar chefe.

Heloisa: Eu também acho.

Renata: Certamente, porque você não vai lidar diretamente com os alunos, de ter essas coisas, resolvendo determinados assuntos. Embora eu veja que hoje em dia eu acho que tem professores que até, assim, talvez hoje sejam mais, eu não vou dizer o termo flexível, mais acessível.

Heloisa: Concordo.

Renata: Nós incentivamos bastante o aluno a procurar o professor quando está com problema "Olha, você está com problema? Vai lá e conversa, vai lá comunica, conversar com o docente", não é trazer o problema para que a gente resolva, mas incentivar esse lado "Você está com problema? Você tem que conversar com o docente" se conversando com o docente não resolver aí o conselho vai intermediar, vai ver o que pode fazer, vai conversar. Então, mas tem isso mesmo que a Heloisa falou.

Heloisa: E não é generalizar né, Renata? Sabemos que têm docentes homens que vão assumir super bem e faz e dá conta e têm vários braços, mas dando esse olhar panorâmico, acho que é isso que pode estar acontecendo.

Renata: E acho mesmo. Outro dia assisti uma entrevista, sabe aquele técnico de vôlei, o José Roberto Guimarães[150], do vôlei feminino, conheço ele mais ou menos, uma época meu filho treinou onde ele tem um centro de treinamento, então chegamos a ter contato com ele, é uma pessoa muito tranquila, muito simples ele e a família. Ele estava dando uma entrevista não lembro se foi a respeito de aposentadoria, porque ele passa muito tempo fora em treinamento quando vai para torneio e ele falou que começou com o time do Brasil masculino tanto que eu acho que foi campeão olímpico com o masculino e depois foi para o feminino e ele falou que hoje, ele já recebeu convite e ele não quer mais voltar para o time masculino, ele teve que estudar muito para aprender sobre o universo feminino para poder lidar com as mulheres, ele falou por quê? Porque mulher, por exemplo, ela vai para o torneio, ela larga o filho, ela tem que ver com quem o filho vai ficar, ficou o marido, ficou o pai e a mãe e ela sai com isso na cabeça e ela está lá longe e querendo dar conta do que ficou, então ela tenta organizar isso e dar conta de tudo. O masculino sai tranquilão, porque deixou a mulher lá, a mulher tomando conta de tudo, a mulher vai ficar tomando conta do filho, e ele está lá, não tem essas preocupações. Então, enquanto treinador ele falou "Tive que aprender lidar com essas

[150]Ex jogador de vôlei e atual técnico da seleção brasileira feminina de Vôlei.

situações, o dia que ela não está bem, o filho está longe, está doente e ela está aqui pensando no filho". Então, achei interessante a sua colocação nesses dois universos.

Heloisa: É uma demanda que existe para os dois lados que é bem diferente. E é isso mesmo.

Renata: Uma está longe e está aqui, o homem não, ele sai e fica tranquilo porque tem quem vai resolver todos os problemas deles que ficaram lá. Achei bem legal essa colocação.

Heloisa: Temos que nos preocuparmos com isso, eu fico pensando, Renata, não sei se você pensa isso, você tem filho homem, também, né? Fico pensando "Nossa, não era mais para estar acontecendo isso que você está descrevendo agora", a mulher vai sair para o trabalho e ela vai tomar a decisão junto com o pai da criança de como isso vai acontecer, em pé de igualdade, seja ele ou outra pessoa que vai ficar em casa cuidando, os dois vão decidir quem vai cuidar, mas não. Ainda acontece muito disso que você falou, a mulher que fica "E agora, o que eu faço?" e, então, fico pensando no meu filho, em que homem ele vai se tornar, em como eu posso agir mais, trabalhar ativamente para uma formação, não sei se posso falar em termos de uma formação, mas assim, para ele ser um adulto não machista, nesses termos que você está falando. Um adulto que faz e não apenas ajuda, não um homem que ajuda em casa, um homem que compartilha obrigações; porque, assim, comparando os meus dois, vejo muito que tem essa questão da mulher que amadurece um pouco antes, isso por conta da questão do corpo, da mulher mesmo, a menina amadurece antes e vejo aqui os dois têm a mesma idade, são gêmeos.

Renata: Eu também (risos).

Heloisa: Isso, a Renata também, de menino e menina e serem gêmeos você vê isso mais forte.

Renata: Completamente.

Heloisa: O menino não tem iniciativa de coisas que a menina tem.

Renata: Exatamente isso.

Heloisa: A Dona Maria, que trabalha comigo que me ajuda fala assim "É assim mesmo, Dona Heloisa, menino não faz nada mesmo, menina que faz, nem liga". Do tipo, nem liga, como assim nem liga? Eu tenho que ligar, sim. Tem que aprender a fazer e fico com isso na cabeça, como temos que estar mais atentas, não só para ele, estar atenta para ela também de não sair fazendo na frente, que é isso que eles vão formar, pessoas como nós que quer fazer de tudo a qualquer momento e não dividir.

Renata: Aqui em casa tenho uma que dá pega por mim, viu Heloisa, ela está aqui do lado.

Heloisa: Que ela já ajuda mais, já é mais feminista.

Renata: É o mesmo estilo, ela também ajuda mais e tal, mas ela bota o irmão na linha.

Heloisa: Para fazer, ótimo, a Ana[151] também faz isso.

Renata: Bota o irmão na linha, chama e fala "Ou, escuta…" e eu também procuro. Outro dia eu estava fazendo janta ou almoço não sei, ela estava comigo e o irmão subiu estudando, naquela *vibe* que é, um sossego, aí falei "Fulano, escuta, você vai descer só para comer? Sua irmã está aqui comigo, você acha que é só descer e comer?" Eu falei "Não, então vamos dividir o pão aí, você tem que fazer suas coisas, ela tem que fazer as delas eu também tenho, então vamos" Eu ainda falo assim, ela já vai lá e (risos).

Heloisa: Vem fazer logo, já não vai na explicação, né?

Renata: "Você é folgado", ela já fala, "Você é folgado, faz depois isso daí, porque você não vem ajudar?" (risos).

Heloisa: Sim, as mulheres estão sempre ali e quando você fala assim, a mulher deixa a criança em casa com alguém, quem é esse alguém? Pode ver que é mulher. Aqui eu não pude falar da minha situação, o pai das crianças é falecido, sou eu e as crianças, sou mãe solo desde que eles tinham quatro anos. Não tenho mãe e não tenho pai, porque faleceram há um tempo e minhas irmãs não moram na mesma cidade que eu, moram em uma cidade próxima, mas não podem dar essa ajuda do tipo "Ah, hoje vocês podem ficar com as crianças porque tenho uma reunião mais tarde?", não. Quem me ajuda é a Dona Maria e a Dona Maria tem um papel fundamental, ela é uma senhora que teve onze filhos, tem netos e bisnetos, ela tem 65 anos, o seu filho mais novo tem trinta e poucos anos, mora com ela, mas trabalha e tem a vida dele. Ela mora muito longe da minha casa e, por conta disso, dorme aqui nas noites de segunda para terça-feira e de quinta para sexta-feira. Ela trabalha quarenta horas na semana em quatro dias da semana, então, ela só não vem na quarta-feira. Na quarta-feira as crianças ficam o dia todo na escola, então quer dizer, ela organizou a vida dela para ter esse trabalho para mim, uma senhora de 65 anos que não consegue aposentar porque trabalhou como doméstica muito tempo da sua vida sem carteira assinada[152], porque não existia carteira assinada para doméstica e ela não vai conseguir se aposentar porque ela não completa quinze anos de trabalho com 65 anos. Já estudamos todas as possibilidades para ela se aposentar, mas ela não conseguiria, ela não trabalhou boa parte da sua vida porque seu marido não deixou, porque "mulher dele não trabalharia fora de casa". Então, ele faleceu e ela não fez o suficiente, ela teve que ouvir de um advogado que ela deveria ter feito um lance antes dele falecer para poder ter recebido pensão, mas ela não recebe pensão, não recebe nada, os onze filhos

[151] Filha da Maria Laura.

[152] Ter a carteira assinada significa ter um registro na Carteira de Trabalho e Previdência Social.

também não colaboram, muito pelo contrário ela que ainda ajuda a família, ela é a arrimo[153] de família com um salário de empregada doméstica. Então, por trás de mulheres como nós que temos um sucesso profissional pra dizer assim, conseguimos ficar no trabalho, ir para o mercado de trabalho por causa de outras mulheres que não puderam, não tiveram a mesma oportunidade e que estão trabalhando do mesmo jeito e com salários muito menores do que muito homem da mesma idade que elas, acho que é muito importante frisar isso, que nós somos mulheres que fazemos, mas por trás de nós tem outras mulheres super importantes na vida, sendo ainda desvalorizadas, excluídas.

Renata: É, aqui em casa eu sempre tento assim, que nem a que trabalha comigo aqui agora eu sempre parto assim "Você já estudou? Você já fez ensino médio?" E estou sempre cutucando, mas você vê que ainda falta incentivo, a que trabalha aqui comigo não tem o ensino médio, não lembro se ela terminou o fundamental eu falei "Mas você precisa terminar" até o pessoal fala "Mas se ela terminar ela vai embora" eu falei "Que vá, hora, não posso querer a pessoa aqui pra mim" eu acho que …

Heloisa: Escravizar, né, Renata?

Renata: É, eu gostaria que ela tivesse um emprego melhor ainda, porque ela trabalha bastante, tem filho também, separou do marido, o marido não ajuda, aquela coisa toda, então eu falei "Porque não?" Que ela tenha uma condição de vida melhor, mas o que ela preferiu? O filho também não terminou o ensino médio, agora voltou, eu falei "Mais você precisa ir" eu falei "Passa muito rápido, hoje em dia a maior parte dos trabalhos pedem o ensino médio" e ela não foi esse ano por conta que fazia uma faxina, ela vem aqui e ainda tem dia que ela vai em um outro lugar, fazer faxina, vai em uma parte em um dia e uma parte no outro e ela não foi porque senão ela não conseguiria fazer essas faxinas aí eu falei "Mas então, daí você tem que dar um jeito lá na sua casa e botar a turma para trabalhar para você estudar" aí eu falei assim, "Bom deixa eu ficar quieta" senão você começa a dar palpite na vida dos outros aí é complicado. Mas não é palpite, é aquilo que eu vejo e fico incomodada e ela quer estudar, ela queria estudar queria fazer outra coisa, queria fazer um curso se me lembro bem é de enfermagem eu falei "Então, se nós que temos certa formação não tentarmos incentivar essas pessoas ou proporcionar isso não é dentro de casa que eles vão conseguir". Mas não consegui fazê-la voltar para a escola, agora no fim do ano eu começo a cutucar pra ver se no ano que vem ela vai. E de fato, ela vai ter que fazer o EJA[154], então passa muito rápido, mas mesmo

[153] Pessoa que é a principal ou a única responsável pelos meios de subsistência de toda a família. https://www.dicio.com.br/arrimo-de-familia/

[154] Educação de Jovens e Adultos.

assim a pessoa ainda não consegue ir, então é o que a Heloisa falou se não tiver essas pessoas que nos ajudam aqui, então também me sinto na obrigação de ajudar, o que posso fazer para ajudar e que ela possa por que não fazer um curso, ela quer ser enfermeira ela gosta de cuidar de idosos, porque não? E ter uma condição de vida melhor.

Ana Paula: Os filhos de vocês têm quantos anos?

Renata: O meu mais velho, Ana Paula, está com 20 anos. E os gêmeos com dezessete anos.

Heloisa: Os meus têm nove anos.

Renata: E o seu, Ana Paula?

Ana: A minha filha mais velha tem dezesseis anos e o menino tem catorze anos.

Renata: É estão ali na completa adolescência também, eu falo que às vezes não é adolescência é "aborrecência", a lá (Filha de Renata aparece na câmera) (risos). Já são adultos (risos) tem hora que tratamos como adolescentes…

Filha da Renata: Quando vocês querem a gente é adulta.

Renata: A lá, quando a gente quer é adulto, quando quer adolescente.

Filha da Renata: Para ajudar a gente é adulto, para fazer o que a gente quer somos crianças.

Renata: (risos) Está vendo? Tem uma aqui que tem uma linguinha afiada (risos). Nossa não passa nada, ainda bem, mas aprendo com ela. Mas que nem o meu mais velho já mora fora faz tempo, então os que estão aqui comigo são os gêmeos e quer tudo ir embora também, estou me preparando.

Ana Paula: Os meus ainda não sabem.

Renata: Não sabem é, os meus já estou me preparando emocionalmente.

Ana Paula: Mas agora também sou mãe solo, porque sou separada tem quatro anos, ele não mora aqui e não vem visitar.

Renata: Então é você que assume também. Não é tarefa fácil não, com certeza não é tarefa fácil.

Ana Paula: Não.

Renata: Eu falo já não é tarefa fácil só no levar e trazer que às vezes você não tem quem ajudar, a coisa é complicada.

Ana Paula: É, eu já estou em uma fase boa que já posso deixá-los sozinhos em casa.

Renata: É, já pode deixar sozinhos, mas que nem a Heloisa de jeito nenhum.

Ana Paula: Mas antes, eu penava, tinha que contratar alguém para ficar em casa com eles enquanto ia dar aula, nossa senhora, aí era ruim.

Renata: É. Ah não, que nem o da Heloisa com nove anos, “meu pai”, sai faísca se você largar sozinho, de jeito nenhum.

Heloisa: O máximo que faço é ir até o mercado, mas porque o Cláudio não gosta de sair para nada, a Ana vai comigo em todos os lugares, mas o Cláudio “Ah, não, não quero ir ao mercado”, não quer nada, quer ficar aqui. Aposentado, eu o chamo, nove anos, aposentado. Aí, eu falo “Tá, então, preciso ir ao mercado, você não quer sair, quer ficar aqui” e ele já sabe meu telefone e o mercado é aqui perto, o máximo que faço é ir ao mercado e voltar, e aqui é um condomínio eu dou um recadinho para a mãe do amigo, “Olha, estou indo ao mercado”, então sabe que está por aqui, de preferência peço para ficar lá embaixo brincando com alguém porque aí tem adulto olhando, a gente dá os pulos, temos que dar uns pulos, mas não vejo a hora que chega nessa fase que eles podem ficar sozinhos e eu com a consciência tranquila de sair.

Ana Paula: É, as coisas vão piorando não querem mais sair mesmo, difícil viu.

Heloisa: Não querem nem sair, pior depois. Outro dia eu estava ouvindo uma notícia que antes, acho que na nossa geração, as casas noturnas eram muito frequentadas pelos jovens, as boates, o pessoal ia dançar ouvir música, conhecer as pessoas, hoje em dia, por conta das mídias sociais, uma pesquisa que eu estava ouvindo diz que os adolescentes preferem estar em casa.

Ana Paula: Preferem.

Heloisa: Porque eles têm essas relações via internet, se eles quiserem ter e tem outras coisas que a internet oferece, não sei, é outra vida, não é nada do que a gente viveu.

Renata: Os meus também são bem, a lá.

Heloisa: Olha a Ana, dá oi.

Filha da Heloisa: Oi

Ana Paula: Oi.

Renata: Tudo bom? Aqui em casa o pessoal também é bem tranquilo, quer dizer, os gêmeos não são de sair muito não é que a minha filha participa de competição essas coisas então está sempre cansada, mas o gêmeo também paga para não sair, então, o que percebo da meninada é que às vezes eles preferem, por exemplo, ir na casa de alguém, fazer alguma coisa lá, eles se reúnem lá, ao invés de ir para, como a Heloisa falou, uma festa ou coisa assim, então pelo menos está na casa de alguém você sabe onde está, vai levar, vai buscar, a dinâmica é essa.

Heloisa: É, e eu sou a mãe que gosta que venha para a minha casa, porque quero saber quem é todo mundo “Ah, mas a gente pode fazer tal coisa?” “Pode, faz aqui em casa”. Aqui no

condomínio são oito crianças da mesma idade, eles gostam e eu gosto para conhecer, não por conta de socializar, mas para ir sabendo, porque quando ficarem mais velhos aí que ficamos preocupados, porque vão sair de casa e você vai querer saber com quem estão saindo de casa.

Renata: Agora o meu mais velho não, o meu mais velho já tem rodinha nas pernas, aquele sempre foi…

Heloisa: De sair

Renata: Assim, não sair de ir para a balada, não é que ele nunca foi, mas ele também não gostava de ficar sozinho, que nem, foi treinar fora muito novo, então pra ele a morte era ficar sozinho no apartamento, no centro de treinamento, nossa senhora, então tem que arrumar alguma coisa para fazer, tem que ter gente, ele não suporta ficar sozinho, então sempre tem essa coisa, sempre está arrumando alguma coisa para fazer. Enquanto os outros pagam para ficar em casa ele paga para não ficar em casa, porque ficar em casa e se for para ficar sozinho de jeito nenhum, não fica. Ele gosta muito dessa coisa de reunirem em algum lugar, às vezes junta uma turma, mas não esse de ir para a balada que nem antigamente o pessoal ia, mas pra coisa assim "Ah, chega de madrugada" eu tinha uma amiga que falava assim "Eu só consigo descansar na hora que escuto o "crek" da porta, aí que consigo dormir" eu pensava aí gente será que vai ser assim (risos), acho que a meninada está mudando e temos que ir se adaptando. Então, são as fases. São as fases, mas melhora Heloisa (risos).

Heloisa: Eu fico pensando que se for assim vou gostar, porque aquele desespero de você não estar vendo é uma coisa.

Renata: É então, aí facilita, vem pra casa, traz a turma aqui.

Heloisa: E a gente quer que eles vivam a vida deles, é muita coisa.

Renata: É, é muita coisa ao mesmo tempo, muita emoção ao mesmo tempo.

Heloisa: Sim, nossa e emoções que se contradizem.

Renata: Paula acho que nós já falamos demais.

Paula: Não, a proposta realmente é que vocês discutam é um momento para isso, ter identificação, porque conseguimos ver no outro coisas que passamos em comum, cada um em uma fase, as crianças em fase diferente, eu acho que precisamos, como mulher, como vocês falaram durante toda nossa conversa precisamos de empatia, sensibilidade principalmente uma com a outra, porque já temos um olhar de preconceito de reprova, de invalidar as nossas colegas, precisamos de mais momentos como esses, de sentar, conversar, de se identificar.

Heloisa: Parabéns, Paula. Acho super importante o seu trabalho e me desculpa por não ter participado das outras vezes.

Paula: Que isso, eu acredito que tudo acontece no momento certo. Eu gostaria de agradecer a participação de vocês, espero que possamos fazer essa Roda de Conversa presencialmente, para tomarmos um café, comer um bolo, trocar experiências e conversar um pouquinho mais, precisamos nos fortalecer, segurar nossas mãos e caminhar juntas. Já conquistamos muitas coisas, mas ainda tem muitos espaços a serem ocupados. Muito obrigada! Boa noite.

Todas: Boa noite!

Figura 15. Você não está sozinha

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Temos que falar sobre libertar mentes tanto
quanto sobre libertar a sociedade.
Angela Davis

3.2 Aproximações

As aproximações das discussões realizadas acima são orientadas pelas três dimensões de justiça social trabalhadas por Fraser: redistribuição, reconhecimento e representação. A proposta é trazer a minha perspectiva enquanto pesquisadora que apresento os apontamentos teóricos constituídos através dos estudos e aprofundamento nas temáticas propostas no trabalho e práticos enquanto participante ouvinte da Roda de Conversa, além das minhas experiências e a perspectiva das professoras participantes, que trazem suas perspectivas experienciais, que integram e fazem a interlocução entre as teorias que elas já tiveram contato com as suas vivências específicas e marcas que trouxeram no decorrer da conversa. A ideia é olhar para a teoria e ver o quanto ela consegue lidar com a prática e a experiência ilustrada pelas participantes e identificar se essa teoria possibilita o reconhecimento das injustiças presentes em seu cotidiano e se é possível identificar alguns remédios, e se eles são utilizados para romper com um histórico de injustiças sociais presentes em nossa sociedade.

3.2.1 Redistribuição

Questões econômicas estão atreladas a opressões em diversos sentidos, a má redistribuição de renda acarreta injustiças em âmbito social, cultural e político. As escolhas que realizamos ao longo da vida e os caminhos que percorremos são resultados de nossas ações diante do que nos é apresentado e ofertado, escolher cursar Matemática, ser docente em uma universidade não necessariamente foram as primeiras opções das participantes da Roda de Conversa (como veremos mais adiante), assim como na vida de muitas mulheres[155], a falta de oportunidade combinada com diversos fatores nos levam a caminhos inesperados, às vezes o resultado é melhor do que o planejado, outras vezes não.

Na constituição dessa pesquisa, coletei informações, histórias e relatos que deram base para pensar a relação das mulheres com a maternagem e a sua atuação nos cursos de Licenciatura em Matemática. De acordo com a história, na qual não faz muito tempo que as mulheres começaram a ser inseridas, existem evidências da importância social, econômica e cultural da sua participação e contribuição na sociedade. As mulheres participantes da Roda

[155] Quando falamos mulheres estamos nos referindo a todas as formas de ser mulher. Nesta pesquisa, o grupo de mulheres

de Conversa contam que ensinar Matemática nem sempre foi a sua primeira opção, questões como a oferta gratuita do curso e universidade ser próxima de casa foram decisivas para a escolha.

[...] fiquei feliz quando ouvi uma colega dizer que escolheu Matemática porque era o curso que ela tinha disponível, antes dela falar fiquei pensando: "Meu Deus, eu conto que era o único curso que tinha para fazer na vida na Unesp da minha cidade ou falo aquela coisa bonita, "ah porque eu gostava muito de Matemática quando estava no ensino médio", que não é o caso. Eu tinha que fazer um curso à noite, gratuito e era o que tinha, então foi. Durante o curso fui me encontrando, fui vendo o que eu gostava de fazer, tive um professor maravilhoso que é o Raul de prática de ensino de Matemática que influenciou demais a minha vida e me apresentou a educação Matemática. Depois fiz mestrado em Educação Matemática (Adriana).

Questões como essas são recorrentes e apontam a má redistribuição econômica, que leva à privação de oportunidades. Outra participante conta da sua paixão pela área, mas que mesmo assim a questão econômica influenciou na sua escolha, tendo que optar por um curso que se aproximava do que queria.

Eu sempre amei Matemática desde criança, dava aulas para os meus amiguinhos, brincava de escola desde pequena e Matemática sempre foi minha paixão. Quando fiz o ensino médio descobri a estatística, fiquei apaixonada e quis fazer faculdade de estatística só que sou de Rio Claro e o único lugar que tinha estatística aqui perto era na UFSCar [...] fui e prestei na sorte e o curso mais próximo que tinha a ver com o que eu gostava era matemática. Então prestei estatística na UFSCar e Matemática na Unesp e passei nas duas, só que não tinha como morar fora, minha família era muito pobre e nunca tive condições. Não teria a menor hipótese de morar fora, continuei em Rio Claro mesmo, a minha família é daqui e fiz faculdade aqui e amei (Érica).

É interessante observar que esses casos envolvem professoras que, embora no início não tivessem a Matemática como opção, como no caso de Adriana, ao longo do curso se interessaram e seguiram seus estudos nessa área. Também há casos, como a professora Eliana, que ministra aulas no curso de Licenciatura em Matemática, mas é formada em pedagogia. A estrutura da Unesp é composta por departamentos de curso, nos quais realizam a contratação

daquele docente, mas algumas disciplinas são interdisciplinares e ofertadas entre os cursos, assim, professores de outros departamentos com educação também atuam nos cursos de Licenciatura em Matemática, esse é o caso da professora Eliana.

Sou pedagoga e vim para a pedagogia da mesma forma que a Adriana, não foi por opção, mas por falta dela, eu tinha que fazer uma faculdade gratuita e na cidade onde eu morava, porque eu não tinha condições de estudar fora. Tinha faculdade privada na cidade, mas eu não tinha condições de pagar (Eliana).

O relato de Eliana, assim como das outras professoras, retrata como algumas oportunidades são negadas. Ela mostra o que uma grande parte da população também faria, ou ainda, lidaria com a questão abraçando a oportunidade e tirando o melhor da situação. Ela complementa "*O que não tem remédio, remediado está, filho de pobre, a oportunidade que Deus me deu, então vamos lá" (Eliana).*

As dificuldades e os obstáculos não ficaram apenas no ingresso da graduação, as injustiças relacionadas à redistribuição acompanharam a carreira dessas professoras. Durante a graduação, elas trabalharam por diversas horas semanais, com acúmulo de empregos de meio período ou bico, algumas engravidaram durante a graduação e passaram por maiores dificuldades. Eliana conta: "*eu trabalhava quarenta horas por semana mais os estudos do mestrado, nunca tive bolsa, sempre trabalhei, porque era mãe solo e chefe de família, então não podia parar de trabalhar para estudar" (Eliana).*

Essa é a realidade de muitas mulheres, conciliar os estudos, o cuidado e o sustento da família. Hoje as bolsas e os auxílios se tornaram mais acessíveis. Como apresentado em capítulos anteriores, a Unesp oferece auxílios como uma bolsa maternagem/paternagem e creches para discentes, docentes e técnicos-administrativos. As bolsas podem ser identificadas como um remédio afirmativo, pois disponibilizam um auxílio para as estudantes, mas o valor disponibilizado não cobre os gastos básicos o que acaba acarretando a desistência do curso. Dessa forma, o auxílio pode até suprir uma determinada demanda, mas não atua na raiz do problema, nem altera a causa sistêmica da desigualdade. Para ser considerado um remédio transformativo é necessário que esses auxílios sejam integrados a uma política mais ampla de justiça social, para assim alterar as causas da desigualdade.

Em relação às creches, ela pode ser identificada como remédio afirmativo e transformativo, tudo vai depender da forma que ela for abordada. Se as creches forem

implementadas apenas para garantir o acesso, sem alterar as estruturas que produzem a desigualdade de gênero, ela pode ser considerada afirmativa, pois melhora as condições para que as mulheres possam trabalhar, mas necessariamente não desafiam a divisão desigual do trabalho reprodutivo e produtivo.

Por outro lado, se as creches estiverem relacionadas a uma reforma mais ampla que incluam a redistribuição do cuidado e o reconhecimento da igualdade de gênero no mercado de trabalho e na esfera doméstica, objetivando uma transformação nas normas de gênero, então ela pode ser identificada como remédio transformativo, pois assim ela irá questionar e alterar as bases estruturais que perpetuam a opressão de gênero.

As dificuldades não se findam na graduação, após todo o percurso ao se tornarem docentes as injustiças ainda permanecem. Ocupar alguns lugares como um cargo elevado, pode transmitir a ideia de que as injustiças relacionadas a má redistribuição foram superadas, pelo menos para um grupo que conseguiu adentrar esses lugares, mas não. As situações relacionadas à má distribuição de renda vão se remodelando, mas ainda permanecem presentes.

[...] meu marido foi mandado embora na pandemia, da Embraer, 2500 funcionários mandado embora e até agora nada, então eu que sustento e foi por isso que peguei essa coordenação, eu brinco, tudo que aumenta meu salário eu pego, peguei coordenação do curso, pedi agora que a CPA virou boazinha está dando a progressão de carreira, juntei tudo as minhas "coiserada" e pedi minha progressão de carreira para subir um pouquinho (Adriana).

Além da necessidade de um aumento salarial, ainda há a cobrança pelo cuidado com a família. O aumento salarial vem acompanhado do acúmulo de funções e a culpa por pensar dessa forma "*E assim, é ruim falarmos isso, sabe, até a hora que eu falo isso escuto de um jeito ruim, mas gente, eu preciso subir meu salário, não tem aumento, não tem nada, sabe. Eu preciso ganhar dinheiro para sustentar minha casa, minhas filhas" (Adriana).* E, novamente, essa é uma situação muito comum. Assim, ao mesmo tempo em que há uma sobrecarga de trabalho e há a cobrança de não conseguir lidar com tudo da forma que a sociedade espera.

Eu tinha essa cobrança que você tem Adriana, de estar com essa preocupação "Não vai dar, eu tenho que dar o conforto" e eu ficava mais, ficava assim "Minha filha tem vários

problemas e se eu precisar de um remédio que o meu salário não paga? E se eu não conseguir consertar o carro quando ele quebrar? E se…" eu ficava ensandecida com isso e aí o que eu fiz? No estado, eu dava aula em um período, quando ela era bem pequenininha. Para ganhar mais peguei e dobrei o período; além de dobrar o período do estado, que foi quando coloquei ela na escolinha no período integral e comecei a fazer bico, vendia pão de mel, vendia batom, fazia pão caseiro e eu bordava enxoval e vendia, porque fui das prendas domésticas e sabe o que eu ganhei com isso? Canseira, foi todo mundo em cima de mim, então, pensa assim, você não vai deixar faltar nada dentro da sua casa, mas também tem limites, sabe, comecei a prestar mais atenção no que era necessário e o que é doideira da minha cabeça do vir a ser, aí cheguei à seguinte conclusão: "No vir a ser, se eu precisar de um remédio, de trocar o carro ou outra coisa eu tenho um salário bom, vou ao banco e faço um empréstimo" Foi isso que pensei, ai meu coração aquietou, entendeu? (Eliana).

Para as questões do acúmulo de serviço, alguns casos, como o descrito acima possuía auxílio de escolas, creches e uma rede de apoio como pais e parentes próximos, o que não acontece em todos os casos. A Heloisa conta sobre uma situação que é muito comum e que representa a vida de muitas mulheres na sociedade.

[...] o pai das crianças é falecido, sou eu e as crianças, sou mãe solo desde que eles tinham quatro anos. Não tenho mãe e não tenho pai, porque faleceram há um tempo e minhas irmãs não moram na mesma cidade que eu, moram em uma cidade próxima, mas não podem dar essa ajuda do tipo "Ah, hoje vocês podem ficar com as crianças porque tenho uma reunião mais tarde?", não (Heloisa).

Em uma sociedade capitalista, a rede de apoio está diretamente ligada com as questões econômicas, se você tem condições financeiras pode recorrer a serviços de cuidado privados, sistemas estatais ou institucionais, mas na maioria dos casos esses serviços são realizados de maneira informal (parentes, amigos, vizinhos etc.). As políticas públicas ou benefícios pontuais podem ser vistos como remédios afirmativos, caso não alterem o sistema de redistribuição que ainda vai depender do trabalho e do capital privado. Se essas políticas valorizarem o trabalho de cuidado e a redistribuição deste trabalho entre homens e mulheres, ou entre o setor privado e o Estado, contribuindo com mudanças na estrutura de quem tem acesso a direitos sociais e econômicos, esse remédio pode ser visto como transformativo.

Nancy Fraser faz uma relação entre a redistribuição e o cuidado, e observa que há uma organização dualizada da reprodução social, a mercantilizada para quem tem condições de pagar e a privatizada para quem não tem. A autora traz que algumas pessoas na segunda categoria oferecem trabalho de cuidado em troca de salários, na sua maioria, baixos para as pessoas da primeira categoria (Fraser, 2024). As discussões nas Rodas de Conversa vêm ilustrar essa situação.

Então, por trás de mulheres como nós que temos um sucesso profissional pra dizer assim, conseguimos ficar no trabalho, ir para o mercado de trabalho por causa de outras mulheres que não puderam, não tiveram a mesma oportunidade e que estão trabalhando do mesmo jeito e com salários muito menores do que muito homem da mesma idade que elas, acho que é muito importante frisar isso, que nós somos mulheres que fazemos, mas por trás de nós tem outras mulheres super importantes na vida, sendo ainda desvalorizadas, excluídas (Heloisa).

Atentando-me para uma visão mais geral, percebo que, enquanto para algumas mulheres isso pode ser visto como uma redistribuição econômica, por ocuparem cargos mais elevados e receberem salários maiores, outras mulheres estão assumindo o trabalho de cuidado e recebendo salários inferiores, ou seja, ainda reforçando a má redistribuição econômica e o cuidado designado à mulher. As participantes apontam remédios para superar essa desigualdade, a proposta é incentivar a continuidade dos estudos, fazer um curso profissionalizante que dê a oportunidade de um emprego que tenha uma remuneração melhor, mas como apontado nas Rodas de Conversa ainda há outros entraves como a falta de tempo e sobrecarga de trabalho dessas mulheres.

[...] eu gostaria que ela tivesse um emprego melhor ainda, porque ela trabalha bastante, tem filho também, separou do marido, o marido não ajuda, aquela coisa toda, então eu falei "Porque não?" Que ela tenha uma condição de vida melhor, mas o que ela preferiu? O filho também não terminou o ensino médio, agora voltou, eu falei "Mais você precisa ir" eu falei "Passa muito rápido, hoje em dia a maior parte dos trabalhos pedem o ensino médio" e ela não foi esse ano por conta que fazia uma faxina, ela vem aqui e ainda tem dia que ela vai em um outro lugar, fazer faxina, vai em uma parte em um dia e uma parte no outro e ela não foi porque senão ela não conseguiria fazer essas faxinas aí eu falei "Mas

então, daí você tem que dar um jeito lá na sua casa e botar a turma para trabalhar para você estudar" (Renata).

É interessante observar como a estrutura atua nessas situações, para que elas (professoras) estejam nesses locais outras pessoas, no caso outras mulheres adentram suas casas para cuidarem de seus filhos e afazeres domésticos, o capitalismo não oferece estrutura para que o cuidado aconteça, pois, essas mulheres que vão assumir esse papel do cuidado por muitas vezes negligenciam sua própria família. Essas mulheres também não recebem grandes salários, precisando realizar vários 'bicos', acarretando uma sobrecarga de trabalhos. O abandono paterno também é algo comum, e nem sempre a sua ausência afetiva e financeira é evidenciada e cobrada pela sociedade. A Ana Paula retrata que "*Mas agora também sou mãe solo, porque sou separada tem quatro anos, ele não mora aqui e não vem visitar*".

Outro ponto evidenciado pelas participantes é a contratação de outras pessoas para cuidarem de seus filhos, quando precisam dar aula "*no meu caso sou mãe solo, tenho que dar aula à noite, isso significa pagar uma babá, isso significa um custo, dar todas as aulas da noite e não dar aula durante o dia, ou dar aula no sábado*" (Maria Edneia). E também se acrescenta a esta questão o cuidado das pessoas idosas, que também fica a cargo dessas mulheres "*Quem tem pais mais velhos e que cuidam, idem. Tem que pagar um cuidador nos horários que você tem aula" (Maria Edneia).*

Uma reflexão importante que faço é sobre quem são as pessoas responsáveis pelo cuidado, quando essas docentes saem para trabalhar. Um ponto que merece atenção é a interseccionalidade das injustiças sociais, em que as questões de classe, raça e gênero se fazem presentes nessa situação.

Como retratado em capítulos anteriores, o histórico das mulheres na sociedade se difere quando envolvemos classe social e raça. Gonzalez (2020) apresenta que a maioria das mulheres negras assumiu o papel do cuidado enquanto as mulheres brancas passaram a ocupar os espaços públicos da sociedade, também com duplas e até triplas jornadas, mas com salários baixos. Elas, as trabalhadoras domésticas, independente da raça, são pilares para a emancipação econômica e cultural de suas patroas dentro do sistema de dupla jornada.

Dessa forma, a dualização da reprodução social está diretamente relacionada às injustiças sociais. O sistema capitalista se beneficia da exploração do trabalho reprodutivo, e perpetua a exclusão econômica e social de mulheres, especialmente de classes baixas e grupos racializados, que estão presas a um ciclo de pobreza, devido à desvalorização do trabalho de cuidado.

Os remédios transformativos propostos por Fraser para superar essas injustiças seriam não apenas buscar melhorias nas condições de sobrecargas com o trabalho de cuidado, mas também reestruturar as bases sociais e econômicas que sustentam essa divisão. Isso pode ser feito através de uma divisão equitativa do cuidado (entre homens e mulheres, Estado e esfera privada), a valorização do trabalho do cuidado (que ele seja remunerado e visto como um trabalho essencial para a sociedade) e a ampliação de serviços públicos (como creches, serviços de saúde e assistência a terceira idade, assim o trabalho reprodutivo social não dependa de redes privadas e informais).

Dessa forma, a má redistribuição de renda ainda perpassa o cotidiano dessas professoras universitárias e isso se estende para muitas mulheres na sociedade que buscam conciliar vida profissional e pessoal, se submetendo a sobrecargas de trabalhos. Em algumas situações, as participantes identificam os possíveis remédios para superar essas injustiças, em outros, apesar de reconhecerem as injustiças sofridas, ainda não.

3.2.2 Reconhecimento

A questão do falso reconhecimento está intrínseca em nossas ações e escolhas no decorrer da vida. As injustiças e o preconceito estão tão naturalizados na sociedade que às vezes não percebemos as opressões que acontecem ao nosso redor. Comentários como o da Renata é muito comum e recorrente no ambiente acadêmico.

Em termos de preconceito em órgãos colegiados, nunca percebi algo de diferente pelo fato de ser mulher em um cargo desse, principalmente coordenação de curso. Assim, falar que sofri preconceito ou alguma coisa assim eu nunca percebi nada, ou eu que sou muito desligada ou de fato não aconteceu, mas explicitamente nunca percebi nada não (Renata).

Fui coordenadora de curso por dois mandatos e chefe de departamento por um mandato e meio mais ou menos e assim, não percebi nenhum problema durante esse tempo, pelo fato de ser mulher, nada que tenha travado (Ana Paula).

Heloisa também retrata o mesmo olhar que Renata ao dizer "*Eu diria que não diretamente, de ter sofrido algum tipo de obstáculo de atravessamento por conta de ser mulher. Não que eu tenha notado isso nitidamente em qualquer momento*" *(Heloisa).* Não

notar as opressões que acontecem no cotidiano mostra o quanto o sistema mascara e naturalizam essas injustiças tornando-as ‘parte de um sistema’.

Por mais que se tenha promovido discussões referentes às questões de gênero no espaço acadêmico, ainda se nota a presença de injustiças, mesmo que de forma velada. A área das exatas foi por muito tempo ocupada majoritariamente por homens. Hoje, se nota que há participação feminina nos cursos de Licenciatura em Matemática, mas ainda assim as mulheres sofrem opressões pelo simples fato de serem mulheres.

Ao realizar uma consulta nos sites dos campi da Unesp identifiquei que dentre os 136 docentes dos departamentos de Matemática 57 são mulheres. Ao olhar para cada campus individualmente percebe-se que nos campi voltados para engenharia e Matemática pura e aplicada ainda há uma discrepância entre a equidade de gênero. Esse cenário que a Ana Paula descreve, “*Apesar de estar em um campus que considero bem machista, porque foi um campus que foi de origem só de engenharia, então antigamente, praticamente só existiam homens dentro daquele campus, eram pouquíssimas mulheres, hoje já não acontece mais isso*” ainda não se alterou em alguns campi, pois ainda há predominância masculina.

Apesar de alguns cursos ainda terem essa diferença, é valido considerar que as mulheres têm adentrado esses espaços. Isso me instiga a pensar em como é a permanência dessas mulheres dentro deles após a sua inserção. Uma das participantes narra um episódio que aconteceu durante uma discussão em um grupo de trabalho:

Uma vez em uma discussão num grupo de trabalho que tenho aqui no departamento, estávamos decidindo um assunto no WhatsApp. “Ah, o que vocês acham disso?”. Então, coloquei uma posição e um colega que é homem colocou a posição dele que nada se diferia da minha, mas que no momento que foi colocado, foi como se fosse nova e eu não tivesse dito nada [...] (Heloisa).

Esse diálogo ilustra como o silenciamento e o não reconhecimento aparecem no cotidiano das mulheres. Invalidar uma ideia ou um posicionamento de um colega são microagressões realizadas através de comentários e comportamentos preconceituosos. Érica conta uma situação que passou dentro do seu departamento de Matemática.

Eu nunca tinha percebido que a mulher ter filhos incomodava os homens. Eu queria até contar isso, porque esses dias foi a segunda vez que escutei isso esse ano, e fiquei tão incomodada com isso. Fui chamar um professor para ser meu suplente e ele falou assim:

“Você não vai ter filho não né, porque só vou ser suplente de quem não vai engravidar porque vocês dão trabalho hein" eu falei “Jesus Amado, não sei se não vou ter filho, como que eu vou saber?” “Ah, não, então não quero ser seu suplente” eu falei "Gente, como pode uma cabeça dessa ainda hoje?” Quer dizer, indiretamente ali tem alguns homens que ainda pensam que a mulher engravidar, é um problema (Érica).

Comentários como este são perigosos e tem um grande peso, quando pensamos que pode ser um desses professores que estarão à frente de cargos que exijam tomadas de decisão sobre os direitos das mulheres, e sua decisão também será pautada a partir do machismo reforçando o falso reconhecimento e a má redistribuição econômica e de oportunidades. Esses tipos de comentários causam nas mulheres consciente e inconscientemente o medo de engravidar, pois atrapalharia a sua carreira. Por isso, é importante permanecer atento a esses tipos de comentário, pois, como Érica retrata, ainda se ouve isso dentro da universidade.

Antigamente, a gente via “Ah, não vou contratar mulher, porque mulher da despesa vai engravidar, tem que sair de licença maternidade” nunca imaginei que fosse ouvir isso hoje e ouvi duas vezes esse ano, isso me incomodou bastante e eu ainda vou cruzar com ele de novo e vou falar algumas coisas, não sei, por que ainda no meio da gente, ficamos mais assustado, porque não era pra existir isso (Érica).

Essa situação mostra que mesmo as mulheres adentrando esses espaços, sendo até mesmo a maioria dentro de alguns deles, esses episódios machistas ainda permanecem. E, na maioria das vezes, não respondermos de imediatos a esses comentários, mesmo identificando as opressões e discriminações ficamos sem reação.

Situações como essa também acontecem vinda de outras mulheres, Adriana compartilha a fala que alguns colegas disseram sobre ela ter engravidado aos 45 anos “*algumas pessoas do meu departamento falaram “Nossa, você é louca, Deus me livre, nessa idade ter criança pequena””* e ela ainda comenta *“E é mulher mesmo viu, não foi homem não*” (Adriana). Essas opressões horizontais que acontecem dentro dos grupos marginalizados, refletem as estruturas do patriarcado que estão enraizadas na sociedade.

[...] infelizmente o ambiente acadêmico é um ambiente de disputa. Às vezes eu observo, e acho interessante que essa disputa é entre as mulheres mesmo, entre nós também. Quando também estamos nessas posições, o que nós como mulher nessa posição fazemos por outras mulheres? (Maria Edneia).

No decorrer da história, incentivar a rivalidade entre as mulheres foi uma estratégia capitalista de controle sobre elas, ao colocá-las juntas, como apresento neste trabalho mostra que há reconhecimento das situações que elas vivenciam, há apoio e suporte para enfrentarem as opressões e injustiças que aparecem. Esse comportamento de cooperação está na contramão do capitalismo financeirizado que individualiza a mercadoria para que a competição entre elas gere mais lucro.

Um dos remédios propostos por uma das participantes é uma rede de apoio entre as docentes da universidade, a Maria Edneia compartilha que esse tipo de atividade de colocar as mulheres juntas para dialogarem a faz pensar sobre como as mulheres têm encarado a falta de estrutura e suporte dentro do ambiente acadêmico.

[...] o que é que nós mulheres também fazemos para mudar isso, e eu acho que às vezes não temos conseguido fazer muito, o que estamos conseguindo fazer é falar mais, eu acho que aprendi a gritar dentro do departamento no sentido de "Opa, calma aí". Mas assim, às vezes, sinto essa insensibilidade ou quase que uma invisibilidade, falo muito da Ivete e da Edméa [...] elas eram duas pessoas tão diferenciadas, elas passavam todo dia em frente a minha porta e perguntavam pelo Filipe, eu acho que é um tipo de delicadeza tão grande e que eu mulher, mãe, não tenho com as outras colegas e por que não? Se sabemos que, às vezes, uma palavra, um oferecimento mesmo, falar assim "Oh, dou aula para você hoje", porque a mãe contou que a criança foi para o hospital e depois está tomando antibiótico e tem horário para dar. Eu mesma nunca pensei em fazer isso e falar "Olha, estou aqui disponível. Hoje para mim está mais tranquilo, vou te ajudar". Me faz também pensar um pouco, o quanto algumas coisas a gente mantém, mantém funcionando do mesmo modo (Maria Edneia).

Essa questão de manter o sistema funcionando do mesmo modo sabendo que há algo de errado, discutiremos mais à frente. Em curto prazo, esse remédio se encaixa como uma solução afirmativa e se apresenta como um espaço de discussão, reconhecimento e conscientização das situações que essas mulheres se deparam no ambiente acadêmico. Porém, em longo prazo, esses diálogos podem ser revertidos em políticas de proteção às mulheres, alterando as estruturas e reduzindo casos de desigualdades.

Outro remédio apresentado pelas participantes para reconhecer as injustiças é promover mais discussões sobre esse assunto nos ambientes acadêmicos "*Eu já disse isso*

para uma entrevista que dei para uma aluna que estava estudando a questão da mulher na ciência e também me dei conta de muitas coisas ao participar de discussões na educação Matemática sobre a questão de gênero" *(Maria Edneia)* a Heloisa também complementa "*comecei a prestar atenção em coisas que antes eu não enxergava desse jeito e que agora enxergo*". Ou seja, a rede de apoio entre as docentes e a promoção das discussões acerca das mulheres na universidade pode auxiliar no reconhecimento das injustiças e opressões que elas estão sujeitas na academia.

Não conseguir identificar as opressões e injustiças a que as mulheres são submetidas diariamente se estende para além do espaço acadêmico, esse é apenas um subconjunto de muitas outras opressões nas quais elas estão expostas. O núcleo familiar é outro subconjunto da sociedade que reafirma essas injustiças. Érica compartilha sua experiência ao passar por uma situação de opressão: "*Na verdade, tive um relacionamento abusivo por muitos anos, mas sempre fui muito submissa, medo de ficar sozinha, insegura, mas não sabia, não via isso, achava que gostava, mas deixava rolar daquele jeito e vivi assim por 17 anos*" *(Érica).* O modelo social que essa estrutura capitalista se configura mascara abusos e submete as mulheres a relacionamentos e situações de violência psicológica que às vezes elas não conseguem perceber.

Em relação aos abusos, a Unesp oferece para discentes, docentes e técnicos o aplicativo "Unesp Mulheres" que fornece informações e orientações sobre como enfrentar e denunciar violência doméstica, sexual ou assédio que ocorreram dentro e fora da universidade. Esse tipo de ação proporciona a disseminação de conhecimento, o que contribui para o reconhecimento das injustiças e opressões sofridas, além de criar uma rede de apoio na qual as mulheres podem se sentir mais seguras para realizar a denúncia.

Além do aplicativo, a Unesp conta com Grupos de trabalhos "Unesp Mulheres" que buscam sensibilizar sobre diferentes opressões a que as mulheres são submetidas, além de conscientizar sobre seus direitos. O grupo e o aplicativo se enquadram em remédios afirmativos que ao longo prazo pode levar a uma mudança em comportamentos sociais se transformando em remédios transformativos, que podem alterar a estrutura e corrigir as injustiças sociais.

Dentre as violências, opressões e abusos que ainda acontecem na sociedade e no espaço acadêmico, a relação com a maternagem ganha destaque nas injustiças. Como pontuei acima, o trabalho reprodutivo não é visto com bons olhos por alguns colegas, o que acarreta nas mulheres anseios, dúvidas e medo de engravidar e conduzir uma gestação durante a pós-

graduação ou até mesmo enquanto docente. Adriana conta sobre a apreensão e o medo que sentiu ao ter que contar para sua orientadora sobre a sua gravidez.

[...] lembro que do dia que fui contar para a minha orientadora de doutorado que eu tinha engravidado, porque não era para eu ter engravidado naquele exato momento, estava no meio do doutorado, ficava me questionando: "Meu Deus como que eu vou dar conta de um doutorado e da minha filha" (Adriana).

Questões como essas são vistas frequentemente entre discentes de diversos cursos. Maria Edneia compartilha seu medo de engravidar durante a pós-graduação e que durante a sua formação via que seus pares homens não lidavam da mesma maneira ao se tornarem pais.

A minha primeira percepção dessa questão de ser mulher e estar na academia, na universidade e também na escola, primeira coisa foi morrer de medo de engravidar durante a pós-graduação. Durante a graduação eu não tinha tanta noção, mas durante a pós-graduação eu tinha pavor [...] eu achava que meu orientador nunca mais ia olhar na minha cara se eu engravidasse, porque a gente circulava e ouvia os comentários, ouvia que outras mulheres tinham esse medo e convivi com vários colegas que foram pais, homens que seguiram, terminaram o doutorado, terminaram o mestrado grávido ou já pais e que pouco impactou (Maria Edneia).

O que gera tanto medo? A pressão de interromper sua formação por conta da maternagem pode ser um dos motivos, pois serão meses de recuperação e quase nenhuma publicação. Até pouco tempo antes de incluírem o campo de licença-maternidade no currículo *lattes* esse período era uma lacuna nos currículos das mulheres, a inclusão desse campo trouxe um reconhecimento de que esse período também faz parte de um trabalho que contribui para a sociedade e é produtivo.

Fiquei feliz que nesse momento você está contribuindo com a humanidade em outras atividades, eu acho que é isso, porque senão dá peso muito grande por conta da cobrança institucional da CAPES e tudo mais, mas também olhar que nesse momento você está contribuindo com a formação inicial de um ser, com a pessoa que você está trazendo para esse mundo para ajudar esse mundo continuar, sabe, reconhecer que isso também é tão

importante, até que enfim o lattes colocou um lugarzinho que podemos por pelo menos a maternidade, estamos tendo mais coragem de falar nos lugares (Maria Edneia).

Esse período de lacuna afeta de forma social e economicamente a carreira das mulheres, isto pois, a quantidade de artigos publicados, ainda é requisito de avaliação para bolsas de fomento acarretando uma desvantagem nas disputas entre homens e mulheres ao pleitearem uma bolsa ou auxílio. O *Parent Science*, que apresento nos dispositivos de visibilidade tem levantado discussões sobre a parentalidade dentro da academia e das ciências, e foi criticado pelo presidente do CNPq ao solicitar a criação de processos de bolsas e julgamento separadas para as mulheres.

Essa postura mostra que apenas incluir um campo para preencher o período de licença-maternidade não é suficiente para superar as injustiças produzidas. As agências de fomento como CNPq reconhecem o impacto da maternagem nas carreiras das mulheres, mas rejeitam a necessidade de políticas de distribuição de bolsa que considerem as especificidades das pesquisadoras que são mães.

É essencial que haja tanto reconhecimento com redistribuição e, se para isso, forem necessárias ações afirmativas como editais específicos ou até mesmo cotas, então, esses remédios devem ser fornecidos, assim, a curto e longo prazo podemos encontrar mudanças, pois, concordo com Cristiane "*A mulher que opta pela maternidade não está com a mesma liberdade para trabalhar que o homem*", sendo necessárias ações que repararem essas injustiças.

Maria Edneia compartilha que durante a pós-graduação tinha tanto medo de engravidar que recorria a dois métodos contraceptivos para garantir que não engravidaria, mas quando surgia alguma suspeita se desesperava.

[...] eram dois métodos anticoncepcionais para ter garantia plena que não ia engravidar e qualquer suspeita de gravidez eu realmente entrava em pânico, me desesperava e falava "Como assim? Eu sempre fui uma mulher irregular no meu ciclo, não tinha muito controle, então na pós-graduação foi onde eu sinto que coloquei uma pressão [...] eu nem sei se o meu orientador teria problemas, mas coloquei isso, não queria nem ter a chance de ter problemas com ele ou com o grupo de pesquisa (Maria Edneia).

A maternagem ser vista como um problema faz parte de um discurso que visa o lucro e a produção. O trabalho reprodutivo é de suma importância para o desenvolvimento da

sociedade, ele foi por muitos anos e ainda é visto como um trabalho não remunerado, como a sociedade e a academia visa produtividade e na universidade o período destinado à reprodução social é visto como empecilho para que essa produção aconteça. A sociedade depende da reprodução social, mas não fornece subsídios e estrutura para que ela aconteça, o que culminou na crise do cuidado retratada por Fraser (2020).

Discursos que comparam produtividade e maternagem estão tão presentes na vida das mulheres que mesmo inconscientemente a cobrança e a culpa fazem parte da sua rotina. As participantes relatam que na maioria das vezes a cobrança vem delas mesmas, mas é válido pontuar que a estrutura capitalista impõe padrões a serem seguidos e mesmo sem perceber há comparação e se reproduz, de maneira inconsciente ou não, esses padrões impostos pela sociedade.

Eu acho que a autocobrança que a gente sempre tem, me cobro e as outras pessoas também te cobram "E aí, quando você vai fazer sua livre docência?" eu já nem respondo mais, eu falo "Estou pensando" quer dizer, em um ritmo desse, chega uma hora que parece que você não tem energia para fazer, ainda não tive pique para fazer [...]Mas agora estou tentando não me cobrar, se der para fazer a livre docência eu faço, se não der, vai ficar sem fazer e boa, porque senão vira uma coisa, que é cobrança da gente com a gente mesmo o tempo todo, e aí é duro, tem hora que é duro. (Renata).

Eu coloco muita essa cobrança, não gostaria de ter feito isso com a minha vida, hoje mais velha, olho e não gostaria de ter feito isso com a minha vida, gostaria de ter tido uma vida mais tranquila, trabalhando, produzindo, fazendo pós-graduação mais tranquila (Maria Edneia).

[...] hoje me aceito mais, mas já me comparei muito e perdia, porque pensava "Porque eu não consigo produzir tanto, igual umas amigas que, às vezes, largam mão de certas coisas e vão?". Mas aí cada um tem a sua energia. Tem um salmo que eu gosto muito "fique em pé onde Deus te colocou e faça o melhor que puder". Então estou sempre em pé e faço o melhor que eu posso, muitas vezes esse melhor podia ser outro, bem melhor, mas também podia ser pior de alguns (risos). Então passei esses 30 anos nesse equilíbrio (Cristiane).

Maria Edneia faz um comentário interessante ao dizer que "*só dei conta que a cobrança era muito minha, depois de mais velha, porque daí você fala 'Mas, por que? Não tinha necessidade, podia ter ido mais devagar*'. *Mas, isso é uma característica minha, assumir coordenação, assumir um monte de compromissos, orientação*". Essa fala me faz refletir se essa questão de assumir um monte de compromisso é uma característica ou uma questão imposta pela sociedade inconscientemente. Vivemos em uma sociedade que os transtornos mentais como síndrome do pânico, ansiedade e burnout[156] estão cada vez mais presentes, e isso é um alerta de que algo não está certo.

O capitalismo exige produtividade, cumprimento de prazos, resultados e cada vez mais tentamos nos encaixar e "acelerar o ritmo". Por sua vez, a academia segue a lógica capitalista, pois é necessário dar aula, orientar alunos, publicar artigos dentre outras atribuições. A estrutura acadêmica leva os docentes a terem esse acúmulo de compromissos e quando se é mulher e exerce a maternagem essas atribuições e sobrecargas se intensificam.

Da mesma forma que a identificação das injustiças sofridas, a autocobrança pode ser amenizada ao tratar desses assuntos de forma coletiva, pois há identificação das dificuldades e obstáculos vividos entre essas mulheres, o que fornece uma rede de apoio para que elas não passem por essas dificuldades sozinhas. Maria Edneia conta que

Eu já passei um pouco dessa fase, hoje eu falo, mas quando estava nessa fase fazia a mesma coisa que você, me recolhia, sofria sozinha, me matava de trabalhar e de fazer para mostrar para as pessoas que eu podia ser mãe e manter o meu nível de produção de trabalho (Maria Edneia).

É muito bom ouvir você Adriana, porque já estou assim faz tempo também (risos). É muito legal essa troca de ideias, porque vemos que não estamos sozinhas (Renata).

É importante a promoção de debates para que mais pessoas entendam as demandas pessoal e profissional dessas docentes e que elas se sintam apoiadas para dialogarem sobre o assunto, pois só assim é possível realizar ações que supere essa injustiça. Discursos como o de Maria Edneia podem motivar e encorajar outras mulheres a não lutarem sozinhas.

---

[156] Síndrome de Burnout ou Síndrome do Esgotamento Profissional é um distúrbio emocional com sintomas de exaustão extrema, estresse e esgotamento físico resultante de situações de trabalho desgastante, que demandam muita competitividade ou responsabilidade. A principal causa da doença é justamente o excesso de trabalho. https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/sindrome-de-burnout#:~:text=S%C3%ADndrome%20de%20Burnout%20ou%20S%C3%ADndrome,justamente%20o%20excesso%20de%20trabalho.

"Sou mãe" e depois falo outras coisas que eu sou, porque não é para as pessoas passarem a ter peninha de mim a partir disso, mas é que o fato de ser mãe é uma responsabilidade muito grande mesmo. E se a gente que é mãe ou mulher não levantar essa bandeira, as outras pessoas vão continuar olhando e não observando, essa parte fica invisível, só ficam vendo quantas aulas demos e quantos orientandos e publicações a gente tem (Maria Edneia).

Conversar com outras mulheres para que elas desacelerem, mas desacelerem antes, não deixem para desacelerar quando já acelerou demais, que já sofreu demais sozinha. Não precisa, tudo vai voltar, nós somos maravilhosas, competentes, trabalhadoras, se não fizermos um período, depois voltamos a fazer e seguimos, está certo? (Maria Edneia).

É interessante pontuar que ao mesmo tempo em que existe essa cobrança e sobrecarga as participantes apontam o misto de emoções ao pensarem em seus filhos crescendo. Renata compartilha: "*já estou tentando me preparar para quando eu ficar sozinha*" e complementa "*ao mesmo tempo que você está sobrecarregada, por outro lado, você fica assim 'Nossa, será que eu vou me adaptar a essa nova vida de não ter gente por perto?'*". Ela possui três filhos com idades próximas, sendo dois deles gêmeos. Ela conta que cuidar deles era muito corrido "*quando os três eram pequenos, que você nunca tinha tempo para tomar banho, jantar. Jantar e tomar banho eram na hora que desse. A hora que vão dormir, aí você vai ver o que você vai fazer*" *(Renata),* mas também relata que ficou sem saber o que fazer quando teve a oportunidade de ficar um tempo sozinha.

A primeira vez que me peguei sozinha em casa não sabia o que fazia, porque o meu marido trabalhava fora, fui levar os dois em um aniversário e o mais velho acabou ficando junto porque já conhecia a família e tal "Não, deixa ele aqui também, deixa ele aqui" eu falei "Não, mas ele vai comigo, vai tomar banho" "Não, deixa ele aí". Deixei os três. Cheguei em casa, aquele silêncio na casa, eu falava gente. "O que eu faço?", juro gente, fiquei meia hora sentada no sofá para decidir o que ia fazer, parecia que estava perdida porque nunca tinha vivenciado aquilo de estar sozinha, estar no silêncio [...] "Gente existe um pouco de sossego, existe a Renata, um pouquinho de tempo pra mim". Então, foi uma experiência que pra mim ficou marcada. Nossa, fiquei perdida por estar um pouco sozinha (Renata).

Cristiane aconselha as outras colegas de que o tempo passa muito rápido e que logo seus filhos estarão grandes, é importante aproveitar esse momento.

[...] quando vê o tempo passa correndo, sua filha vai estar saindo de casa", o tempo é muito rápido, então, aguenta firme, curte, na hora que você estiver estressada curte para dar um abraço é a válvula de escape, é um fio terra, filho é um fio terra, você abraça, aí fica um tempão, porque quando você menos vê passou, aí você olha para traz e fala "Nossa, mas ..." Então é isso, também como as meninas falaram, você tira leite aí você vai trabalhar, aquela loucura, então aproveita essa loucura, a loucura também é produtiva, curte o filho (Cristiane).

A culpa é um sentimento presente no cotidiano de muitas mulheres. Culpa por dar atenção ao trabalho e negligenciar alguns cuidados e afetos, culpa por se cobrar, por não conseguir estar em todos os lugares ao mesmo tempo e de não dar conta de uma demanda extremamente alta de afazeres. Como apontei em capítulos anteriores, vivemos esperando que o dia tenha mais de 24 horas para conseguir realizar tudo que precisamos. Vivemos em uma sociedade que exige produtividade a todo o momento. Isso é ilustrado pelas situações abaixo.

[...] deixava na escola às 10h e só pegar 18h, chorava porque não conseguia acabar, chorava porque tinha levado ela pra escola, onde já se viu uma criança de cinco meses já estar na escola e sozinha (Adriana).

[...] tive dificuldades em contar para as pessoas do trabalho que estava grávida, de tamanha responsabilidade que chamei para mim. A gravidez foi tudo bem e o Filipe quase nasceu dentro do departamento, estava aplicando uma prova de final de semestre, estávamos com os semestres todos enrolados, isso foi em abril, minha bolsa estourou enquanto estava em uma das salas de seminários que ficam dentro do departamento, aplicando prova e aí pensei e falei para uma aluna que estava falando comigo na minha mesa: "Ah, eu acho que minha bolsa rompeu". Todo mundo se apavorou e um carrega computador, outro pega meus papeis… E eu peguei e imprimi algumas coisas para alguém terminar a aplicação de outras provas que eu tinha, liguei para o meu marido, minha mãe estava em casa, tinha terminado de fazer a tal da mala da maternidade que eu achava isso aí uma coisa sem necessidade. Depois eu vi que era muito importante ter a tal da mala, e fui (Maria Edneia).

Ainda complementa,

[...] não consegui desacelerar, achava que tinha que continuar trabalhando, eu queria continuar lendo, queria continuar produzindo e não dava. Tinha um neném tentando mamar, que não conseguia mamar, tinha um neném com dor na barriguinha por estar se desenvolvendo (Maria Edneia).

Essa sobrecarga e culpa foram socialmente construídas e são reforçadas pelas normas culturais e expectativa de gênero. Na academia, as mulheres são sobrecarregadas com os "trabalhos invisíveis" como tarefas administrativas e de cuidado (orientação de estudantes, participação em comissões e organização de eventos), que são essenciais para a academia, mas nem sempre são valorizados. No espaço privado, as mulheres são sobrecarregadas com o trabalho doméstico não remunerado (tarefas domésticas, cuidado com filhos, idosos e familiares), a expectativa cultural de gênero, pois as normas culturais continuam pressionando as mulheres para serem boas mães, boas esposas e boas profissionais e não atingir essas expectativas gera um sentimento de culpa.

As participantes apontam a disponibilidade das creches dentro das unidades da universidade (ação que a Unesp promove em algumas de suas unidades) como remédio para a sobrecarga de trabalho e a culpa, assim, as mães podem realizar as demandas acadêmicas e exercer o cuidado.

[...] eu acho que as creches são lugares para lutarmos muito para ter, as unidades que não tem temos que lutar para ter e as que têm temos que conservar e manter, porque é um lugar fantástico, a minha filha está ali do meu lado se precisar de alguma coisa, só isso é um alento. Então acho que as creches são lugares muito especiais dentro da Unesp, temos que lutar para conservar (Adriana).

[...] tive o privilégio de colocar minha filha na creche da Unesp (Cristiane).

[...] pude contar com a creche da Unesp que eu acho que esse é um elemento muito importante, principalmente para a mãe. A possibilidade de sair do departamento e ir lá amamentar e voltar ou qualquer problema ter ali a pediatra, o médico que também me socorreu em vários momentos. Então, tem essa estrutura da Unesp que foi importante (Maria Edneia).

Como discuti no tópico acima, as creches podem ser vistas como remédio afirmativo ou transformativo, depende se sua abordagem altera ou não a estrutura. É válido ressaltar, que toda essa cobrança e anseio também são questões impostas pela sociedade em um modelo estrutural que direciona a responsabilidade da maternagem para as mulheres. Hoje, essa temática tem tido maior visibilidade e mesmo que de maneira incipiente, as mulheres começaram a ser responsáveis pelos seus corpos e podem decidir se querem ou não se tornar mães, mesmo que independente de sua escolha ela será julgada pela sociedade.

De acordo com os aspectos culturais se escolher pelo não, ela negará a sua essência, escutando com frequência discursos como "as mulheres nasceram para se tornarem mães", que reforçam o mito do amor materno em que todas as mulheres nasceram com instinto materno e para o cuidado. As mulheres que optam em ter filhos são questionadas sobre suas carreiras e a forma que vão criar seus filhos. A opção pela maternagem precisa vim acompanhada de estrutura e suporte para que essas docentes possam ser amparadas.

A Maria Edneia conta que "*já tinha essa consciência de que queria engravidar, tive muitas dúvidas antes, se queria ser mãe ou não, mas cheguei nessa conclusão que queria ser mãe sim*" e que depois de alguns anos essa decisão interferiu em seu casamento "*foi uma decisão minha engravidar com quase quarenta anos e não decisão dele, tanto que depois isso foi um problema que acabou originando no fim do casamento, porque foi uma imposição que eu fiz a mim durante a vida*" *(Maria Edneia).* A Érica conta que "*eu pensava em engravidar, mas o meu marido sempre falava que se eu engravidasse, ele largava de mim 'Se você engravidar você fica solteira' ou 'eu ou o filho'*"*.*

A maternagem foi historicamente direcionada às mulheres, para algumas era sinônimo de empoderamento e *status* de rainha do lar, para outras como as indígenas e escravizadas que eram violentadas pelos invasores e exploradores era sinônimo de maus tratos e risco de vida que sem receberem assistência corriam grande risco de perder o bebê. Quando não perdia, davam à luz e retornavam ao serviço, sem repouso e cuidados. No caso das mulheres escravizadas os bebês viravam produtos e eram vendidos pelos seus donos e as mulheres se tornavam amas-de-leite e realizavam os primeiros cuidados dos filhos da alta sociedade enquanto acabavam negligenciando sua própria família. Assim como na história, cada mulher tem sua própria relação com a maternagem. As participantes relatam as suas experiências com a maternagem:

Quando estava no segundo ano atuando na educação básica, depois de formada, engravidei, então sou mãe solo, nunca fui casada, tenho minha vidinha aqui eu e minha filha. Minha filha nasceu prematura com 31 semanas de gestação pesando 1,4kg, teve aquele histórico de ficar na UTI neonatal um tempão, ficou com um pouquinho de sequela, mas no decorrer da primeira infância fomos consertando, ela foi nas terapias daqui, nas fonoaudiólogas de lá, TO daqui, TO de lá, remendou, está aí, hoje está moçona vai fazer 30 anos, uma beldade, continua me dando aquele trabalhinho básico, mas toca, não tem nada não vou toureando (Eliana).

A palavra, tourear, apareceu mais de uma vez durante as Rodas de Conversa. Tourear, literalmente significa "enfrenta um touro", vem do contexto das touradas onde o toureiro desafia o animal com técnicas e movimentos específicos. O termo também tem sentido figurado, usado para descrever a ação de lidar habilmente com uma situação difícil ou contornar problemas com destreza e astúcia. A palavra reforça as falas das participantes ao relatarem suas lutas, escolhas e situações que enfrentaram e enfrentam em suas vidas. Ainda sobre a maternagem, a Eliana complementa

Minha relação com a maternidade foi bem sofrida, eu saí que nem a Adriana, quando me perguntaram "Não, mas você vai ter outro filho?" eu disse "Jamais, jamais! Esquece isso, já não fazia parte dos meus planos e veio, foi uma benção, mas eu não vou repetir não, bênção é uma vez só, não precisa abençoar duas não, está de bom tamanho" no começo a minha filha deu bastante trabalho, sempre doentinha cheia de médico, cheia de alergia e um monte de coisa e eu tendo que trabalhar e garantir o sustento (Eliana).

A cobrança durante a maternidade e a maternagem são constantes. O docente universitário tem um acúmulo de trabalho, dividido entre gestão, docência, pesquisa e extensão, ainda tem as cobranças com prazos de projetos, participação em congressos e publicação de artigo, todas essas questões afetam a vida pessoal dessas mulheres que tentam administrar as duas áreas, mas nem sempre, ou melhor, quase nunca é possível.

A minha filha, ficou negligenciada, tenho isso comigo, ela reclama até hoje, ela fala "Mãe, você não estava lá, eu só via você entrar e sair em casa, porque quando você não estava trabalhando, você estava estudando, quando você estava em casa ouvíamos assim: não perturba sua mãe porque ela está ocupada" então, isso foi uma situação que foi

praticamente desde quando ela nasceu até o final da adolescência, até perto dos 18 anos que foi quando entrei para a Unesp e mudou um pouquinho a minha vida, deu uma pseudo acalmada, foi quando comecei a conseguir conciliar melhor essas coisas (Eliana).

Engravidei no último mês do doutorado, falavam "Compra brinquedo, vai ficar quietinha no chão", eu escrevendo o fim, corrigindo a tese. Nunca ficou quietinha brincando com nada, nunca. Ela era assim, exigia o tempo todo companhia e é muito rápido, então abraça apertado, curte, que tudo vai se encaixando (Cristiane).

Eu tinha dito que tinha uma atividade com o meu filho na escola, era uma atividade da semana da família e achei que dava, sempre achando que dava para levar meu celular, enquanto ele se divertia eu ia participar da reunião, não imagina o fervo que estava na tal de festa, era impossível usar o celular (Maria Edneia).

Ainda complementa,

E não me esqueço, o Filipe bem "pitiquinho", devia ter dois aninhos, eu lendo uma tese, a defesa era no outro dia, eu tinha que viajar para Rio Claro, eu terminando de ler a tese para organizar um parecer - porque eu gostava de escrever um parecer, agora já não faço mais isso, escrevo umas coisas e vamos que vamos, esse negócio de fazer um parecer de três ou quatro páginas ficou lá no passado. Mas aí ele me chamou "Mamãe, brincar". E me puxou pela mão para ir ao quartinho dele, onde tinha bastante brinquedo, e fui com a tese, com a doce ilusão de que ia sentar no chão e continuar lendo a tese. Ele pegou o texto, o papel da minha mão e falou: "Papal não, mãe". E colocou a tese em cima do sofá. Então, foi por coisas assim que comecei a pensar, e dizer "Nossa, decidi ser mãe, quero ser mãe e quero curtir isso" (Maria Edneia).

Situações como as descritas acima mostram a difícil tarefa de equilibrar o cuidado com as correções de trabalho, orientações, aulas, reuniões dentre outras demandas. As participantes evidenciaram que por mais que a universidade tenha essa sobrecarga de trabalho, a sua flexibilidade em relação a horários pode ser aliada dessas mulheres. Esse é um tipo de política que pode atenuar algumas pressões que as mulheres enfrentam ao tentar equilibrar vida profissional e pessoal, a flexibilidade do horário pode ajudar na redução do sentimento de culpa, permitindo que as docentes consigam estar presentes em momentos importantes para

a família. "*Apesar de eu ter o privilégio, porque por mais que a gente reclame da universidade, por mais que a gente reclame do tanto de coisa que temos para fazer, agora eu assumi a coordenação do curso de Matemática daqui, mas é um trabalho que você tem certa flexibilidade" (Adriana).*

É interessante pontuar que essa flexibilidade pode levar a uma sobrecarga invisível, onde a falta de uma divisão justa das tarefas domésticas pode fazer com que a flexibilidade seja vista como uma forma das mulheres assumirem ainda mais responsabilidades de cuidado, sem que os homens aumentem sua participação no espaço privado. Com essa flexibilização, também se deve tomar cuidado na separação entre ambiente de descanso e trabalho, pois muitas vezes atribuições da universidade são levadas para serem realizadas no espaço doméstico.

Ainda sobre o acúmulo de função e a flexibilização de horários, algumas participantes relataram as questões das exigências e cobranças em relação às atribuições e prazos e como lidam com essas situações.

Agora, por exemplo, não tenho condição de sair por muito tempo, em novembro vou ter que ir para Rio Claro, é apenas um dia que terei que ficar lá, a minha mãe vai ter que vir para cá, tem que fazer uma estrutura de guerra para você poder fazer as coisas. Essa semana, todos ficaram doente, uma ficou doente e a outra também ficou. Não podem ir para a escola, então tenho que ficar aqui em casa cuidando delas, tenho que trabalhar de casa. Tem hora que você senta a criança no colo e vai fazer as coisas, é uma maluquice, só fico pensando assim: "Passa, vai passar, calma". E a exigência de publicar, de escrever, de orientar, de fazer, parece que… e de prazo, e de data, mas acho que quando você tem filho, uma coisa que aprendi é que é assim, não adianta, não deu para fazer, não deu, estourou o prazo, estourou, vai atrasar? Vai e não adianta, não tem o que fazer, não adianta você ficar sofrendo e desesperada. Vou fazendo de acordo com o que tem condição, o que não tem, não tem (Adriana).

Chegou uma época que falei "Vamos fazendo o que dá, o que é para amanhã? Então eu faço o que tem para amanhã". Tem hora que não adianta se programar, você planeja, mas um fica doente e aí vai, você vai fazendo as coisas conforme dá (Renata).

Uma forma de remediar essas situações é repensar na estrutura da universidade, concordo com a Maria Edneia quando ela diz "*Sempre acho que a estrutura é uma estrutura machista, no sentido de que tive muitas atitudes machistas, de não me enxergar como mulher, como mãe, que poderia desacelerar independente do que o mundo estava dizendo*". Realmente a estrutura da universidade assim como a sociedade se organiza em uma lógica machista e patriarcal desconsiderando as especificidades e as diferenças existentes, flexibilizar prazos, reestruturar normas e regras de avaliações são ações possíveis e que contribuiria na superação de algumas injustiças.

Ao colocar em pauta a questão da maternagem, os cuidados com os pais, idosos e parentes também são direcionados, na maioria das vezes, às mulheres.

[...] agora tenho o pai e a mãe para tomar conta, então eu não teria fôlego para graduação, pós-graduação, filha dando ainda uns pitizinho que tenho que correr atrás e os meus pais com 84 e 86 anos que eu cuido (Eliana).

E agora tenho meus pais. Meu pai vai fazer noventa anos e minha mãe 82, mas vai fazer oito anos que ela teve um AVC e nunca mais recuperou o equilíbrio e de lá para cá a coisa só vem piorando, então agora eu falo que tenho dois bebês (Renata).

[...] emendei as fases, a questão da maternidade, os filhos crescendo e eu falei "Agora vai dar uma sossegada" e não adiantou nada, porque enquanto eles estavam crescendo emendei com o cuidado com o pai e com a mãe e estou nessa (Renata).

Os cuidados com os idosos, no capitalismo financeirizado tem sido cada vez mais mercantilizado, não sendo visto como responsabilidade social, os cuidados passam a serem tratados como serviços lucrativos oferecido pelo setor privado na forma de bens de consumo como casas de repouso, cuidados domiciliares, dentre outros serviços de assistência, que são acessíveis apenas àqueles que podem pagar.

Nessa tendência de reduzir o papel do estado na responsabilidade do cuidado, essa responsabilidade é transferida para o setor privado ou para as famílias, especialmente para as mulheres. Para aqueles que dependem de sistemas públicos de assistência, a vulnerabilidade da precarização dos serviços e a falta de acesso aos cuidados são situações recorrentes.

Com o aumento dos custos de cuidados privados e a redução do apoio estatal, a família se torna, em grande parte, responsável pelos cuidados dos idosos e esses cuidados na maioria das vezes são realizados pelas mulheres, intensificando a sua carga de trabalho.

Durante as Rodas não foram apresentados remédios específicos para superação desta injustiça, mas remédios como a valorização do trabalho de cuidado na forma de salários justos aos cuidados, a redistribuição do trabalho de cuidado (que seja equitativa entre homens e mulheres) e desmercantilização dos cuidados com os idosos, tornando-o um direito social que seja garantido por políticas públicas e pelo Estado, ao invés de ser um serviço disponível apenas para aqueles que conseguem pagar podem mitigar essas injustiças.

Discursos sobre a cobrança estrutural e pessoal, com o cuidado, com prazos e a produtividade, mostram o quanto o sistema capitalista não está preparado para dar suporte às pessoas que assumem essa responsabilidade, como as mulheres que optam pela maternagem. Pois, poder escolher é essencial, mas é necessário que haja estrutura para que essa escolha seja colocada em prática.

O capitalismo reconhece a necessidade da reprodução social, mas não oferece subsídios adequados para aqueles que assumem essa responsabilidade, resultando em uma sobrecarga. Para lidar com essas questões, são necessárias políticas de apoio à maternagem e paternidade, como licenças parentais obrigatórias e igualitárias para todos os gêneros (essas licenças devem ser longas o suficiente para permitir um cuidado adequado nos primeiros anos de vida), creches públicas e acessíveis, reconhecimento do trabalho de maternagem como essencial para a sociedade e economia e de responsabilidade social coletiva e não exclusivamente individual e familiar.

Assim, o acúmulo de trabalho e o conflito entre o trabalho reprodutivo e produtivo se fazem presentes em diversos momentos da vida, quando as mulheres têm que conciliar as duas demandas, o que me instiga a pensar a que custo e em quais condições a busca pelo reconhecimento e redistribuição acontecem.

Eu tentava fazer um pouco de cada coisa e eu acho que as coisas vão se somando a gente se cobra, tive uma síndrome do pânico, pela cobrança, cobrança do trabalho e às vezes a sua própria cobrança, muitas vezes você se cobra, você quer render, nós somos pesquisadoras, trabalhamos em uma universidade que exige que a gente atue em gestão, que atue em pesquisa (Cristiane).

Essa cobrança acontece devido às diversas demandas e a sobrecarga que comprometem a saúde física e mental. Atividades como participação em eventos e congressos fazem parte das atribuições dos docentes e são fundamentais para o desenvolvimento do pesquisador, permitindo a troca de conhecimento, a formação de uma rede colaborativa e a divulgação de pesquisas. As participantes da Roda de Conversa expressam que precisaram abdicar de momentos importantes para estarem nesses espaços.

[...] eu acho que é bastante sofrido porque sofremos muito sozinha nessa cobrança, eu com o Filipe pequeno, tirei o Filipe do peito quando minha mãe ficou hospitalizada e eu precisava ficar com ela. Mas ele tinha acabado de fazer um aninho e fui a um congresso no Rio Grande do Sul e fiquei cinco dias. Para quê? É uma questão minha, mas é uma questão "Como assim, já um ano que não vou num congresso?" Nessa época a gente ainda estava indo mais, porque a estrutura é essa, os congressos existem e se você não participa você vai ficando para trás, essa era a minha ideia e fui para esse congresso, sofri muito. Estava com outras mulheres, todas deixamos os filhos pequenos em casa, então também foi uma experiência de poder sair para comer, todo mundo preocupado, tentando falar, as crianças não queriam falar com a gente. Mas eu fiz isso, fui para um congresso com uma criança muito pequena, para poder continuar a minha vida, tamanha foi a cobrança que me coloquei (Maria Edneia).

Durante anos, os eventos e congressos em sua maioria não incentivaram e não ofereciam práticas inclusivas e apoio a maternagem, hoje, começamos a identificar alguns esforços para serem mais inclusivos oferecendo espaços recreativos[157] ou supervisionados para as crianças, creches no local do evento e subsídios de viagem para cuidadores. Assim, oferecer essas práticas inclusivas contribui para a equidade participativa e reconhecimento da parentalidade dentro dos espaços acadêmicos.

Assim, as questões relacionadas à maternagem, às mulheres e à docência perpassam por diversas questões. As atribuições dentro de uma universidade, enquanto docente são inúmeras, a gestão faz parte dessa demanda está sendo ocupada pelas mulheres e ser

[157] Os eventos da Sociedade Brasileira de Computação (SBC) têm manifestado algumas iniciativas de oferta de espaço *kids* em seus eventos. O artigo "Espaço Infantil em eventos da Sociedade Brasileira de Computação: uma necessidade ou não?" de Leticia Santos Machado, Silvia Amélia Bim, Karen da Silva Figueiredo Medeiros Ribeiro, Luciana Bolan Frigo e Cristiano Maciel (2020) disponível em: https://sol.sbc.org.br/index.php/wit/article/download/11273/11136/ acesso em 04 nov. 2024, apresenta alguns eventos de diversas áreas que tiveram essa iniciativa, mas de acordo com os dados na área da matemática ainda não se vê muito engajamento.

reconhecida nesse espaço é de suma importância para garantir o reconhecimento e representação nas tomadas de decisão.

3.2.3 Representação

A dimensão de justiça social relaciona a representação com as questões políticas de quem está ou não incluído nos processos decisórios da sociedade, ela vem como complementos e suporte para as duas dimensões: redistribuição e reconhecimento.

Ao adentrar alguns lugares é necessário fazer uma reflexão de como e por que isso está acontecendo. Na academia, assim como na sociedade, ocupar alguns espaços pode ser sinônimo de representação, mas isso só acontecerá se a pessoa estiver incluída no processo decisório e tiver em posição de realizar uma tomada de decisão.

Ocupar cargos como coordenação e chefia de departamento são conquistas importantes dentro do espaço acadêmico, hoje, as mulheres estão ocupando cada vez mais os cargos de coordenação dos cursos como retrata a Heloisa "*Agora tenho percebido, que esses cargos como de coordenadoras, vejo muito mais mulheres hoje em dia do que homens*", e ela conta como é estar nos dois cargos:

Estive na chefia do departamento de Educação Matemática uma vez, durante dois anos, e agora estou na coordenação do curso da pós-graduação em Educação Matemática. Vejo que agora a minha demanda é muito maior do que quando eu estava na chefia. A coordenação de curso - a Renata já foi as duas coisas também - do meu ponto de vista dá mais trabalho porque você atende muito mais frentes, é a forma que vejo, pelo menos do jeito que a Unesp é organizada (Heloisa).

Uma observação importante é de que a "*Coordenação pouco homem pega, o curso de Matemática aqui eu não me lembro de ter visto homem na coordenação*" *(Heloisa).* É notório que os estereótipos de gênero ainda se fazem presentes e influenciam fortemente o modo como os papéis de liderança são distribuídos na academia. Cargos de chefia como chefes de departamentos ou reitores, são relacionados a características como autoridade, assertividade e tomada de decisão rápida, que culturalmente são consideradas masculinas.

Eu vejo que por parte dos homens e historicamente também, não estou falando pontualmente, a leitura que se faz quando o cara faz o que tem que fazer e não dá esse passo

para além, é que a pessoa é focada, o homem é focado, a mulher se ela deixa de fazer "Ah, essa daí não é tão sensível" (Heloisa).

As habilidades relacionadas à coordenação de curso são a de cuidado, comunicação e gestão diária, características que culturalmente são associadas às mulheres. Essas ocupações envolvem alta carga administrativa e emocional e possuem menos visibilidade e poder decisório em comparação aos cargos de chefia.

[...] o coordenador tem que trabalhar com os alunos, então é uma demanda que os alunos vão trazer pra ele; com o docente também, você tem que falar com o docente sobre as disciplinas, sobre essas questões que envolvem o curso; você tem que tratar com a reitoria porque o curso envolve tratar com reitoria, de papelada, de um monte burocracia; coisa que vêm do governo, do estado, que vem do MEC, da CAPES, então já mostra que é um leque gigante, aí é complicado porque homem não quer, porque ele foca (risos) (Heloísa).

Dessa forma, garantir a representação das mulheres em cargos de liderança é essencial para criar um ambiente mais inclusivo e justo. A ausência de mulheres em posições de poder não apenas afeta suas carreiras, mas também perpetua desigualdades estruturais que podem impactar o desenvolvimento de políticas institucionais mais inclusivas para todos os gêneros.

Quando as mulheres estão sub-representadas em cargos acadêmicos de liderança, como chefias de departamentos, reitorias e coordenações de cursos, essa exclusão reflete um desequilíbrio no poder decisório. Isso impede que as questões e preocupações específicas das mulheres sejam discutidas e levadas em consideração nas políticas institucionais, como as relacionadas à equidade de gênero, maternidade e assédio.

Assim, é necessário garantir uma redistribuição de poder nas estruturas de tomada de decisão acadêmica. Isso implicaria não apenas o aumento da presença de mulheres em cargos de chefia, mas também a transformação das estruturas institucionais que perpetuam as desigualdades de gênero. A ideia é que as instituições acadêmicas adotem medidas para garantir que mulheres tenham oportunidades justas de acesso a essas posições e que suas vozes sejam ouvidas em todos os níveis.

A representação equitativa das mulheres no espaço acadêmico é uma questão central de justiça social, que exige transformação nas estruturas de poder para garantir que as

mulheres possam participar plenamente da academia em todas as suas dimensões, desde a tomada de decisões até o reconhecimento de suas contribuições.

Como abordo nos capítulos anteriores, segundo os dados do Censo de diversidade da Unesp de 2021, a instituição possui em seu quadro profissional docentes do ensino superior, pesquisadores e docentes do ensino médio e técnicos-administrativos, o que totaliza 3.111 profissionais. A soma das categorias docentes mostra a presença de mais homens (60,66%) do que mulheres (39,34%) em atuação na universidade.

De acordo com o Censo sobre as diversidades na Unesp, 2021 do total de docentes da instituição, 18,17% ocupam algum cargo de chefia na universidade, sendo que a maioria que ocupam esses cargos são os homens, 62,2%, apenas 37,8% são mulheres, nota-se que elas ainda são minorias, ou seja, ainda há uma discrepância na paridade de participação nas tomadas de decisões que envolvem assegurar seus direitos básicos.

A Heloísa faz uma colocação interessante que me fez refletir e procurar discussões sobre esses dados "*Vai ver na pesquisa quem tem mais projeto de pesquisa aprovado no CNPq se é homem ou mulher. Você vai ver que é homem, vai ver quem tem mais trabalhos publicados cientificamente, vai ver que é homem" (Heloisa)*. De acordo com o censo de diversidade da Unesp de 2021, dentre os docentes 23,69% recebem bolsa produtividade em pesquisa, dentre os que recebem essa bolsa, a maioria são homens 67,45%, as mulheres representam apenas 32,55%.

Observando os dados de uma pesquisa do IBGE que identificou a proporção de mulheres entre docentes do ensino superior e vemos que a porcentagem subiu de 43,2% para 46,8% em dezesseis anos, o que mostra um aumento, mesmo que não seja tão grande, porém, isso não garante que as políticas públicas estão sendo efetivas e nem que há paridade de participação e redistribuição e reconhecimento. Pois, para além da inserção nesses espaços o modo como elas se inserem nas práticas e funções dentro dos cursos e quais cargos elas têm ocupado.

Ocupar espaços como coordenação ou chefia de um departamento exige algumas reflexões. Ao ocupar esses espaços o docente recebe certa demanda de funções, são questões que lidam diretamente com o curso e que exigem uma carga horária de contato com alunos e professores, além de tratar com a reitoria e as questões burocráticas e isso demanda tempo. As mulheres estarem assumindo esses cargos pode parecer de imediato um grande avanço, mas analisando a fundo nota-se que estar ocupando esses lugares as inviabilizam de ocuparem outros, como bolsas produtividade que pode possibilitar reconhecimento e redistribuição.

> Segundo dados da Palataforma Supucira, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), a maioria dos estudantes de pós-graduação (54,54%) é mulheres. Mas, os homens são a maioria entre os professores (57,46%), ou seja, são maioria entre os que conseguem chegar ao topo da carreira e assumir um cargo público como docente e pesquisador. As mulheres também são minoria entre os pesquisadores que recebem bolsa produtividade, concedidas no topo da carreira pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), representam 36% (Tokarnia, 2024, s/n).

Os dados acima corroboram com a fala da participante. De acordo com o site[158] da Unesp nos seis campi que oferecem Licenciatura em Matemática tem quatorze docentes que são bolsistas produtividade CNPq (é uma bolsa destinada a pesquisadores que se destaquem, visando à valorização da sua produção científica), dentre eles apenas duas são mulheres.

Os dados mostram que a quantidade de mulheres nos departamentos de Matemática tem aumentado o que contribui na representatividade de mulheres nessa área, mas dos dois seis campi pesquisados foram identificados 136 docentes, destes apenas 57 são mulheres, ou seja, menos da metade, essa diferença ainda é preocupante e pode interferir diretamente nas tomadas de decisões a favor do direito e oportunidade das mulheres, caso elas estejam em um ambiente, como retratado pela Érica, com colegas que ainda reforçam o machismo e a opressão das mulheres.

Em um ambiente onde há homens e mulheres e a questão é tomadas de decisão, eu acho que o jeito que nós, mulheres, lidamos com isso e nos colocamos é um jeito diferente, eu diria que os homens se sentem muito mais à vontade para falar e serem ouvidos, não que as mulheres não sejam ouvidas, elas são ouvidas e são consideradas e tudo mais, mas o modo como nós, eu pessoalmente me sinto ao me colocar, eu acho que me exijo bastante, eu acho que isso tem uma relação com o fato de eu ser mulher, exige bastante nesse momento de se colocar e se colocar de um jeito que você vai ser ouvida, levada a sério. Eu acho que isso tem muita relação com o fato de sermos mulheres, porque a gente se exige mais e isso acontece pela possibilidade de o que você diz ou o que você fala pode não ser visto com tanta credibilidade (Heloísa).

Narrativas como esta ilustram a importância de buscar não apenas por redistribuição, ocupar os mesmos lugares e ter os mesmos salários, mas também é necessário ter reconhecimento. Ser reconhecida e validada por suas contribuições é muito importante para superar a injustiça social e ter oportunidade e espaço para se expressar, e o devido crédito por

[158] Dados pesquisados no site: https://unesp.br/portaldocentes/cursos-graduacao?page=10&inicial=Acesso em: 26 mar. 2024.

isso. Ainda, infelizmente, o fato de ser mulher em um ambiente que por muito tempo foi predominante ocupado por homens faz com que as mulheres tenham que provar o seu valor a todo o momento para que sejam levadas a sério, se esforçando mais que seus pares homens para serem ouvidas.

[...] querermos ter vários braços e estarmos sempre atentas, igual estar na frente do computador e ter várias janelas abertas e dando conta, fazendo isso e aquilo, hoje muita gente faz isso, mas historicamente nós, mulheres e também por conta da questão da maternidade que acaba nos colocando nesse papel de estar fazendo aqui, mas também estar fazendo ali com as crianças porque não tem outra saída e quando não fazemos, nos sentimos em falta com o outro (Heloisa).

É interessante pensar na forma com que a academia coloca a mulher em determinados lugares. Durante muito tempo e, agora de modo natural, a mulher se coloca em um lugar de ter que se esforçar bem mais que seus pares homens para que consiga ter credibilidade e espaço. Trago como exemplo o acúmulo de funções e frentes que são tomadas para que elas ocupem alguns espaços e assim consigam fazer modificações que auxilie o seu reconhecimento no espaço que ocupam. A estrutura social coloca as mulheres em posição de ter que se reafirmar a todo o momento, se adequado a um sistema capitalista que sobrecarrega física e mentalmente as pessoas.

Em alguns casos, precisa-se ficar atento aos lugares que são ocupados e com qual intenção isso acontece, pois, a falta de representação, como retratado pela participante, acontecem ao invalidar seu discurso e opinião frente à uma situação. Ocupar cargos de tomada de decisão, não necessariamente possibilita paridade participativa, é necessário que haja uma mudança nas atitudes das pessoas, comparando com a questão de acessibilidade é necessário não apenas adequações arquitetônicas, mas sim atitudinais.

Dados acima mostram a quantidade de mulheres que são bolsista produtividade CNPq nos cursos de Licenciatura em Matemática o que corrobora com a discussão sobre quais lugares estão sendo ocupados pelas mulheres e porque esses e não outros, o falso reconhecimento se atrela a má distribuição de recursos e novamente, como historicamente acontece, as mulheres são oprimidas. A estrutura acadêmica, seguindo a lógica capitalista através de cobrança na produtividade constrói um cenário onde as mulheres precisam se esforçar mais que seus pares para serem aceitas em um espaço projetados por e para eles, e ao

estarem nesses espaços é dado um falso reconhecimento e eles continuam a explorar e subjugar essas mulheres, a maternagem entra como moeda de troca para culpabilizá-las e envolvê-las nesse jogo de produção e reprodução.

3.2.4 À margem – redistribuição, reconhecimento e representação

Durante a Roda de Conversa, algumas palavras me chamaram atenção, a cobrança foi uma delas. Essa palavra foi dita por quase todas as participantes, cobrança pessoal e profissional. Sobrecarga foi outra palavra, assim como desacelerar. Essas palavras se relacionam com outras temáticas como a exaustão e o comprometimento da saúde mental[159].

Eu tentava fazer um pouco de cada coisa e eu acho que as coisas vão se somando a gente se cobra, tive uma síndrome do pânico, pela cobrança, cobrança do trabalho e às vezes a sua própria cobrança, muitas vezes você se cobra, você quer render, nós somos pesquisadoras, trabalhamos em uma universidade que exige que a gente atue em gestão, que atue em pesquisa (Cristiane).

Não contei para vocês, mas também adoeci, o adoecimento veio por conta do divórcio, mas o tratamento me indicou que na verdade ia precisar de uma terapia independente disso, esse nível de cobrança não pode, a gente precisa desacelerar, se olhar mais (Maria Edneia).

Quando foi outubro de 2020, outubro não, novembro, simplesmente apaguei, coincidiu várias coisas, tive COVID junto com os meus pais, acho que peguei dos meus pais ao socorrer, mas assim, eles não tinham sintomas e junto veio a descoberta do meu filho mais velho com diabetes tipo 1, aí a coisa entortou, desmoronei mesmo, precisei ficar 15 dias fora de casa por conta da COVID, deixei as crianças sozinhas em casa, sozinhas assim, já eram grandes, eles se viram, sabem cozinhar, sabem tudo, mas emocionalmente fiquei péssima, precisei procurar ajudar psiquiátrica, precisei entrar com ansiolítico, porque senti uma palpitação, um negócio absurdo que chegou em um ponto que não levantei mais da cama, aí não teve jeito, precisei procurar ajuda (Renata).

[159] De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), a Saúde Mental pode ser considerada um estado de bem-estar vivido pelo indivíduo, que possibilita o desenvolvimento de suas habilidades pessoais para responder aos desafios da vida e contribuir com a comunidade. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/s/saude-mental Acesso em 19 set. 2024.

Cobrança é uma das questões que as mulheres têm enfrentado tanto na vida pessoal quanto profissional, a cobrança para que sejam altamente produtivas no ambiente acadêmico e ao mesmo tempo cobradas por responsabilidade familiares e do cuidado. Essa cobrança externa e interna acarreta sentimentos como ansiedade e culpa por não conseguir conciliar todas as cobranças imposta pela sociedade e por si mesma.

As múltiplas cobranças levam à sobrecarga. Com duplas e às vezes triplas jornadas as mulheres têm que conciliar trabalho acadêmico com as responsabilidades do cuidado, tudo isso com a pressão de alcançar padrões de produtividade tanto no espaço público como no privado, e o acúmulo de atribuições resultam na exaustão física e mental. Essa sobrecarga compromete o bem-estar gerando burnout, uma síndrome cada vez mais frequente na nossa sociedade.

Diante da cobrança e sobrecarga de atribuições, desacelerar se torna uma necessidade, mas difícil de realizar. O desacelerar emerge como uma necessidade de recuperar o equilíbrio e o bem-estar diante da sobrecarga, porém, o ambiente acadêmico é altamente competitivo e desacelerar pode ser encarado como perda de produtividade, afetando o desenvolvimento da sua carreira e prejudicando suas oportunidades de promoção ou reconhecimento dentro da academia, ou seja, volta novamente para a primeira palavra que se destacou: a cobrança. A cobrança por não atingir a expectativa da sociedade, criando assim um ciclo entre cobrança, sobrecarga e a tentativa de desacelerar.

Essa é uma questão para além do reconhecimento, da redistribuição e da representação. É intrínseca ao modelo histórico e social desenhado a mulher, é algo que foi moldado no decorrer dos anos de que a mulher deve abraçar várias frentes e se não consegue, só lhe resta a cobrança. O capitalismo interfere diretamente no alto desempenho e produtividade, é necessário cumprir com as expectativas pessoais e sociais, na maioria das vezes inconscientemente ou conscientemente instaladas na caracterização de sucesso estabelecida e essa sobrecarga traz o sentimento de ter que fazer diversas coisas e se sentir em falta caso não faça.

Novamente, emerge a questão sobre o saber identificar o reconhecimento, ter uma redistribuição por estar dentro da universidade, recebendo um salário pelo cargo que ocupa, estar em cargos que a coloca no lugar para tomadas de decisões e participações políticas pelo menos nos assuntos referentes à universidade, mas mesmo assim ainda se sobrecarregar e ter essa questão emocional e psicológica de ainda estar em falta, identifico que isso aconteça por

conta do sistema capitalista que a sociedade e como consequência a universidade está inserida, um sistema que exige produtividade e resultados, publicações, participações em eventos, congressos etc.

[...] lembrei que falo aqui para os meus amigos que sou uma pata, tenho a teoria do pato comigo, porque o pato voa, mas não voa direito, o pato nada, mas não nada direito, o pato anda, mas não anda direito, só que de alguma forma, o pato faz tudo (Cristiane).

A expressão utilizada pela Cristiane "a teoria do pato", se relaciona com "a mulher elástico", mulheres que querem abraçar diversas frentes, dar conta das questões de reprodução e produção, para que isso aconteça é necessário que haja uma reorganização da relação entre reprodução e produção, pois dessa forma que ela se organiza a sobrecarga de serviços é extrema, causando efeitos colaterais perigosos, como relatado pelas participantes.

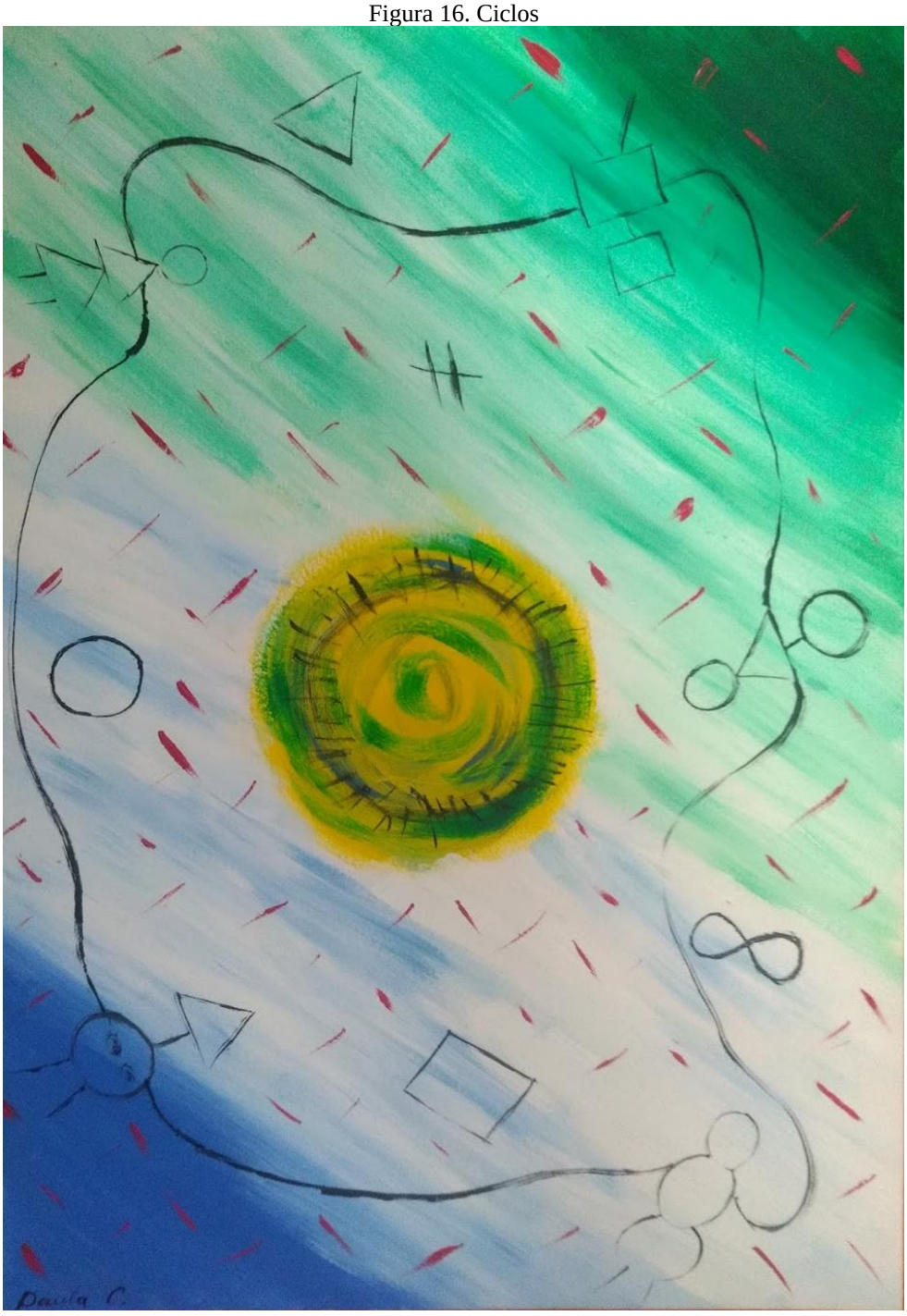
Peguei uma fase que isso era muito intenso, até com muitas ameaças, de rebaixamento de regime, então, foi aí que tive síndrome do pânico. Fiz uma série de exames, descobri que tinha um tumor na cabeça, larguei o mestrado, fiz cirurgia. Então você imagina, isso tudo com medo de ser rebaixada, de não produzir, então eu acho que hoje, já um pouco perto de aposentar, fico pensando que foi um privilégio ter conseguido equilíbrio para chegar até aqui (e bancando um pato) (Cristiane).

Considero que a maternagem deva ser discutida no coletivo, com suporte do governo e conscientização da parentalidade. Se esse trabalho do cuidado passa a ser coletivo e remunerado a sobrecarga das mulheres podem diminuir, digo podem, pois serão necessários esforços de desconstruir esse ideal de que a mulher é a única responsável pelo cuidado, enquanto não houver mudanças atitudinais e que a longo prazo reflita em ações transformativas não será possível superar essas opressões e injustiças.

Dessa forma, me questiono, até que ponto essa estrutura capitalista irá sugar a saúde da sociedade? Fraser (2024) apresenta em seu livro "Capitalismo Canibal" que o sistema capitalista devora a si mesmo e realmente podemos perceber isso acontecendo.

O próximo capítulo é destinado às considerações, diagnóstico e crítica. Retomo os objetivos, tese, problema de pesquisa e hipótese, e assim, as considerações finais são tecidas.

Figura 16. Ciclos



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

CAPÍTULO IV

Minha luta diária é para ser reconhecida como sujeito, impor minha existência numa sociedade que insiste em negá-la.
Djamila Ribeiro

4. Conclusões

Neste capítulo abordo as reflexões e apontamentos acerca da temática desenvolvida. Todo trabalho teórico crítico, desde Horkheimer, elabora um modelo crítico próprio ao dar sua interpretação do seu momento presente – neste caso – como mulher não posso me esquivar de interpretar o momento atual sem abordar as questões que envolvem gênero relacionado ao ser mulher, os impactos da maternidade e maternagem na vida de mulheres e os cenários que envolvem Matemática que é minha área de formação inicial. Ainda que, contemporaneamente, muitos elementos presentes nas concepções de Teoria Crítica dos teóricos críticos hodiernos não se equiparem aos originalmente defendidos por Horkheimer, em função da própria característica da Teoria Crítica em se ocupar de diagnósticos sempre do tempo presente, tantos outros sim, tais como o fato a preocupação com a emancipação humana.

Por isso, tecer um diagnóstico e elaborar um modelo crítico se faz importante para a finalização deste trabalho de doutorado. Dessa forma, nos tópicos abaixo apresento um diagnóstico e um exercício crítico diante das temáticas apresentadas e discutidas.

4.1 Diagnóstico

A partir das discussões desenvolvidas ao longo do trabalho, identifiquei que, embora essas mulheres estejam cientes das injustiças a que estão submetidas, elas acabam, ainda assim, envolvidas nesse sistema. Durante a construção do trabalho, me deparei com debates sobre cobrança, sobrecarga e a necessidade de desaceleração. É interessante notar que, mesmo cientes desse ciclo e da urgência de mudanças e transformações estruturais, muitas mulheres não conseguem desacelerar, permanecendo presas a esse ciclo.

Nancy Fraser argumenta que o conhecimento é um elemento crucial no processo de superação das injustiças sociais. Ele nos permite realizar uma análise crítica das estruturas que

criam e reforçam as desigualdades, mas precisa ser acompanhado de ações transformadoras nos âmbitos econômico, cultural e político.

Assim, identifico que a teoria tridimensional de Nancy Fraser está presente no cotidiano dessas mulheres. As questões relacionadas à redistribuição, reconhecimento e representação permeiam seus dilemas, tanto no âmbito acadêmico quanto pessoal. O ambiente acadêmico, para as mulheres, oferece obstáculos adicionais à emancipação, o que se torna ainda mais evidente quando essas mulheres exercem a maternidade.

Embora a teoria de Nancy Fraser seja abrangente e bem estruturada, entendo que, mesmo entre aquelas que já alcançaram reconhecimento, redistribuição e, dentro de suas possibilidades, representação, parece que ainda há algo faltando. No quadro abaixo, apresento algumas palavras-chave mencionadas pelas participantes, que podem ser identificadas em cada dimensão da teoria.

Quadro 2. Injustiças apresentadas pelas participantes das Rodas de Conversa

Dimensões	**(má) Redistribuição** Econômica (Estrutural)	**(falso) Reconhecimento** Cultural (Simbólico)	**(Falsa) representação** Política (Paridade participativa)
(má) Redistribuição Econômica (Estrutural)	“muito pobre”; “nunca tive condições”; “preciso subir meu salário”; “nunca tive bolsa”; “preciso ganhar dinheiro para sustentar minha casa”; “pagar uma babá” “mulher da despesa”.	**“**não foi por opção, mas por falta dela, eu tinha que fazer uma faculdade gratuita**”; “**não tiveram a mesma oportunidade”; “salários muito menores”; “tudo que aumenta meu salário eu pego”; “por trás de nós tem outras mulheres ... sendo ainda desvalorizadas”; “tinha que continuar trabalhando”; “mulher da despesa, vai engravidar, tem que sair de licença-maternidade”.	“quem tem mais trabalhos publicados, vai ver que é homem”; “quem tem mais projeto de pesquisa aprovado no CNPq”.
(falso) Reconhecimento Cultural (Simbólico)	“a mulher que opta pela maternidade não está com a mesma liberdade para trabalhar que o homem”; “tenho que ficar em casa cuidando deles”.	“mulheres e filhos incomodavam”;; “sinto essa insensibilidade ou quase que uma invisibilidade”; “me matava de trabalhar”; “manter o meu nível de produção”; “decidi ser mãe, quero ser mãe e quero curtir isso”; “não me enxergar como mulher”.	“só existia homem dentro daquele campus”; “eram pouquíssimas mulheres”; “é uma estrutura machista”; “atue na gestão”; “cargos como de coordenador, vejo muito mais mulheres hoje em dia do que homens”; “a coordenação de curso do meu ponto de vista da mais trabalho”; “você atende muito mais frente”; “homem não quer”.

(falsa) Representação Política (Paridade participativa)	"homens tem mais bolsa produtividade".	"aprendi a gritar dentro do departamento"; "não ser vista com credibilidade".	"homens se sentem mais à vontade para falar e serem ouvidos"; "assumir coordenação, assumir um monte de compromisso, orientação".

Fonte: Elaborado pela autora.

O quadro mostra que, mesmo de forma incipiente, as mulheres participantes da pesquisa conseguem identificar as dimensões de redistribuição, reconhecimento e representação em suas vidas cotidianas, bem como o quanto esse cenário de injustiças está institucionalizado na academia.

A universidade tem proporcionado alguns espaços para a discussão de injustiças sociais, e as mulheres, como retratado no quadro, já conseguem reconhecer, por meio de suas experiências, que algo está errado. Mesmo assim, elas não conseguem romper essa estrutura. Elas se encontram em um ambiente que, de certa forma, posiciona todos em busca de objetivos inseridos na lógica capitalista, como ser uma pesquisadora com bolsa produtividade ou alcançar cargos mais elevados, entre outros reconhecimentos. A produção de conhecimento segue a mesma lógica da produção de mercadorias.

Assim, compreendo que, apesar da existência do conhecimento, ele por si só não é suficiente para a emancipação, pois o sistema capitalista impõe obstáculos a esse processo. Ao analisar o ambiente acadêmico, notei que ele é um espaço repleto de conhecimento, tanto que as pessoas têm alguma consciência sobre essas injustiças. Talvez não consigam identificá-las de maneira clara, mas é perceptível que algo está errado. Elas diagnosticam questões ligadas à redistribuição, reconhecimento e representação, e até refletem sobre possíveis soluções. No entanto, por que elas não conseguem romper com essa lógica? No quadro abaixo, identifico os possíveis remédios discutidos anteriormente.

Quadro 3. Remédios apresentados pelas participantes das Rodas de Conversa

Dimensões	Remédio (Afirmativo)	Remédio (Transformativo)
Redistribuição	"creches"; "bolsas e auxílios".	"melhorias nas condições de sobrecargas com o trabalho do cuidado"; "reestruturação nas bases sociais e econômicas que sustentam a divisão do cuidado"; "valorização do trabalho do cuidado"; "ampliação de serviços públicos"; "desmercantilização

		dos cuidados com idosos".
Reconhecimento	"rede de apoio entre as docentes" "espaços para discussão" "licença-maternidade no currículo lattes" "aplicativos de informações e denúncias".	"ações afirmativas como editais específicos"; "flexibilizar prazos, reestruturar normas e regras de avaliações".
Representação	"Aumento da participação de mulheres em espaços de tomada de decisão, através de ações afirmativas".	

Fonte: Elaborado pela autora.

O quadro apresenta alguns possíveis remédios para as injustiças discutidas na seção anterior. No entanto, é importante ressaltar que um remédio afirmativo pode se tornar transformador, dependendo de seu objetivo. Se ele gera uma mudança estrutural que contribua para a superação das injustiças, então é considerado transformador.

A dimensão política, denominada representação, permeia e sustenta as demais dimensões, pois não há reconhecimento nem redistribuição sem a existência da representação. É no cenário político que se organizam as outras duas dimensões, e, por isso, são necessárias ações transformadoras para alcançar a paridade participativa e, consequentemente, a emancipação. No entanto, o ambiente universitário está repleto de obstáculos a essa emancipação.

Assim, o que gera o sofrimento relatado pelas participantes e a mobilização para identificar as injustiças, mas sem conseguir se desvencilhar do sistema, é justamente a organização capitalista que as posiciona nessas circunstâncias. Mesmo conscientes disso, elas não conseguem se libertar. O ambiente acadêmico, por sua vez, também impõe barreiras à emancipação, uma vez que é regido por essa mesma lógica capitalista.

4.2 Crítica

Há todo um velho mundo ainda por destruir e todo
um novo mundo a construir.
Rosa Luxemburgo

Ao discutir a relação entre mulheres, maternagem e a presença feminina nos cursos de Licenciatura em Matemática, a partir das experiências de docentes na Roda de Conversa, com base nas dimensões de reconhecimento, redistribuição e representação do modelo de justiça social de Nancy Fraser, compreendi o percurso histórico das mulheres na sociedade, na

docência e na Matemática, percebendo que, por muitos anos, elas foram excluídas dessa história. Os desafios e obstáculos sempre estiveram presentes. Com o passar do tempo, as mulheres começaram a ocupar espaços e a conquistar direitos, impulsionadas pelos movimentos feministas, que trouxeram novos questionamentos e reivindicações.

É importante destacar que, mesmo com o resgate histórico das mulheres na sociedade e na docência, esse registro, em muitos trabalhos, ainda é excludente, voltado a um público específico de mulheres, deixando de lado questões de gênero, classe e raça. Essas dimensões ainda estão à margem, faltando redistribuição, reconhecimento e representação em todas as esferas.

Ao me aprofundar nas questões que envolvem a maternidade e a maternagem, tornou-se evidente a necessidade de mais diálogos e debates sobre o tema. A distinção entre maternidade e maternagem é crucial para que mais pessoas assumam o papel de maternar, evitando a sobrecarga exclusivamente das mulheres, que, social e culturalmente, foram designadas para esse papel. Quando desvinculamos a questão do cuidado das mulheres, é possível pensar em outras formas de organizar o trabalho doméstico, que inclui o cuidado com a casa, filhos, pais e outros parentes. Ainda hoje, existe uma divisão desigual entre o trabalho público e o privado, o que sobrecarrega as mulheres.

As narrativas produzidas corroboram os discursos sobre as atribuições historicamente designadas às mulheres e demonstram que, nos espaços acadêmicos, ainda há um falso reconhecimento. A paridade participativa não se concretiza, resultando em uma má redistribuição econômica, especialmente em relação a aumentos salariais e bolsas de produtividade, que estão ligados à ocupação de cargos de liderança. Assim, a responsabilidade por múltiplas funções, tanto no âmbito público quanto no privado, acarreta problemas de saúde para essas mulheres.

O capitalismo preocupa-se apenas com a produtividade, o que se reflete no ambiente acadêmico, que oprime e sobrecarrega suas trabalhadoras. As narrativas destacam o quanto a maternagem está presente na vida dessas mulheres e como, desde a gravidez, a academia não oferece suporte adequado, pelo contrário, exerce pressão em todas as dimensões. A sobrecarga, a cobrança e o acúmulo de funções são alguns dos desafios relatados pelas docentes que conciliam a maternagem com a docência nos cursos de Licenciatura em Matemática.

Nesse contexto, a tese defendida de que “a discussão sobre reconhecimento, redistribuição e representação desenvolvida por Nancy Fraser oferece possibilidades de

diagnósticos dos obstáculos para inclusão das mulheres na esfera de atuação profissional na universidade, considerando a maternagem na fronteira entre produção e reprodução social na sociedade capitalista" é confirmada. Essas mulheres enfrentam um cenário de falso reconhecimento, má redistribuição e falsa representação, resultado da lógica capitalista que rege a academia.

Assim, a hipótese do trabalho se confirma: o não reconhecimento, ou o falso reconhecimento, que afeta mulheres em cenários de ensino e pesquisa relacionados à Matemática, resulta de padrões institucionalizados de valoração cultural e má (re) distribuição material que impedem mulheres, principalmente as que estão em condição de maternagem, de participarem em igualdade de condições entre pares do mundo acadêmico. Além disso, os padrões sociais e culturais, aliados à lógica capitalistas presente na sociedade e no ambiente acadêmico, criam obstáculos para que essas mulheres alcancem a paridade participativa.

Assim, ao retomar o problema de pesquisa – Quais as potencialialidades da teórica tridimensionalidade da Nancy Fraser para fundamentar análises referentes à relação: mulheres, maternagem e matemática, considerando as experiências de docentes dos cursos de Licenciatura em Matemática da Unesp? – constatamos que a teoria tridimensional da Nancy Fraser contribui para fundamentar as análises da pesquisa, as dimensões forneceram suporte na constituição das categorias analíticas auxiliando compreender as injustiças presentes nesses espaços acadêmicos.

Por meio da teoria de Fraser, foi possível identificar a persistência de falso reconhecimento, má redistribuição e falsa representação. As mulheres presentes nesses espaços continuam enfrentando opressões que são agravadas pelo exercício da maternidade. No entanto, questões como culpa e sobrecarga estão profundamente enraizadas em padrões sociais que afetam essas mulheres. Mesmo em um ambiente dedicado à produção de conhecimento, onde são capazes de reconhecer as injustiças que sofrem, elas não conseguem se desvencilhar dessas pressões. Isso se deve ao fato de que a universidade opera sob a lógica capitalista, o que faz com que o acesso ao conhecimento, por si só, não seja suficiente para reparar as injustiças sociais. Para que haja uma mudança significativa, é imprescindível a transformação da estrutura, bem como a emancipação necessária para enfrentar os obstáculos impostos pelo capitalismo dentro e fora da universidade.

Dessa forma, o espaço acadêmico ainda é excludente, com funções e cargos que oferecem progressão de carreira sendo majoritariamente ocupadas por homens, afastando as mulheres, todas elas, dos espaços de tomada de decisão e de paridade participativa. Garantir

justiça exige, portanto, transformar padrões culturais, implementar políticas de redistribuição de recursos e direitos, e assegurar a participação paritária das mulheres, com ênfase na reparação das injustiças historicamente institucionalizadas. Ou seja, as injustiças associadas a essas dimensões são particularmente graves no campo da Matemática. As tensões entre gênero e maternagem são exacerbadas por um ambiente acadêmico que prioriza a produtividade e a mercantilização do conhecimento.

As docentes enfrentam desafios significativos, como a invisibilidade de suas contribuições acadêmicas e a falta de suporte institucional para conciliar maternidade e carreira. Esse ambiente, inserido em um contexto de capitalismo financeirizado, cria barreiras adicionais à emancipação e ao reconhecimento das mulheres. Assim, esta pesquisa mostra que, para promover uma universidade mais justa e equitativa, é fundamental revisar e reformular as políticas institucionais voltadas à equidade de gênero. Isso envolve questionar e transformar a lógica produtivista predominante e reconhecer a maternagem como uma dimensão legítima e relevante na vida das docentes. Para construir um ambiente acadêmico inclusivo e justo, é necessário superar as barreiras impostas por essa lógica, permitindo que as mulheres exerçam plenamente suas funções profissionais e suas responsabilidades no cuidado.

4.3 Considerações Finais

Este trabalho de investigação corrobora com a ideia de que houve avanços nas políticas de igualdade, quiçá equidade, de gênero ao longo dos anos, mas também questiona como esses avanços têm ocorrido, quem são as pessoas e grupos beneficiados, e quais as novas demandas que as mulheres-mães enfrentam diante desses progressos. De forma ainda incipiente, observo um processo de redistribuição: as mulheres estão inseridas no processo de aprender, ensinar e fazer Matemática, mas continuam a enfrentar dificuldades em relação à representação em espaços de tomada de decisão e em obter condições objetivas de financiamento, como as bolsas de produtividade, oferecidas por agências de fomento.

É necessário suporte para que esse reconhecimento seja efetivo. Muitas vezes, o falso reconhecimento se manifesta em falas e atitudes, o que desmotiva e reforça discursos que oprimem as mulheres, relegando-as a uma posição inferior em relação a seus pares masculinos. A falta de representação também é evidente, dificultando a tomada de decisões essenciais para garantir a paridade participativa.

Ao longo dos anos, a Matemática adotou uma postura androcêntrica e excludente, invisibilizando as contribuições das mulheres. Isso resultou no afastamento delas, devido à

reprodução de teses como "a mulher não é boa em Matemática", e à omissão da representatividade feminina nos livros, cursos e diálogos da área. Essa exclusão e falta de representatividade ainda persistem, apesar de alguns avanços alcançados. Esses discursos que afastam as mulheres do campo da Matemática continuam a ter força, muitas vezes, sendo perpetuados pelos próprios pensadores, e autores de livros didáticos, que atuam no meio científico.

Compreendo que a pesquisa desenvolvida serve de subsídios para discussões que articulam as questões feministas na área da Matemática e Educação Matemática. Áreas que tiveram como base pensamentos e características masculinas, e por mais que mulheres estivessem envolvidas em seu desenvolvimento – no ensino e na formação – essas mulheres foram influenciadas por homens, porque elas se formaram lendo e discutindo textos escritos por homens. Em um artigo “O Falso Reconhecimento de Mulheres na História da Matemática”[160] realizado durante a elaboração da tese (citado em capítulos anteriores) foi possível identificar a ausência – tanto de matemáticas quanto autoras – da representatividade de mulheres nos livros didáticos utilizados nos cursos de formação, e tendo em sua maioria referências e presença de homens, o que faz as mulheres também ecoarem as referencias masculinas.

Dessa forma, essa pesquisa vem fazer coro aquelas vozes que dizem que a Matemática e a Educação Matemática precisam repensar suas bases e ainda indico que essas bases contemplem perspectivas feministas porque a questão não é só reconhecer que a Educação Matemática e a Matemática é lugar de mulheres, mas que estas mulheres precisam ser referências, porque é uma questão de redistribuição, elas precisam estar na formação, sua perspectica enquanto mulher precisam ecoar na academia nos espaços de pesquisa e formação de futuros professores e pesquisadores. E, essa pesquisa, além de fazer coro a outras vozes que falam da importância das mulheres na perspectiva feminista para fundamentar estudos e formações na Matemática e a Educação Matemática traz mais um elemento, que é a maternagem.

A Matemática e a Educação Matemática não foram pensadas por alguém que vivenciou a maternagem e precisa ser, pois essas pessoas que maternam também estão nessas áreas, elas estão presentes tanto para serem formadoras, como em tomadas de decisões e se tornarem referências. É necessário considerar outras formas de ser e estar no mundo e essas especificidades têm que passar a fundamentar essas áreas. É importante lutar não apenas pelo

[160] https://periodicos.ufms.br/index.php/pedmat/article/view/16550

reconhecimento de que essas pessoas são importantes para a área e de que existem espaços para elas, mas que nesses espaços também haja redistribuição e representação, e que elas se tornem referencias nesses ambientes. E a maternagem entra como um elemento dessas especificidades, essas pessoas precisam ser referencias porque essas pessoas existem e são apagadas. É necessária uma nova forma de olhar para academia, considerar as diversas especificidades do ser humano, dentre elas, as pessoas que maternam. Assim, proponho discussões que abarquem novas formas de pensar e ensinar nessas áreas, formas que incluam as características e especificidades de seus pesquisadores.

Portanto, compreendo que é essencial identificar, tensionar e problematizar a visão que se tem sobre o papel das mulheres na Matemática, levando em conta as situações que as cercam, bem como o contexto histórico, cultural e social que faz com que esses discursos ainda se mantenham. A necessidade de reparação das injustiças sociais é cada vez mais urgente. É fundamental promover a redistribuição de oportunidades, garantindo equidade no acesso a bolsas e programas em agências de fomento, assim como o reconhecimento das produções acadêmicas e pessoais das mulheres. Além disso, deve-se assegurar a participação política para garantir os direitos que ajudam a superar as injustiças sociais.

Ao tentar equilibrar maternagem, docência (aulas e gestão), pesquisa e a constante busca por reafirmação e validação nos espaços que ocupam, as mulheres acabam comprometendo sua saúde física e mental. As cobranças sociais, conjunturais e estruturais, constroem estereótipos que, como os da “mulher maravilha”, “mulher multitarefa”, “mulher polvo” e da “mulher elástica”, romantizam e exacerbam a capacidade em assumir múltiplas responsabilidades e naturalizam a sobrecarga de trabalho, buscando capturar para um ideário alienante de eficiência e produtividade – condições impostas pelo capitalismo – como determinante para uma carreira acadêmica bem sucedida.

Reafirmo a ideia de que é preciso encarar a maternagem como uma questão estrutural, que não deve ser responsabilidade exclusiva de um indivíduo ou de um núcleo familiar restrito, mas como fato de interesse coletivo e de responsabilidade de agentes públicos. É crucial implementar ações e medidas que apoiem as pessoas que assumem a responsabilidade pela maternagem, incluindo a condição de ser uma escolha e não uma obrigação atrelada a gênero(s). Para aquelas que optam pela maternagem, é necessário oferecer subsídios e estruturas de suporte adequadas.

Além de redistribuição, reconhecimento e representação, que são questões centrais para a superação de um histórico de injustiças sociais, é imprescindível atentar para as

questões psicológicas e emocionais que, durante anos, foram moldadas pelo capitalismo. Esse sistema gerou uma sociedade que exige produtividade, eficiência e carreiras de sucesso baseadas em um modelo que culmina em uma crise do cuidado que sobrecarrega, principalmente, mulheres. As mulheres ingressam no mercado de produção, mas continuam a assumir, majoritariamente, os serviços domésticos, resultando em sobrecarga e exaustão.

Nas Rodas de Conversa, as participantes eram mulheres brancas cisgênero, em sua maioria, e nem todas com experiência na maternidade e/ou maternagem. Nesse sentido, alguns aspectos interseccionais entre raça, gênero, sexualidades e classe não aparecem nas discussões. Entretanto, essas interseccionalidades estão presentes cotidianamente, e assim as opressões se agravam. Isso me leva à seguinte questão: quais estratégias podem ser pensadas para que haja reconhecimento, redistribuição e representação que abarquem todas as formas de ser mulher, sem que essas vivam injustiças e opressões em função de estar no mundo como mulher?

A ausência de representatividade na academia é evidente; questões de raça, classe e gênero estão diretamente ligadas à má redistribuição, ao falso reconhecimento e à falsa representação. Algumas mulheres estão ocupando espaços na academia, mas quais mulheres? E sob quais condições? Nesse contexto, nenhuma das dimensões propostas por Fraser está sendo plenamente contemplada.

Concluo que, embora o modelo tridimensional de reparação das injustiças sociais de Nancy Fraser possa ser base para lutas de superação de desigualdades, ainda é um caminho longo para transformar a forma como a universidade se organiza. O sistema capitalista continua a ditar as normas dentro das instituições de ensino superior, e, mesmo oferecendo conhecimento para uma análise crítica da situação, problemas como má redistribuição, falso reconhecimento e falsa representação ainda são recorrentes e difíceis de eliminar, mesmo entre aqueles que têm consciência dessas questões. Enquanto não superarmos esse sistema opressor, que visa à produtividade e que permeia tanto a sociedade quanto a academia, a superação das injustiças sociais continuará sendo um desafio.

Ser ou estar. Não, não é ser ou não ser, essa já existe, não confundir com a minha que acabei de inventar agora. Originalíssima. Se eu sou, não estou porque para que eu seja é preciso que eu não esteja. Mas não esteja onde? Muito boa a pergunta, não esteja onde. Fora de mim, é lógico. Para que eu seja assim inteira (essencial e essência) é preciso que não esteja em outro lugar senão em mim. Não me desintegro na natureza porque ela me toma e me devolve na íntegra: não há competição, mas identificação dos elementos. Apenas isso. Na cidade me desintegro porque na cidade eu não sou, eu estou: estou competindo e como dentro das regras do jogo (milhares de regras) preciso competir bem, tenho consequentemente de estar bem para competir o melhor possível. Para competir o melhor possível acabo sacrificando o ser (próprio ou alheio, o que vem a dar no mesmo). Ora, se sacrifico o ser para apenas estar, acabo me desintegrando (essencial e essência) até a pulverização total.

Lygia Fagundes Telles

Referências

ALLEN, Amy. Entrevista com Amy Allen. **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**, São Paulo, n. 3, p. 252, nov. 2016.

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulher e educação:** a paixão pelo possível. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado:** o mito do amor materno. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BADINTER, Elisabeth. **O Conflito:** A Mulher e a Mãe. Tradução de Véra Lúcia dos Reis – Rio de Janeiro: Record, 2011.

BARALDI, 2019. Homenagem da Unesp às vítimas da Covid-19. Unesp, 2021. Disponível em: https://memorial.unesp.br/homenagem/11/ivete-maria-baraldi Acesso em 6 mar. 2023.

BASILIO. Thais. Padecer no paraíso. Rio de Janeiro, 19 junho de 2024. Instagram: @___thaisbasilio. Disponível em: https://www.instagram.com/p/C8anopdpQV_/?img_index=1 Acesso em 03 set. 2024.

BENHABIB, Seyla. **Critique, norm and utopia**: a study of the foundations of critical theory. Nova York: Columbia University Press, 1986.

BRESSIANI, Nathalie. Nancy Fraser e o feminismo. **Blogs de Ciência da Universidade Estadual de Campinas: Mulheres na Filosofia**, Campinas, v. 6, n. 3, p. 77-98, 2020. Disponível em: https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/nancy-fraser-e-o-feminismo/ Acesso em: 27 mar. 2024.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). **Censo Escolar da Educação Básica,** 2022: Resumo Técnico. Brasília, 2023.

CAMPILLO, Neus. **Feminismo y teoría critica de lasociedad**. In. Reflexion multidisciplinar sobre la discriminación sexual. Editora Nau Libres, Valencia, 1993.

CARNEIRO, Sueli. "**A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**." In: Racismos contemporâneos, Editora Perspectiva, 2005.

CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2020.

CONEJO, Maria. Una cuerpa entrando a um lugar misterioso, enreda de ensusabiduría, SOS teniendo una rama con flores mágicas que observanel futuro. Cidade do México, 23 agosto de 2023. Instagram: @maria_conejo. Disponível em: https://www.instagram.com/maria_conejo/reels/?next=%2Bpersen2Fkemnaker%2F Acesso em 03 abr. 2024.

CORREIA, Andyara Leticia de Sales**. Uma análise da concepção tridimensional de justiça de Nancy Fraser**: redistribuição, reconhecimento e representação. Porto Alegre, RS: Editora Fundação Fênix, 2021.

CYFER, Ingrid. **Teoria Crítica e Feminismo**: discutindo a relação. In: VITALE, Denise, and NAGAMINEM, Renata, eds. Gênero, direito e relações internacionais: debates de um campo em construção [online]. Salvador: EDUFBA, 2018, pp. 16-35. ISBN: 978-85-232-1863-8. https://doi.org/10.7476/9788523218638.0002. Acesso em: 10/03/2024.

FAUR, Mirella. **Círculos sagrados para mulheres contemporâneas**: práticas, rituais e cerimônias para o resgate da sabedoria ancestral e a espiritualidade feminina. 2. ed. São Paulo: Editora Pensamento Cultrix, 2021.

FERNANDES, Maria da Conceição Vieira. **Inserção e vivência da mulher na docência da Matemática:** uma questão de gênero. 2006. 85p. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. 2006.

FERNANDEZ, Cecília de Souza. AMARAL, Ana Maria Luz Fassarella do. VIANA, Isabela Vasconcellos. **A história de Hipátia e de muitas outras Matemáticas**. Rio de Janeiro: SBM, 2019. Disponível em: https://sbm.org.br/wp-content/uploads/2022/04/Livro-A-historia-de-Hipatia-e-de-muitas-outras-matematicas.pdf Acesso em 15 ago. 2024.

FEDERICI, Silvia. **Mulheres e a Caça às Bruxas**. São Paulo: Boitempo, 2019.

FERRAND, Michele. A exclusão das mulheres da prática das ciências: uma manifestação sutil da dominação masculina. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis: UFSC, ano 2, p.358-367, 1994.

FERRARESE, Estelle. **(Re)fazer a teoria crítica**: por uma (re)leitura feminista. Dissonância: Teoria Crítica e Feminismo Campinas, vol.1, nº 2, Dezembro/2017. Disponível em: https://ojs.ifch.unicamp.br/index.php/teoriacritica/article/view/2993. Acesso em: 25 mar. 2024.

FONSECA, Maria da Conceição Ferreira Reis. SOUZA, Maria Celeste Reis Fernandes de. Mulheres, homens e Matemática: uma leitura a partir dos dados do Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.34, n.3, p. 511-526, set./dez. 2008. https://doi.org/10.1590/S1517-97022008000300007. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ep/a/vBwFtqW5g4zrfmgvrYTxrNC/?lang=pt Acesso em 15 mai. 2023.

FRASER, Nancy. **Capitalismo Canibal**: como nosso sistema está devorando a nossa democracia, o cuidado e o planeta e o que podemos fazer a respeito disso. Tradução Aline Scatola. Autonomia Literária – SP, 2024. ISBN 9786554970044.

FRASER, Nancy. Contradições entre capital e cuidado**,** Princípios: **Revista de Filosofia**, Natal, v. 27, n. 53, maio - ago, 2020, ISSN1983-2109. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/principios/article/view/16876. Acesso: 03 mar. 2023.

FRASER, Nancy. **Da redistribuição ao reconhecimento?** Dilemas da justiça em uma era "pós- socialista". In: FRASER, N. Justiça interrompida: reflexões críticas sobre a condição "pós-socialista". p. 27-58. São Paulo: Boitempo, 2022.

FRASER, Nancy. **Escalas de justicia.** Tradução Antoni Martínez Riu. Barcelona: Herder. Editorial, 2008.

FRASER, Nancy. **Fortunes of Feminism**. From State-Managed Capitalism to Neoliberal Crisis. New York: Verso, 2013.

FRASER, Nancy. **Heterosexism, Misrecognition, and Capitalism**: A responde to Judith Butler. Social Text, v. 15, n. 3-4, p. 279-289, 1997.

FRASER, Nancy. **Heterossexismo, falso reconhecimento e capitalismo**: uma resposta a Judith Butler. Ideias, Campinas, v. 8, n. 1, p. 277-294, 2017.

FRASER, Nancy. **La Justicia social em la era de la política de La identidad**: Redistribución, reconocimiento y participación. In: FRASER, N; HONNETH, A. Redistribución o Reconocimiento? p. 17-88. Madrid: Ediciones Morata, 2006.

FRASER, Nancy. Nancy Fraser: a Crise do Cuidado vista a fundo**. Outraspalavras**, 21 dez. 2023. Disponível em: https://outraspalavras.net/feminismos/nancy-fraser-a-crise-do-cuidado-vista-a-fundo/ Acesso em 02 fev. 2024.

FRASER, Nancy. **O que é crítico na teoria crítica?** O argumento de Habermas e gênero. Ex aequo, n. 8, p.57-89, 2003b.

FRASER, Nancy. Reenquadrando a justiça em um mundo globalizado**. Lua Nova**, São Paulo, 77: 11-39, 2009. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ln/a/BJjZvbgHXyxwYKHyJbTYCnn/?format=pdf&lang=pt Acesso em 12 jun. 2024.

FRASER, Nancy. Reconhecimento sem ética? **Lua Nova**, São Paulo, 70: 101-138, 2007. Disponívem em: https://www.scielo.br/j/ln/a/JwvFBqdKJnvndHhSH6C5ngr/abstract/?lang=pt Acesso em: 10 ago. 2024.

FRASER, Nancy. Sobre justiça: lições de Platão, Rawls e Ishiguro. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 15, p. 265-277, 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/rkNjX5TQbJqLJyvmHS7vWLj/abstract/?lang=pt Acesso em: 26 fev. 2024.

FRASER, Nancy; JAEGGI, Rahel. **Capitalism:** a conversation in critical theory. Cambridge: Polity Press, 2018.

FRASER, Nancy; JAEGGI, Rahel. **Capitalismo em debate:** uma conversa na teoria crítica. São Paulo: Boitempo, 2020.

FREITAG, Bárbara. **A teoria crítica**. Ontem e hoje. 3ed. São Paulo: Cultrix. 1973.

FUHRMANN, Nadia. Luta por reconhecimento: reflexões sobre a teoria de Axel Honneth e as origens dos conflitos sociais. **Barbarói**, Santa Cruz do Sul, n.38, p., jan./jun. 2013. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/pdf/barbaroi/n38/n38a06.pdf Acesso em: 25 mar. 2024.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas**. Brasília: Liber Livros, 2005.

GOMES, Letícia Nogueira. **O que nos conta a revista documenta**: sobre cursos que formavam professores de Matemática no Brasil (1962 a 1979). Bauru, 2019. 186 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp). Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/181965/gomes_ln_me_bauru.pdf?sequence=3&isAllowed=y. Acesso em: 20 mar. 2023.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo Afro-latino-americano:** ensaios, intervenções e diálogos. (Org.) Flavia Rios e Márcia Lima. – 1ª Ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GONZALEZ, Lélia. "**Racismo e sexismo na cultura brasileira**." In: Lugar de negro, coautoria com Carlos Hasenbalg, Editora Marco Zero, 1982.

GRADVOHL, Silvia Mayumi Obana. OSIS, Maria José Duarte. MAKUCH, Maria Yolanda. Maternidade e Formas de Maternagem desde a Idade Média à Atualidade**. Pensando Famílias**, 18(1), jun. 2014, (55-62). Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v18n1/v18n1a06.pdf Acesso em 02 jun. 2023.

HENRIQUES, Helena Castanheira. Uma perspectiva histórica do ensino da matemática no feminino**. Revista Diálogo Educacional**, vol. 6, núm. 18, mayo-agosto, 2006. Disponível em: https://www.redalyc.org/pdf/1891/189116273011.pdf Acesso em 12 ago. 2023.

IBGE. Estatísticas de gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil / IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. Estudos e Pesquisas. Informação Demográfica e Socioeconômica. n.38, 2021. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101784 Acesso em 04 abr. 2023.

LERNER, Gerda. **A criação do patriarcado:** história da opressão das mulheres pelos homens. Tradução Luiza Sellera. – São Paulo: Cultrix, 2019. ISBN 978-85-316-1534-4

LIMA, Michelle Pinto. As mulheres na Ciências da Computação. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 21(3): 496, setembro-dezembro/2013. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ref/a/JKgXjGHZjJBQvwNKyVTTymp/abstract/?lang=pt Acesso em: 13 de mai. 2023.

LISBOA, Anamélia Alves. **Mulheres na Matemática**: uma análise de gênero sobre a experiência docente no âmbito do Instituto Federal da Paraíba / 56 f.: il.n TCC (Licenciatura em Matemática) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba, Cajazeiras, 2020.

LOPES, Larissa. Como a ciência contribuiu com machismo e racismo ao longo da história. **Galileu Globo**, 2020. Disponível em: https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/noticia/2020/06/como-ciencia-contribuiu-com-machismo-e-racismo-ao-longo-da-historia.html Acesso em: 23 mar. 2023.

LOURO, Guacira Lopes. **Mulheres na sala de aula**. In.: DEL PRIORE, Mary. (org.). História das mulheres no Brasil. 10. ed. São Paulo: Contexto, 443-482. (1997).

MACHADO, Suélen Rita Andrade. O protagonismo feminino no desenvolvimento da Matemática no brasil. **Revista Cearense de Educação Matemática**, v. 2, n. 5, p. 1-20, 2023.

MARTINS-SALANDIM, Maria Ednéia. **Escolas técnicas agrícolas e Educação Matemática**: história, práticas e marginalidade. 2007. 265f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – Unesp, Rio Claro/SP, 2007.

MARTINS, Maria Ednéia; BEZERRA, Gisane Fagundes Rodrigues. **Roda de conversa com idosos**: ideias que lampejam sobre Matemática. In: Pandemia e Futuros Possíveis: Anais do XVI Encontro Nacional de História Oral. Anais...Rio de Janeiro (RJ) Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: https://www.even3.com.br/anais/xviencontronacionaldehistoriaoral/493866-roda-de-conversa-com-idosos--ideias-que-lampejam-sobre-matematica/ . Acesso em: 27 abr. 2023

MENDONÇA, Maria Collier de. **A maternidade na publicidade**: uma análise qualitativa e semiótica em São Paulo e Toronto. Doutorado em Comunicação e Semiótica Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC/SP. São Paulo, 2014. Disponível em: https://tede2.pucsp.br/handle/handle/4644 Acesso em 25 jul. 2023.

MENDONÇA, Maria Collier de. Maternidade e maternagem: os assuntos pendentes do feminismo. **Revista Ártemis**, vol. XXXI nº 1; jan-jun, 2021. pp. 56-72.

MENEZES, Márcia Barbosa de. Lugar de mulher é na Matemática - percepções de professoras de Matemática sobre suas trajetórias profissionais. Rio de Janeiro: URFJ **- VI ESOCITE.BR/TECSOC**, 2015. 20p. Disponível em: http://www.necso.ufrj.br/vi_esocite_br-tecsoc/gts/1438467776_ARQUIVO_textocompletoESOCITE2015.pdf Acesso em: 29 out. 2021.

MOURA, Adriana Ferro; LIMA, Maria Glória. A reinvenção da roda: roda de conversa: um instrumento metodológico possível. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v.23, n.1, p. 98-106, jan.-jun. 2014. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/18338 Acesso em 23 fev. 2023.

MOURA, Solange Maria Sobottka Rolim de, ARAÚJO, Maria de Fátima. A Maternidade na História e a História dos Cuidados Maternos. **Psicologia Ciência e Profissão**, 2004.

MURARO, Rose Marie. (1993). **Breve introdução histórica.** In: KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. Malleus Maleficarum (O Martelo das Feiticeiras). 20a edição. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, p. 5-17.

NEGREIROS, Cláudia Landin; SOUZA, Claudimara dos Santos; PAULA, Rejane Riggo de. De Hipátia à Mirzakhani: um percurso pela habilidade feminina para a Matemática**. XII Encontro Nacional de Educação Matemática**, São Paula, 2016. Disponível em: https://www.sbembrasil.org.br/enem2016/anais/pdf/7890_3786_ID.pdf Acesso em 03 set. 2023.

OLIVEIRA, Daniele Aparecida de; CAVALARI, Mariana Feiteiro. Barreiras e suportes na carreira acadêmica em Matemática: Uma questão de gênero? **Cadernos de Pesquisa**, v. 53, p. e10244, 2023.

OLIVEIRA, Mariana Fidelis Jerônimo de. **Entre epistemologia e política**: utopia e crítica da identidade na Dialética Negativa de Theodor W. Adorno. 2021. 194 f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (Usp), 2021.

OLIVEIRA, Natália Caroline Soares de. **Reconhecimento, Redistribuição e Representação**: contribuições a partir de Nancy Fraser para a participação da mulher na esfera pública brasileira. Dissertação de mestrado. Orientação do Prof. Dr. Eder Fernandes Monica. Niterói: Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Direito da Universidade Federal Fluminense, 2017.

OLIVEIRA, Vitória Gomes De. **"Verdades":** uma pesquisa acerca da carreira Matemática da mulher. Instituto de Matemática e estatística departamento de Matemática. Trabalho de Conclusão de Curso. Porto Alegre, 2021.

O'REILLY, Andrea. **Matricentric Feminism**: Theory, Activism, and Practice. Paperback, Bradford, ON: Demeter Press, 2016.

PAMPLONA, Roberta Silveira. Redistribuição, reconhecimento e representação: as fortunas do feminismo, de Nancy Fraser. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 52, 2018.

PERALTA, Deise Aparecida. **Formação continuada de professores de matemática em contexto de reforma curricular:** contribuições da teoria da ação comunicativa. 2012. n. 208 f. Tese (Doutorado em Educação para Ciências) - Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2012.

PERALTA, Deise Aparecida. **O modelo crítico reconstrutivo de Jürgen Habermas como referencial de análise à participação de professoras e professores de Matemática em processos de reforma curricular**. 2023. 161 f. Tese (Livre-Docência em Educação Matemática) – Faculdade de Engenharia de Ilha Solteira, Universidade Estadual Paulista (Unesp), 2023.

PERALTA, Deise Aparecida. Mulheres, Matemática e a proposta curricular das "escolas de primeiras letras": uma perspectiva da ética discursiva habermasiana. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 28, e22016, 2022. https://doi.org/10.1590/1516-731320220016. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ciedu/a/VrzKmdkQC35NkzJ4f7KqQtK/?format=pdf&lang=pt Acesso em 15 mai. 2023.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. [tradução Angela M. S. Côrrea]. — São Paulo: Contexto, 2007.

PIMENTA, Fernanda de Moura; SERRALHA, Conceição Aparecida. A experiência de maternidade na perspectiva das mulheres: uma revisão integrativa de literatura. **Revista Psicologia Clínica,** v. 35, n. 2, 2024.

PRADO, Rosemeiry de Casto; GONZALES, Kátia Guerchi. Formação de professor e história oral: narrativas e algumas (im)possibilidades metodológicas**. Roteiro** vol.45 Joaçaba Jan./Dec 2020. EpubJune 19, 2020. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-60592020000100509&lng=en&nrm=iso Acesso em: 03 abr. 2024.

RAGO, Margareth. **Epistemologia feminista, gênero e história**. In: PEDRO, Joana; GROSSI, Miriam (orgs.). Masculino, feminino, plural. Florianópolis: Ed. Mulheres,1998.

RESENDE, Deborah Kopke. Maternidade**:** uma construção histórica e social. Pretextos - **Revista da Graduação em Psicologia** da PUC Minas v. 2, n. 4, jul./dez. 2017 – ISSN 2448-0738. Disponível em: https://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/15251 Acesso em 25 set. 2023.

RICH, Adrienne. **Of Woman Born**. Motherhood as Experience and Institution. Norton &Company: New York: Norton &Company, 1986.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. A narrativa oral, a análise de discurso e os estudos de gênero**. Estudo psicologia**. 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/j/epsic/a/6q33SjCn4gWmPGMLtj3zTrH/?format=pdf&lang=pt Acesso em: 15 mai. 2023.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. 2.ed.—São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SANCHEZ, Beatriz Rodrigues. Contestando os limites do político: o lugar da representação na teoria crítica feminista. **Dissonância: Teoria Crítica e Feminismo** Campinas, vol.1, nº 2, Dezembro/2017 ISSN: 2594-5025. Disponível em: https://ojs.ifch.unicamp.br/index.php/teoriacritica/article/view/2997/2266 Acesso em: 11 set. 2024.

SANTOS, Barbara Cristina Soares. Os limites da teoria do reconhecimento: a teoria crítica de Nancy Fraser. Trabalho preparado para apresentação do **VII Seminário Discente de Pós-Graduação em Ciência Política da USP** de 8 a 12 de maio de 2012. Disponível em: https://sdpscp.fflch.usp.br/sites/sdpscp.fflch.usp.br/files/inline-files/1905-2499-1-PB.pdf Acesso em 20 mar. 2024.

SANTOS, Gisele Cerqueira; GALRÃO, Paula da Luz; SOUSA, Lucivanda Cavalcante Borges de. Quem disse que ser mulher é ser mãe? Feminilidade (s) e maternidade (s). **Saúde e Sociedade**, v. 33, p. e220388pt, 2024. Disponível em: https://www.scielo.br/j/sausoc/a/wMFNCcvzgTRBPm6XRKk6Kdb/ Acesso em 16 set. 2024.

SANTOS, Paula Cristina Constantino. Li**cenciaturas em Matemática na Unesp**: Legislações, reestruturações e a disciplinarização da Educação Inclusiva, 260p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista (Unesp). Faculdade de Ciência, Bauru, 2019. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/181480/santos_pcc_me_bauru.pdf?sequence=3&isAllowed=y. Acesso em 20 fev. 2023.

SÃO PAULO. **Instrução Normativa PROPG Nº 01, de 06 de agosto de 2019**. "Dispõe sobre licença-maternidade, paternidade e adoção, e licença por doenças para discentes dos cursos de pós-graduação *stricto sensu*, previstas no Regimento Geral da Pós-graduação (RGPG)". 2019. Disponível em: https://www.fclar.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/instrucao_normativa_propg_01_2019_sobre-licencas_sem-modelo.pdf Acesso em 28 ago. 2024.

SÃO PAULO. **Resolução UNESP Nº 23, de 22 de julho de 2022**. "Dispõe sobre a aplicação do regime de exercícios domiciliares aos alunos submetidos a tratamento excepcional e dá outras providências. 2022. Disponível em: https://www.fmvz.unesp.br/Home/ensino/graduacao/resolucao-unesp--23-2022---republicada.pdf Acesso em 28 ago. 2024.

SCHIEBINGER, Londa. **O Feminismo mudou a ciência?** Trad. Raul Fiker. São Paulo: EDUSC, 2001.

SILVA, Heloisa da; SOUZA, Luiza Aparecida de. A História Oral na Pesquisa em Educação Matemática. **Bolema,** Rio Claro, v. 20, n. 28, p. 139-162, 2007. Disponível em: https://www.redalyc.org/pdf/2912/291221871008.pdf Acesso em 18 mai. 2023.

SILVA, Karina Aparecida da. **Primeiros Cursos para Formação de Professores Indígenas no estado de São Paulo**: um estudo em História da Educação Matemática. 260 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências, Bauru, 2019. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/181359/silva_ka_me_bauru.pdf?sequence=5&isAllowed=y. Acesso em 20 fev. 2023.

SOUZA, Juliana Boanova. **A invisibilidade do gênero nas discussões das mulheres professoras de Matemática**. 96p. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências). UFRGS, Porto Alegre, 2020.

SPAZZIANI, Maria de Lurdes. **A formação inicial de professores na UNESP**: perspectivas dos cursos de licenciatura a partir das políticas da universidade. In: PENITENTE, Luciana Aparecida. de Araújo. MENDONÇA, Sueli Guadelupe de Lima (org). Políticas para a formação de professores da educação básica: modelos em Disputa – Marília: Oficina Universitária. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016. p. 39-55.

TOKARNIA, Marlana. Pesquisadoras falam dos desafios de conciliar maternidade com estudos: Cobrança por produtividade acaba expulsando as mães das universidades. **Agência Brasil**. Rio de Janeiro, 2024. Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-05/pesquisadoras-falam-dos-desafios-de-conciliar-maternidade-com-estudos Acesso em: 27 ago. 2024.

TROIAN, Thalita. **Justiça e Feminismo na Teoria Crítica de Nancy Fraser**. Dissertação realizada no âmbito do Mestrado em Filosofia. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2020.

UNESP. **Censo sobre as diversidades**. Unesp, 2021. Disponível em: https://www2.unesp.br/Modulos/Noticias/36747/relatorio_censo2021_vf-1.pdf Acesso em: 18 dez. 2023.